

ASSIS AZEVEDO
Pelo Espírito JOÃO MARIA



Crucificação e Liberdade

ROMANCE MEDIÚNICO

 CASA EDITORA
O CLARIM

Crucificação e Liberdade

Assis Azevedo, pelo Espírito João Maria

Crucificação e Liberdade

Matão, SP

1ª edição

2011

**CASA EDITORA
O CLARIM**

Copyright © 2011 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: outubro/2011, 10 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN 978-85-7357-107-3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

Capa: Rogério Mota

Projeto gráfico: Equipe O Clarim

Catálogo na Publicação (CIP)

A994c Azevedo, Assis

Crucificação e liberdade / [João Maria], psicografado por Assis Azevedo. – 1. ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2011.

352p.; 21 cm

ISBN 978-85-7357-107-3

1. Espiritismo. 2. Romance mediúnico. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

PREFÁCIO

A espiritualidade superior está sempre nos presenteando com informações, conselhos, esclarecimentos e chamados para nossa reforma interior. Os mensageiros do bem e da paz nos enviam suas experiências, seus exemplos e testemunhos de toda sorte para que tenhamos todas as chances possíveis de informações à nossa disposição. Jesus, com sua infinita misericórdia, provê tudo da melhor forma possível para que não nos falte a oportunidade do recomeço.

Mais um livro psicografado por Assis Azevedo, mais informações e mais oportunidades que somos privilegiados em receber.

O convite do amigo-irmão Assis Azevedo para prefaciар esta sua nova obra, editada pela Casa Editora O Clarim, nos fez muito honrado e feliz pela distinção. O querido irmão sempre nos recebe com carinho, respeito e apoio aos nossos trabalhos de pesquisas no programa espírita Caminhos de Luz, na SIMTV, afiliada da Rede TV! em Natal, no Rio Grande do Norte. Ele dirige o programa e sua esposa Giseti Marques é a apresentadora. Assis Azevedo já é um autor bastante conhecido no meio espírita onde atua com muito denodo e respeito por mais de trinta anos de dedicação à Doutrina do nosso mestre lionês Allan Kardec. Independente disto, as mensagens trazidas por suas obras falam por si mesmas.

Seus livros são todos ditados pelo espírito padre João Maria. A princípio, Assis Azevedo relutou muito em aceitar a tarefa; no entanto a sua grande ligação do passado com o referido sacerdote influenciou para que acabasse aceitando a missão.

O padre João Maria atuou, quando em vida física em Natal, com grande destaque em seus trabalhos sociais e de caridade, e traz agora mais uma narrativa muito interessante que envolve as vidas de Antônia, uma moça que se desprende do corpo, como faziam os profetas Jeremias, Ezequiel e João na ilha de Patmos. Nestes desdobramentos ela volta ao passado e se defronta com situações vivenciadas quando de sua existência no tempo de Jesus.

Os fatos e acontecimentos narrados na obra sobre a ditadura militar são bem realistas e fortes e me fizeram reviver as experiências vividas naquela

época em que fui estudante nos anos 60 e início de 70.

O livro traz como acréscimo a constatação de que os dogmas da igreja foram ignorados em detrimento de uma verdade maior. E agora um padre manda da espiritualidade mensagens, fatos e verdades sobre a reencarnação. Estas informações são negadas pelos dogmas e princípios do catolicismo vivido por ele quando de sua vida física entre nós. Isto tem sido ratificado por tantos outros espíritos de ex-padres, bispos e arcebispos que se curvam perante a realidade da verdade maior do projeto divino quando entram na pátria da espiritualidade.

A obra acrescenta ainda particularidades e informações sobre passagens e fatos da vida de Jesus entre nós. Entre estes fatos existem informações que ratificam inclusive os resultados encontrados em nossas pesquisas e estudos científicos, tais como a informação de que Maria Madalena não era prostituta e Judas não traiu Jesus.

Desfrute, pois, caro leitor, desta obra que tornará a literatura espírita muito enriquecida.

Severino Celestino da Silva

*O autor deste prefácio é professor da UFPB, pesquisador, cientista, escritor e conferencista espírita. Ele é autor dos livros *Analisando as Traduções Bíblicas*, *Sermão do Monte*, *Bereshit* e *O Evangelho e o Cristianismo Primitivo*.*

CAPÍTULO I - OS SONHOS

O barulho do mar era assustador. Naquela hora as ondas batiam no sopé de um rochedo que ficava logo abaixo do topo, uns quinze metros, pois elas estavam bastante furiosas, talvez por causa da mudança da maré ou porque tentavam desesperadamente ultrapassar a região restrita às suas águas. As ondas furiosas transformavam-se em espumas esbranquiçadas num movimento sincronizado de bate e volta. O vento soprava forte, derivando daí um grande gemido como se fosse de dor ou o lamento por algo que acontecia naquele momento no universo. A noite lúgubre assustava. Com sua luz fria, aos poucos a Lua se erguia no horizonte, como se tivesse acabado de tomar banho ao sair do mar. O quadro transformava aquelas plagas descampadas em um lugar próprio para os desesperados nutrirem seus pensamentos sombrios, que os conduziam ao desespero e à certeza de que não tinham motivos para viver, alimentando a esperança de encontrarem a famosa paz ao acabarem com as próprias vidas.

Ali se encontrava uma jovem moça esguia, loura, alta, elegante, com olhos azuis, cabelos compridos e ondulados, que caíam em cascata sobre suas costas e esvoaçavam ao sabor do vento, enquanto seu vestido tremulava qual uma bandeira hasteada. Lágrimas desciam pelo seu belo rosto e caíam nos cantos de sua boca. Ela olhava para baixo e como se fosse uma equilibrista tentava manter-se firme sobre uma pedra que localizava-se no topo da rocha, enquanto pensava: “Vou acabar com essa vida inútil. Se não consigo aquilo que sempre desejei nesta vida, nada mais tem sentido, a não ser...”. Ela abriu os braços, sentindo as mangas do fino vestido se transformarem em asas, talvez lhe convidando a ter coragem para voar do rochedo abaixo.

– Acabe logo com isso, bobal! Somente assim você se vingará desses malditos que a atormentam! – insuflavam as vozes que ela desde muito tempo ouvia.

De repente apareceu ao lado da moça um rapaz de aspecto bondoso e calmo, vestido de azul com a cabeça erguida para o alto, enquanto ardentemente orava:

– Senhor, talvez seja pedir muito, mas não posso deixar que esta irmã cometa esta loucura imperdoável, pois ninguém tem o direito de tirar a existência que o Senhor nos concede com a finalidade de progredirmos.

A moça abriu os braços e resolveu se atirar no abismo, em direção às águas furiosas e às pedras pontiagudas que a esperavam lá embaixo.

Naquele exato momento, numa bela casa de praia, uma mulher tentava despertar uma moça.

– Patroa! Acorde preguiçosa! – chamou uma senhora vestida com um avental de serviçal. – É quase meio-dia.

A moça que dormia assustou-se, sentou na cama, afastou os lençóis finos que a cobriam, passou a mão no rosto e notou que tremia e estava suada. Ergueu-se, foi até a janela e observou ao longe o mar, ouvindo seu cantar; um canto de alegria misturado a desespero ao tentar buscar outros lugares desconhecidos.

A serviçal ficou parada e observou que algo diferente acontecia envolvendo a sua patroa.

– A senhora está se sentindo bem? – perguntou a empregada preocupada com a moça.

A linda mulher respirou profundamente o ar que entrava pela janela, caminhou em direção à cama e sentou-se.

– Tive um sonho estranho. Muito esquisito... – respondeu a moça com ar assustado, enxugando o suor com o lençol.

A empregada estava com os olhos arregalados, com medo do aspecto da patroa.

Antônia começou a falar como se não tivesse ninguém no quarto. Narrou o sonho na íntegra, como se este estivesse acontecendo naquele momento.

A mulher se benzia à medida que a linda moça narrava o pesadelo ou sonho.

– Não se preocupe, senhora. Isso foi apenas um pesadelo.

Antônia fitou a mulher com seus olhos azuis da cor do céu, afastou uma mecha de cabelo louro que caía sobre sua testa e indagou:

– Ester, o papai está em casa?

– Não, senhora – respondeu a serviçal, uma mulher ainda jovem, aproximando-se da cama.

Antônia ergueu-se e caminhou em direção ao banheiro, mas disse, antes de fechar a porta:

- Faça apenas um suco, não estou com fome.
- Está quase na hora do almoço – redarguiu Ester, ainda impressionada com o sonho que a patroa havia narrado.
- Vou tomar uma ducha para despertar e começar a trabalhar – disse Antônia, dando por encerrada a conversa e abrindo o chuveiro.
- Deixe-me preparar sua banheira, senhora – pediu a empregada, tentando ser solícita.
- Obrigada, Ester, mas prefiro o chuveiro. Preciso que essa água caia sobre a minha cabeça para eu poder esquecer esse pesadelo horrível.
- Vou sair. Se a senhora precisar, é só tocar a sineta.
- Certo – confirmou a moça, que já estava debaixo do chuveiro.

Enquanto Antônia tomava seu banho, ela pensava: “Esse sonho foi muito autêntico para ser apenas um ‘sonho’ ou ‘pesadelo’”.

Após o banho Antônia permaneceu sentada um bom tempo num banco em frente ao espelho, pensando. Depois se vestiu e desceu os degraus de seu luxuoso quarto em direção à sala principal da bela mansão, que ficava situada numa pequena cidade, em frente ao mar. A mansão era rodeada por abismos e rochedos cobertos de vegetação rasteira que, naquela época do ano, estava verde e tornava a paisagem um belíssimo quadro que poderia ser retratada pela imaginação dos mestres dos pincéis.

A moça dirigiu-se ao exterior da residência e sentou-se num banco, sob uma árvore que rodeava uma bela pérgula, cujo centro era adornado por uma escultura de metal, um peixe dourado, a qual jorrava água pela boca. Enquanto sorvia o suco, se perguntava em pensamento: “Por que eu sempre tenho esse sonho?”

Antônia havia completado recentemente vinte e três anos e era filha única de um rico fazendeiro, advogado e político influente na região. Havia se formado em arquitetura, porém não exercia a profissão, pois sua vocação era direcionada à literatura, escrevendo o que sua imaginação criava, mesmo contra a vontade do pai que, além de fazendeiro próspero e influente na sociedade, também era político e tentava se eleger ao governo do seu Estado.

Na época, a revolução de sessenta e quatro estava no auge, em pleno governo militar. Os intelectuais tentavam enviar suas mensagens cifradas através de composições, livros, jornais, músicas e outros meios de comunicação. Várias personalidades conhecidas, principalmente políticos,

escritores, compositores, professores e outros, eram obrigadas a se exilarem em outros países.

O Dr. Fagundes, pai de Antônia, era um dos apadrinhados do governo militar e estava prestes a ser nomeado governador.

Antônia não aceitava passivamente aquele regime, pois no seu entender, um governo tinha de ser eleito pelo povo, e não imposto, advindo daí suas divergências com o pai.

A moça, que havia tomado o suco, ergueu-se com a intenção de recolher-se ao escritório, lugar onde escrevia seu livro, quando de repente ouviu um barulho de carro. Ela olhou para uma sinuosa estrada de barro e viu que seu pai chegava à propriedade, talvez para almoçar.

Após o automóvel estacionar no pátio da mansão, dois homens saltaram e caminharam em direção ao lindo e confortável alpendre que rodeava a mansão.

– Quem será esse homem que acompanha o meu pai? – perguntava-se em voz baixa a moça, afastando-se em direção ao escritório.

Ao chegar em seu reduto de trabalho, a moça passou a ler o que escrevera no dia anterior, quando ouviu alguém chamá-la:

– Antônia!

– Sim?

– Minha filha, desça e venha conhecer um dos meus melhores amigos – pediu o pai, falando em voz alta, quase gritando no pé da escada.

Antônia ergueu-se e desceu ao encontro do pai, porém antes parou e fitou um homem fardado com olhar inteligente, alto, nem magro e nem gordo, que enxugava o suor do rosto e se mantinha em posição marcial, demonstrando que era um militar, daqueles que traziam no aspecto a maneira enérgica e disciplinada comuns ao tipo.

– Minha filha, eu apresento-lhe o meu amigo general Otaviano – disse o pai, com ar bairrista, pois se quisesse conseguir o que estava pleiteando, tinha de encostar-se naqueles que poderiam ajudá-lo em suas pretensões.

– Muito prazer, senhor – cumprimentou a moça, aproximando-se dos homens e estendendo-lhe a mão branca como leite, adornada com um brilhante, presente de sua mãe.

– O prazer é todo meu, senhorita – respondeu o militar, curvando-se.
– Você é muito mais linda do que havia pensado.

– Obrigada. Mas seu elogio é pura bondade, excelência.

O fazendeiro sorriu, satisfeito com o elogio do general, pois notara que a filha havia lhe enfeitiçado com sua beleza.

O Dr. Fagundes e o general sentaram-se e começaram a conversar sobre política.

– Papai e general Otaviano, peço que os senhores me desculpem, mas preciso me retirar, pois ainda tenho muito trabalho – pediu a moça, demonstrando que iria se retirar.

– Vá, minha filha. Tenho muitos assuntos para conversar com o Otaviano.

O general ergueu-se e fez um gesto de respeito, cumprimentando a moça que se pôs a caminhar em direção ao seu escritório.

Assim que Antônia adentrou o escritório, notou a sua empregada em pé, com a mão na boca, como se quisesse falar algo e estivesse com medo.

– O que houve, Ester? – indagou a moça com ar desconfiado, antes de sentar-se.

– Não gostei desse homem.

– Não entendi. Por que você não gosta do general Otaviano? – questionou Antônia, sentando-se.

– Não sei. Só sei dizer que não gosto dele – respondeu a empregada fazendo um trejeito na boca.

– Bobagem! Sua antipatia se deve ao fato do homem ser militar. Acho que ele cumpre com o dever de militar, não deixando que falem ou façam algo contra o governo, seja militar ou não – explicou a moça, lendo algo desinteressadamente.

– E a senhora concorda com isso?

Antônia parou de ler o que estava escrito num papel, pensou, fitou a empregada nos olhos e respondeu-lhe:

– Não. Mas o que nós podemos fazer?

– Não sei.

O silêncio que se fez no escritório só foi rompido pela empregada, que disse no ouvido da patroa:

– O meu sobrinho, estudante de Direito, desapareceu e até a presente data ninguém sabe de seu paradeiro.

– E daí? O que uma coisa tem a ver com a outra? – indagou Antônia, voltando a ler o tal texto.

– Uma pessoa nos informou que viu o meu sobrinho ser preso durante uma passeata inocente, que protestava contra os baixos salários – explicou Ester, enxugando uma lágrima.

Antônia ergueu-se, aproximou-se da mulher, abraçou-a, fez um afago em seus cabelos e pediu:

– Minha amiga, tome cuidado!

Ester enxugou os olhos, ajeitou os cabelos, sorriu e deixou o escritório em silêncio.

No dia seguinte, à tarde, Antônia estava escrevendo, quando a empregada entrou com o semblante pálido.

– Ester, o que houve? Parece que você viu o diabo em figura! – surpresa, indagou a patroa sorrindo, como se estivesse brincando com o medo estampado no rosto de sua fiel serviçal.

– Não brinque, patroa!

– Então, diga logo o que você quer criatura!

– Aquele homem está lá embaixo, querendo falar com a senhora – informou a empregada.

– Quem? O general Otaviano?

– Sim.

– Mas o meu pai não está em casa – disse a moça, fingindo que lia o que acabara de escrever. – Você informou ao general que o meu pai havia saído?

– Sim.

Antônia parou de ler e pensou. Em seguida ergueu-se, passou a mão no vestido e foi até a janela; após alguns segundos voltou e encarou a mulher.

– Avise-o que irei descer.

Ester saiu do escritório em direção ao lugar onde o homem estava em pé, em posição marcial, enquanto o seu carro permanecia protegido por militares.

Após alguns minutos, o general conversava à vontade com a filha do Dr. Fagundes.

– Não consigo olhar para a senhorita e ficar imune a sua beleza, senhorita Antônia – comentou o general, com um sorriso, mudando o assunto que conversavam.

A moça baixou a cabeça e sorriu, tentando se controlar para não ser mal educada com a visita.

– Obrigada, senhor. Agora, peço desculpas, mas vou voltar ao meu trabalho, pois estou no meio de um capítulo do livro que estou escrevendo e não quero perder o fio da história – desculpou-se Antônia, tentando ser cortês, a fim de não causar um mal-estar entre seu pai e aquele homem que se achava o dono do mundo.

– A senhorita está me mandando deixar a sua casa? – perguntou o homem com ar enfasiado e sério.

Antônia pensou, baixou a cabeça e não respondeu a pergunta daquele homem elegante, porém, extremamente antipático.

– Responde-me, senhorita, o que lhe perguntei – insistiu o militar com voz autoritária.

– Senhor, perdoe-me se o ofendi. Todavia, não fica bem para uma moça receber um homem em sua casa, quando sua família não está presente. O senhor me entende?

O homem começou a caminhar como se estivesse marchando, depois parou defronte à moça e disse-lhe:

– Vou embora, mas volto para me entender com o seu pai – avisou o homem, com as mãos para trás.

– Sim, senhor.

O homem girou nos calcanhares, caminhou em direção ao seu carro e foi embora.

Antônia ficou com a boca seca de tensão, enquanto pensava: “Espero que esse pequeno incidente não vá atrapalhar as relações dos militares com o meu pai. Minha situação também não é das melhores, pois estou muito complicada e envolvida com os movimentos que lutam pelo restabelecimento de um governo democrático”.

A filha do Dr. Fagundes, enquanto estudante, havia se envolvido com amigos que tramavam contra o governo militar nos bastidores. Esse grupo defendia a voz do povo, que não aceitava aquela situação.

Antônia recebia várias cartas, jornais, telegramas, mensagens cifradas através de telefonemas, rádios ou sinais, pois como filha de político e moça culta estava acima de qualquer suspeita. Seu contato com os subversivos era forte e eles a respeitavam como uma pilastra que estava próxima ao poder; portanto, com mais facilidade de informar aos movimentos contra a ditadura os planos da repressão, que estavam mais perigosos a cada dia que passava.

A escritora sempre estava presente em reuniões de caráter político realizadas pelo pai, com o objetivo de informar à esquerda o que descobria, porém ninguém desconfiava dela, pois Antônia sabia muito bem disfarçar sua real intenção. Ela já havia sido convidada a participar de assembleias contra o regime militar; entretanto jamais aceitou tais convites, porque sabia que o papel dela era se manter acima de qualquer suspeita, pois era importante a sua situação dentro do movimento, sob a condição de informante.

Os documentos que a comprometiam eram rasgados e incinerados e não havia em sua residência nenhum equipamento de comunicação. Para todos, principalmente para o pai e os amigos, ela era uma simples escritora que não aceitava o tipo de governo instalado no país.

CAPÍTULO II - A ÚLTIMA CEIA E PRISÃO DO MESTRE JESUS

A noite estava fria. Antes de deitar-se, Antônia aproximou-se da janela, vislumbrou a escuridão, as estrelas que piscavam no céu azul como se estivessem brincando e como de costume ficou pensando, enquanto ouvia o gemer do mar a poucos metros de sua casa de praia. O barulho típico de águas oceânicas ora pareciam gargalhadas, ora assemelhavam-se a um choro desesperado, ora a impressão era a de que o mar conversava com alguém.

Antônia sentiu tristeza, olhou novamente para o céu, depois caminhou em direção a seu leito, sentou-se, fez suas preces, ajeitou os travesseiros e deitou-se com as mãos cruzadas sob a nuca, enquanto fitava o teto. Fechou os olhos, quando de repente sentiu um mal-estar esquisito tomar conta de si, semelhante a um torpor; algo inexplicável lhe envolvia da cabeça aos pés. Adormeceu.

Antônia sentiu-se leve e diferente, enquanto notava que entrava numa pequena casa contendo um segundo piso de estilo muito diferente daquelas que era acostumada a ver. Ela entrou e de repente se viu numa ampla sala mobiliada com móveis que não conhecia. Observou uma grande mesa baixa em forma de U rodeada por várias pessoas que se acomodavam sobre almofadas. Sentado à mesa, mais ou menos no meio, podia se observar um homem de feições belas e calmas, vestido com vestes típicas usadas pelos judeus de tempos remotos, nas cores vermelha e azul. Ela ficou curiosa com tudo que estava presenciando e se manteve num canto, em pé, enquanto o homem que parecia ser o líder daqueles que rodeavam a ampla e estranha mesa ergueu a mão com a palma para fora, sinalizando silêncio. Todos obedeceram e o silêncio reinou naquele ambiente que aos poucos se tornou diferente, fazendo com que Antônia tivesse vergonha de estar ali. “Meu Deus, que lugar será este? Parece sagrado, pois tudo indica que este homem não é um homem comum. Ele parece dominar todos que estão presentes, inclusive aquelas mulheres que estão sentadas num canto da sala em

silêncio, talvez em respeito à reunião que mais se assemelha a uma ceia”, pensou a moça.

À frente do líder daquelas criaturas encontrava-se um pão e um cálice muito bonito, confeccionado de ouro e adornado com algumas pedras, contendo vinho. O homem pegou o pão, fitou o alto, como se estivesse abençoando o alimento, fitou os homens que o rodeavam, e o partiu ao meio, entregando-o àqueles que se encontravam ao seu lado, pedindo com o olhar que o alimento fosse repartido entre os demais.

*– Tomai e comei, isto é meu corpo – disse ele com uma voz que Antônia jamais se esquecerá. – Fazei isso em memória de mim.

“Esse homem parece irreal. É um santo”, pensou Antônia, enquanto baixava a cabeça em sinal de respeito.

O homem tomou o belo cálice com vinho, sorriu e tomou um gole da bebida. Depois o pôs em pequenos recipientes de barro e disse às pessoas que estavam comendo o pão.

– Bebei, pois isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens em remissão dos pecados – explicou o homem, ficando sério e olhando para o mesmo lugar. – Doravante não beberei mais desse fruto da vinha até o dia em que o beberei de novo convosco no reino de meu Pai.

Após esse ato, o líder daquelas pessoas que consumiam o pão e o vinho baixou a cabeça, como se estivesse fazendo uma prece, e de repente ficou iluminado, deixando os presentes surpresos com o fenômeno. Todos respeitaram aquele momento sublime, fazendo silêncio.

Antônia que tudo observava, notou que vestia roupas diferentes de sua época e estava adornada com pulseiras e vários anéis, indicando que pertencia a uma família rica. “Meu Deus, ainda não consegui entender o que estou fazendo neste mundo, muito menos neste recinto e vestida desse modo”, pensou a moça tentando encontrar explicações para o que estava lhe acontecendo naquele momento ímpar de sua vida.

– Meu filho, por que vós estais triste? – perguntou com voz dócil, que mais parecia uma música, uma das mulheres que estava sentada num canto da sala.

– Mãe, logo voltarei ao meu Pai, que está nos céus – respondeu o líder com um sorriso estampado no rosto pálido.

– Jesus, não nos deixe aflitos, pois sabemos que vós não estais doente e nem condenado – disse uma linda mulher segurando o braço daquela que havia falado.

– Madalena, agora chegou a hora de cumprir tudo que ensinei e previ há séculos, através dos Salmos que enviei ao mundo em nome de meu Pai, que está nos céus – disse o homem santo em voz baixa que, mesmo assim, ecoava por todo ambiente como um cântico divino. – É chegada a minha hora de cumprir a lei – ratificou aquele que era conhecido com o nome de Jesus.

Antônia ficou surpresa ao ouvir o nome do homem e pensou imediatamente: “Será que este homem é Jesus de Nazaré, aquele que foi crucificado para nos ensinar o caminho, a verdade e a vida?” Ela ouviu alguém invisível confirmar: “Sim”.

– Mas Ele morreu há vinte séculos – contestou ela em voz baixa, quase murmurando.

Aqueles homens ora conversavam entre si e ora falavam em voz alta, tentando se fazer ouvir. Todos questionavam as palavras daquele jovem que resplandecia, como se não estivesse ali com eles.

– A profecia começa a se cumprir e eu deverei estar pronto para obedecer ao meu Pai, como todos vós já sabeis – afirmou Jesus de repente, fazendo com que os homens silenciassem.

Após alguns momentos de tristeza, os homens continuaram a conversar durante a ceia, quando de repente Jesus fitou seus discípulos e com voz calma e triste, interrompeu-lhes dizendo:

– Em verdade, um de vós me trairá.

Com profunda aflição os homens começaram a perguntar-lhe:

– Sou eu, Senhor?

– Como se explica isso, Senhor? – indagou outro em voz alta.

O Rabi relanceou o olhar por todos e em voz firme, porém dócil, rebateu os apóstolos:

– Existe somente um Senhor no Universo. O meu Pai, o vosso Pai, o nosso Pai que está nos céus.

– E quem vos trairá? – perguntou um dos homens sem fitar o Mestre. – Sou eu, Senhor?

– Aquele que pôs comigo a mão no prato, esse me trairá.

– Por acaso serei eu, Senhor? – indagou Judas de Iscariotes.

– Sim – confirmou o Mestre fitando-o. – Ide e fazei o que tendes de fazer, pois assim está escrito.

O homem que se chamava Judas de Iscariotes ergueu-se de repente e bruscamente saiu do recinto sem pedir licença, murmurando algo que ninguém entendeu.

– Não acredito que Judas tenha coragem de trair-vos, Mestre – comentou um dos apóstolos com o rosto vermelho, talvez de ódio, somente por pensar que o amigo seria capaz de trair o seu Mestre.

– Simão, Simão Pedro. Nesta mesma noite, antes que o galo cante três vezes, vós me negareis – disse o Nazareno com um meio sorriso estampado em seu rosto aflito.

– Eu? – indagou Simão Pedro, apontando para si. – Mesmo que seja necessário morrer convosco, jamais vos negarei!

Os outros discípulos diziam-lhe o mesmo.

Jesus de Nazaré não respondeu a pergunta do apóstolo e apenas ergueu-se, no que foi imitado por seus amigos. Antônia pensou: “Esses homens são os discípulos do Mestre”. Ela não conseguia tirar os olhos daquele homem santo e notou que Ele a olhava e sorria.

1O homem retirou-se com seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes:

– Sentai-vos enquanto eu vou ali orar.

Jesus de Nazaré convidou Pedro e outros dois apóstolos a segui-lo mais adiante. Ele começou a entristecer-se e a angustia-se. Fitou seus adorados apóstolos e disse-lhes:

– Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo.

O Filho do Homem adiantou-se um pouco e, prostrando-se com a face por terra, assim orou em voz baixa:

– Meu pai, se possível afastai de mim esse cálice. Porém, não se faça o que eu quero, mas sim o que o Senhor quereis.

Ao longe, envolvida com um luxuoso manto, Antônia observava tudo que estava acontecendo naquele momento. Ela permaneceu um bom tempo contemplando o homem, que permanecia na mesma posição, como se estivesse orando. Logo depois notou que Ele se ergueu e foi até os discípulos, que dormiam. Ele fitou aquele que se chamava Pedro e disse-lhe:

– Então vós não pudestes vigiar uma hora comigo.

Jesus aproximou-se mais um pouco e alertou, notando que o discípulo havia despertado:

– Vigiai e orai para que não entreis em tentação – disse o santo homem. – O espírito está pronto, mas a carne é fraca...

O homem retornou ao seu lugar isolado e voltou a orar, agora com o rosto erguido como se estivesse conversando com alguém. Antônia conseguiu ouvir parte de sua prece, principalmente quando disse:

– Meu Pai, se não é possível afastar esse cálice de mim, então que Sua vontade seja feita.

Após mais alguns minutos, ela sentiu dificuldade de falar e começou a ficar com medo, quando viu alguns homens iluminando o pequeno bosque com tochas. “Parecem soldados”, pensou.

Os soldados aproximaram-se e ficaram esperando algo, antes de se pronunciarem. De repente ela reconheceu o discípulo que Jesus disse que naquela noite o trairia aproximar-se e beijá-lo na face.

Os soldados que esperavam por aquele gesto do apóstolo agarraram Jesus e o prenderam com brutalidade. Neste exato momento houve o início de um tumulto causado por Pedro, porém Jesus falou algo e tudo ficou calmo.

Antônia não viu mais nada, porque começou a entrar em pânico. Tentava gritar e não podia, até que num grande esforço abriu os olhos. Acordou e notou que transpirava, embora o tempo estivesse frio, obrigando-a a enxugar o rosto com o lençol. Sentou-se em sua cama. “Meu Deus, que pesadelo horrível”, pensou a moça, erguendo-se e tomando um gole de água. “Acho que não estou bem”. Olhou o relógio de cabeceira e notou que o sonho não durara mais do que alguns minutos. “Devo procurar um médico imediatamente, senão terminarei enlouquecendo com esses sonhos que mais se parecem realidade”.

Acendeu a luz de cabeceira, caminhou até a janela e fitou através dos vidros da janela a luz fria da Lua que aos poucos se escondia no horizonte como se estivesse mergulhando no mar. “Vou à cozinha tentar comer algo, pois estou com fome e muito impressionada com tudo isso que está me acontecendo; aliás, esses sonhos sempre aconteceram, porém, somente agora, comecei a me preocupar, principalmente com os lugares e as pessoas que aparecem neles”, pensou a moça enquanto se dirigia à cozinha.

Após comer biscoitos acompanhados de suco, Antônia foi para o escritório, abriu um caixote e retirou alguns jornais, revistas, livros, bilhetes e uma caixa amarrada com uma fita, contendo várias fotografias. Ela começou a olhar aquele material e passar o dedo em nomes, datas e rostos de fotos dos jornais e revistas. “Muitos desses amigos já se foram para o outro mundo, enquanto outros sumiram misteriosamente e não deixaram rastros. Pena...”, pensava a moça, enquanto passava o dorso da mão nos olhos, tentando parar algumas lágrimas que teimavam em rolar pelo seu belo rosto.

Tirou uma foto de uma caixa e ficou um tempo observando-a, pois ali estava a figura de alguns rapazes que pelos trajes eram sacerdotes ou seminaristas. Passou o dedo no rosto de dois rapazes que estavam na foto e falou em voz baixa:

– Luiz, cuidado, senão você terá o mesmo destino que o nosso colega que se suicidou.

“Até esta data não consigo compreender porque alguém recorre a esse ato tão insano que é o suicídio, como foi caso de André. Um rapaz cheio de vida e projetos para um mundo melhor, de repente resolve tirar a própria vida. Por quê?”, a moça questionava-se em pensamento, com ar angustiado.

– Tanto que lhe avisei, meu amigo – murmurava a moça, como se estivesse conversando com alguém. – Sei que a angústia que você sentia era por ter sido torturado e quase morto, pela tristeza por ter sido exilado em terras distantes e por saber que não poderia fazer nada pela liberdade de seu país. Mas não é assim que se luta, pois, sem querer, meu amigo André, você deixou um mau exemplo para aqueles que sofrem, principalmente de falta de fé em Deus e de esforço que devemos fazer para se lutar pelos nossos ideais – a moça continuou a falar em voz baixa.

Antônia guardou o material novamente no caixote e o empurrou para debaixo de uma estante; depois o disfarçou com uma toalha, tornando-o um assento.

Sentou-se em sua cadeira de trabalho, tirou a capa da máquina de escrever e pensou. Depois aos poucos foi escrevendo seus pensamentos; pensamentos de liberdade, igualdade e fraternidade, que rapidamente preenchiam o papel que corria na vertical do querido equipamento de trabalho e desabafo.

De repente olhou para a janela e notou que o dia começava a despontar. “Já está amanhecendo e eu nem notei”, pensou a moça, enquanto erguia-se e se espreguiçava. “Vou tomar um banho e tentar dormir um pouco”.

Ao deitar-se começou a pensar no sonho ou pesadelo que tivera. “Aquele homem que vi no sonho era Jesus”.

– Mas como se dá esse fenômeno, se não nasci naquela época tão distante? – perguntou-se a filha do Dr. Fagundes num murmúrio.

– Já vi várias fotografias e quadros pintados por mestres como Leonardo Da Vinci que retratam a última refeição que Jesus fizera com seus apóstolos, antes de ser julgado e condenado à morte – disse a moça em voz baixa, como se estivesse falando com alguém.

“Preciso descobrir o que está acontecendo comigo e conversar com alguém que possa explicar esses fenômenos”, a moça refletia inquieta.

Antônia adormeceu.

Ao acordar o Sol já ia alto. Ergueu-se de um salto, correu até a janela, afastou as cortinas e murmurou: “Já passou do meio dia e a Ester não me acordou”. Ela ouviu alguém bater na porta e em seguida entrar sem pedir licença. Era sua fiel empregada.

– Ester, por que você me deixou dormir até esta hora? – indagou a moça despindo-se e correndo em direção ao banheiro.

– Ora, notei que você demorou a dormir; portanto, evitei acordá-la cedo.

– Eu dormi durante o tempo normal.

– Então, quem era a pessoa que vi andando pela casa, que depois entrou no escritório e de lá não saiu até amanhecer? – perguntou Ester com um sorriso.

– Você anda me espionando?

– Não, mas acordei e fui ver quem andava pela casa àquela hora, para tentar ajudar, se fosse o caso – respondeu a empregada.

Antônia ficou em silêncio.

1 Nota do Autor Espiritual: Mateus Cap 26, vs 17 a 47. Informações sobre Judas de Iscariotes: Ele não traiu o Mestre como está escrito na Bíblia. Ele quis forçar Jesus a defender o Reino de Israel, como um verdadeiro guerreiro. Jesus sabia e deixou, porque assim estava escrito.

CAPÍTULO III - JULGAMENTO DE JESUS

O castelo era semelhante a uma fortaleza, e no momento era açoitado por uma ventania quente e uma chuva fina e irritante que se abateram sobre a cidade, como se alguém invisível estivesse protestando contra algo injusto que estaria acontecendo no universo.

Sentado numa cadeira tosca de madeira com espaldar alto, um homem ainda jovem, vestindo uma camiseta de tecido estranho e grosseiro e protegido por algo parecido com um colete, confeccionado com um material semelhante a cobre ou bronze, trajava também um saiote e sandálias de couro curtido e trazia um punhal metido entre as tiras que envolviam suas pernas e seguravam suas sandálias. Pelo seu aspecto e indumentária assemelhava-se a uma autoridade com poder de vida e morte sobre o povo. Atrás do homem havia um verdadeiro arsenal de armas antigas, como espadas, lanças, chicotes, punhais, escudos de guerra e outros.

Ao lado dele encontrava-se uma mulher muito bonita com os braços e dedos cheios de pulseiras e anéis, embora qualquer pessoa percebesse que o rosto dela era marcado pelo clima implacável daquela região. Era jovem, loura, com olhos azuis e cabelos longos cacheados caindo até a altura da cintura.

Enquanto isso, no pátio do castelo tipo fortaleza havia um aglomerado de pessoas que gritavam e pediam a morte para um homem. Este se mantinha de cabeça baixa, com um manto de púrpura sobre os ombros, uma coroa de espinhos enfiada em sua cabeça, a roupa úmida e os longos cabelos molhados pela chuva e pelo sangue que escorria dos ferimentos causados pelos espinhos que perfuravam seu couro cabeludo. Essa criatura de Deus mantinha a feição resignada e calma, alheia àquela multidão, ou se encontrava naquele momento crucial em outro lugar muito distante dali.

O homem que parecia ser a autoridade máxima naquela região era senhor daquele imponente castelo, conhecido naquelas paragens por Fortaleza Antônia. Ele era muito famoso, principalmente em Roma. Pôncio Pilatos, nomeado prefeito da Judeia, mais conhecido por Governador, representava naquela região o imperador Tibério César.

Por ordem dele, o homem que parecia ser alguém que estava sendo julgado foi conduzido ao pretório, enquanto isso, ele pensava e resmungava, tentando encontrar uma saída para aquele julgamento, pois tudo indicava que o réu não merecia a condenação máxima exigida: a crucificação.

– Governador, o que senhor vai resolver com essa turba? – perguntou um homem que estava segurando sua espada fora da bainha.

– Precisamos resolver logo tudo isso, meu caro – comentou a mulher, aproximando-se do homem e encarando-o.

O homem ergueu-se e pôs as duas mãos sobre a mesa ampla confeccionada de madeira com acabamento grosseiro, onde se podia observar vários objetos, principalmente um punhal e uma espada. Caminhou até a janela daquela ampla sala, lugar de trabalho ou a sala das armas, que ficava no segundo piso daquele castelo parecido com uma fortaleza, e encarou a mulher que estava acompanhando seus passos. Indeciso, disse-lhe:

– Mulher, essa gente quer a cabeça desse homem e não vejo por que condená-lo.

– Então resolva e despache esse homem, antes que o povo furioso tome alguma medida mais perigosa.

– Já o fiz. Enviei-o ao rei Herodes e ele devolveu-me. Sendo assim, a vida desse homem está nas mãos de César e quem representa César nesta região sou eu – respondeu o homem enxugando o suor que descia pelo seu rosto, causado pela tensão.

– Então, senhor, resolva o que devemos fazer – pediu aflito o homem fardado, que continuava de pé na porta, indicando que era um militar de confiança daquele que representava o imperador romano.

O procurador romano olhou para um rapazola que estava encostado na parede com jeito humilde de servo e ordenou-lhe:

– Quero vinho.

O rapaz correu, encheu de vinho uma caneca confeccionada de cobre e fez um gesto avisando que a bebida estava servida.

Com gestos grosseiros, o dono do escravo entornou um grande gole de vinho, que escorreu pelos cantos da boca enquanto bebia, pôs a caneca sobre a mesa e passou as costas da mão direita nos lábios, tentando limpar o excesso de bebida. Depois foi até a sacada que ficava de frente para o pátio, lugar de onde fazia seus discursos ou emitia ordens provenientes de Roma.

O homem que estava de pé na porta era um centurião romano, que esperava uma ordem do governador da Judeia para conduzir o réu, que era judeu, ao castigo que lhe seria imposto pelo representante de Tibério César, imperador de Roma na época.

– Pôncio Pilatos, parece-me que você está com dúvidas a respeito dos motivos pelos quais o povo quer condenar o preso que se encontra no pretório – insinuou Cláudia Prócula, mulher decidida e simpática aos ensinamentos do homem que esperava pela sentença que seria proferida pelo marido.

Cláudia Prócula era esposa de Pilatos, mulher que vivia perdida nas ilusões do poder romano, mas que nos últimos anos, através de sua escrava, tornara-se amiga de Maria de Magdala e com ela começou a ouvir as histórias de Jesus de Nazaré, filho de Maria e José.

– Já mandei açoitar esse homem e tentei dar-lhe liberdade em troca da de Barrabás, um bandido perigoso que esse povo poderia soltar por ocasião da páscoa, como manda a lei, porém a maioria gritou que queria o nazareno condenado e crucificado em troca da liberdade deste celerado – disse o governador, andando inquieto pela sala das armas. – Posso entregar este homem, que se tornou este resto de ser humano, aos soldados e mandar crucificá-lo.

Pilatos bebeu outro gole de vinho, foi até a sacada da fortaleza e ouviu a gritaria da turba ensandecida. Sentiu ódio misturado à repugnação por aquele povo que considerava escravo de Roma.

Era meio-dia, quando Cláudia Prócula aproximou-se do marido e pediu:

– Não suje suas mãos com o sangue deste homem. Tenho maus pressentimentos.

– O que faço, então? Você já pensou nas consequências do meu ato, junto a César, caso eu não condene este homem, que se diz rei dos judeus? – indagou o governador com ar de quem estava com medo e mentalmente pedindo socorro, pois temia aquele homem que parecia empurrá-lo com o olhar e se sentia quase obrigado a ajoelhar-se ante Ele, como se realmente estivesse perante um verdadeiro Rei.

– Não sei. Sei apenas que você já mandou matar milhares de judeus e nunca vacilou; entretanto, desta vez, algo me diz que está com medo deste homem, pois tenho certeza de que Ele não merece ser punido como Roma pune seus adversários – contemporizou a bela mulher, chorando e

suplicando pela vida do nazareno, pois ela tinha quase certeza que o destino daquele Ser era a cruz.

O representante de César na Judeia fez tudo que estava ao seu alcance para evitar a condenação de Jesus de Nazaré, contudo a maioria dos judeus incentivados pelos sacerdotes do Sinédrio queriam a morte daquele que se dizia o Filho de Deus. Mesmo assim, Pôncio Pilatos novamente dirigiu-se ao lugar onde se encontrava Jesus, o pretório, e indagou o réu com ar impaciente:

*– És tu, o Rei dos Judeus?

– Dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim? – respondeu Jesus, olhando nos olhos de Pilatos, que não aguentou as vibrações puras daquele anjo que estava diante de si.

– Acaso sou eu judeu? A tua nação e os sumos-sacerdotes entregaram-te a mim – falou o procurador de Roma, após respirar o ar quente daquela região.

– O meu reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus súditos certamente teriam pelejado para que eu não fosse entregue aos judeus.

Pilatos enxugou o suor do rosto com um pano que seu escravo lhe entregou e inquiriu seu réu:

– És, portanto, rei?

– Sim, eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz.

2– Donde és tu?

Silêncio. O governador sentiu um peso enorme sobre as costas e teve medo.

– Tu não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar? – indagou o procurador romano, tentando demonstrar seu poder.

– Não terias poder algum sobre mim, se de cima não te fora dado – respondeu-lhe o Cristo, com voz calma e firme. – Por isso, quem me entregou a ti tem pecado maior.

Pilatos se arrepiou ao ouvir aquela resposta e escutou a gritaria dos judeus:

– Se o soltares, não és amigo do imperador, porque todo que se faz rei se declara contra o imperador.

Em silêncio, o representante de César conduziu Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lajeado, em hebraico Gábata, e disse aos judeus em voz alta:

– Eis vosso rei!

– Fora com ele! Fora com ele! Crucificai-o! – gritaram os judeus apontando o Messias.

– Hei de crucificar vosso rei? – perguntou o governador, com ar irritado.

Os sumos-sacerdotes responderam:

– Não temos outro rei senão César!

Cláudia percebeu quando o marido fez um gesto pedindo que ela lhe trouxesse uma vasilha com água.

Pilatos aproximou-se do recipiente conduzido pela esposa, lavou as mãos, enxugou-as com um pano que lhe fora ofertado e em voz alta disse:

– Eis o homem. Crucificai-o, mas que o sangue desse justo recaia sobre vossas gerações.

– Que o sangue dele recaia sobre nós – gritou a turba satisfeita com a decisão do governador.

Enquanto ouvia a sentença, Cláudia permaneceu em silêncio, alheia à gritaria, mas, em seguida, saindo de um estado letárgico, gritou e saiu correndo pelos extensos corredores da fortaleza, como se naquele momento o mundo presenciasse a covardia do homem diante de Deus, culminando com o assassinato mais hediondo que a Terra já presenciou desde que começou a ser habitada.

Cláudia continuava gritando, praticamente perdendo o controle sobre si, quando ouviu alguém chamá-la:

– Antônia! Acorde!

A moça acordou espantada. Sentou-se na cama, olhando para sua empregada e nada disse. Enxugou o suor do rosto, pescoço e busto e permaneceu com o olhar triste, enquanto as lágrimas rolavam pelo seu lindo rosto.

– Pesadelo novamente, senhora?

– Não sei se desta vez foi pesadelo, sonho ou uma realidade acontecida há muitos séculos.

Após se acalmar Antônia narrou o sonho, na íntegra, à sua fiel amiga e serviçal.

À medida que Ester ouvia a narração, sentia um peso horrível nas costas. Não suportando, sentou-se na primeira cadeira que encontrou e começou a chorar, ao mesmo tempo em que orava.

Ambas ficaram em silêncio.

Ester ergueu-se e disse, antes de deixar o quarto sem tocar no assunto do sonho:

– Senhora, eu esqueci de lhe dizer que sua mãe telefonou de Londres, informando que marcou sua passagem de volta dentro de aproximadamente cinco dias.

Antônia sentiu uma tontura, ergueu-se, depois se sentou, tapou os ouvidos com a mão e gritou:

– Não!

Ester empalideceu, todavia atendeu imediatamente a moça, pois ficou surpresa com o grito e notou que a mesma havia perdido os sentidos temporariamente.

Após um tempo, a moça voltou ao normal e caiu numa crise de choro convulsivo, pronunciando palavras sem nexos.

– Por favor, repita! Não estou entendendo absolutamente nada! – pediu a empregada apreensiva.

– Ela não pode viajar por enquanto!

– O que a senhora está dizendo?

– Ester, eu sonhei, ou melhor, vi o avião dela explodir no ar – respondeu Antônia soluçando.

– A senhora está muito cansada e precisa descansar, tomar um banho e passear um pouco pela praia, antes que as férias terminem e voltemos à casa da cidade.

– Você tem razão. Acho que estou meio perturbada, talvez de cansaço ou influência do livro que estou escrevendo.

Passaram-se alguns dias desde a visita desagradável do general Otaviano até aquele sonho horrível, que mais parecia uma realidade acontecida há muito tempo.

Quando Antônia desceu para o almoço, surpreendeu-se com o pai conversando com o militar, possivelmente sobre política.

– Olá, filha – cumprimentou o pai, abraçando e beijando a filha. – O general Otaviano está nos fazendo uma visita.

O militar ergueu-se, fez um gesto de cavalheirismo e beijou a mão da moça estendida, declarando:

– Fico feliz que esteja muito bem, senhorita.

– Muito prazer em revê-lo, general.

O pai da moça tornou a abraçá-la e perguntou com carinho:

– Como vai o livro, minha grande escritora?

– Quem sou, para ser uma grande escritora, meu pai? – questionou a moça, sorrindo e olhando de viés para a amiga Ester, que estava impecavelmente vestida em seu uniforme, em pé, junto à escada.

– Senhorita, coloco-me à sua disposição para encontrar uma editora que publique o seu livro – comentou o general, desmanchando-se em amabilidades.

– Obrigada, senhor.

– Fique à vontade, senhorita.

– O senhor não iria gostar dos textos que escrevo – explicou a moça, encarando o militar de alta patente.

– A senhorita não pode dizer isso, porque não sabe o meu gosto literário – comentou o militar sorrindo.

– Nas atuais circunstâncias que o nosso país está passando, tenho certeza de que o senhor não gostaria do enredo do meu livro – afirmou a moça, novamente encarando o homem.

– Então, posso entender que o enredo do seu livro é contra o nosso ideal de pôr um ponto final nas ideias subversivas que estavam contaminando o país – questionou o general, agora com o semblante mais sério.

– Pai, o senhor já foi informado que a mamãe está voltando de Londres dentro de mais ou menos cinco dias? – perguntou Antônia, ignorando o comentário do general, que apesar de estar na meia idade, era másculo e simpático em seus gestos.

– Já, filha. Não vejo a hora de ter sua mãe de volta – respondeu o pai com um sorriso de satisfação estampado no rosto.

Enquanto se dirigia à mesa, onde todos fariam a refeição, Antônia fitou o militar e disse:

– Excelência, não se preocupe. Não sou comunista, porém tenho ojeriza a esse tipo de governo, pelo fato dos senhores procederem igualmente como se fossem ditadores em nosso país.

– Mas... – quis falar o militar, porém foi interrompido pelo Dr. Fagundes.

– Vamos mudar esse tipo de assunto, pessoal – pediu o Dr. Fagundes, sentindo uma tensão no ar. – Agora é hora de sentarmos à mesa e nos alimentarmos, agradecendo a Deus.

O pai de Antônia era muito religioso e respeitava a sua religião, não perdendo uma missa aos domingos.

– Fagundes, você tem razão. Não adianta perder tempo conversando sobre a situação do nosso país, até porque ele vai muito bem – concordou o general, olhando de soslaio para a moça, que mantinha a cabeça baixa.

“Ele não aceitou a maneira como falei do regime atual, de como o governo militar atua em nosso país”, pensava a moça.

“Antônia é igual à mãe, não pensa antes de falar. É um perigo muito grande falar diante deste homem sobre o regime de governo que os militares exercem sobre o país”, pensava o pai, disfarçando, enquanto sorria e falava coisas frívolas, para preencher o tempo e o mal-estar deixado pelo comentário da filha.

O general Otaviano estava sério e notava-se que estava engasgado por não haver respondido a insinuação da filha do fazendeiro e político. “Será que a filha do Fagundes tem alguma ligação com o comunismo?”, pensava, enquanto conduzia à boca um pedaço de carne grelhada.

Após o almoço, o general, Antônia e o pai dela sentaram-se no confortável alpendre e continuaram a conversar sobre a economia e política do país.

– Senhorita Antônia, sua opinião sobre o governo militar é muito distorcida sobre a realidade – de repente comentou o general, tentando ressuscitar a mesma conversa que fora interrompida pelo pai da moça.

Ao ouvir o comentário direcionado a ela, Antônia ergueu-se, fitou o general e pediu licença para se retirar, alegando que estava com muita dor de cabeça.

– Senhorita, sinto-me ofendido se não ouvir sua opinião a respeito do meu comentário – declarou o militar, erguendo-se.

Antônia fitou o pai, que estava pálido, e disse com voz calma e educada:

– Não encontro no governo atual nenhum sinal de democracia e nenhuma diferença com os governos ditatoriais, principalmente os comunistas – explicou a moça, encarando o militar e se encaminhando à escada.

O militar fitou o pai da moça e avisou como se estivesse passando mal:

- Fagundes, eu vou me retirar, pois temos uns problemas para resolver.
- Certo, Otaviano. Fique à vontade.

O militar entrou em seu carro e desapareceu no caminho, observado pelo pai de Antônia, que pensava: “Deus queira que a minha filha não tenha criado uma situação constrangedora entre mim e os militares”

2 Nota do Autor Espiritual: João, Capítulos 18 e 19.

CAPÍTULO IV - PREVENDO A MORTE DA MÃE

Alguns dias se passaram.

Aos poucos o Sol se erguia, deixando o horizonte e tomando a direção central do céu, quando Antônia ergueu-se, foi à janela como de costume, observar o mar que rugia ao longe e ficou pensando. “Não consigo esquecer a cena em que vi o avião no qual a minha mãe está viajando explodindo em pleno ar. Mas talvez tenha sido apenas um pesadelo ou produto da minha imaginação fértil de escritora”. Ela tirou a roupa de dormir e caminhou em direção ao banheiro, ainda pensando: “Tenho que tomar um banho rápido e comer algo, pois irei à cidade hoje, esperar a mamãe que chega logo mais”.

Quase dez horas, a moça havia terminado de tomar o seu banho e estava se vestindo para acompanhar o pai até a casa da cidade e depois esperar a mãe no aeroporto, que naquele momento já devia estar voando de volta para a casa. De repente ela sentiu uma inexplicável tontura e pôs a destra na testa. Pôs em seguida as mãos no rosto e tentou evitar uma visão horrível que se passou diante de seus olhos: a explosão do avião no qual sua mãe viajava.

– Não! – inesperadamente gritou a moça, caindo sem sentido ao solo.

Quando abriu os olhos notou que seu pai e a empregada estavam ao redor de sua cama, ambos tentando fazê-la voltar a si.

– Graças a Deus, minha filha, que você voltou ao normal – disse o pai, beijando a testa da moça. – Eu já estava preocupado.

– Vamos nos preparar, patroa. Daqui a pouco iremos à casa da cidade, porque sua mãe deve chegar à tarde – pediu Ester, segurando a mão da moça e tentando fazer com que ela reagisse àquele mal estar.

Antônia começou a chorar, causando preocupação ao pai, que abraçou a filha e perguntou:

– O que houve, filha?

Em vez de responder, a moça passou a soluçar desesperadamente, como se algo muito grave tivesse acontecido.

– Senhora, calma – pedia a empregada, imaginando o que a moça havia sentido por ocasião do desmaio.

“Será que ela tornou a ver a cena do avião explodindo?”, pensou a empregada, recordando-se do que a patroa havia visto no primeiro desmaio.

– O que houve, Antonia? Você já está me deixando preocupado – inquiriu o pai sem saber o que fazer para ajudar a filha.

Antônia sentou-se na cama, chorando e passando a ponta do lençol no rosto, tentando sufocar o choro.

– A mamãe está morta – afirmou a moça, agora chorando com mais intensidade.

– O que você disse? – perguntou o pai, alarmado com aquela notícia.

– O avião no qual a mamãe viajava explodiu e todos morreram, inclusive ela – repetiu a moça, fitando o pai.

– Você está ficando maluca, menina! – gritou o pai, ficando em pé de um salto.

O homem sentou-se numa cadeira perto da janela, pensando no que a filha havia informado sobre a sua esposa. “Quem falou isso para ela? A Antônia é uma moça muito equilibrada e por isso estou desconfiado do que ela está dizendo”.

O pai de Antônia ficou um tempo sentado, enquanto a filha tomava algo e se recuperava do desmaio. De repente alguém gritou lá embaixo, no jardim que rodeava a mansão.

O Dr. Fagundes correu até a janela e notou que era o empregado que cuidava dos serviços gerais quem gritava.

– Telefone, doutor.

Fagundes ficou indeciso, sem saber o que fazer, mas resolveu descer e atender ao telefonema.

– Querida, vou atender ao telefone e logo estarei de volta – avisou ele, fazendo um afago na cabeça da jovem filha. – Cuidado para não pensar bobagens.

De repente as duas mulheres ouviram um grito parecido com um urro. Ambas se entreolharam e correram em direção à sala, que ficava no térreo, e encontraram uma cena lastimável, que muita gente nunca espera que aconteça consigo.

Fagundes chorava desesperadamente, de joelhos e socando com as mãos fechadas o luxuoso sofá da casa.

– A Heloísa morreu em um desastre – desabafou o homem, entre soluços.

Sem nada dizer, Ester fitou a moça desconfiada, pois se era verdade que a patroa havia morrido num acidente de avião, significava que a premonição de Antônia estava correta.

A filha de Fagundes parou de chorar e ficou com o olhar perdido, como se estivesse observando algo aterrador, e não falou nada, apenas se sentou num dos sofás e ficou pensativa.

Fagundes ergueu-se de repente, aproximou-se da filha e indagou-lhe:

– Como você sabia que sua mãe havia morrido?

A filha fitou o pai com o semblante triste. Depois baixou a cabeça num sopro e respondeu-lhe:

– Eu não sabia, papai.

– Como não sabia, se foi você que me deu a notícia em primeira mão? – rebateu o pai com voz enérgica. – Eu tinha o direito de saber que a sua mãe havia morrido em um desastre antes de qualquer pessoa.

– Doutor Fagundes, a sua filha está falando a verdade – explicou a empregada, intrometendo-se na conversa.

Antônia ergueu-se e com ar cansado narrou os dois sonhos ou visões que tivera com a explosão do avião no qual sua mãe viajava de volta para casa.

– Não posso acreditar nisso – negava o fazendeiro, caminhando inquieto pela casa.

– Embora seja difícil de acreditar, foi verdade o que lhe narrei. Só não sei exatamente a hora que o desastre aconteceu – comentou a filha, abraçando-o e chorando. – Estou com medo, muito medo.

Por alguns minutos Fagundes esqueceu a tragédia que se abatera sobre sua casa e perguntou, correspondendo ao abraço da moça:

– Medo de quê, filha?

– Desde criança tenho esses tipos de sonhos e pesadelos, todavia agora se acentuaram essas premonições – respondeu a filha passando as mãos nos braços, como se estivesse com frio.

Houve um silêncio e cada um se entregou aos próprios pensamentos. Instantes depois o homem disse:

– Vamos para a cidade. Teremos que providenciar a chegada do corpo de Heloísa, isto é, se encontrarem o corpo dela. Além disso, as férias terminaram e agora teremos de voltar as nossas atividades normais na cidade.

Era quase meio dia, quando Fagundes, a filha e a empregada chegaram na residência oficial na capital.

Durante o restante do dia, ninguém pôde descansar com os telefonemas dos amigos da família que já sabiam da tragédia.

Quinze dias após a notícia do acidente, depois de uma busca exaustiva do pessoal responsável pelo resgate dos corpos dos passageiros, o corpo ou parte do que restou do corpo da esposa do Dr. Fagundes chegou e foi diretamente para o centro de velório da cidade, onde foi velado e depois sepultado no jazigo da família.

Um mês se passou após o desastre fatídico em que Heloísa perdera a vida. Gradativamente, todos da família voltaram às suas atividades rotineiras.

Certo dia Antônia estava no escritório, escrevendo, quando Ester bateu na porta e entrou sem pedir licença.

A moça parou de escrever e indagou através do olhar o que havia ocorrido.

– Aquele rapaz que estuda Direito, está na sala esperando pela senhora.

– Quem? O Rômulo?

– Sim. Acho que é esse, o nome dele.

– Avise-o que desço dentro de cinco minutos.

A empregada sorriu com o ligeiro rubor que observou no rosto da moça e desceu.

Após algum tempo, Antônia desceu e encontrou um rapaz alto, magro, com cabelos e olhos castanhos escuros, de pé, observando um belo quadro pintado a óleo.

– Até hoje não consigo saber o que o pintor desse quadro quis passar para as pessoas, ao retratar essa paisagem inóspita e misteriosa – comentou a moça, parando no pé da escada.

O rapaz girou nos calcanhares e fez um ar de felicidade ao ver a moça.

– Antônia!

A moça aproximou-se do rapaz e ofereceu o rosto para ser beijado.

Depois dos cumprimentos, ambos se sentaram numa poltrona e passaram a conversar sobre coisas triviais, próprias dos jovens.

– Eu soube da tragédia, porém não pude vir prestar minhas condolências, porque me encontrava fora da cidade – desculpou-se o rapaz, fitando a moça com carinho.

– Não tem importância, meu amigo. Tudo já passou.

Ambos ficaram em silêncio.

– Rômulo, como vão as coisas? – indagou a moça, rompendo o silêncio.

– Mais ou menos.

– Parece-me que você está assustado com algo – comentou a moça, notando que o rapaz não tirava os olhos da porta.

– É verdade.

– Posso saber o que está acontecendo?

– Estou sendo perseguido.

– Por quê?

– Andei participando de algumas passeatas contra o regime e fiquei marcado – respondeu o rapaz com ar cansado.

– E por que você acha que está sendo caçado?

– Alguém me avisou que a minha casa está sendo vigiada dia e noite – respondeu o rapaz, passando a mão nos olhos.

– Você não fez nada contra a lei, para ser caçado e preso – afirmou a moça com voz calma e triste.

– Querida, não precisamos fazer nada de errado para que esse governo nos acuse de subversão e nos prenda e torture – explicou Rômulo com voz triste.

– Acho que você está se precipitando. Não acredito que eles prendam e condenem alguém que nada deve à justiça – comentou a moça, pensativa. – Talvez, o máximo que eles poderão fazer, é prender alguém com suspeita de conduta imprópria, porém, se for confirmado a inocência, essa pessoa será solta.

Rômulo ergueu-se e foi até a janela da belíssima residência, depois voltou e novamente se sentou próximo à moça.

– Antônia, você é rica e bem relacionada, inclusive com os militares, além disso seu pai é um sério candidato ao governo com as bênçãos do poder – disse o rapaz de cabeça baixa, exprimindo-se em voz sussurrante.

– Isso não é verdade, meu caro – rebateu a moça, com ar ofendido.

– É verdade, minha amiga.

– Antes da revolução, meu pai já era advogado, fazendeiro e político; portanto sua insinuação não procede.

– Tudo bem. Desculpe-me, Antônia.

De repente Ester entrou na sala sem pedir licença, pálida como se tivesse visto fantasma, e avisou:

– Patroa, a casa está cercada por soldados do exército.

– O quê? – Espantou-se a moça, olhando de soslaio para o rapaz.

– Estão a minha procura. – Deduziu Rômulo, erguendo-se como se quisesse correr.

– Esconda-se pelo amor de Deus. – Pediu a moça, olhando para a empregada.

– Aonde?

– Ester, leve-o imediatamente para aquele lugar da casa que somente nós conhecemos – ordenou a moça, enquanto ouvia alguém bater na porta.

Aparentemente calma, Antônia abriu a porta e observou que quem havia batido na porta era um jovem capitão.

– O que houve, senhor?

– Senhora, estamos procurando o rapaz que nós vimos entrar em sua residência – explicou o militar com ar de quem sabia o que estava dizendo.

– Esse elemento é um subversivo muito perigoso, portanto, devemos prendê-lo imediatamente.

– Acho que o senhor está enganado, pois aqui, não se encontra esse rapaz que os senhores procuram – afirmou a moça com ar sério. – Além disso, esta residência pertence ao Dr. Fagundes, amigo dos militares e um forte candidato ao governo do Estado.

– Podemos entrar, senhorita? – perguntou o capitão, ignorando as informações da moça.

– Fique à vontade, senhor – anuiu a moça, abrindo a porta e afastando-se para o lado, enquanto o militar entrava.

Após revistarem a residência da moça, o capitão aproximou-se dela, fitou-a com um sorriso irônico nos lábios e falou:

– Desculpe-nos, senhorita.

– Vou avisar ao meu pai, senhor – ameaçou a moça, fitando o jovem oficial.

– Fique à vontade, senhorita – falou o militar se despedindo.

Após um tempo, a moça mandou que Ester trouxesse o amigo que estava no esconderijo.

– Como vou sair da sua casa, Antônia?

– Calma. Você vai ficar escondido até anoitecer. À noite, vai sair pelos fundos e ninguém notará que você esteve aqui.

– Antônia, tenha muito cuidado com essa gente!

– Rômulo, não se esqueça de que o meu pai pertence ao governo dos militares – lembrou a moça com ar triste.

– Não sei, não. Eles não respeitam ninguém, inclusive os civis.

– O que eles poderiam fazer conosco, Rômulo?

– Não sei. Mas cuide-se, pois essa gente é perigosa – alertou o rapaz, olhando por uma fresta da janela.

A noite chegou e com ela a escuridão aplacada pelas poucas lâmpadas que iluminavam aquela rua de um bairro nobre da cidade.

Rômulo beijou o rosto da moça e saiu pelos fundos da residência, tomando direção ignorada.

“Espero que você consiga se salvar, meu amigo, pois se o pegarem, jamais o veremos. É triste pensar assim, mas a realidade de nosso país é essa”, pensava a moça.

Quando o pai chegou, Antônia narrou o que havia acontecido, enquanto notava que ele ficava pálido.

– Você tem ideia do que fez minha filha? – perguntou o homem com voz enérgica.

– Tenho.

– Então, você deve saber que, agora, a nossa residência será vigiada vinte quatro horas por dia, porque ninguém vai mais acreditar em nós – explicou o homem, sentando-se na primeira cadeira que avistou.

– Calma, papai!

– Se esse seu amigo é considerado um subversivo pelo governo, nós também seremos culpados por tudo aquilo que eles pensam a respeito do mesmo – disse o pai, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça. – Entendeu?

– Claro que entendi. Todavia não vejo motivos para tanta preocupação, até porque o Rômulo não é subversivo, e que eu saiba, também não é comunista – informou a moça, sem muita convicção.

– Deus queira...

– Vamos jantar, meu pai, e, por favor, esqueça esse episódio – pediu a filha, abraçando o homem.

Ambos se encaminharam para a sala de refeições.

CAPÍTULO V - RÔMULO É TORTURADO

Após dois dias da visita de Rômulo, Antônia encontrava-se escrevendo em seu escritório, quando de repente observou o tempo pela janela e notou que já havia escurecido. Ela consultou o relógio, ergueu-se, espreguiçou-se e pensou: “Vou tomar um banho e me preparar para comer algo, pois estou com fome e são quase dezenove horas”.

Enquanto Antônia se trocava e pensava em seus projetos, Ester bateu na porta do quarto dela e entrou sem pedir licença, como era seu costume.

– Ester, estou me trocando para descer – avisou a moça com um sorriso estampado em seu belo rosto.

Ester permaneceu em silêncio, com ar sério e pensativo.

A moça percebeu imediatamente o silêncio estranho de sua empregada; então se aproximou e perguntou-lhe:

– O que houve?

– Tem dois militares esperando-a lá embaixo – respondeu Ester, demonstrando na feição toda sua preocupação.

– Qual é o problema desta vez? – Indagou a moça fitando a empregada.

– Não tenho a menor ideia. Eles apenas perguntaram pela senhora – respondeu a serviçal.

– Não se preocupe. Talvez apenas queiram saber o paradeiro do meu pai – disse a moça, querendo se convencer que era isso. – O papai viajou e deve ter se esquecido de avisar essa gente.

Ester permaneceu quieta, como se quisesse acreditar no que a patroa estava dizendo, porém não conseguia ter o mesmo pensamento dela.

– Avise-os que eu descerei daqui a pouco – falou a moça, com ar preocupado.

Quando Ester abriu a porta do quarto, rapidamente recuou surpresa com algo que havia visto e disse:

– Patroa, os dois militares estão no corredor.

Antônia que já estava vestida saiu imediatamente e quando observou os dois militares praticamente formando uma barreira no corredor, próximo ao seu quarto, reclamou com ar de quem estava bastante aborrecida e ofendida:

– Por favor, senhores, esperem-me lá embaixo.

Eles permaneceram em silêncio e um deles deu dois passos à frente e inquiriu com voz enérgica:

– Senhorita Antônia?

– Sim. Sou eu mesma – confirmou a moça, perdendo a segurança.

– A senhorita está sendo intimada a prestar esclarecimentos – declarou um dos militares, enquanto o outro permanecia em silêncio.

– Posso ver essa intimação e o documento que permitiu esta invasão à minha residência? – indagou a moça com voz trêmula, tentando controlar a emoção e as lágrimas que teimavam em querer saltar dos olhos.

O militar que estava em silêncio, como se fosse treinado para aquelas situações, meteu a mão no bolso, deu dois passos à frente e estendeu-lhe um documento.

À medida que Antônia lia o documento, olhava de soslaio para a empregada e aos poucos ia perdendo a cor da face.

– Posso conduzir algumas coisas particulares e íntimas? – indagou a moça com ar resignado, sentindo um frio esquisito.

– Não. A senhorita será submetida a um simples interrogatório e depois será liberada – explicou o militar que entregou o documento.

A moça não sabia o que fazer. Pensou em entrar no quarto e se rebelar contra a ordem que havia recebido, gritar, telefonar para o pai e pedir socorro aos céus, mas apenas pensou: “Devo estar sendo vítima de outro pesadelo”.

Os militares aproximaram-se e um deles pediu com educação:

– Por favor, senhorita, vamos? Já estamos atrasados.

– Não se preocupe; logo a senhorita estará de volta – confirmou um deles, segurando seu braço e conduzindo-a com educação em direção às escadas.

Ester pôs a mão na boca e naquele momento não sabia o que dizer ou fazer, pois a ditadura estava no auge e os militares tinham o poder absoluto nas mãos. Mesmo assim, ela abriu a boca, mas, antes que falasse algo, foi contida pelo olhar da moça, que começou a caminhar obedecendo às ordens.

Ao sair da casa em direção ao carro que a esperava, parou e disse, dirigindo-se à amiga:

– Não se preocupe, Ester. Logo estarei de volta.

– Deus queira, patroa. Deus queira...

A moça entrou no carro que tomou um itinerário completamente desconhecido para ela.

Ester correu ao telefone e imediatamente ligou para o Dr. Fagundes, narrando o que havia acontecido com Antônia.

– Você sabe o que eles queriam com a minha filha? – inquiriu o político do outro lado da linha, com voz alterada e denotando que estava preocupado.

– Não.

– Essa intimação não é coisa boa – comentou o pai de Antônia ao telefone. – Muito esquisito, principalmente porque ela é filha de alguém que também pertence ao poder, mesmo indiretamente.

– Faça alguma coisa, doutor. Não se deve confiar nesse governo – implorou a empregada aflita.

– Vou telefonar agora mesmo para o general Otaviano – declarou ele, desligando o aparelho.

O fazendeiro que estava em campanha numa cidade distante da que residia ligou imediatamente para aquele que considerava seu amigo, o general Otaviano.

– Alô! Aqui, é o general Otaviano – identificou-se o militar do outro lado da linha, mais precisamente em seu gabinete.

– General, a minha filha foi levada para um lugar desconhecido – falou o Dr. Fagundes. – Você sabe me informar o motivo pelo qual ela foi presa?

Houve um silêncio significativo do outro lado.

– Não. Perguntei aos meus auxiliares e eles não souberam me informar algo sobre a intimação da Antônia.

– Vou imediatamente providenciar a minha volta – disse o político, desligando o telefone.

No gabinete do general Otaviano, homem de confiança do governo, seus auxiliares ficaram em silêncio ao ouvirem a conversa do chefe. Após desligar o telefone, o militar ergueu-se com um vinco na testa e foi até a sala ao lado, pensando: “Realmente eu não sei o que aconteceu à filha do Fagundes”. Depois bateu na porta com os nós dos dedos e ouviu alguém dizer:

– Entre.

No gabinete ao lado havia um militar com bigode e ar sério, e notava-se em sua feição um misto de ironia e satisfação. Ele estava sentado, fingindo

que lia um documento.

– Excelência.

– O que houve, Otaviano? – indagou o militar que indicava ser superior e chefe de Otaviano.

– O Fagundes ligou e perguntou pela filha.

– E daí? – perguntou o chefe com ar de quem estava aborrecido.

– O senhor sabe ao quê me refiro.

– Otaviano, este país está infestado de subversivos. Se não tomarmos providências enérgicas, aos poucos esta nação pertencerá a esse pessoal.

– Excelência, lembre-se que a senhorita Antônia é filha do homem cotado para ser indicado a governador do Estado dele – lembrou o general Otaviano.

– Ele não será mais indicado à eleição de governador – disse o chefe de Otaviano, afastando sua cadeira e encarando o subordinado com um ar irônico estampado no rosto.

O general Otaviano ficou pálido e com ar de quem estava bastante preocupado.

– O senhor sabe que o Fagundes é muito ligado a nós – comentou Otaviano, encarando o chefe.

– Era.

– Não entendi. Por favor, explique-se, chefe – pediu o general Otaviano com ar pessimista.

O chefe pôs as duas mãos sobre uma ampla mesa, pensou, depois fitou o general Otaviano e disse:

– General! Nada de mal vai acontecer à senhorita Antônia, pois sabemos que a mesma é inocente, mesmo diante de sua ligação com um perigoso estudante de Direito, que tudo indica ser inimigo do nosso governo.

Otaviano baixou a cabeça, depois tomou posição de sentido e retirou-se. “Agora, entendi tudo”, pensava ele enquanto entrava em sua sala. Por alguns minutos o homem ficou inquieto pensando naquela situação, que não lhe agradava.

Enquanto isso, numa sala iluminada apenas pela luz de uma lâmpada suja que estava pendurada no teto, um homem encontrava-se sentado numa cadeira simples, com os pés e mãos amarradas e cabeça baixa.

Assim que Antônia chegou ao tétrico lugar, notou imediatamente que o homem que estava sentado era seu amigo Rômulo. Ela pôs a mão na boca,

com a intenção de controlar um grito de surpresa ao ver aquele rapaz pobre, idealista e batalhador pela liberdade daquele povo que há séculos era espoliado por uma minoria que sempre se aproveitou de sua bondade e ingenuidade.

Ao ouvir o barulho de alguém entrando na sala, Rômulo ergueu a cabeça e empalideceu ao notar que a amiga Antônia estava de pé, fitando-o. Imediatamente ele baixou a cabeça, com a finalidade de despistar os militares e evitar que alguém fizesse uma possível ligação entre eles.

Alguns homens, possivelmente militares, uns trajando roupas paisanas e outros fardados, caminhavam pelo recinto sob as ordens de alguém.

Um pouco afastado estava sentado um homem numa cadeira com as pernas cruzadas e o rosto escondido pela penumbra, pois a parca iluminação não chegava até a ele.

Alguns minutos se passaram, parecendo uma eternidade para a moça, que se mantinha em pé, observando fixamente o rapaz que estava sentado à sua frente.

– Senhorita Antônia, conhece este rapaz? – indagou a voz que vinha do homem que estava na penumbra.

– Sim. É meu amigo – respondeu a moça com segurança, como se aquilo desse crédito ao rapaz.

– Há quanto tempo?

– Desde a época da faculdade.

– A senhorita sabe informar qual o movimento subversivo contra o governo ao qual este rapaz pertence? – indagou com calma o homem que se escondia na penumbra.

– Não tenho conhecimento de que meu amigo pertença a alguma facção subversiva – respondeu a moça com segurança.

Houve um silêncio, enquanto alguns homens trouxeram um pequeno tanque com água e o puseram em frente ao rapaz.

– Bem, daqui a pouco a senhorita voltará ao conforto de sua residência, mas se não responder minhas perguntas, quem sofrerá as consequências é o seu amigo.

Assim ameaçou o homem, tentando ser cortês ou irônico, pois a história sempre informou que os torturadores alcançavam a satisfação plena nos atos sádicos que cometiam contra seus supostos inimigos.

– Atualmente houve vários assaltos a bancos, passeatas, atentados ao governo e aos nossos amigos, com muitas baixas – comentou o homem das sombras. – Temos provas suficientes de que este elemento participou de algumas dessas manifestações e atentados.

– Se o senhor já sabe do que ele fez, então, o que estou fazendo aqui? – perguntou a moça, nervosa.

– Queremos descobrir quem é o chefe dele e de onde estão partindo as ordens.

– E o que eu tenho a ver com isso?

O homem das sombras ficou em silêncio.

– Como amiga deste elemento, a senhorita deve saber muita coisa, inclusive talvez possa confirmar tudo que terminei de falar.

– Não confirmo nada, porque nunca vi e nem ouvi absolutamente nada que envolvesse o Rômulo nesses movimentos subversivos que o senhor terminou de informar.

Os homens que estavam atrás do rapaz olharam para o que estava na penumbra e receberam um sinal.

Eles seguraram os cabelos do rapaz e empurraram a cabeça dele dentro da água do tanque, retirando-a após alguns minutos. Repetiram essa operação várias vezes.

– Senhorita, se não nos informar o que este elemento lhe disse em suas conversas íntimas, vamos continuar com a tortura até acabar com a vida dele – ameaçou o homem que se mantinha na sombra.

– Nada tenho a informar a respeito deste rapaz, a não ser dizer que ele sempre foi um estudante brilhante e um bom filho – afirmou a moça chorando, sentada no chão, por não aguentar ver tanta maldade em um ser humano, principalmente quando essas maldades partem daqueles que são responsáveis pela ordem, justiça e segurança de um país.

A sessão de tortura recomeçou. Os militares trouxeram outros objetos com a finalidade de diversificar o tipo de sofrimento pelo qual passaria o rapaz.

Rômulo gritava, desmaiava e despertava a custo de tratamentos especializados pelos torturadores. Gritava sua inocência e dizia que não conhecia nenhum chefe, porém, os torturadores não paravam com o suplício, como se todos tivessem perdido por instantes a noção de humanidade e ao mesmo tempo sentissem prazer no que estavam fazendo.

– Parem com isso, pelo amor de Deus! – Gritava a moça, aproximando-se do rapaz e passando um pano em seu rosto coberto de sangue. – Vocês vão matar este homem e alguém vai ter de pagar por isso!

Ouviu-se uma gargalhada. O riso era sinistro, como se viesse das profundezas do inferno.

Antônia notou que o riso vinha do homem que se mantinha na sombra. Ela continuava chorando e pedindo misericórdia, pois a situação do rapaz era simplesmente indescritível.

Mais ou menos meia-noite, depois de gritar sua inocência e sua revolta, o rapaz foi enfraquecendo e conseqüentemente começou a tremer e a chorar, enquanto notava-se que o mesmo expelia sangue pela boca, nariz e partes de baixo, provocado pelas torturas desumanas que lhe eram infligidas. Ele fitou a amiga e falou num sopro:

– Antônia, talvez eu mereça o que está acontecendo. Não se preocupe comigo, porque muito mais sofreu Jesus e nunca encontramos absolutamente nada que manchasse aquele anjo, lembra-se?

A moça não respondeu. Naquele momento ímpar de sua vida ela se desequilibrou de tal forma que não sabia se chorava ou gritava tamanha era sua dor. Abraçou Rômulo, quando de repente notou uma pessoa diáfana passar a mão sobre a cabeça do rapaz. Essa pessoa encarou-a e disse-lhe:

– Ele pediu minha filha.

– Quem é o senhor?

Não obteve resposta, pois fora interrompida por um dos torturadores, que gritou:

– Chefe, a moça está ficando maluca!

Antônia viu o homem desaparecer e notou que o amigo pendeu a cabeça molhada sobre o peito.

Um dos homens pôs a mão em sua veia jugular, fez um ar de surpresa e se dirigiu ao elemento que se mantinha nas sombras.

Enquanto isso, a moça embalava em seus braços o corpo do rapaz que havia morrido, falando com o mesmo como se ele estivesse vivo:

– Calma, meu amigo. Você vai ficar bom. Após se recuperar, se recordará deste episódio apenas como um pesadelo ou algo muito ruim que passou em sua vida.

– Chefe, o homem está morto – informou o torturador àquele que comandava as ações, com ar apavorado.

– Levem-no para bem longe daqui, e deem fim no cadáver – ordenou o homem, erguendo-se. – Quanto à moça, podem conduzi-la de volta a sua residência.

Depois das ordens o homem desapareceu por uma porta, enquanto o rapaz era removido.

Antônia gritou.

Alguém pôs a mão em sua boca, com o objetivo de abafar os gritos, a colocaram numa viatura e a deixaram em casa.

Antes de tocar a sineta da casa, a moça sentou-se e pensou: “Acho que vou despertar daqui a pouco. Isso foi apenas outro daqueles meus terríveis pesadelos”.

CAPÍTULO VI - ANTÔNIA EM CONFLITO

Ester não conseguia dormir. Estava tensa com a intimação da patroa e, apesar da promessa dos militares de que nada de mal aconteceria a ela, não se conformava com o que havia ocorrido. Ela resolveu deitar-se numa das confortáveis poltronas, mas não conseguia ficar quieta, erguendo-se a todo instante e indo até a janela. De repente ouviu o barulho do motor de um carro estacionar do lado de fora do muro. “Será que a patroa foi liberada?”, pensou a empregada. Ela afastou um pouco a cortina da janela e observou uma mulher entrar no portão e com passos trôpegos caminhar em direção à casa. Em seguida notou que um silêncio estranho se abateu sobre a residência. “Quem será a mulher que entrou?”, perguntou-se em silêncio. Resolveu abrir a porta da casa e viu a moça sentada nos degraus da porta de entrada. “Meu Deus, é a Antônia”, pensou a empregada, aproximando-se. Verificou que sua patroa estava toda suja de sangue, com a roupa rasgada e quieta, somente soluçando, como se quisesse abafar tudo que observara e ouvira naquela sucursal do inferno.

– O que houve, patroa? – indagou Ester, abraçando a moça, que continuava a soluçar. – Vamos entrar! Está frio e a senhora pode contrair um resfriado!

Antônia passou as mãos sujas de sangue no vestido, deixando Ester com os olhos arregalados, pois aquela visão era aterradora.

– Erga-se, patroa. Vamos entrar, tomar um banho e descansar – pediu Ester chorando, porém aliviada, porque notara que a moça não estava ferida.

Após alguns minutos, Antônia havia tomado banho, trocado de roupa e estava sentada na cama em seu quarto, chorando e falando coisas desconexas, que deixavam a empregada com medo. “Meu Deus, o que será que aconteceu a esta criatura?”, pensava Ester.

– Patroa, vou fazer um chá e trazer torradas para a senhora comer, pois tudo indica que está muito fraca – disse a empregada desmanchando-se em amabilidades.

– Sente-se, Ester. E, por favor, não me deixe – pediu a moça, segurando a mão da empregada.

A mulher sentou-se e abraçou a moça, enquanto acariciava os cabelos dela, tentando parar de chorar, embora não pudesse, pois estava em sua lembrança o trapo de mulher que ela vira sentada nos degraus da porta da mansão. Seus pensamentos corriam em todas as direções, sem chegar a nenhuma explicação.

– Então, querida, se a senhora não quer comer ou beber algo, por favor, deite-se e tente dormir um pouco – pediu também a empregada com doçura, afagando os cabelos da moça, enquanto lágrimas desciam pelo seu rosto e caíam sobre sua roupa.

– Ele morreu – desabafou a moça, ignorando a presença da empregada.

“Meu Deus, quem terá morrido? Será que foi o doutor?”, perguntava-se intimamente a mulher preocupada.

– Quem morreu, senhora?

Em vez de responder, a moça deitou-se de lado, curvada em posição fetal.

Ester resolveu deixá-la quieta e sentar-se numa cadeira ao lado, enquanto a mesma se recuperava. Antônia adormeceu.

O barulho de um carro e algumas vozes acordaram a empregada. Ela correu até a janela que dava para o pátio. “Foi o patrão que chegou”, pensou enquanto corria em direção à porta.

O homem entrou e não a cumprimentou, e dentro de segundos estava em pé, ao lado da filha, porém não teve condições de abraçá-la, pois notou que algo muito sério havia ocorrido. Ele abriu a boca, mas foi contido por um sinal que Ester fizera.

Fagundes saiu para o corredor, mas antes fizera um sinal para sua empregada acompanhá-lo.

– O que aconteceu com a minha filha?

– Nada sei, além do que lhe narrei ao telefone – respondeu a empregada, com medo do aspecto do patrão.

– Se aqueles brutamontes tiverem feito algo de errado com a minha filha, juro que me vingarei! – esbravejou ele, caminhando pelo corredor com os punhos fechados.

– Calma, doutor! A patroa está bem! – tentou acalmar a empregada, sem muita convicção.

– Então, por que ela está daquele jeito?

– Não sei. Ela chegou e permaneceu em silêncio até agora – respondeu a mulher, omitindo os detalhes de como a filha dele estava ao retornar.

O homem entrou novamente no quarto, vislumbrou a filha dormindo, passou uma das mãos no rosto, secando uma lágrima, e desceu.

Ester acompanhou o patrão e indagou:

– O senhor quer fazer um lanche?

– Não – respondeu o patrão dirigindo-se à sala que ficava no primeiro piso.

Fagundes caminhou inquieto pela luxuosa sala e depois resolveu sentar-se.

Quando o Sol mostrou seus raios no horizonte, avisando que com ele o dia também chegava, Ester aproximou-se do patrão e notou que ele estava acordado, encolhido no sofá. “O que será que este homem está pensando?”.

– Doutor, já aprontei o café – avisou ela com cuidado para não aborrecer o patrão. – Passei a noite inteira no quarto de Antônia e notei que ela não conseguiu dormir tranquila.

– Por favor, sirva-me apenas uma xícara de café sem açúcar – ordenou o político.

Após o homem tomar o café, o mesmo fitou a empregada e indagou:

– Posso visitá-la?

– Pode. Ela está em condições de receber o senhor no quarto.

Ambos se encaminharam em direção ao quarto da moça, porém, quando entraram, notaram que ela havia jogado os travesseiros no chão, quebrado o espelho de sua cômoda, aberto o guarda-roupa e espalhado as roupas pelo chão, rasgando suas vestes. Naquele momento estava acocorada num canto do quarto, falando coisas que ninguém entendia.

O homem pôs a mão na cabeça e falou em voz baixa, olhando para Ester:

– Meu Deus, minha filha enlouqueceu!

– Calma, patrão! Tenha calma, por favor!

– Como você pede para eu ficar calmo, com este quadro estarrecedor que vejo aqui? – indagou o pai aborrecido.

A empregada aproximou-se da moça e com muito cuidado fez-lhe um carinho.

– Vi Jesus quando Rômulo morreu – disse a moça fitando o nada, ao ver a empregada aproximar-se com um sorriso.

– O quê? – Espantou-se o pai ao ouvir o que filha dizia. – Filha, que conversa é esta? Quem morreu?

– O senhor pensa que estou louca?

– Não. Mas...

– É verdade. Vi Jesus. Não estou louca.

– Acredito em você, filha, mas agora coma algo e depois conversaremos
– pediu o pai com lágrimas nos olhos, acreditando que a filha enlouquecera e precisaria de um tratamento imediato.

– Cuidado com seu pensamento, doutor, pois eu não acho que a Antônia esteja louca – alertou Ester, fitando o homem com um olhar enérgico.

A moça ergueu-se e agradeceu, fitando Ester:

– Obrigada, minha amiga, por acreditar em mim.

Silêncio.

– Agora vou tomar um banho; depois conversaremos – falou Antônia, encarando o pai.

Fagundes desceu e ficou caminhando inquieto pela sala. Ele tomou várias xícaras de café, até que ouviu passos, olhou para o topo da escada e notou que Ester e Antônia desciam.

Ao entrar na luxuosa sala, a moça sentou-se numa das poltronas e ficou em silêncio.

Sem saber o que fazer, o pai pediu socorro à empregada, através do olhar.

Ester correu e ofereceu uma xícara de café à moça, ficando satisfeita por ela ter aceitado e começado a tomar o líquido.

Aos poucos Fagundes se aproximou da filha e sentou-se ao seu lado, permanecendo em silêncio.

– Foi horrível...

– O quê, minha filha? – indagou o pai aflito, tentando romper aquela barreira quase intransponível que a filha estabelecera entre ela e os demais.

O sol começava a penetrar pelas janelas, avisando que o mundo havia sido iluminado por esta poderosa luz.

– Você está bem, senhora? – perguntou com cuidado a serviçal da moça.

– Sim.

“Graças a Deus que a minha filha não está louca!”, pensou o fazendeiro, respirando aliviado.

Após entregar a xícara a Ester, a moça começou a chorar.

O pai aproximou-se e abraçou a filha com carinho e doçura, num gesto meigo.

– Pai...

A partir daquele momento Antônia narrou tudo que havia acontecido, desde sua prisão até ser liberada, omitindo apenas o momento em que viu um homem de olhar dócil e diferente falando.

À medida que a filha falava, Fagundes ia perdendo a cor do rosto.

– Foi isso o que aconteceu – rematou Antônia de cabeça baixa, enxugando algumas lágrimas.

Fagundes ergueu-se e saiu chutando o que encontrava pela frente, esmurrando as paredes e falando coisas ininteligíveis.

– Calma! Doutor. Não adianta ficar assim, pois o senhor também poderá ser prejudicado – alertou a empregada, fitando Antônia de viés. – O senhor conhece muito bem seus amigos.

A moça ergueu-se, pediu licença e foi para o seu quarto.

Ester ficou sem saber o que fazer. Chamou a empregada geral da casa, que já havia chegado, e pediu:

– Por favor, Luíza, tome de conta do doutor. Irei fazer companhia a Antônia.

– O que houve por aqui? Desde ontem, quando a senhorita Antônia acompanhou aqueles homens, senti que estava acontecendo algo desagradável – comentou a outra empregada da família.

– Depois conversaremos sobre esse assunto. Agora, cuide do doutor, está certo?

Ester correu em direção ao quarto de sua patroa, encontrando-a de pé, na janela, olhando não se sabe o quê.

– Antônia, você está bem?

– Estou.

A moça deixou a janela e sentou-se na cama. Logo, fez um gesto para a empregada sentar-se e começou a falar. Ela narrou que havia visto por alguns segundos um homem que parecia um anjo, semelhante a Jesus.

Ester ergueu-se de repente, como se duvidasse da sanidade da moça.

– Sente-se, Ester. Não estou maluca e realmente aconteceu tudo que lhe narrei – disse a moça com calma.

– Não consigo acreditar nisso, senhora!

– Eu também não, mas é verdade que o vi durante alguns segundos.

Ambas ficaram algum tempo em silêncio.

– Quando tentei dormir, ontem à noite, eu vi meu amigo Rômulo sorrindo e me dizendo que tudo que havia ocorrido já estava previsto – comentou a moça de repente.

– O quê? – espantou-se a empregada. – Isso é coisa de Espiritismo!

– Ainda me disse para não me preocupar, pois estava acompanhado de um amigo muito bom – completou a moça.

Ester ergueu-se e foi até a janela; depois voltou e novamente se sentou ao lado da moça.

– Apesar de saber que não estou maluca, vou me consultar com um especialista no assunto, porque nunca acreditei em sonhos, principalmente nesses pesadelos que sempre tive e que agora se acentuaram.

– Mas se a senhora tem certeza do que sonhou e viu em estado de vigília, não vejo motivo algum para se consultar com um especialista em doenças mentais. – comentou a empregada. – Além disso, já foi confirmado que a senhora deve ter uma faculdade anormal, provado com a morte de sua mãe que esses pressentimentos se tornam realidade.

– Apesar de ter certeza de que não estou doente, tenho de tirar essas dúvidas que me tornam diferente – comentou a moça, com o olhar fixo em algo invisível.

– Patroa, não é no consultório de um médico que a senhora vai tirar suas dúvidas.

– O que você quer dizer com isso, Ester?

– Não sei. Entretanto tenho certeza de que a ciência ainda não encontrou respostas eficazes para desvendar o universo que constitui um cérebro humano – respondeu Ester, pensativa e falando com muito cuidado.

– Além disso, ainda não existem meios de comprovar esses fenômenos que estão acontecendo consigo.

– Onde você aprendeu tudo isso? – indagou Antônia, surpresa com os conhecimentos de sua empregada.

– Senhora, sou uma simples empregada, mas estudo e leio e, portanto, sou bastante informada – respondeu a amiga com um sorriso de satisfação pelo elogio da escritora.

– Parece-me que você domina o assunto relacionado com essas coisas esquisitas que estão acontecendo comigo – insinuou a moça, encarando a empregada.

– Não sei muito, porém pelo pouco que tenho aprendido através do estudo desses fenômenos, entendo que a senhora não está maluca. Todavia isso não a impede de consultar um especialista, apesar de saber que não vai encontrar respostas plausíveis para esse assunto, a não ser que...

– A não ser que...

– ... o médico também seja um profissional estudioso desses fenômenos, conforme a Doutrina codificada na França pelo senhor Allan Kardec – respondeu a empregada satisfeita.

– O Espiritismo?

– Exatamente.

A empregada ergueu-se e pediu licença para se retirar, com a finalidade de saber como estava o patrão, que se mostrou bastante agitado com os últimos acontecimentos envolvendo sua filha.

Quando Ester abriu a porta para sair, ouviu a escritora dizer:

– Apesar de não acreditar nessas coisas, nós precisamos conversar um pouco mais sobre tudo que você me informou.

– Quando quiser, patroa – confirmou a empregada com um sorriso satisfeito estampado no rosto simpático, saindo e fechando a porta.

CAPÍTULO VII - ANTÔNIA E O ESPÍRITO RÔMULO

A cidade espiritual era constituída por belos prédios, todos construídos em vários estilos e modelos. As ruas simétricas eram ladeadas por árvores floridas, lagos e bosques. Pessoas transitavam àquela hora e pássaros brincavam nas fontes espalhadas pelos logradouros públicos. As praças serviam como opções de lazer aos espíritos errantes que foram abrigados com o objetivo de aprender, servir e recuperar-se dos problemas adquiridos em suas existências e da maneira como desencarnaram.

Uma das praças era rodeada por belos jardins e pequenas palmeiras dispostas de maneira que adornavam uma vereda semelhante a um passadiço, ligando o lugar destinado ao lazer a um imenso prédio, onde funcionava o principal hospital responsável pela recuperação dos doentes. Flores e palmeiras eram tangidas por um vento agradável, que conduzia consigo uma paz envolvendo as pessoas que se encontravam conversando naquele logradouro. O dia começava a perder sua claridade habitual, porque do Sol restavam apenas réstias de luz que os olhos vislumbravam ao longe no horizonte.

Num banco da linda e confortável praça estava sentado um rapaz com ar cansado, porém alegre, como se aquele mal-estar houvesse lhe trazido a liberdade, a vida.

Um senhor de vestes à moda romana, da época dos imperadores, sorria, fitando o rapaz que mantinha o aspecto fraco, como se estivesse se recuperando de alguma doença.

– Rômulo, assim que você se recuperar, temos muito que fazer na Terra do Cruzeiro – dizia o homem que estava sentado ao seu lado, com seu ar bonachão.

– Cornélio, já faz alguns meses que tudo aquilo me aconteceu, porém ainda não consigo esquecer.

– O que você acha difícil esquecer, meu amigo Rômulo?

– A Cláudia, atualmente Antônia – respondeu o rapaz, sentindo certa dificuldade em falar e com ar sério.

Cornélio era um homem de meia idade, branco, com olhos azuis, nariz afilado, cabelos louros e cacheados e com gestos bondosos. Ele ergueu-se, postou-se defronte ao amigo e disse-lhe:

– Rômulo, vocês já reencarnaram várias vezes juntos, e não se esqueçam que o motivo é tentar cumprir com as ordens da cruzada, ou seja, da Cidade Espiritual Luz do Mundo à qual pertencemos.

– Eu sei disso, amigo – concordou Rômulo com o olhar perdido no horizonte, por onde escapavam os últimos raios do astro-rei. – Mas não consigo me esquecer de que Antônia e Fagundes correm sérios perigos.

– Não se esqueça de que assim como você sacrificou a própria existência em nome da liberdade da pátria do cruzeiro, todos aqueles que ainda estão lá, cumprindo direta ou indiretamente suas tarefas de redenção, terão de passar por momentos difíceis.

– Meu amigo, leve-me até Antônia. Acho que ela está desperta – pediu o rapaz, após pensar por uns momentos.

– O que você quer com ela? – perguntou o amigo com cuidado, para não ser indiscreto.

– Quero deixá-la mais tranquila, mostrando que nós estamos vivos, principalmente você, que ela confundiu com Jesus quando estava havendo o meu desenlace, por ocasião do fim de minha existência.

– Será que você vai conseguir passar essa mensagem?

– Claro, Cornélio. Você se esquece de que Antônia tem uma extraordinária percepção extrassensorial, capaz até de prever o que ainda vai acontecer? – rebateu com um sorriso simpático o rapaz.

– Não. Aliás, desde que a conheço, principalmente na época em que era Cláudia Prócula, já sabíamos que ela já tinha esse dom.

– Então não vejo problema em tentarmos falar com ela aqui, do lado espiritual. – Rematou Rômulo.

– Vamos! – concordou Cornélio, após pensar um pouco.

Antes de adentrarem na residência da moça, eles tiveram o cuidado de se certificarem de que não estavam sendo indiscretos, principalmente para não invadir a privacidade da moça. Em seguida, com a permissão dos espíritos benfeitores, entraram no quarto de Antônia e depois se aproximaram do leito.

Rômulo olhou com simpatia para a moça que estava deitada no rico leito e ficou observando se a mesma se encontrava fora do corpo.

– Ela já está no corpo, pronta para despertar, portanto fica mais fácil entrarmos em contato com ela – comentou o rapaz, fitando o amigo que estava com os braços cruzados e um sorriso de compreensão. – Ela deve ter feito alguma atividade enquanto estava fora do corpo, pois há indícios de cansaço no seu corpo espiritual.

– Antônia! – chamou Rômulo com cuidado, para que a moça não saísse bruscamente do corpo.

De repente os homens notaram que ela se erguia, enquanto seu corpo físico permanecia deitado. A moça caminhou pelo quarto, olhou para o leito e, surpresa, observou alguém em pé.

– Estranho. Parece que alguém estava esperando-me – disse a moça para si mesma.

Aproximou-se e verificou com alegria que era seu amigo Rômulo que a fitava com um sorriso.

– Olá, meu amigo Rômulo! – cumprimentou ela abraçando o espírito e apertando-o no peito.

Em vez de responder ao cumprimento, Rômulo apenas a abraçou e começou a afagá-la com carinho.

– Parece-me que você já está bem.

– Sim. Estou muito bem, mas bastante preocupado com você.

A moça olhou de lado, viu o amigo de Rômulo e imediatamente perguntou:

– Quem é este senhor?

– Você não se recorda dele?

– Não.

– É o Quinto Cornélio.

A moça pensou, ergueu-se, fitou o homem de perto e o cumprimentou.

– Não o conheço, porém já o vi – falou a moça, pondo a mão na testa, como se quisesse lembrar-se de onde conhecia aquele homem.

Cornélio permaneceu calado, sorrindo.

– Agora me recordo! Foi quando eu pensei que você havia morrido e ele apareceu, me deixando confusa – falou a moça, com ar de satisfação no rosto.

Os dois Espíritos se entreolharam e se entenderam, principalmente quando Cornélio passou uma mensagem mental sem que a moça notasse que eles conversavam.

– Ela pensa que você ainda está no mundo material – comentou Cornélio, entendendo a situação confusa da moça.

Rômulo fez um gesto afirmativo com a cabeça e fitou a moça.

– Você é Jesus, conhecido como aquele que entregou o corpo em sacrifício para nos salvar? – indagou a moça, segurando as duas mãos do espírito Quinto Cornélio.

O Espírito sorriu e pôs a mão no ombro da moça. Depois ergueu os olhos para o alto e disse:

– Você está se confundindo, Cláudia.

– Por que você me chama de Cláudia?

– Perdoe-me. Esqueci-me que agora você é denominada Antônia – corrigiu o homem parecido com um romano antigo, mantendo um sorriso de bondade.

O Espírito pôs um dos braços ao redor dos ombros da moça e explicou:

– Um dia, num passado muito distante, você foi conhecida como Cláudia, esposa do governador da Judeia, Pôncio Pilatos. Por favor, nos perdoe o engano.

– Não estou entendendo absolutamente nada, senhor – declarou a moça surpresa. – Conheço a história desse romano covarde, responsável pela sua crucificação.

– Não sou Jesus Cristo, senhorita – esclareceu Cornélio com voz calma e educada, porém enérgica. – O nosso irmão maior, Jesus de Nazaré, e filho bem amado do Senhor do Universo, veio ao mundo nos ensinar o que devemos fazer para alcançarmos o Reino de Deus, e eu sou apenas um Espírito imperfeito e endividado com as Leis do Senhor. Sou um desses Espíritos que está tentando caminhar em direção ao Seu Reino.

Antônia estava em silêncio, com ar de adoração, olhando aquele homem, enquanto se lembrava de parte da história que envolvia o filho bem amado de Deus.

Rômulo alternava o olhar entre a moça e o amigo, sentindo uma sensação horrível que lhe abalava o ser.

– Está sentindo algo, Rômulo? – perguntou Cornélio, preocupado com a saúde do amigo.

– Não. Aliás não sei informar exatamente o que senti enquanto você falava sobre o Mestre – respondeu o amigo, baixando a cabeça. – Abateu-se

sobre mim um sentimento de culpa tão grande que lutei para não gritar a minha covardia.

– Calma, meu irmão. Jesus está conosco e já nos perdoou pelos erros que cometemos aquela época remota – disse o Espírito Quinto Cornélio.

– Do que vocês estão falando? – indagou a moça sem entender o diálogo estabelecido entre aqueles homens.

Cornélio olhou de viés para o rapaz, pedindo que ele explicasse um pouco do que houve com eles na época de Cristo.

– Antônia, na época em que Jesus esteve encarnado no mundo material, nós fizemos parte daquela história, principalmente quando deixamos que ele fosse julgado e condenado pelo nosso conhecido Pôncio Pilatos, procurador romano, seu esposo – explicou o amigo Rômulo.

A moça baixou a cabeça, depois a ergueu e fitou diretamente os olhos de Cornélio.

– Sim. Agora me recordo do tempo em que eu era a poderosa mulher do governador da Judeia – comentou a moça surpresa com a lembrança.

– Fui o escravo preferido do governador e sabia que o Mestre não havia feito nada que o levasse ao monte da caveira para ser crucificado – confessou Rômulo com lágrimas nos olhos.

– Quanto a mim, eu era o primeiro centurião do governador da Judeia e Samaria – revelou o Espírito Cornélio.

– Por que você se acha culpado pela crucificação de Jesus? – perguntou a moça, com olhar curioso.

– Pôncio Pilatos encarregou-me de vigiar as ações de Jesus de Nazaré por vários meses. Nada encontrei que justificasse a sua condenação à crucificação, mas não tive coragem de interferir no momento em que o governador praticamente foi obrigado a condenar o Mestre – explicou o Espírito Cornélio.

– E eu, como sua esposa, sabia que aquele homem era justo e filho de Deus, pois fui informada a tempo por uma mulher que era considerada uma pessoa de confiança da família dele: Maria de Magdala – falou Antônia, baixando a cabeça.

– Antes dos acontecimentos Jesus já sabia que nós faríamos parte da história; portanto não nos deixemos envolver por pensamentos de arrependimentos, pois somos aqueles que o Mestre colocou em Seu caminho para continuarmos testemunhando Sua vinda ao mundo –

contemporizou Quinto Cornélio, o primeiro centurião de Pôncio Pilatos, na época do apostolado de Cristo.

A moça permaneceu quieta, talvez recordando tudo que acontecera no tempo em que Jesus fora julgado pelo marido Pôncio Pilatos, na Torre Antônia.

Caro leitor, eu, autor espiritual desta obra, reencarnei naquele tempo e fui testemunha de tudo que narro, porque vivi naquela época e pertencia a uma casta senhora do certo e do errado, contanto que lhe conviesse, seja por dinheiro ou poder. Eu era senador dos Judeus, mas fui relegado porque acreditava naquele homem, tanto que passei a seguir seus ensinamentos em todas as minhas existências posteriores, errando novamente, pois ainda não entendia que Jesus trouxera à Terra o verdadeiro amor ao próximo. Foi horrível o que aconteceu com o Mestre Jesus, principalmente quando Ele expirou na cruz, exatamente às quinze horas. Vi o véu do templo se rasgar ao meio, a terra escurecer e o ribombar de trovões, como se naquele momento o Senhor do Mundo estivesse avisando que Seu filho bem-amado havia cumprido com a missão que lhe fora dada e daí em diante a humanidade guardaria para sempre a culpa em suas consciências e o pavor de haver cometido o maior crime hediondo conhecido no mundo até hoje.

– Senhora, acorde!

A moça passou alguns minutos antes de voltar ao corpo e responder à empregada, que naquele momento a chamava.

– Senhoral

– O que houve, Ester? – indagou a moça, abrindo os olhos com um semblante alegre.

– Já é tarde.

Antônia permaneceu deitada por alguns minutos, enquanto sua empregada abria as cortinas do amplo quarto e comentava em voz alta:

– Ainda era muito cedo, quando o seu pai recebeu a visita de uns militares, e depois os acompanhou.

– O que eles queriam com o papai? – perguntou a moça, erguendo-se da cama e aproximando-se de Ester, com o olhar aflito.

– Não sei.

– Ester, depois do que fizeram ao meu amigo, não confio mais nessa gente – disse a moça, espreguiçando-se. – Vou me preparar para comer algo e começar a trabalhar.

A moça sentou-se na cama e ficou pensativa.

Ester sentou-se ao seu lado e ficou em silêncio, mas sabia que algo havia acontecido com sua patroa. “Vou esperar que ela me conte o que aconteceu”, pensava Ester.

– Tive um sonho muito bom, mas esquisito – comentou a moça, fitando uma das janelas que estava aberta.

– Posso saber o que a senhora sonhou desta vez?

A moça sorriu, ajeitou-se na cama e narrou praticamente na íntegra, o que havia sonhado.

À medida que Antônia narrava o sonho, Ester ficava pálida, pois achava que a sua patroa deveria procurar recursos imediatamente, para esclarecer o que estava acontecendo, pois não achava nada daquilo normal.

– Bem, patroa, mesmo que seja apenas um sonho, isso já está se tornando perigoso, pois tudo que a senhora sonha me deixa assombrada – comentou Ester com os olhos arregalados. – Imagine outra pessoa ouvindo o que a senhora terminou de narrar, principalmente essas coisas que envolvem Jesus!

– Apesar de saber que não estou ficando maluca, tenho de procurar alguém que me explique esses acontecimentos, principalmente esses sonhos – falou a moça, erguendo-se.

– A senhora disse que conversou com o Rômulo, como se ele estivesse vivo? – questionou a empregada, como se quisesse ouvir essa parte novamente.

– Sim, ele estava vivo como nós – confirmou a moça, sorrindo despreocupada e feliz por saber que o amigo não havia morrido.

Enquanto ocorria o diálogo entre as duas mulheres, Cornélio e Rômulo, que ainda estavam no ambiente, ouviam o comentário.

– Realmente é muito difícil acreditar que exista outro mundo; aliás, o verdadeiro mundo – comentou Cornélio, sorrindo.

Rômulo permaneceu em silêncio, ouvindo o amigo com lágrimas nos olhos, externando sua alegria de saber que a amiga estava bem.

– Já se passaram vários séculos desde o sacrifício do Mestre e, até hoje, o homem não entendeu a mensagem Dele, quando disse a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo” – rematou Cornélio, fitando o amigo e convidando-o a retirar-se do ambiente.

CAPÍTULO VIII - ANTÔNIA É PEDIDA EM CASAMENTO

No início da tarde soprava um vento morno, porém agradável, que obrigou Antônia, que estava escrevendo, a erguer-se, abrir as janelas do quarto e afastar as cortinas, enquanto com ar satisfeito pensava: “Acho que daqui a alguns meses tenho condições de procurar uma editora e apresentar o meu livro”. Olhou o relógio de cabeceira e disse para si em voz alta:

– Meu Deus, quase duas horas da tarde e eu ainda não comi nada. Vou descer e fazer um pequeno lanche, pois não estou com fome suficiente para almoçar.

Ao descer de seu quarto, a moça ouviu vozes de pessoas conversando e observou que era seu pai conversando alegremente no alpendre com o general Otaviano.

– Olá, filha!

– Olá, pai! Eu pensei que o senhor já tivesse ido trabalhar.

– Não. Eu e o general estamos conversando sobre um assunto muito importante e interessante – disse o pai erguendo-se e caminhando em direção a ela, abraçando-a. – Seria muito bom para nós que você participasse de nossa conversa.

O general ergueu-se, curvou-se, tomou a mão da moça e com educação e respeito beijou-a, demonstrando satisfação no olhar ao cumprimentá-la.

– Filha, por favor, sente-se um pouco.

– Pai, preciso comer algo, pois ainda não almocei – desculpou-se a moça.

– Tudo bem. Mas venha conversar um pouco conosco quando terminar sua refeição. O Otaviano tem um assunto muito importante para tratar que é do seu interesse – pediu o pai, olhando o militar com ar de cumplicidade e piscando imperceptivelmente um olho.

A moça, que era muito inteligente, pensou, sorriu, pediu licença e foi até a cozinha, onde se encontrava Ester, que foi logo dizendo:

– Menina, desde cedo que a senhora não se alimenta.

– Ora, Ester! Eu não estava com fome; além disso, estou no meio de um capítulo muito interessante do meu livro e não posso interrompê-lo, bruscamente, senão perco a inspiração – comentou a moça com um sorriso, sentando-se, enquanto esperava que a empregada providenciasse algo para ela comer.

Ester aproximou-se, em determinado momento, da moça e falou em voz baixa:

– A senhora já observou quem está conversando com o seu pai?

– Já. Falei com ele.

– Não gosto desse homem.

– Eu também não, mas também não tenho nada contra ele – falou a moça sorrindo. – Papai disse que eles têm um assunto para tratar de meu interesse.

Ester silenciou e começou a preparar a mesa.

– Por que você parou de conversar de repente? – indagou a moça curiosa.

– Não se pode esperar que venha nada de bom desse homem esquisito – comentou a empregada.

– Também, você só pensa o pior a respeito dos outros.

– Já não está mais aqui, quem falou, patroa – retrucou a mulher com um trejeito nos lábios.

Após mais ou menos uns trinta minutos, Antônia sentou-se ao lado do pai e foi direto ao assunto:

– Pronto, senhores. Qual o assunto que querem conversar na minha presença? Posso saber?

Os homens se entreolharam, como se falassem uma linguagem cifrada enviada pelos olhos.

Fagundes respirou profundamente, talvez pedindo a Deus coragem para iniciar o assunto, que era de sua responsabilidade.

O general que não relaxava sua pose de militar remexeu-se na cadeira, depois cruzou as pernas e baixou a cabeça fitando algo no piso, que somente ele enxergava.

– Filha, o Otaviano é viúvo e ainda muito jovem. Ele conseguiu o posto de general por merecimento – Fagundes tentou relatar uma pequena biografia do amigo.

A moça com seus olhos inteligentes fitaram de soslaio o militar e sorriu, como se já soubesse o que viria pela frente.

– Continue, pai.

– Bem, o Otaviano está apaixonado por você e, agora, tive o prazer de ouvi-lo pedindo você em casamento – completou o pai, como se quisesse se livrar daquela missão desagradável.

A moça fitou os olhos do militar e respondeu, com educação e evitando os preâmbulos:

– Senhor, estou satisfeita e muito lisonjeada com seu pedido de casamento.

– Senhorita... – tentou falar o militar, porém foi interrompido pela moça.

– Entretanto eu não posso aceitar seu pedido, porque não o amo e namoro um rapaz que se encontra fazendo um estágio em outro país – explicou a moça, ficando séria e mantendo o olhar firme no rosto do militar.
– Sendo assim, peço que me desculpe se for possível.

O militar ergueu-se, passou a mão na farda, como se quisesse mantê-la impecável, caminhou e depois parou defronte a Antônia.

– Senhorita, eu não estou acostumado a receber um “não”. Portanto me considero ofendido, porque um homem de minha posição não pode ser preterido, principalmente por uma pessoa que não está a minha altura – rebateu o general, encarando a moça, talvez orgulhoso de sua situação e posição no cenário político do país.

A moça ergueu-se e manteve seu olhar nos olhos do general. Ela respirou e disparou:

– O que o senhor pensa que é, excelência? O senhor não precisa me responder, porque eu vou poupá-lo dessa resposta. – Disse a moça, sem deixar o militar falar.

Antônia respirou profundamente, como se quisesse buscar coragem suficiente para continuar falando.

– O senhor é apenas alguém que pertence a um poder supostamente legal; entretanto, para nós, o povo, os senhores são apenas usurpadores do poder, pois não foram eleitos legalmente – desabafou a moça, tentando controlar a voz e a tensão.

O homem ficou lívido de ódio e, olhando de soslaio para o Dr. Fagundes, notou que o mesmo estava pálido e não tinha coragem de acudi-lo naquele momento tão difícil.

– Há quase três meses fui testemunha de uma tortura bárbara acontecida nos porões imundos da ditadura, e lá percebi o que os senhores são capazes

de fazer com um cristão – prosseguiu a moça, tentando segurar as lágrimas.
– O que vi não se faz nem com um animal, imagine com um ser humano.

A moça fez uma pausa que ninguém ousou interromper, sendo observada de longe pela empregada, que estava escondida por trás de uma coluna.

– Nessa tortura que presenciei mataram um rapaz, e mesmo que fosse culpado de algum crime, ele teria o direito de ser julgado e depois condenado se fosse o caso, conforme a lei – prosseguiu a moça, sentindo que as lágrimas desciam pelo seu belo rosto.

Antônia tentava conter o soluço, porém não conseguia. Ela passou as duas mãos no rosto, tentando enxugar as lágrimas que desciam ao lembrar-se da tortura à qual fora submetido seu amigo Rômulo.

– Sendo assim, nem que o senhor fosse a última pessoa da face da Terra, eu me casaria com vossa excelência. – finalizou a moça.

Ela girou nos calcanhares e, antes de se dirigir aos seus aposentos, falou sem olhar para o rosto do general:

– Sei que os senhores são vingativos; portanto apenas pedirei que não se vinguem em meu pai ou em alguém de meu rol de amizades.

A moça desapareceu do alpendre, enquanto os homens não sabiam o que fazer naquele momento crítico.

“Agora posso me despedir da indicação para ser governador do meu Estado”, pensava Fagundes de cabeça baixa, tentando se acalmar e entendendo a gravidade da situação que a filha criara.

“Vou acabar com essa gente até a última geração. Jamais fui tão humilhado em toda minha vida”, também pensava o militar, trêmulo de ódio.

– Otaviano, vamos conversar? Tente desculpar a minha filha, pois ela não está bem psiquicamente – tentou contemporizar o fazendeiro.

O militar girou nos calcanhares, fitou o político e avisou, com ar completamente desequilibrado:

– Esqueça a possibilidade de um dia ser governador com o nosso apoio!

Sem se despedir, o general caminhou em direção ao seu carro, que já estava de porta aberta e com o seu ordenança esperando-o.

Enquanto isso, no quarto, Antônia deitou-se de costas e ficou com o olhar fixo no teto. De repente ela notou que sua empregada estava de pé, junto à cama, observando-a em silêncio.

– Patroa, eu ouvi o que a senhora falou – comentou Ester, sentando-se ao lado da moça e acariciando suas mãos, com ternura de mãe. – Foi justo o que aquele homem ouviu da senhora.

Antônia sentou-se na cama e permaneceu alguns minutos em silêncio, talvez pensando no que aconteceu consigo e o general. Ela fitou a empregada particular e desabafou:

– Acho que me precipitei e fiz tudo errado.

– Não penso assim. Eu acho mesmo que esse homem merecia que alguém o colocasse em seu lugar – rebateu Ester com ar de quem estava satisfeita com o fora que a patroa havia dado ao general.

– Ester, você se esquece que agora esse cidadão, junto com seus companheiros, podem fazer retaliações contra nós – explicou a moça, pensativa.

– Acho que não. Apenas a senhora não aceitou o pedido de casamento e como ele não aceitou a sua resposta, ofendeu-a brutalmente – comentou a empregada.

– Mas eu deveria ter me contido, pois o meu pai pode ser prejudicado com esse episódio.

– A minha opinião a respeito de seu pai é que ele deveria cuidar dos negócios dele – declarou em voz baixa a empregada. – O Dr. Fagundes é um homem rico; além disso, assumiu o controle total da herança que a dona Heloísa havia recebido da família; sendo assim, ele não precisa de mais dinheiro e nem poder, pois tudo isso ele já tem.

– Ah! Como eu queria que o meu pai entendesse tudo isso que você falou – disse a moça suspirando. – O dinheiro e o poder são os piores vícios da humanidade, os causadores da desgraça de pessoas, cidades, estados e países.

Caríssimo leitor, o que Antônia disse é uma verdade. Infelizmente, nós, Espíritos inferiores, ainda precisamos ardentemente da matéria, esquecendo-nos dos verdadeiros valores, aqueles que permanecerão conosco após a morte do corpo material. Como somos Espíritos dominados pelas imperfeições, principalmente pelo orgulho, egoísmo, avareza e ingratidão, a tendência é os fracos sofrerem os reveses das existências, enquanto aqueles a quem Deus emprestou bens e poderes se aproveitam da situação e causam uma comoção social, política e religiosa no mundo, principalmente nos afastando de Deus, em detrimento à servidão a Mamom,

o deus pagão que os antigos adoravam. Na minha penúltima existência na Terra como sacerdote, pude ver claramente a diferença entre os espíritos imperfeitos, quando o assunto é dinheiro e poder. Em quantas pessoas vi os micróbios da varíola acabando com o seu corpo físico e elas continuavam agarradas à matéria, até mesmo depois do corpo ser enterrado em valas, por ocasião da epidemia. Enquanto senador dos Judeus na época de Cristo, eu não sabia diferenciar o poder e o dinheiro, porque as verdades que Jesus nos deixou ainda não tinham chegado às minhas mãos. Sofri terrivelmente ao longo de minhas várias existências, mas bendigo esse sofrimento, porque ele me ensinou a conhecer uma das máximas do Nazareno: “A César o que é de César e a Deus, o que é de Deus”. Escondido numa das vielas de Jerusalém, blasfemei quando vi Jesus Nazareno, Rei dos Judeus, título ironicamente gravado numa placa posta na cruz, por ordem de Pôncio Pilatos, carregar sobre as costas delgadas e frágeis o madeiro pesado no qual mais tarde seria crucificado e posteriormente imortalizado como aquele que deu a vida para salvar a humanidade. “Por que esse homem que tanto poder detém do céu e da Terra não se livra desse fardo e fulmina seus algozes?”, pensei agoniado com o sofrimento injusto daquele homem, que um dia conversou comigo sobre as coisas de Deus. Hoje, entendo que Jesus já não pertencia ao mundo da matéria, e sim, ao mundo mental, próprio dos espíritos puros, os verdadeiros filhos de Deus.

O Sol parecia desmaiar no horizonte, quando os primeiros sinais da noite invadiram aquela próspera região.

Antônia que ainda não havia se recuperado do episódio ocorrido no início da tarde ouviu alguém bater na porta. Em seguida seu pai adentrou o quarto, mesmo sem esperar uma autorização, completamente desfigurado e respirando com dificuldade, preocupando a moça, que se ergueu e aproximou-se do homem indagando-lhe:

– O que houve, pai?

O fazendeiro caminhava inquieto pelo quarto da filha, mas logo depois se aproximou e respondeu-lhe:

– Não sou mais um dos indicados ao governo do Estado. Fui preterido por outro nome.

A moça abraçou com carinho o pai e com muito cuidado fez com que ele se sentasse numa confortável cadeira.

Após um minuto em silêncio, a moça ficou de joelhos diante do pai e o encarou, enquanto falava:

– Pai, o senhor não precisa ser governador e nem de mais dinheiro, pois somos ricos.

– Você não entende. Eu precisava desse cargo para garantir nossa fortuna e negócios – explicou o homem pensativo.

– Acho que devemos nos afastar dessa gente e cuidar dos nossos interesses, pois somente assim iremos ter um pouco de paz – comentou a moça, abraçando o pai.

Antônia sabia que não estava convencendo o pai, pois o espinho da insatisfação já o havia ferido e contaminado com a ambição de nunca se satisfazer com nada.

Após melhorar, o homem ergueu-se, beijou a filha e alertou-a, antes de sair do quarto:

– Cuidado, minha filha. Tenha muito cuidado.

– Não se preocupe comigo, pai.

Fagundes deixou o quarto e mandou o motorista preparar seu carro, pois iria visitar o general Otaviano.

CAPÍTULO IX - ANTÔNIA E O NAMORADO

Tudo voltou ao normal na residência do Dr. Fagundes, após o episódio do dia em que o general Otaviano pediu a mão de Antônia em casamento.

Antes de escurecer totalmente, Antônia se preparava para sair, enquanto sua empregada a observava sem fazer perguntas, porém desconfiada, pois já sabia o destino da moça.

– Ester, eu não vou me demorar porque ainda preciso terminar esse capítulo que está me deixando curiosa – avisou Antônia, olhando-se no espelho e sorrindo, demonstrando no semblante que estava contente com algo que somente ela tinha conhecimento.

– Por favor, patroa, tome muito cuidado. Já está escurecendo e a senhora sabe muito bem que devemos ter cautela depois do que aconteceu naquele dia – disse a empregada, aproximando-se da patroa e ajudando-a a vestir-se.

– Não se preocupe com isso, minha adorada amiga – pediu a moça, encarando a mulher.

– Sei que a senhora está indo visitar seu namorado que chegou do exterior, onde se encontrava estudando ou fazendo um estágio sobre um assunto muito perigoso.

– É isso mesmo que irei fazer, vou ao encontro dele – confirmou a moça sorrindo, rodopiando de frente ao espelho e verificando como estava vestida.

– O meu pai nunca aceitou nosso relacionamento, impedindo que ele frequente a nossa casa.

– Temo que seu pai tenha razão – confirmou a empregada com um gesto de cabeça.

– Por quê? – indagou a moça, voltando-se e ficando de frente para a empregada com ar surpreso e desafiador.

– A senhora sabe muito bem que esse rapaz, com a desculpa de que estava fazendo um estágio ou estudando no exterior, foi especializar-se em outra coisa – comentou Ester, fitando a patroa como se estivesse informando-a que sabia de tudo.

– O que você está insinuando mulher de Deus? – inquiriu Antônia pálida e procurando se controlar.

– Não estou insinuando nada. Estou falando sobre o que vi escrito num panfleto que a senhora esqueceu sobre sua mesa de trabalho – rebateu firme a empregada, afastando-se em direção à porta.

– Ester!

– Sim, patroa?

– Você não é paga para me espionar.

– Sei perfeitamente qual a minha tarefa nesta casa; todavia não posso ficar alheia aos acontecimentos que põem em risco a vida de meus patrões, principalmente a da senhora, que considero como minha filha, pois a conheço desde criança – disse a empregada com a cabeça baixa.

Antônia emocionou-se com a resposta de Ester, aproximouse e em silêncio a abraçou.

– Isso é muito sério, e você sabe que posso perder o Renato para essa maldita revolução se eles sonharem que namoro um guerrilheiro – justificou a moça, segurando forte o braço de Ester.

– Por que a senhora não se livra desse problema enquanto é tempo?

– Você está ficando maluca? É o meu namorado! Aliás, muito mais do que um simples namorado, ele é o homem que amo e vou lutar para me casar com ele, entendeu? – rematou a moça com voz enérgica, quase gritando.

– Certo, senhora – anuiu a empregada, notando que a patroa havia se desequilibrado ao ouvir a verdade.

– O que mais você sabe?

– Nada.

– Se o Renato for preso, eu já sei que foi você que o denunciou – declarou a escritora com ar desafiador.

– Por que a senhora está tão nervosa?

– Não estou nervosa.

– Está, sim. A senhora sabe que se o Otaviano descobrir isso, todos nós iremos pagar muito caro a humilhação que a senhora o fez passar quando rejeitou o pedido de casamento dele.

Antônia baixou a cabeça, pensou, depois fitou a empregada e disse:

– Ester, se eu tiver de pagar um preço alto por estar amando o Renato, que é um revolucionário, não hesitarei em sofrer as consequências dos meus atos.

– Patroa, já não está mais aqui quem falou – disse a empregada encaminhando-se à saída.

– Ester!

– Sim, patroa?

– Lembre-se que nós devemos guardar esse segredo que põe em risco a minha vida e a do Renato – falou a escritora segurando o braço da empregada.

– Não se esqueça também de seu pai, senhora – lembrou Ester fitando os olhos da patroa com ar apreensivo.

“Amo o Renato do jeito que ele é, e não tenho coragem de romper o nosso namoro somente por causa do ideal dele, que, aliás, é o meu também”, pensava a moça caminhando pelo quarto, parando em frente à serviçal e ficando em silêncio.

– Minha patroa, eu a amo como uma filha e não suportaria vê-la sofrer por causa dos enganos que os nossos corações nos pregam.

– O que você quer dizer?

– Acho que a senhora não ama esse rapaz. Para mim, tudo isso não passa de um simples engano ou uma empolgação por ele estar desafiando o regime de governo – respondeu Ester com lágrimas nos olhos. – Possivelmente, acredito que a senhora está confundindo amor com admiração.

– No que você se baseia, criatura, para dizer isso? – perguntou a moça aflita.

– Já fui vítima do meu próprio coração e aprendi que devemos tomar muito cuidado com essas pieguices.

– Isso não é pieguice, Ester.

– A senhora é quem sabe o que deve ou não fazer – finalizou a empregada, abrindo a porta e desaparecendo.

– Tenho certeza de que amo o Renato – disse a moça para si, em voz baixa e sem muita convicção.

Após uma hora, Antônia encontrava-se sentada numa cadeira tosca, defronte a um rapaz magro, alto, barbado e com cabelos e olhos castanhos escuros, que não parava de ir até a janela, como se estivesse esperando alguém.

– Calma, Renato!

– Antônio, eu não posso ficar calmo, depois que eu soube o que aconteceu aos meus companheiros – falou o rapaz, encarando a moça com seus olhos inteligentes e inquietos.

– O que você soube?

– Que três dos nossos companheiros de luta foram torturados até a morte – respondeu o rapaz com ar de quem estava assustado, quase entrando em pânico, causando incômodo à namorada.

Antônia baixou a cabeça e fitou o piso miserável daquele lugar. Depois se ergueu, encarou o namorado e disse-lhe:

– Se você tem medo de enfrentar sua luta, então por que se meteu a salvador da Pátria? – indagou Antônia, com ar de quem estava furiosa com a demonstração de covardia do namorado. – Quando optamos por levantar uma bandeira contra qualquer sistema, devemos estar preparados para tudo, inclusive para a morte.

– Você está me chamando de covarde?

A moça pensou rapidamente: “Parece-me que Ester tem razão. Acho que eu estava apaixonada pela aventura de namorar um guerreiro, um herói; entretanto vejo que meu sonho acabou. Não estou apaixonada por esse rapaz”. Ela ergueu a cabeça e respondeu-lhe:

– Sim.

– O quê? Você está mesmo me chamando de covarde?

– Sim.

– Querida, isso não é covardia, é precaução – explicou o rapaz, tentando abraçar a moça, enquanto ela fugia de seus braços.

– Pessoalmente, vi o Rômulo, nosso amigo, ser torturado até a morte – afirmou a moça, passando a mão no rosto e enxugando uma lágrima. – Ele gritou, chorou e lágrimas saltaram de seus olhos em virtude das dores das torturas às quais fora submetido, porém em momento algum observei em seu olhar medo ou qualquer tipo de arrependimento por ter se engajado nessa luta.

Renato caminhou até a janela e observou o exterior, tentando se esconder atrás da parede. Em seguida se aproximou da moça e baixou a cabeça.

– Você não sabe o que essa gente é capaz de fazer com alguém que está a serviço de outro governo, como é o meu caso – balbuciou o rapaz, pálido, erguendo a cabeça e fitando a namorada.

– Concordo com você – confirmou a moça com voz seca. – Entretanto também devo lhe recordar que foi você mesmo que procurou esse caminho; portanto seja firme em suas decisões e tente lutar para ganhar essa guerra, que não é fácil, ou então fuja.

– Não é bem assim...

– Se você não queria ser perseguido e se sacrificar pelo seu povo, então por que se meteu nisso? – indagou a moça interrompendo bruscamente o rapaz.

– Você está sendo cruel comigo!

– Engano seu. Só não consigo esquecer o Rômulo morrendo, enquanto cuspi sangue proveniente dos pulmões, por causa da surra que levou com o objetivo de fazê-lo entregar os companheiros – disse a moça ainda revoltada.

Antônia respirou, fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– Acho que você não tem com o que se preocupar, porque o Rômulo não dedurou nenhum de vocês.

A moça se encaminhava em direção à porta, quando ouviu o rapaz dizer:

– Cuidado, Antônia. A porta está sendo vigiada.

Antônia parou e olhou para o ex-namorado. Logo foi até a janela e vislumbrou uns vultos suspeitos se movimentando, como se estivessem se organizando para invadir aquela residência. “Acho que a casa está cercada e não tenho a menor chance de sair daqui sem ser vista por esse pessoal”, pensou a moça, enquanto procurava um meio de fugir dali. “Bem, a culpa é minha, por visitar o Renato”.

– Seja o que Deus quiser, porque vou sair daqui de qualquer jeito – disse ela em voz baixa, abrindo a porta e saindo em direção ao seu carro.

Quando ia entrar em seu automóvel, ela notou que dois homens corriam em sua direção.

– Senhorita!

– Sim?

– O que estava fazendo nesta casa? – indagou um dos homens apontando para a residência.

– Eu estava visitando um amigo – respondeu a moça, tentando se controlar.

Enquanto Antônia era abordada pelos possíveis militares à paisana, outros aproveitaram e entraram na casa. De repente ela ouviu alguém dizer:

– O suspeito fugiu, nem sinal dele. Mas não tem problema, porque nós iremos fazê-lo se entregar – disse a pessoa, aproximando-se e fitando-a com um sorriso cínico.

Um dos homens segurou o braço de Antônia e ordenou-lhe com calma e educação:

– Entre no carro!

Antônia verificou que ele se referia ao carro que havia saído do esconderijo e estacionou perto deles. Ela tentava encontrar uma saída e não achava; portanto não resistiu e entrou na viatura, que tomou um destino ignorado.

Após rodar alguns minutos, entrando e saindo de ruas e avenidas, o carro estacionou. Antônia não pôde identificar onde estava, porque seus olhos foram vendados.

Ela percebeu que entrava num prédio, pois fora obrigada a subir alguns degraus até chegar a um determinado lugar. Obrigaram-na a sentar-se numa cadeira com os braços amarrados para trás. Depois de um tempo, ouviu alguém ordenar:

– Tirem o pano que venda os olhos dela.

Imediatamente o pano que amarraram ao redor de sua cabeça foi retirado.

A moça verificou que estava num lugar desconhecido, parecido com um galpão abandonado, iluminado com a pouca luz que uma lâmpada fornecia. Ela observou que um homem fardado caminhava em sua direção com os braços cruzados.

Antônia fitou o solo sujo daquele lugar e permaneceu em silêncio, pensando: “Sei que vou morrer! Que Deus tenha pena de minha alma!”

Silêncio.

– Aonde o seu namorado se escondeu e quem são os cães comunistas, seus companheiros? – perguntou o militar de braços cruzados.

– Não sei, e mesmo que soubesse jamais o senhor ouviria de minha boca o nome de alguém – respondeu a moça, também com voz calma e decidida.

– Sendo assim, o senhor pode mandar me executar imediatamente, sem precisar perder seu tempo me torturando.

O homem sorriu e após pensar deu-lhe as costas e com um gesto ordenou aos seus subordinados:

– Soltem-na e deixem-na no portão de sua residência.

– Sim, senhor! – anuiu um dos homens, perfilando-se e fazendo continência.

CAPÍTULO X - CLÁUDIA PRÓCULA

Uma chuva fina e irritante caía sobre a cidade naquele início de tarde, e aos poucos o Sol desaparecia entre as nuvens pesadas que prenunciavam mais água. A lama que ia se formando com a areia vermelha trazida pelo vento e pela água da chuva, que caía insistentemente naquela região, tornavam escorregadias as ruas estreitas calçadas com pedras irregulares.

Um homem ainda jovem, aparentando uns trinta anos ou mais, caminhava com passos trôpegos, caindo, principalmente quando escorregava e com uma dificuldade sobre-humana sempre conseguia erguer-se, porém sentia uma dor terrível nos joelhos que ao tombar batiam nas pedras que calçavam a rua estreita, íngreme e sinuosa. Ele vislumbrava a multidão com um olhar bondoso estampado num rosto calmo e belo. Possuía um corpo esbelto, olhos azuis, nariz afilado, rosto bem feito, parcialmente coberto com uma barba, e um aspecto dolorido estampado na face cansada deixava transparecer uma fortaleza jamais vista num ser humano neste mundo inferior. Enquanto caminhava, tentando subir a rua, ele observava com ar triste, sentindo uma dor indescritível, a turba que o acompanhava e também as pessoas que estavam paradas nas margens ou o observavam das janelas e portas de suas casas. Tais pessoas formavam uma espécie de corredor humano com os aspectos satisfeitos, como se, todos ali, estivessem assistindo a um grande espetáculo.

Com um olhar sublime, fixo no invisível, aquele filho de Deus carregava sobre os ombros um pesado madeiro, semelhante a uma prancha grosseira, na qual um dos lados mostrava a casca da árvore que fora abatida para servir como instrumento de tortura para aquele homem. Alguns soldados acompanhavam aquele mártir, chicoteando-o quando caía, obrigando-o a erguer-se. O homem parecia saber qual seria o seu fim, pois havia sido julgado e condenado, porém aparentava estar resignado com sua condenação.

Uma mulher loura, de beleza agressiva e com o rosto coberto por um lenço, corria saltitando sobre as pedras que havia por trás das residências que margeavam a rua, como se estivesse fugindo ou a esconder-se de alguém. Notava-se que ela carregava pesadas pulseiras de ouro e prata nos

braços e antebraços, de modo que não havia dúvida quanto a sua posição social. Era Cláudia Prócula, mulher de Pôncio Pilatos, procurador de Roma e juiz responsável pela condenação de Jesus de Nazaré à morte na cruz.

– Deus dos Judeus, esse homem não merece sofrer e morrer como um cão sarnento, pois Ele é um rei – murmurava a mulher, como se conversasse com alguém.

O condenado que carregava aquela prancha pesada e molhada sobre os ombros, símbolo de sua morte, vislumbrava o mundo de uma maneira totalmente diferente dos outros homens. Ele sofria, mas não demonstrava a dor que sentia pela surra que havia levado dos soldados romanos, pelas torturas, pela chuva que caía sobre seu rosto, pela coroa de espinhos que colocaram em sua cabeça, pela injustiça de seu julgamento, pela traição de um de seus apóstolos e a negação de seu amigo Simão Pedro. Ele sofria, sim, por observar o quanto aquele povo ainda era tão imperfeito para compreender sua mensagem. Ele era Jesus de Nazaré.

Ele caiu. Os cabelos compridos e molhados taparam sua vista, e de repente ouviu a ordem de um dos soldados para que alguém o ajudasse a carregar aquele pesado madeiro. Ao cair novamente sentiu alguém enxugar-lhe o sangue misturado à água da chuva, que escorria pelo seu rosto cansado e cheio de hematomas, ferido pela coroa de espinhos que fora enterrada em sua cabeça à força, até que os espinhos ficassem cravados em sua frente, dando-lhe um ar de rei. “O meu reino não é deste mundo”, disse ele a Pôncio Pilatos, por ocasião de seu julgamento, pois o governador da Judeia temia aquele homem tido como o sucessor da coroa de Israel pelos judeus. Naquele tempo Roma espalhava a notícia de que existia somente um rei, um deus que tinha o poder de vida e morte sobre a humanidade: César.

Enquanto Jesus caminhava, ora caindo e erguendo-se de forma sofrível, ora escorregando na ladeira por causa da exaustão, Ele continuava a vislumbrar o verdadeiro mundo que se descortinava através do sangue que lhe cobria a vista. Esse mundo era completamente diferente daquele que os encarnados estão acostumados a observar no mundo visível. O Filho de Deus vislumbrava com um olhar dócil e de perdão os espíritos maléficos que riam por acreditarem que haviam vencido a batalha contra os anjos responsáveis pelo processo de transformação da Terra. Achavam que haviam derrotado principalmente Ele, Jesus, que fora enviado pelo Pai com

a finalidade de informar ao povo que através de seus ensinamentos seria possível chegar ao Reino de Deus. “Ninguém vai ao Pai, senão por mim, pois sou o caminho, a verdade e a vida”, pregara o Mestre Divino às multidões que, agora, estavam interessadas em sua condenação.

O centurião responsável pela crucificação de Jesus notou que havia uma mulher correndo escondida entre as casas que margeavam a rua pela qual Ele caminhava carregando a cruz. Sem perder tempo, em poucos minutos, o centurião estava junto a ela, surpreso pois a tal mulher era a esposa de seu superior.

– Minha senhora e ama, em quê posso servi-la? – perguntou o centurião, atrás da mulher, assustando-a.

A mulher de Pôncio Pilatos assustou-se e pôs a mão no peito num gesto feminino instintivo.

– Cornélio, ninguém deve saber que estou acompanhando Jesus até o seu destino final, a cruz – implorou a mulher, suplicando com o olhar.

O centurião responsável pela crucificação de Jesus fitou sua ama e esposa do representante de Roma e sorriu. Depois ficou sério, fez um gesto de consentimento com a cabeça, embainhou a espada e em silêncio voltou ao seu posto para cumprir a ordem do governador.

Cláudia Prócula prosseguiu acompanhando aquele estranho cortejo, que conduziria o Divino Mestre à crucificação no Monte da Caveira.

– Acorde, senhora! Senhora, erga-se, por favor!

Antônia ouviu alguém chamá-la. De repente correu em direção ao corpo que estava desmaiado, abriu os olhos espantados e notou rapidamente que estava deitada na calçada do grande muro que cercava sua mansão.

– O que estou fazendo aqui? – indagou Antônia ao rapaz, enquanto se erguia rapidamente e passava a mão na roupa, tentando melhorar sua aparência, que estava horrível.

– Não sei. Encontrei-a desacordada e chamei-a por várias vezes. Eu já estava desistindo, mas graças a Deus a senhora está bem. Aonde a senhora reside?

– Aqui – respondeu a mulher apontando o muro.

– Então, devo chamar alguém imediatamente.

– Não. Muito obrigada, mas já estou bem – falou Antônia, enquanto apertava um botão.

Ester apareceu ao portão. Ela pôs a mão na boca com ar espantado.

– Patroa, o que aconteceu?

– Calma, Ester. Vamos entrar, depois conversaremos.

Após a moça trocar de roupa e se acomodar entre os travesseiros de sua cama, ela começou a narrar tudo que havia acontecido naquele lugar imundo, principalmente o estranho sonho que tivera ao adormecer quando a deixaram na calçada do muro de sua casa.

Ester se mantinha em silêncio, enquanto algumas lágrimas desciam silenciosamente pelo seu rosto à medida que ouvia o triste relato de sua patroa. “Por que esta criatura que não faz mal a ninguém tem sofrido tanto, meu Deus?” pensava como se naquele momento estivesse fazendo uma oração pela patroa.

– O patrão não vai gostar de saber disso – comentou Ester, erguendo-se.

– E quem disse que ele precisa saber dessa história?

– Senhora, o Dr. Fagundes tem o direito de saber tudo que aconteceu – comentou a empregada com ar sério. – Ele precisa tomar providências urgentes contra essa gente, senão da próxima vez pode acontecer algo mais grave.

– Criatura, você ainda não percebeu a gravidade dessa situação?

– Não.

– Ester, quem manda neste país são os militares. Estamos vivendo numa ditadura no qual o cidadão comum sempre será um réu.

Antônia ergueu-se e respirou profundamente, enquanto caminhava até a sua janela preferida.

– Tenho absoluta certeza de que os militares enviaram um recado ao meu pai através do que fizeram comigo – disse Antônia, passando a mão nos cabelos. – Eles querem que o meu pai se desequilibre e tome satisfação, a fim de que possam acabar conosco. Agora você entende?

Ester fez um sinal de anuência com a cabeça e ficou em silêncio, entendendo perfeitamente o que a moça havia lhe informado.

Enquanto isso, num amplo gabinete distante dali, o superior do General Otaviano dizia:

– General, você deixou de cumprir uma ordem. Lamento, mas não vejo alternativa a não ser puni-lo.

– Sim, excelência – confirmou o general Otaviano, num sinal evidente de que era um homem disciplinado, erguendo-se e perfilando-se em atitude marcial.

O general fitou uma fotografia que estava dependurada na parede e ficou sério.

– Prometi a mim mesmo que jamais tirarei a vida de qualquer ser humano, mesmo que isso custe a minha própria vida – declarou Otaviano com ar de quem estava desafiando o tempo, o sistema e a lei. – Depois que o Rômulo morreu, nunca mais tive paz; portanto não conte mais comigo, a não ser numa guerra declarada e aberta.

– É só isso que você tem a dizer?

– Lamento! Excelência. Entretanto se o senhor espera que eu fique de cabeça baixa, ouvindo-o me acusar de algo que não fiz, porque ia de encontro ao que acredito, está enganado – rebateu o general, encarando o chefe.

– Você está preso, general – afirmou o chefe, ordenando que ele se retirasse.

– Sim, senhor. – anuiu Otaviano, girando nos calcanhares.

– Otaviano!

– Sim, excelência?

– Por que você não se defende?

O general Otaviano voltou-se, ficou por alguns instantes fitando o chefe, mas logo depois começou a falar.

– Excelência, eu fiz o que a minha consciência pediu. Além disso, tenho absoluta certeza de que Antônia nada tem a ver com essa história sórdida que estão inventando com a finalidade de acabar com a família dela – respondeu o general com voz firme e seca.

O chefe andou pelo gabinete com as mãos para trás, em atitude de militar.

– Se não estou enganado, você me disse que havia sido preterido pela moça quando pediu a mão dela em casamento.

– Sim. Todavia isso não me dá o direito de usar nossa guerra a favor de meus problemas pessoais – rebateu imediatamente Otaviano. – Não sou covarde, senhor.

– Bobagens. Todos são perigosos, principalmente a filha, os parentes e o próprio Fagundes – argumentou o superior do Otaviano rangendo os dentes.

– Estamos perdendo uma oportunidade de ouro para aproveitarmos essa situação em nosso favor.

– Por que o senhor não faz isso de maneira limpa?

– Você sabe muito bem que o Fagundes é muito poderoso e um político hábil – explicou o chefe do General Otaviano, procurando uma calma dentro de si que estava longe de sentir.

– Então nada posso fazer a não ser aceitar a punição que me foi designada, pois como militar não tenho coragem de desvirtuar a nossa verdadeira luta, a Constituição e o regulamento militar – disse o general Otaviano, ficando à vontade perante seu chefe. – Nossa missão é colocar este país fora do perigo das investidas de nações que atualmente rezam a cartilha demoníaca de escravizar o mundo.

O chefe de Otaviano pôs as duas mãos sobre sua mesa, fitou o subordinado nos olhos e apertou os lábios. Pálido, desviou o olhar para o alto, passou as duas mãos nos cabelos brancos, em seguida cruzou os braços e ordenou num sopro:

– Vá pra casa e descanse alguns dias. Depois venha conversar comigo, Otaviano.

– Sim, senhor.

Ao sair do gabinete de seu superior, o general Otaviano, no banco traseiro de seu carro oficial, durante o itinerário que percorria até sua residência, pensava: “Todo mundo pensa que os militares mandam no país. Ledo engano. Quem manda mesmo é o poder econômico, blindado pelos maus políticos que estão acabando com essa bela terra”.

Após um tempo, o general desceu e caminhou em direção a sua casa.

Na residência de Fagundes, Antônia estava mergulhada no livro que escrevia, intitulado: “Lagarta ou Borboleta”.

– Se esses elementos soubessem o que trata o livro que estou escrevendo, talvez eu já estivesse enterrada em algum lugar desconhecido para sempre – a escritora falava baixinho, enquanto seus dedos ágeis percorriam o teclado de sua máquina de escrever.

– Cuidado, patroa.

Antônia voltou-se e viu a empregada atrás de si.

– Ester, você parece uma sombra. Qualquer dia você vai terminar me matando de susto – disse Antônia rindo, erguendo-se e abraçando a amiga empregada.

– Não brinque, patroa – pediu ela. – Eu ouvi o que você falava em voz baixa.

– Sente-se ao meu lado, criatura, e comemore comigo o quase final deste livro – convidou a moça.

– Se essa gente descobre que você está escrevendo este livro, não tenho a menor dúvida de que teremos problemas – comentou a empregada, sentando-se ao lado da patroa.

– Minha querida amiga, este livro é apenas um romance, uma história criada por mim. Fique calma e não se preocupe tanto com isso. Certo?

– Então por que a senhora fez aquele comentário estranho? – indagou Ester, fitando o papel que estava na máquina.

Antônia não respondeu; apenas fitou a empregada e sorriu.

CAPÍTULO XI - ANTÔNIA E A TORTURA DE ANDRADE

A residência era pobre, cravada no meio de uma comunidade localizada na periferia da cidade. Além dos traficantes, viciados, prostitutas e doentes, a maioria dos habitantes desses bolsões de pobreza é de pessoas sem qualificação profissional, que ganham conforme o seu rendimento, ora fazendo a faxina de uma casa, ora como servente de pedreiro, carregadores de encomendas, engraxates, enfim, são verdadeiros heróis ignorados pela sociedade.

Nesse meio nasceu um garoto que, com sua força de vontade e fé em Deus, conseguiu se formar em jornalismo e trabalhar num jornal de sua cidade.

Era conhecido como Andrade, jornalista que escrevia abertamente sobre o repúdio que nutria pela ditadura militar, conforme o ideal que defendia: a liberdade do ser humano. Com essa postura ele causava um grande incômodo ao governo. Vários intelectuais simpatizavam com a causa que ele defendia; recebia apoio de outros profissionais, como artistas atuantes em vários setores das artes e políticos inconformados com a situação do país.

Antônia era filha de um dos homens mais influentes da região e também lia os artigos do jornalista, não escondendo sua admiração por ele.

A moça estava escrevendo naquela manhã de domingo, quando recebeu uma carta de Andrade, contendo o seguinte teor: “... Sendo assim, minha querida amiga, estou na mira dos militares. A qualquer momento serei preso e não sei se voltarei. Não se preocupe comigo, se a qualquer momento eu desaparecer, porém, fique sabendo que além de amar o meu país, sou capaz de dar a minha própria vida por ele. Foi isso que aprendi com os cidadãos de bem, principalmente com o meu falecido pai. Abraços e fique com Deus. Andrade”.

Antônia ergueu-se, chamou Ester e indagou, antes de qualquer gesto ou conversa:

– Quando chegou esta carta?

– Ontem. Mas somente agora me lembrei de entregá-la – respondeu a empregada, envergonhada.

– Os jornais já chegaram?

– Sim.

Antônia correu em direção às escadas e em poucos minutos estava sentada na sala, lendo os jornais e demonstrando que estava bastante ansiosa. Ela procurava algo, pois observava rapidamente as manchetes, folheando o jornal, até que de repente empalideceu. Sem saber o que falar, começou a chorar, deixando sua empregada preocupada.

– O que houve, patroa?

– Leia – pediu a moça a Ester, enquanto lhe estendia um jornal dobrado e mostrando uma fotografia na primeira página.

“O jornalista Andrade foi preso nessa manhã...”

– Entendeu, Ester?

A mulher fez um gesto de anuência com a cabeça.

– Tenha fé em Deus. Se ele nada fez de errado, não deverá ser punido, além disso tenho certeza de que os militares nada lhe farão de mal, tendo em vista que ele escreve para um jornal cumprindo com sua obrigação de profissional – disse a empregada sem convicção na voz, tentando acalmar a patroa.

Antônia ergueu-se e caminhou em direção ao alpendre. Lá ficou pensativa, apenas observando os jardins que rodeavam a mansão.

– O Andrade nunca escondeu que é contra esse governo que se instalou no país – falou a moça em voz baixa, passando a mão no rosto molhado de lágrimas.

Como se adivinhasse o que estaria acontecendo naquele momento ao jornalista, continuou a chorar, porque era impossível não pensar que o pior estaria sendo feito contra o amigo, um lutador pelos direitos do cidadão. Sentou-se, fechou os olhos e rapidamente adormeceu.

Ester aproximou-se e notou que a patroa dormia. “Vou deixá-la descansar um pouco. Ela passou a noite escrevendo e agora recebe essa notícia que... Bem, vou fazer uma prece por aquele coitado”, pensava Ester, fitando a moça.

Após adormecer na confortável cadeira situada na varanda da casa, Antônia notou que se erguia sem saber descrever o fenômeno que estava acontecendo consigo, pois conseguia ver seu corpo dormindo, enquanto ela

se sentia livre e mais leve. Imediatamente se lembrou do amigo e num passe de mágica encontrou-se num lugar meio escuro, iluminado pela tal lâmpada que ela já conhecia tão bem. Notou que o amigo estava preso a uma cadeira, com um pano amarrado na boca, alguns hematomas espalhados pelo rosto e parte do corpo e a cabeça pendida para um lado. Dois homens mal encarados estavam em pé, defronte ao jornalista, com os braços cruzados.

– Vamos esperar que este traidor desperte – disse um dos homens olhando de viés para o colega de tortura.

Antônia aproximou-se do rapaz e não foi vista pelos algozes. Ela estava invisível, pois era seu corpo espiritual que estava ali, enquanto o corpo material repousava numa cadeira em sua residência. Ela abraçou o colega, beijou-lhe o rosto e falava em voz baixa em seu ouvido, quando de repente o rapaz ergueu-se e abraçou a moça. Esse fenômeno aconteceu sem que os encarnados percebessem, porque ambos estavam no plano espiritual, portanto invisíveis aos olhos humanos do mundo material. Antônia dormia e Andrade estava sem sentido, o que permitiu que o seu corpo espiritual se afastasse do corpo físico.

– Minha amiga Antônia, que bom vê-la – falou o rapaz apertando as duas mãos da moça, sorrindo e demonstrando que estava feliz por vê-la.

– Você está muito ferido, Andrade. Precisamos procurar um médico rapidamente – disse ela, preocupada com o estado dele.

– Não tem importância, minha amiga. Não estou sentindo nenhuma dor – comentou o amigo com um sorriso. – Além disso, procurar um médico é simplesmente impossível, pois esse pessoal jamais vai me ajudar.

Em espírito, Antônia observou aquele lugar maldito e notou várias pessoas caminhando e gritando pelo ambiente, soltando impropérios sob o comando de alguém que parecia ser o chefe deles. “Quem será essa gente horrível? Esses elementos parecem demônios”, pensava a moça, sem saber explicar o que estava acontecendo consigo, pois era seu corpo fluídico que observava tudo aquilo.

– Não podemos deixar esse sujeito viver! Temos muitas contas a ajustar do lado de cá – dizia um deles com ar inquieto, falando como se fosse o chefe.

– Então vamos envolver o general Otaviano com nossos fluidos, dando-lhe mais energia, pois tudo indica que ele está enfraquecendo – comentava outro com ar sádico.

– Este safado foi capaz de cometer barbaridades na época em que foi imperador de Roma e debochou da igreja, recentemente, quando foi imperador de França. Mas não tem problema; nós iremos trabalhar para que ele continue perseguindo esses elementos que estão querendo batalhar pelo progresso da Pátria do Cruzeiro – comentava outro, soltando uma baba amarelada que escorria pelo seu peito. – Se não tivermos cuidado, não tenho dúvida de que perderemos em pouco tempo o domínio sobre essa região da Terra.

– Agora aparece esta mulher, que também fora uma das responsáveis pela crucificação do homem que luta para nos conduzir ao seu falso reino, pois se este fosse verdade, Ele teria nos salvado das mãos do poderio de Roma – explicou outro, com olhar de fogo. – Entretanto, somos um exército imensamente maior que o Dele, e sendo assim, logo o venceremos.

– Vocês sabem quem é esta mulher que agora se esconde noutra corpo com o nome de Antônia? – indagou o chefe soltando uma risada tétrica que ecoou naquele lugar, semelhante a um porão infernal.

– Não – respondeu um deles.

– É a mulher de Pôncio Pilatos, aquele demônio que mandou acabar com milhares de judeus, enquanto governou a Judeia.

– Quem? Cláudia Prócula?

– Sim. Aos poucos esta mulher se deixou envolver pelos ensinamentos do Homem que o marido condenou a morrer na cruz e, atualmente, está lutando para conseguir vencer uma missão que lhe foi dada por essa gente seguidora do homem da cruz – respondeu o chefe.

– Chefe, eu não posso acreditar nisso. Já faz muito tempo que tudo aquilo aconteceu – replicou outro Espírito, com ar espantado.

O chefe que se vestia com roupas de guerra da época medieval caminhava inquieto pelo lugar. Aborrecido, ele esclareceu:

– Nós já tivemos várias existências e guerreamos à procura da dominação dos Filhos da Cruz, mas nunca concretizamos tal intento, porque a mão de Jesus, o Filho de Deus, sempre está presente, nos deixando à vontade, inclusive para sofrermos o suficiente até aderirmos ao movimento cristão que atualmente está quase dominando a Terra – explicou o chefe assemelhando-se a um animal.

– Que história é essa chefe? Como o senhor sabe de tudo isso?

– Imbecil, eu sou mau, porém não ignorante a ponto de não saber que estamos vivendo neste inferno sem os nossos corpos físicos – respondeu o chefe pensativo. – Quem não sabe que esse mundo não é o mundo dos “vivos”. Então se estamos lembrando de outras existências que tivemos, é porque essa não foi a única.

– O senhor tem razão. Mas não esqueça que o maior problema que estamos encontrando para dominar essa gente não são os cristãos que professam as religiões conhecidas e antigas – comentou um dos Espíritos que estava vestido de guerreiro, encostado numa coluna.

O chefe voltou-se, fitou o Espírito com olhar enlouquecido, aproximou-se, o agarrou pelo pescoço e determinou:

– Explique-se.

– Há pouco tempo, o Homem da Cruz enviou ao mundo uma Doutrina que aos poucos está mudando o pensamento do homem, e essa religião foi elaborada pelos Espíritos de luz, luz que nunca conseguimos apagar e nem fazer parte dela – explicou o Espírito baixando a cabeça e fazendo gestos pessimistas.

– Você está querendo desistir do nosso compromisso? – indagou o chefe, apertando-lhe a garganta com ferocidade.

Os Espíritos que presenciavam aquela cena entre o chefe e seu melhor amigo estavam apreensivos, pois eles sempre tiveram suas divergências, porém nunca notaram que logo o Espírito que era o braço direito do chefe parecia querer desistir do compromisso firmado na época em que eles uniram-se, em vão, para acabar com Jesus de Nazaré, o anjo que cumpriu com a vontade do Pai, sendo sacrificado em holocausto em detrimento dos ensinamentos do Senhor do Universo.

– É por isso que esse sujeito está conseguindo iluminar a Terra. Embora lutemos para espalhar a discórdia pelo mundo, sempre perdemos a luta – reclamou o chefe, cuspiendo de lado e soltando o pescoço do seu companheiro de luta.

– Você quer dizer que estamos facilitando o trabalho dos mensageiros Dele? – Questionou um dos asseclas.

– Claro.

Enquanto esse diálogo se desenvolvia entre os bandoleiros do além, Antônia e Andrade estavam em silêncio, orando por todos. De repente

ouviram uma voz vinda do lugar escuro onde ficava o chefe dos torturadores.

– Ponham o jornalista num carro e deixem-no em qualquer parte, mas exijo que ele esteja com vida – ordenou a voz. – Não quero problema com a imprensa.

– Sim, senhor.

Antônia notou que o amigo voltava ao corpo e ela aproveitou para continuar em prece.

Ela aproximou-se do militar que dava ordens e disse:

– Eu sei que o senhor tem motivos suficientes para querer acabar comigo e meus amigos, mas isso não vai resolver a situação do país.

Como Antônia estava em outra dimensão ainda desconhecida para a ciência, o homem não notou a presença dela, contudo ficou pensativo, então se ergueu e desapareceu por uma porta. “Parece-me que ouvi alguém falando comigo”, pensou ele, meio desconfiado. “Se não estou enganado ou maluco, a voz parecia com a de alguém que conheço”.

No outro lado da dimensão, a moça continuava dormindo e fazendo gestos como se tivesse envolvida por um pesadelo muito ruim.

– Minha filha, acorde! Preciso falar com você urgente! – falava em voz alta o pai, que havia chegado e encontrado a filha dormindo no alpendre.

A moça abriu os olhos e fitou o pai; depois se ergueu e o abraçou chorando.

– O que houve, minha filha?

– Nada. Estou feliz, pois o Andrade foi solto – respondeu a moça, com um sorriso estampado no belo rosto.

– Não estou entendendo absolutamente nada, filha.

A moça olhou com ar de cumplicidade a empregada, que estava enxugando as mãos no avental, e narrou o que havia acontecido.

Fagundes pôs uma das mãos no queixo e ficou pensativo; depois fitou a filha e com um sorriso disse-lhe:

– Filha, o que você acha de ir a um psiquiatra?

– Fazer o quê, meu pai?

– Não sei. Mas essas histórias esquisitas estão me incomodando. Eu sei que de repente você pode ter alguma intuição de mulher, como você teve quando acertou o acidente de sua mãe – comentou o pai, com ar sério. – Entretanto continuar tendo esses sonhos esquisitos não é normal.

– Pai, não se preocupe comigo, estou bem – disse a moça, caminhando em direção ao interior da casa.

Antes de entrar, ela se voltou e perguntou ao pai:

– Que assunto é esse que o senhor quer tratar comigo?

– Esqueça o que falei, minha filha!

– Mas tudo indica que o senhor está ansioso para me revelar algo importante.

– Bem! É porque foi confirmada a minha nomeação para governar o nosso Estado – respondeu o homem sorrindo, satisfeito e abraçando a filha.

– Acho que fui perdoado pelos militares.

– Meus parabéns, pai. E o general Otaviano?

O pai da moça coçou a cabeça e respondeu, fitando a filha:

– Encontramo-nos outro dia e ele me cumprimentou com um sorriso, demonstrando que aquele incidente parece não ter atingido nossa amizade.

Antônia sorriu e sumiu em direção aos seus aposentos. “Será que o Otaviano mudou assim, de repente, por minha causa ou resolveu trilhar outro caminho?”.

CAPÍTULO XII - ENCONTRO DE ANTÔNIA E ANDRADE

Antônia tentava terminar o seu livro, quando sua empregada aproximou-se e avisou:

– Patroa, tem um homem lá embaixo que deseja falar com a senhora.

A moça parou de escrever, leu o texto rapidamente, depois encarou Ester e indagou:

– Quem quer falar comigo?

– Não o conheço senhora. É um rapaz ainda muito jovem, alto, moreno claro, com cabelos castanhos escuros e jeito desleixado e tímido – a empregada tentou explicar mais ou menos as características da visita.

Antônia fez um ar de contentamento, ergueu-se de um salto, pôs a mão na boca e falou em voz alta:

– É o Andrade?

– Não sei, não conheço esse Andrade – respondeu a empregada.

A moça não ouviu mais as palavras da mulher, saindo do seu escritório e se dirigindo para a sala.

Assim que a moça desceu, notou um homem parado na janela da sala de visita, admirando as flores que adornavam o jardim da bela mansão. Imediatamente reconheceu o amigo jornalista.

– Andrade!

O rapaz voltou-se, caminhou em direção à moça e a saudou.

Após os cumprimentos de praxe, Antônia apontou uma cadeira e pediu que ele sentasse.

– Não consigo acreditar que você se safou da enrascada que se meteu – comentou a moça, enquanto gesticulava para a empregada, que estava em pé, esperando alguma ordem.

– É a vida, minha cara. Estou vivo, talvez por um milagre, porém não posso abusar da sorte, pois a ditadura está cada vez mais forte e a população está anestesiada como sempre, com a falsa segurança dos militares e a propaganda de que a economia prosperou após o poder militar haver se

instalado no país – comentou o jornalista, com voz calma e sabendo o que estava dizendo.

– Mas, meu amigo, a que devo a honra dessa visita?

Andrade ergueu-se com dificuldade, detalhe que a dona da casa notou, e caminhou até uma porta que se abria para o alpendre. Ele fitou o belo jardim, depois passou um lenço no rosto, sentou-se e ficou em silêncio por alguns minutos.

Antônia respeitou o silêncio do rapaz, pois sabia que ele tinha algo importante a lhe informar.

– Quando estava desmaiado, por causa das fortes torturas às quais fui submetido, tive um sonho – disse ele encarando a moça e passando as mãos nos cabelos lisos. – Mas eu não chamaria o que vi de “sonho”, porque nunca vivenciei algo tão real.

Antônia sorriu. Para ela, tudo indicava que ele se lembrava do que havia acontecido quando ela estava em estado sonambúlico – o que a Doutrina Espírita explica como a saída do Espírito do corpo, que passa a servir de intermediário entre o mundo material e espiritual.

– Você deve achar que estou ficando maluco – comentou o rapaz meio sem jeito.

– Não. Não pense assim, meu amigo. Estou rindo porque depois eu tenho uma história para lhe narrar – explicou a moça, erguendo-se e segurando o braço dele com carinho.

– Sonhei com você. Conversamos e estivemos com algumas pessoas que mais pareciam demônios saídos das trevas – contou ele, baixando a cabeça, talvez com vergonha.

– Continue.

– Até que ouvi alguém ordenar que eu fosse solto – completou o jornalista. – E agora estou aqui.

Houve um silêncio incômodo no ambiente, até que a moça ergueu-se e começou a andar, fazendo um barulho com suas sandálias.

– Você quer descobrir se o seu sonho tem algum fundo de verdade?

– É mais ou menos isso – respondeu o rapaz meio confuso.

– Também sonhei com você – revelou Antônia de surpresa, encarando-o e mantendo um sorriso no rosto expressivo e belo.

– Mas...

A escritora não deixou que ele a interrompesse e narrou o que ocorreu consigo desde que lera a notícia de que ele fora preso.

– Por favor, minha amiga, você pode explicar esse fenômeno?

– Ainda não, mas estou procurando alguém que possa me informar que fenômeno é esse.

– Você acredita nessa história que aconteceu conosco? – indagou o rapaz, esquecendo seus próprios problemas e admirado com o fenômeno ocorrido com eles.

– Acredito. A prova disso é que estamos aqui, checando o que nós vimos e sentimos por ocasião de sua prisão – concordou a moça com ar sério e pensativo –, embora seja difícil acreditar nessas coisas sem nenhuma comprovação científica.

A moça narrou as premonições que já tivera, inclusive a que se referia à morte de sua mãe.

– Então, o que ouvimos dos demônios é verdade?

Antônia sorriu e acariciou sua mão.

– O que você acha?

– Será que você foi mesmo a tal Cláudia Prócula, mulher do Procurador de Roma que condenou Jesus à crucificação? – perguntou o jornalista, em vez de responder ao questionamento da moça.

– Não sei. Entretanto, em um desses sonhos, ou saída do corpo físico, como acreditam os espíritas, eu me vi junto a Pôncio Pilatos, enquanto se processava o julgamento de Jesus – respondeu a moça fitando um ponto invisível distante, como se estivesse se recordando de algo que havia se passado há muito tempo.

O jornalista ajeitou-se na cadeira e, com ar de quem estava interessado, fitou com interesse o rosto da bela moça.

– Já li algo sobre a Doutrina que explica fenômenos como esses – comentou Andrade.

Ambos ficaram em silêncio, até que a moça ergueu-se e indagou de surpresa:

– E o governo militar? Será que essa luta pela devolução dos direitos ao povo, na qual você está empenhado, vale a pena?

O jornalista baixou a cabeça, pensou e depois respondeu com voz quase inaudível e com muito cuidado:

– Minha cara, qualquer luta com a finalidade de pôr em prática nossos ideais é válida, até mesmo morrer pela causa. – Mas tenho certeza de que um dia tudo isso vai fazer parte do passado – rebateu o rapaz.

– Pode ser...

– Bem, Antônia, eu vim aqui conduzido pela curiosidade de saber se você havia sentido a mesma coisa que eu, por ocasião de minha prisão – disse o rapaz, erguendo-se.

A moça ergueu-se, fitou o rapaz e sentiu algo diferente, algo que jamais havia sentido em toda sua vida, mormente uma lembrança daquele rapaz, como se ambos já se conhecessem há séculos, mas rapidamente ela evitou aqueles pensamentos esquisitos.

O jornalista aproximou-se da moça e estendeu-lhe a mão, fitando-a nos olhos, enquanto cumprimentava-a.

– Fique à vontade para nos visitar quando quiser – falou a moça com ar de quem estava contente com a vida.

– Acho que não é conveniente que eu frequente a sua casa. Sou um homem vigiado vinte e quatro horas por dia, e tenho certeza de que não viverei para contar o que se passou comigo se eu for preso novamente – comentou o jornalista com ar triste, mas com determinação na voz.

A moça sentiu um vazio estranho tomando conta de si, como se toda solidão do mundo houvesse caído sobre seus ombros. “Meu Deus, o que será que está acontecendo comigo?”, pensava a moça, tentando disfarçar aquilo que ela não sabia explicar.

– Andrade, por que você não abandona essa luta? Você sabe muito bem que corre o risco de realmente perder a vida – disse ela, com o coração pulando dentro do peito.

O rapaz não respondeu, apenas sorriu, fez um gesto e foi embora.

– A senhora está impressionada?

Antônia que estava na porta da residência, enquanto observava o amigo caminhar em direção ao portão, voltou-se e notou um sorriso irônico nos lábios da empregada.

– Não sei do que você está falando – retrucou ela caminhando em direção ao escritório.

– Tenho certeza que a senhora sabe – confirmou a empregada, caminhando logo atrás da patroa.

– Bobagens!

– Não é bobagem se apaixonar por alguém – comentou Ester, rindo.

Ao entrar em seu escritório, Antônia sentou-se numa cadeira, baixou a cabeça e ficou pensativa. Depois a ergueu e lá estava sua empregada de confiança olhando-a em silêncio.

– Criatura, parece-me que você já me acompanha há vários séculos! Não posso fazer absolutamente nada sem que você perceba; até se apenas penso!
– reclamou Antônia, como se estivesse aborrecida.

– Não posso fazer nada, se sou mais escolada nessa arte do que a senhora.

– Mesmo que você seja mais experiente do que eu, duvido que adivinhe os pensamentos alheios – disse a patroa, ajeitando-se na cadeira para continuar escrevendo. – Agora, por favor, vá fazer um lanche para mim.

Ester desceu em direção à cozinha, enquanto Antônia tentava escrever e não conseguia, pois aquele homem não saía de seus pensamentos.

– O que será que está acontecendo comigo? – perguntava-se a moça, erguendo-se e caminhando pelo escritório com o coração apertado.

Enquanto isso, Andrade chegava à redação do jornal em que trabalhava, abraçando os amigos e com um ar de satisfação visivelmente estampado no rosto.

– O que será que aconteceu com o Andrade? – indagou uma moça à pessoa que estava sentada próxima a sua mesa, em voz baixa, com ar de ironia.

– Realmente é muito estranho. Ontem ele estava preso, sendo torturado pelos homens e, hoje, está todo feliz da vida.

– Ele que tome cuidado com a vida, pois a polícia anda no encalço dele – alertou um rapaz, parando e pondo a mão no ombro da colega de trabalho que fizera o tal comentário.

Ao sentar-se em sua cadeira, Andrade começou a cantar uma música qualquer, consultou alguns documentos que estavam sobre sua mesa e sorriu não se sabe de quê.

– Andrade?

– Olá, Agenor!

– O homem quer falar com você – avisou o amigo.

– Agora esse cara vai começar a pegar no meu pé. Ele deve estar com medo do governo mandar fechar o jornal – comentou Andrade, erguendo-se e encaminhando-se ao escritório do editor-chefe do jornal.

Após alguns minutos, Andrade estava em pé, defronte ao seu chefe.

– Sente-se, por favor, Andrade – ordenou o chefe ao jornalista.

Andrade respirou profundamente, talvez procurando paciência para ouvir o sermão do editor.

O editor simulou arrumar uma papelada que estava sobre sua mesa, depois fitou o jornalista e perguntou-lhe:

– Você tem ideia do que está fazendo?

Andrade permaneceu em silêncio, ouvindo o chefe.

– Será que você não entende a gravidade do problema em que se meteu?

– Chefe, até agora não estou entendendo o que você quer de mim – respondeu o jornalista, cruzando as pernas, como se estivesse se preparando para ouvir um longo sermão.

– Andrade, dei-lhe total liberdade de escrever seus artigos, todavia fui claro quando disse que não queria problema com o governo – explicou o editor, erguendo-se e caminhando pelo escritório. – O que você diz a respeito de tudo isso?

– Vou pedir minha demissão. Não quero prejudicar o jornal com as minhas matérias, consideradas subversivas pelo governo. – Respondeu o rapaz com voz pausada e calma.

– Também não precisa ser radical. Apenas estou lhe pedindo que tome mais cuidado com o que escreve, pois você sabe muito bem que vivemos um período de repressão e somos vigiados permanentemente pelo governo – explicou o editor olhando para os lados, como se estivesse com medo de algo.

– Não sei trabalhar assim, meu caro Oto – afirmou o rapaz, erguendo-se. – Vou combater esse governo que está aí, nem que seja com o sacrifício da minha própria vida.

– Calma! Andrade.

– Vou arrumar minhas coisas. Depois passo por aqui, para saber se tenho direito a alguma coisa – falou o jornalista, saindo da sala e deixando o chefe com ar de bobo.

Assim que o rapaz saiu da sala do chefe, seus companheiros correram e por curiosidade um deles perguntou:

– O que ele queria?

– Não sei. Mas agora, eu sei o que quero, pois acabei de me demitir – respondeu Andrade, puxando as gavetas e pondo alguns documentos dentro

de um saco plástico.

– Andrade...

– Amigo, não adianta perdermos tempo conversando sobre aquilo que já está resolvido – disse o jornalista, interrompendo o amigo.

Após colocar uma papelada dentro de umas caixas, o jornalista despediu-se dos amigos e foi embora.

CAPÍTULO XIII - CRUCIFICAÇÃO DE JESUS

A noite havia coberto completamente a região com seu manto escuro, onde estava localizada a cidade em que residia Antônia. Enquanto escrevia, a moça olhou de soslaio para o relógio que ficava localizado na parede a sua frente e balbuciou:

– Como as horas passam rápidas. São quase vinte e três horas. Preciso descansar um pouco ou até mesmo parar de escrever por hoje.

Ela ergueu-se e tentou dar alguns passos, porém não conseguiu, pois um torpor tomou conta de seu corpo, fazendo com que se sentasse na mesma cadeira em que estava. “Estou muito cansada e com sono. Nunca fiquei assim”, pensou rapidamente sem se preocupar.

A escritora baixou a cabeça apoiando a testa sobre um dos braços, que descansava em cima da mesa na qual ficava sua máquina de escrever. Adormeceu.

Ao sair do corpo, Antônia voltou no tempo e de repente se encontrava no Monte da Caveira na época de Jesus.

Ao terminar de subir o Gólgota – Monte da Caveira –, Jesus ergueu a vista, fitou o céu e notou que vários anjos o acompanhavam, obedecendo às orientações de um ser iluminado que sorria enquanto o vislumbrava com doçura.

– Irmão querido, você está em nós e nós estamos em você. Deixe Seu testemunho, de forma que todos haverão de entender Seus ensinamentos e exemplos, pois essa é a lei. Cada um também deverá carregar a sua cruz, provando ser digno de, um dia, também entrar no Reino de Deus, conforme os ensinamentos que foram enviados pelo Senhor do Universo, Nosso Pai. Ninguém vai ao Pai sem antes passar por Você, pois, meu amado irmão, Você é o caminho, a verdade e a vida; o maior exemplo de perfeição espiritual que a Terra até então já presenciou – disse o anjo que comandava a legião dos seres iluminados que Jesus contemplava.

Aquele ser angélico pairava sobre vários seres iluminados, indicando sua santa hierarquia sobre os demais, como responsável por aquela operação – proteger o Divino Mestre das legiões de Espíritos maléficos, residentes em vários mundos inferiores do universo, que tentavam abortar a missão Dele

—, mesmo sabendo da alta hierarquia à qual o Mestre pertencia. A missão teria que ser cumprida como forma de deixar óbvia a imortalidade do Espírito, quando o Filho do Homem fosse sacrificado na cruz, demonstrando aos Espíritos inferiores que todos alcançariam o progresso espiritual e, um dia, eles seriam recebidos no Reino do Pai, desde que seguissem os ensinamentos do Messias.

Antônia, agora Cláudia Prócula continuava acompanhando Jesus. Ela observava ao longe tudo o que estava acontecendo com aquele que o marido havia condenado a morrer na cruz. Chorava e rogava aos seus deuses que ajudassem aquele justo que não havia cometido nenhum crime; no entanto fora julgado e condenado a morrer crucificado.

A mulher de Pilatos olhou de lado e vislumbrou ao longe alguns sacerdotes pertencentes ao sinédrio acompanhando aquele estranho cortejo, às escondidas, com seus rostos cobertos com medo de serem vistos e também punidos por César.

Quando Jesus chegou ao monte da Caveira, notava-se que estava bastante cansado e doente, pois passou a noite sendo humilhado, sem comer, beber, dormir e sob a tortura dos seus algozes, que o surraram, zombaram Dele, envolveram-no com um manto de cor púrpura, sinal de poder dos reis, e o coroaram com uma coroa confeccionada de espinhos de dois centímetros de comprimento, que latejava em sua frente. Essa foi a maneira que os soldados encontraram para zombar daquele que os judeus tinham medo de assumir o reinado de Israel. Ele dobrou os joelhos, depois caiu de costas, ficando com o rosto cansado voltado para o alto, porém naquele momento não havia nenhum sinal de revolta ou ressentimento em sua feição contra aqueles que iriam crucificá-lo. A prancha de madeira tosca, que formaria uma cruz quando Ele fosse crucificado, foi atirada ao solo por Simão Cirineu, o homem que o ajudou a carregar aquele madeiro pesado. Alguns soldados romanos puseram a prancha junto ao poste que estava ao lado. O filho de Maria respirava com dificuldade, enquanto a chuva fina e insistente molhava seu rosto e escorria pelos seus longos cabelos. Ele permanecia com a coroa em sua cabeça e, a cada movimento, os espinhos se enterravam mais em seu couro cabeludo, causando-lhe dores insuportáveis.

Os lábios de Jesus estavam ressecados e rachados pelo grande esforço que fizera, perdendo assim muito sal, através do suor, durante o castigo ao

qual fora submetido algumas horas antes de chegar ao Monte da Caveira, dificultando-lhe a salivação. Mesmo assim, ele aproveitava e passava aqui e acolá a língua nos lábios, molhando-os com os pingos de chuva que lhe caíam sobre o rosto. Como se seguissem um ritual, os soldados seguraram Jesus com a truculência própria daqueles que ainda não conhecem a sensibilidade dos espíritos adiantados, colocaram-no sobre aquele estranho artefato confeccionado de madeira grotesca e começaram a prender o corpo do anjo. Juntaram-lhes os pés e lhe abriram os braços na medida da prancha que fora encaixada no poste, formando o sinal mais respeitado de todos os tempos – a cruz.

Um dos soldados romanos segurou os pés do Cristo, sobrepondo-os, enquanto um dos carrascos truculentos tirava de uma bolsa de couro molhada, bastante usada e manchada de sangue humano, um cravo enferrujado, medindo quase quinze centímetros de comprimento. Pôs no meio dos pés, entre o início das pernas e os dedos, o tal prego, e depois bateu sobre ele várias vezes e com força, com uma espécie de marreta, com a precisão de alguém que já conhecia aquele serviço muito bem. Na primeira marretada o sangue espirrou, sujando as mãos grosseiras do carrasco. Jesus gemeu alto e viu o céu se abrindo como se naquele momento o Reino de Deus estivesse se preparando para recebê-lo.

O homem de Nazaré sorriu e balbuciou algo que ninguém ouviu, a não ser o soldado responsável pela operação de cravá-lo na madeira bruta, que parou, fitou o rosto de Jesus e limpou o sangue que escorria por entre seus dedos da mão que segurava o pino que havia furado a carne do Mestre. Ele pensou por alguns instantes e sentiu as lágrimas escorrerem pelo seu rosto curtido de sol. No entanto, como se tivesse voltado a si, passou uma das mãos na face e continuou a fincar os pregos nos pés de Jesus.

O Divino Mestre sentiu uma dor atroz e um choque inenarrável, que abalou todo o corpo. As lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Ele apertou os lábios com força, porque a sensação que sentiu foi de que sua cabeça explodiria a qualquer momento e um zumbido terrível tomou conta de seus ouvidos. O corpo esquelético do anjo estremeceu e o coração pareceu parar por frações de segundos; porém, naquele momento, Cristo tentou controlar a respiração, com o objetivo de amenizar aquela dor simplesmente indescritível por um simples narrador imperfeito de um mundo inferior. A mesma coisa aconteceu com suas mãos, mas o anjo se manteve firme,

enquanto orava ao Pai, pedindo por aqueles irmãos que não sabiam o que faziam. Arrancaram-lhe as vestes, juntamente com o manto pregado ao corpo com o sangue que já havia secado. Junto com as vestes e o manto foram arrancados também pedaços de pele que estavam grudadas ao tecido por sangue coagulado, ficando somente um pano que lhe cobria as partes íntimas. De repente apareceu um Espírito à semelhança de um dragão, rindo e debochando da situação do Filho de Deus, dizendo-lhe:

– Tu és filho do Todo Poderoso. Por que Ele não Te soltas?

– Porque Eu vim ao mundo trazendo uma missão Dele; depois voltarei ao Seu seio – respondeu Jesus, chorando penalizado com o estado da criatura transformada num monstro por causa de sua inferioridade.

Antes de erguerem a cruz, Cláudia Prócula notou que os soldados pregavam no alto da cabeça do Cristo uma placa com os seguintes dizeres: “INRI – Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”. Foi Pôncio Pilatos quem mandou pregá-la, como uma forma de ironizar aquele que falava num reino, por ocasião da famosa pergunta que ele fizera a Jesus: “Tu és rei dos Judeus?”

Quando os soldados ergueram a cruz, fincando-a no Gólgota, o peso do corpo de Cristo forçou os cravos de Suas mãos, rasgando-as; porém, após se apoiar totalmente nos pés, onde havia uma base, para evitar que Ele escorregasse ou morresse imediatamente, a dor diminuiu um pouco. Aquele tipo de martírio era um ato pensado, pois o verdadeiro motivo da crucificação dos inimigos de César era a tortura lenta com o objetivo de prolongar a morte do condenado, que servia de exemplo àqueles que se rebelavam contra o poder de Roma.

Jesus fitou o céu como se estivesse observando algo e balbuciou algumas palavras. Na verdade, Ele orava: “Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonastes? E permaneceis longe de Minhas súplicas e de Meus gemidos? (...)” (Salmo 21). Esta foi uma visão profética dos sofrimentos do servo do Senhor, previsto por Ele mesmo em espírito, entregue aos reis Davi e Salomão, que Sua mãe o ensinara quando criança. Após a oração fitou os soldados carinhosamente e como se estivesse falando com Seus filhos bem-amados disse-lhes:

– Tenho sede.

Um dos carrascos correu, embebeu uma esponja em vinagre, pôs sobre a ponta de uma vara e levou-a aos lábios do condenado com o objetivo de tornar seu suplício ainda maior. Em seguida deram-lhe vinho misturado

com fel, para fazer com que o condenado ficasse anestesiado, porém Ele não aceitou, porque o Seu sofrimento fora previsto por Ele mesmo, havia vários séculos, e Ele deixaria para a humanidade um legado personificado na dor e na fé no verdadeiro mundo, onde lá estava Seu reino.

A mulher de Pilatos também notou que mais duas cruzes se erguiam com dois homens crucificados. Eram ladrões condenados a morrerem na cruz ladeando o Divino Mestre.

Cláudia pôs a mão na cabeça e dominou a vontade de gritar e correr para a fortaleza Antónia, castelo onde residia, porém não conseguia conter a curiosidade de ficar mais um pouco. Observou que Jesus mantinha os olhos atentos e sem dúvida a viu escondida.

A escrava de Cláudia estava aflita e insistentemente a convidava a ir embora, entretanto, sua ama não conseguia deixar aquele lugar que ao longo dos séculos se tornaria palco de diversas guerras em nome de Deus.

– Minha ama, vamos embora! Não suporto ver tudo isso que está acontecendo com Jesus! – pedia sua escrava fiel e amiga.

Cláudia passou a mão no rosto molhado de chuva e notou que o primeiro centurião Quinto Cornélio, que estava de braços cruzados comandando a operação, baixou a cabeça e fez um movimento negativo, como se naquele exato momento não concordasse com tudo aquilo. Observou também que um pouco mais perto dos crucificados havia três pessoas, que ela identificou como sendo Maria, mãe de Jesus de Nazaré; João Evangelista, seu discípulo bem-amado, e Maria de Magdala, que até hoje causa polêmica entre os historiadores e escritores que buscam fama à custa da deturpação da sua sublime missão.

Como se estivesse livre como um pássaro, pois ela estava fora do seu corpo, em outra dimensão e num passado bem distante, ou seja, no mundo espiritual, a mulher de Pôncio Pilatos conseguia ver e ouvir o que se passou por ocasião da morte do corpo do Cristo. Ouviu o ribombar dos trovões, observou os relâmpagos riscarem o céu, como se uma criança estivesse a brincar riscando o tempo com lápis de cor, viu a terra escurecer e começar a se revolver e, por alguns segundos, também viu o véu do templo se rasgar ao meio. Ela começou a levitar e a ouvir tudo, inclusive quando Quinto Cornélio disse:

– Parece que este Homem era realmente o Filho de Deus.

E ouviu também, antes do Mestre deixar a cabeça pender sobre o peito, Ele falar a sua mãe e a João Evangelista:

– Mulher, eis o teu filho. Homem eis a tua mãe. – com isso, Jesus nomeou Maria a mãe de todas as mães do mundo e João aquele que testemunhou os três anos de seu apostolado na Terra.

Como se estivesse hipnotizada, Cláudia não perdia nenhum movimento do que estava acontecendo em torno dos crucificados. Ela observou de repente que o centurião conversava com alguns de seus soldados. Em seguida ele ordenou algo a um dos soldados, que imediatamente se dirigiu a cruz em que Jesus estava, tomou uma lança e, para saber se ainda havia vida naquele corpo frágil, furou um dos flancos do Messias, que imediatamente jorrou água e sangue. O corpo do Filho de Deus havia deixado de existir.

Cláudia Prócula escutou também uma voz aflita comentar:

– Meu Deus, o que terá acontecido com a minha patroa? Acorde, senhora!

Antônia despertou. Ela abriu os olhos e observou o semblante de sua empregada, que a chamava.

– Vamos para a cama. A senhora precisa descansar – disse Ester.

Antônia ergueu-se ainda tonta, tomou a direção de seu quarto, trocou-se e em silêncio deitou-se.

Preocupada com o estado da patroa, Ester sentou-se numa cadeira ao lado e dormiu. Acordou quando sentiu um vento frio soprar-lhe o rosto. Abriu os olhos e notou que Antônia havia se levantado e estava de pé à janela, fitando algo ao longe.

Ela ergueu-se e correu em direção à patroa. Vacilante, pôs a mão no ombro da moça e ansiosa indagou-lhe:

– A senhora está bem, minha filha?

– Estou.

– O que aconteceu dessa vez? – indagou a empregada, sabendo que Antônia havia tido mais um daqueles estranhos sonhos.

A patroa fitou longamente Ester com ar sério. Em seguida segurou em seu braço, a conduziu até a cama e convidou-a a sentar-se consigo. Após alguns minutos em silêncio, pensando em tudo que havia sonhado, passou a narrar o que havia ocorrido nesse espaço de tempo em que adormecera com a cabeça sobre a sua mesa de trabalho.

– Patroa, eu não posso acreditar que a senhora esteja com algum problema de saúde, mas aconselharia a procurar algum recurso enquanto é tempo. – Aconselhou a empregada, após ouvir detalhadamente a história da patroa.

Antônia ergueu-se, foi até uma gaveta de seu criado mudo e abriu-a, retirando um livro e estendendo-o a sua empregada, em silêncio.

Ester segurou o livro e rapidamente leu o título: “O Livro dos Espíritos”.

– Comprei esse livro por indicação de uma amiga – disse a moça caminhando até a janela, depois voltando e ficando em pé, junto à empregada.

– Eu conheço este livro – comentou Ester, folheando o livro.

– É mesmo?

– Conheço essa religião e a Doutrina regidas através deste livro – respondeu Ester.

– O que eu queria compreender está escrito aí – falou Antônia apontando o livro.

– A senhora acredita?

– É difícil, mas não há outra explicação para o que estou sentindo psiquicamente – respondeu Antônia. – Acho que tenho um dom ou faculdade, difícil de ser detectado por qualquer equipamento inventado ou descoberto pela ciência até hoje.

– Concordo.

– Também acredito que fui essa tal de Cláudia Prócula. Creio que estou sendo conduzida a um passado muito distante, à época em que Jesus Cristo veio a este mundo, mas...

– Mas o quê?

– Qual o motivo de estar revivendo tudo isso, em pleno século XX, quando nós deveríamos estar pensando no futuro? – questionou a moça, fitando o piso do quarto.

– Será que há algum motivo para a senhora estar sendo obrigada a se lembrar de suas existências passadas? – indagou Ester com ar preocupado.

– Dê algum exemplo, por favor, Ester – pediu a moça ansiosa.

– Não sei. Contudo acho muito estranho uma moça rica e filha de um homem poderoso estar envolvida com elementos inimigos do poder militar.

– Continue...

– Um dos exemplos que marcam bem o que estamos querendo saber é este livro que a senhora está escrevendo contra o poder estabelecido em nosso país – respondeu a mulher fazendo um gesto com a boca.

– Explique-se, por favor.

– Quem sabe a senhora está sendo guiada para fazer parte da equipe que foi incumbida de trabalhar pela emancipação do país dessa ditadura, e que, para isso, precisa saber que sofrerá bastante – respondeu a empregada. – Acho que por esse motivo a senhora tem sonhado com a época em que era mulher de um representante do poder que queria dominar o mundo.

Antônia ficou em silêncio, enquanto Ester descia em direção à cozinha.

CAPÍTULO XIV - REGIÕES UMBRALINAS

Antônia permaneceu um tempo pensando seriamente no que estava acontecendo consigo, especialmente com relação aos sonhos esquisitos: “Se realmente fui essa tal de Cláudia Prócula, mulher do procurador romano Pôncio Pilatos, responsável pela crucificação de Jesus de Nazaré, e se realmente existe a tão propalada reencarnação, a minha dívida deve ser muito grande, pois, afinal de contas, indiretamente fui conivente com o julgamento e consequente condenação de um anjo”. A moça ergueu-se e foi se sentar num dos bancos de mármore do jardim que rodeava a bela mansão. Após um tempo, pensando, ergueu-se e começou a passear entre os roseirais que enfeitavam o jardim, quando de repente pensou: “Se numa de minhas reencarnações fui mulher de Pôncio Pilatos, então por que em pleno século XX continuo tendo essas lembranças de um passado remoto, que não interessam mais, pois já devo ter resgatado essas dívidas, conforme explicação da Doutrina Espírita?”

Enquanto Antônia meditava sobre os mistérios que não conseguia entender, vários Espíritos reuniam-se em torno de um deles, que estava sentado sobre uma pedra, ouvindo-os com impaciência.

Essa reunião acontecia numa cidade considerada pelos estudiosos do Espiritismo como uma “região umbralina”. Todos discutiam empolgados na situação de um país que aos poucos mergulhava no caos, fornecendo condições para aqueles elementos das trevas concretizarem o que há muito tempo vinham planejando: se apossar da terra protegida pelo anjo Ismael.

Caro leitor, a fim de dirimir dúvida, nós lembramos que a Pátria do Cruzeiro, havia milhares de anos, estava prevista para se tornar o Coração do Mundo e Pátria do Evangelho, conforme informações do nosso amigo espiritual Humberto de Campos, pela psicografia do conceituado missionário o médium Francisco Cândido Xavier, porém, as trevas haviam se reunido com o objetivo de abortar todo planejamento dos engenheiros siderais, referente ao país escolhido pelo Altíssimo para abrigar os Espíritos que haviam alcançado condições de habitarem um lugar que seria um exemplo para o mundo em todos os sentidos, principalmente com a latente certeza e respeito à Divindade Maior.

Enquanto as seculares nações do velho mundo procuravam o domínio do homem sobre o homem, causando guerras com a desculpa de que estavam defendendo seus territórios, vários homens valorosos deram a vida para emancipar o país protegido por Ismael do jugo daqueles que ainda não compreendiam a mensagem do Mestre, quando Ele disse: “Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. Os mensageiros do Senhor lutavam bravamente para tornar a Terra de Santa Cruz um celeiro de almas espiritualizadas, onde Deus seria a referência máxima do bem para o povo que habitaria o país descoberto pelo navegador e missionário Pedro Álvares Cabral.

– Até pouco tempo essa mulher era nossa aliada, mas quando conheceu o homem de Nazaré começou a mudar seus pensamentos. Não podemos perder tempo, porque ela está sendo conduzida, juntamente com vários amigos, a fortalecer essa terra contra nós – disse um dos espíritos, vestido de guerreiro e sentado numa cadeira confeccionada de material desconhecido, enquanto cuspiam de lado e os olhos faiscavam de ódio.

– Chefe, não se esqueça de que essa terra, que mais parece um continente, é protegida por um dos mensageiros daquele que se diz Senhor do Universo, e esse mensageiro chefia vários Espíritos superiores, alguns encarnados que se confundem com a maioria dos habitantes – lembrou um dos Espíritos facínoras, retorcendo o rosto como um animal.

– Quem é esse mensageiro?

– O anjo Ismael, subordinado e integrante da falange liderada pelo Homem de Nazaré, o governador espiritual do planeta Terra.

O Espírito que indicava ser o chefe daquelas almas sofredoras ergueu-se e com ódio chutou alguns objetos. Depois fitou seu bando e ficou alguns minutos em silêncio, enquanto tentava limpar a baba que escorria de sua boca e espalhava-se pelo seu peito.

De repente apareceu um Espírito com roupas de guerreiro e espada na mão, sangrando no peito, que olhava aqueles Espíritos celerados com ar de deboche e superioridade. Todos baixaram a cabeça como se tivessem medo daquela figura, que apesar de apresentar-se com ar doentio, não deixava de causar asco e terror naqueles que o conheciam.

– Você jamais conseguirá acabar com esses cafajestes que se humilham diante de uma simples cruz que para nós nada vale, mesmo que para o

mundo esse seja um símbolo tão forte ou mais do que todas as nossas armas juntas – comentou o recém-chegado com voz cavernosa.

– Comandante Justos, você está me desrespeitando – reclamou o chefe, encarando o seu subordinado. – Eu sou seu rei, esqueceu?

O homem a quem o chefe chamava de Comandante Justos era alto, louro, com cabelos longos e compridos e olhos afogueados que transmitiam ódio e desprezo, principalmente quando falava. O formato perispiritual daquela criatura era semelhante a de um lagarto gigante. Uma lesão semelhante um ferimento de espada o incomodava, pois não cessava de jorrar sangue, mesmo ele tentando estancá-lo com a mão. Esse Espírito tivera várias existências antes de Cristo, porém ficou conhecido na história como um grande e conhecido guerreiro. Por ocasião da vinda do Mestre a Terra, ele ainda não havia conseguido melhorar sua condição espiritual, tendo em vista que seu orgulho era maior do que sua força de vontade de progredir espiritualmente. Foi um bandido maléfico procurado pelas autoridades na época, conduzindo muita gente à morte, pois era um líder revolucionário e rebelara-se contra Tibério César, imperador de Roma, que dominava o mundo naquele tempo distante. Após essa reencarnação – ele tivera várias reencarnações – sempre lutando com o objetivo de aprender na carne a curvar-se, contudo o progresso foi mínimo, pois sempre queria o domínio.

Naquele momento apresentava-se na cidade espiritual umbralina como Justos, em uma de suas reencarnações, quando fora general e nobre fiel ao seu rei, no século XI, na qual lutou nas cruzadas, conduzindo novamente milhares de almas ao inferno criado por suas consciências.

Justos estava frente à frente com seu rei, que naquela existência desencarnou por ocasião de uma batalha contra os sarracenos, durante uma das cruzadas que acorreram à Cidade Santa, em busca do santo sepulcro.

– Vossa Alteza sempre correu em todos os cantos do mundo para mostrar que esse Homem nunca existiu, mas o povo ainda se recorda Dele, inclusive de Sua morte, sentenciada por Pôncio Pilatos e apoiada pelo senhor enquanto era um dos reis da região da Galiléia – argumentou o general Justos, aproximando-se do chefe que era seu velho conhecido.

– Vocês sabem em que época nós estamos? – indagou uma mulher que estava com o rosto queimado.

– Sim – confirmou o rei. – Estamos em pleno século XX. E daí?

– Se nós não conseguirmos abortar as missões dos enviados do Homem de Nazaré, será bastante difícil fazermos com que as trevas se apossem desse país – explicou a mulher, retorcendo-se como uma cobra e encarando o general.

– Você não tem condições de dar opinião sobre os nossos planos. O próprio Herodes, quando viveu no corpo de um rei na França, lhe deu uma oportunidade de ouro para redimir-se; no entanto, você não soube aproveitar, caindo novamente em desgraça profunda – rebateu imediatamente o Espírito Justos.

Caríssimos leitores, a fim de informá-los com mais detalhes, as cidades umbralinas são organizadas e têm um líder ou governo que as conduz. São lugares onde os Espíritos maléficos se reúnem e tramam a maneira como devem atingir seus perseguidos. Todos são conhecidos como “obsessores”, pois eles se alimentam com fluidos vitais, geralmente extraídos dos encarnados que tem a mesma sintonia de vingança e ódio, mormente a vontade de destruir aqueles que consideram seus inimigos.

Cristo é um anjo, governador espiritual da Terra, e reencarnou com o objetivo de ensinar os espíritos a buscarem o caminho correto em direção ao Criador, porém fora interpretado na época como um ser extremamente perigoso e revolucionário, considerado um subversivo às conveniências dos sacerdotes judeus e aos romanos.

Quando desceu dos mundos puros, Jesus veio acompanhado por uma falange de anjos, que receberam a missão de protegê-lo, a fim de que pudesse levar avante Sua santa missão contra a vontade das legiões de Espíritos das trevas. Mas as trevas não ficaram inertes, pois também movimentaram inúmeras falanges de Espíritos maléficos e inteligentes, que reencarnaram com a finalidade de trabalharem contra o apostolado do Enviado de Deus.

Conforme informações da Doutrina Espírita, a Terra é um mundo de expiações e de provas, onde o mal prevalece sobre o bem e o livre-arbítrio é concedido por Deus aos Seus filhos. Tudo que aconteceu com o Cristo está escrito no Código Divino dos judeus, entretanto, nem eles acreditam que Jesus era o Messias.

Como governador espiritual do Planeta Terra, antes de reencarnar como homem normal, Jesus havia programado Sua existência conforme a história,

havia pelo menos um milênio e meio, informada através dos conhecidos e famosos Salmos, que estão escritos no Antigo Testamento.

Fora o próprio Jesus, em espírito, quem entregara a Lei de Deus, ou seja, as tábuas da lei, ao grande legislador hebreu Moisés, até hoje respeitada pelo homem, que tenta segui-la, principalmente os judeus e cristãos desse mundo inferior.

Ao contrário do que muita gente pensa, quando Jesus reencarnara fora considerado político, revolucionário, administrador, armador, rabi, mágico, feiticeiro perigoso odiado pelos judeus e principalmente por seus irmãos, filhos de José, seu pai, que quando se casara com Maria, sua mãe, era viúvo. Ele era um verdadeiro líder do povo judeu, principalmente dos pescadores, pois Ele lhes ensinou a construir barcos maiores e melhores, aparelhados com o objetivo de pescarem mais peixes e, assim, se emanciparem dos donos de barcos que lhes eram arrendados, porque a maior parte do pescado ficava com aqueles que eram proprietários dessas embarcações.

O Filho do Altíssimo jamais reclamou de Sua situação extremamente trágica ao ser entregue aos poderes de Roma, com o objetivo de fazê-lo confessar que era rei. De fato ele era rei, pois era o sucessor legal do trono de Israel, mas Jesus jamais exigiu essas prerrogativas de soberano material, mesmo sendo desacreditado pelos judeus, que naquela época disputavam a sucessão do reino de Davi, embora não deixassem isso claro, com medo do poderio de Roma.

No dia em que conversei com Ele senti algo que me envolvia e que ficou para sempre gravado em minha memória perispiritual, mesmo depois que reencarnei como papa Gregório IX, responsável pela instauração da Santa Inquisição; como Tiradentes, o mártir da inconfidência, e como um sacerdote no nordeste da Terra de Santa Cruz.

Como papa Gregório IX, na minha ignorância de espírito inferior, tentei justificar os desmandos de minhas ações por achar que defendia os ensinamentos do Cristo, e como sacerdote num pequeno Estado do nordeste tentei vivenciar o que realmente Jesus deseja que nós façamos: “Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo”.

Lamentavelmente, a igreja que sempre respeitei e que através dela cumpri uma provação prometida na espiritualidade, até hoje não entende os verdadeiros ensinamentos do Cristo, pois Jesus jamais buscou ouro e prata,

ao contrário do que acontece com a igreja desde os tempos em que um dos imperadores de Roma resolveu combater os cristãos aliando-se a eles e, assim, oficializou os ensinamentos do Cristo conforme as conveniências de Roma. É essa mesma igreja que diz abrigar no solo do Vaticano os restos mortais do primeiro Papa, Pedro, o apóstolo.

Os irmãos que até os dias atuais ainda continuam trabalhando nas sombras, tentando destruir o árduo trabalho do Cristo, jamais conseguirão realizar seu intento, porque há vinte séculos, época do advento do Cristianismo, o mundo começou a ser preparado pelos mensageiros do Senhor, por ocasião da vinda do Messias, seu governador espiritual, com o objetivo de plantar na Terra as sementes de uma nova humanidade, que iria ser regada até transformar o planeta num mundo de regeneração, conforme explicação dos mundos habitados pelo insigne Allan Kardec, o codificador da bendita Doutrina e um dos espíritos da falange do Espírito de Verdade.

As trevas são compostas por Espíritos ignorantes e sofredores que ainda não conhecem o bem em sua plenitude como conheceram os espíritos que já deixaram de reencarnar neste mundo. Sendo assim, na loucura do domínio do homem pelo homem, nossos irmãos que ainda convivem no mal, fruto de suas imperfeições, não conseguirão o intento de desfazer a obra do Messias, porque à medida que irão progredindo espiritualmente, durante suas sucessivas existências, deixarão uma lacuna enorme em seus corações que abrigará o bem, enquanto o mal, aos poucos, desaparecerá para sempre da face do planeta Terra.

Esta revolução que ora acontece na Terra do Cruzeiro conduz duas faces: uma do bem e outra do mal. Na primeira, os mensageiros do bem, responsáveis por esse belo país, não permitem que alguns Espíritos maléficos reencarnados, com o objetivo de dominar o mundo, consigam concretizar seus intentos. Na segunda, o Anjo Ismael aproveitou para mudar os rumos do país e colocá-lo nos trilhos da liberdade ampla e irrestrita, deixando ao seu povo o livre-arbítrio de escolher seu próprio destino.

Prezados amigos leitores, vários missionários reencarnaram no Brasil, país abençoado por Deus, com a finalidade de trabalhar pela sua liberdade, progresso, igualdade e fraternidade, mormente quando essa terra ainda era uma criança e fora espoliada pelas nações ambiciosas que tentavam acabar com as riquezas materiais que dariam condições de sobrevivência aos espíritos que reencarnariam nela.

Fui um dos sacerdotes enviados a esse belo país no início de seu descobrimento e vi de perto a formação de uma nova geração: raça, credo, espiritualidade, política, economia. Esta terra que mais parece um continente sempre foi alvo da ambição de todos os povos da Terra, contudo, abnegados missionários deram a própria vida em sua defesa. Em todos os ciclos que o país passou havia missionários enviados pelo seu mentor espiritual, o anjo Ismael, com o objetivo de ensinar, defender e afastar os inimigos das obras do Messias e do Criador, para evitar que a Pátria do Cruzeiro fosse dizimada ou alienada por irmãos bárbaros e obsessores, que ainda são contra os ensinamentos do Cristo.

Felipe dos Santos foi um dos enviados do Senhor para iniciar o que estava previsto: libertar o povo do país-criança. Logo depois reencarnei como um simples alferes, denominado Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, que tentou libertar o país do domínio da coroa de Portugal. Nossos corpos materiais foram enforcados e esquartejados, cumprindo uma determinação do Alto, com o objetivo de libertar e informar que o povo da Terra de Santa Cruz deveria continuar a lutar para deixar de ser escravo de Portugal.

Depois de um tempo, aportou no Brasil D. Pedro I, que ergueu sua espada e declarou: “Independência ou Morte!”, deixando claro que ele, como descendente direto da coroa, libertaria o país ou haveria guerra.

Dentre os vários espíritos missionários, D. Pedro II trouxera consigo a missão de transformar essa nação em uma democracia, e sua filha, a princesa Isabel, a de libertar os filhos de Deus que eram tratados como animais – os negros.

Esse imenso país continua sendo espoliado por seus próprios filhos, que estão sob a influência de Espíritos das trevas, que ainda não perderam esperanças de enterrar os ensinamentos do Cristo – amplamente divulgado através das várias religiões cristãs –, respeitado e seguido pela maioria dos habitantes dessa bendita terra.

CAPÍTULO XV - SONHO DE ANDRADE

Era uma linda manhã ensolarada de domingo. Antônia estava conversando animadamente com o seu pai, enquanto tomava café na cozinha, quando Ester entrou e pediu licença para falar com a moça. Ambos pararam de conversar.

– Patroa, aquele rapaz está esperando-a na sala de visita.

– Quem é esse rapaz? – indagou a moça sabendo de antemão de quem se tratava.

– Aquele jornalista.

– Ah! o Andrade.

– Sim. Esse mesmo – confirmou a empregada, com ar cúmplice.

Fagundes olhava disfarçadamente para a filha, enquanto tomava um gole de café.

– Minha filha, muito cuidado com esse rapaz – alertou o pai, não disfarçando seu desagrado com aquela visita.

– Papai, o Andrade é um jornalista decente – respondeu a moça, erguendo-se. – E não se preocupe, pois ele já sabe que é perseguido pelos militares, porém tudo indica que não tem medo de sofrer as consequências de seus atos.

– Filha...

Antônia não conseguiu ouvir o pai, pois já havia saído da cozinha, quase correndo em direção à sala onde o rapaz a esperava.

Andrade estava de pé, observando um dos quadros pendurados na parede, quando a moça entrou na sala. Ambos se cumprimentaram, depois Antônia apontou uma cadeira e convidou-lhe:

– Por favor, sente-se.

Andrade sentou-se, ficou fitando a moça por alguns minutos e depois ajeitou a camisa num gesto típico de quem estava procurando espaço para falar algo.

Antônia estava satisfeita com aquela criatura meio desleixada sentada a sua frente. “Ainda não descobri o porquê dessa satisfação de estar perto deste homem. Talvez seja a minha solidão de escritora, ou, quem sabe, a vontade de conversar com alguém sobre os meus problemas, principalmente

aqueles de ordem intelectual, que nem todo mundo compreende”, pensou a moça, baixando a cabeça com medo de que o jornalista descobrisse o que estava pensando.

O rapaz ergueu-se e sentou-se numa cadeira próxima à moça. Num gesto carinhoso segurou a mão da moça, a beijou e comentou, olhando-a nos olhos:

– Tive um sonho horrível.

Neste exato momento o Dr. Fagundes entrou na sala e cumprimentou o rapaz.

– Bom-dia, doutor – respondeu o rapaz ao cumprimento do pai da moça, erguendo-se e apertando a mão do homem.

Fagundes olhou de viés a filha, com as sobrancelhas arqueadas, e depois fitou o rapaz.

– Meu caro, você já sabe que está na mira dos militares?

– Sei, doutor. Inclusive já estive preso e não sei por que ainda estou vivo. Talvez os milagres existam – respondeu o jornalista, fitando o homem e sorrindo com ar irônico.

Fagundes percebeu no sorriso do colega de sua filha que ele estava zombando, mas se conteve, pois, afinal de contas, o rapaz era jornalista e um político inteligente não deve brincar com esses profissionais da mídia, mesmo que ela estivesse amordaçada, como acontecia naquela ditadura.

– Então você sabe muito bem que os lugares por onde anda devem estar sendo vigiados? – indagou o pai de Antônia, passando indiretamente uma mensagem ao jornalista.

– Sem dúvida alguma. Entretanto, sua filha já conhece esse fato e ela não está sendo enganada e nem tem culpa de meus erros, isto é, se os tenho – respondeu o jornalista encarando o político.

– Bem, estou apenas avisando, pois é o meu dever, meu rapaz – rebateu o pai de Antônia.

– Mas, de qualquer maneira, se o senhor não quiser que eu frequente mais esta casa, me retirarei imediatamente – disse o rapaz com voz enérgica, como se também quisesse passar uma mensagem ao Dr. Fagundes, demonstrando que o conhecia muito bem.

– Eu também sou dona desta casa, e decido quem deve, ou não, me visitar – comentou Antônia, erguendo-se e fitando o pai com ar de reprovação.

– Bem, vou sair. Apesar de ser domingo, tenho vários compromissos – despediu-se o homem fitando a filha.

Após a saída do pai de Antônia, Andrade continuou em pé, mas a moça convidou-lhe, quase ordenando:

– Sente-se e fique à vontade, meu amigo.

O rapaz sentou, respirou profundamente; fitou o jardim através da janela e em seguida ficou em silêncio.

– Andrade, estou esperando que você me narre o que sonhou – explicou a moça sorrindo, mostrando a fileira de dentes alvos e perfeitos que emolduravam seu belo rosto. – Você sabe que ando muito interessada em determinados sonhos.

– Sonhei que eu me encontrava num lugar semelhante a um pátio, sendo arrastado por um veículo – falou Andrade com o olhar distante.

– Continue, Andrade – incentivou a moça.

– No sonho fui amarrado pelas mãos a um jipe e depois fui arrastado por ele durante vários minutos, o que me deixou num estado lastimável, com as pernas e os cotovelos esfolados pelas pedras que calçavam aquele lugar – prosseguiu Andrade com ar triste. – Além disso, me senti praticamente sem fôlego, pois respirava a fumaça que saía do cano de escapamento daquela viatura.

O rapaz ergueu-se e espreguiçou-se; depois se sentou e continuou o relato de seu estranho sonho:

– O meu sofrimento era simplesmente inenarrável. Não me recordo de mais nada, pois desfaleci, não sei se de dor ou porque inalei bastante o óxido de carbono que saía do cano de escapamento da tal viatura. Recordo-me que, após um tempo que não sei precisar, fui atendido por uma pessoa que jamais vi nesta vida.

– Em qual hospital você foi atendido?

O rapaz pensou, olhou para fora e de seus olhos rolou uma lágrima que não passou despercebida à moça, que ficou emocionada.

– Não sei descrever o tal nosocômio. Era algo sublime e jamais o vi nesta terra – respondeu o jornalista, fitando algo acima da cabeça da moça.

A moça ergueu-se, passou a mão no rosto vermelho de emoção, depois se sentou perto do rapaz e passou a mão sobre os seus cabelos.

– O sonho acabou?

– Não. Agora é que vem o pior – respondeu o rapaz, com ar sério e triste.

– Se você quiser narrar o restante, fique à vontade, porém, se não lhe fizer bem, depois você me conta – disse a moça, com ar de quem estava querendo poupar o rapaz de sentimentos ruins.

Andrade ergueu-se, espreguiçou-se, respirou profundamente, sentou novamente, pensou e olhou para moça sentindo algo esquisito.

– Após o sonho em que me vi na situação na qual narrei, imediatamente, quase que paralelamente, vi-me vestido com uma indumentária que só vi nos cinemas, tentando equilibrar-me sobre uma biga, puxada por dois belos cavalos brancos. Amarrado a ela, alguém era arrastado por um lugar semelhante a um campo de futebol, com exceção do solo, que era formado de pedras e uma areia vermelha. Eu chicoteava a parrelha de cavalos, que aumentava a velocidade e fazia com que aquela pessoa amarrada gritasse desesperadamente por clemência – narrou o rapaz com ar triste e pensativo, passando a mão nos olhos.

A moça suspirou, ergueu-se e sentou-se em outra cadeira, ficando em silêncio.

– Você conhece essa pessoa?

– Não. Isto é, pelo menos nunca a vi na vida – respondeu o rapaz fitando a moça.

Ambos ficaram em silêncio por alguns minutos.

– Enquanto eu corria loucamente arrastando aquele rapaz, destroçando-o, lembro-me de uma bela mulher que gritava, aplaudia e ria nas arquibancadas do estádio – Andrade rompeu o silêncio, continuando a narrar o sonho, depois baixou a cabeça.

– Você reconheceu a mulher que ria de sua barbaridade?

– Sim.

– E quem era?

– Você.

– Eu?! – perguntou a moça, erguendo-se e apontando para o próprio peito.

– Infelizmente, sim – confirmou o rapaz, erguendo-se.

A moça estava pálida e inquieta e caminhava em redor da cadeira do jornalista.

– Bem, Antônia, eu vou embora – disse ele. – Vim até aqui apenas para narrar-lhe esse sonho maluco, já que você também tem experiências semelhantes.

A moça continuou em silêncio.

O rapaz aproximou-se da moça e pediu, segurando a mão dela:

– Antônio, não fique impressionada com isso. Lembre-se que foi apenas um sonho, e um sonho sempre será apenas um sonho.

– Não penso assim, Andrade – rebateu a moça. – Dependendo do sonho e de quem sonha, devemos tomar cuidado, pois ainda não sei explicar como, mas às vezes existe algo verdadeiro embutido neles.

– Você se refere ao sonho que teve com a sua mãe?

– Não. Aquilo não foi sonho, mas também não me pergunte o que foi, pois não sei responder.

– Desde aquele episódio que aconteceu conosco, referente àquele sonho ou sei lá o quê, por ocasião de minha prisão, tenho estudado, pesquisado e aos poucos estou começando entender o que essa Doutrina Espírita tenta explicar – comentou o rapaz, erguendo-se e demonstrando que estava indo embora.

O rapaz novamente sentou-se e ficou fitando em silêncio o rosto de sua amiga, talvez tentando descobrir algo naquele semblante simpático.

– Confesso que fiquei impressionado com o que li na questão quatrocentos e dois, em “O Livro dos Espíritos” – desabafou o rapaz, de cabeça baixa.

– Já li essa questão – confirmou a moça, cruzando as pernas elegantemente.

– Se não estou enganado, a questão é a seguinte: “Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?”.

A moça fez um gesto com a mão, pedindo:

– Um momento. Deixe-me lembrar da resposta, pois de tanto ler trechos a respeito desse assunto nesse mesmo livro, já memorizei a resposta dessa questão.

– Então, qual é a resposta dos Espíritos?

– Se não estou enganada é a seguinte: “Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. (...)” – respondeu Antônio, pausadamente, tentando se lembrar o que havia lido na íntegra. – Mas a resposta dessa questão continua.

– E a continuação foi que me deixou bastante pensativo – explicou o rapaz, fitando a moça.

Ambos ficaram em silêncio, cada qual entregue aos seus próprios pensamentos, lutando contra o ceticismo a respeito da Doutrina dos Espíritos.

– Então, segundo essa Doutrina, seus sonhos são os resultados de quando você mergulhou no passado de outras reencarnações e reviveu uma de suas existências, como o caso de Cláudia Prócula, mulher do procurador romano, Pôncio Pilatos? – indagou o jornalista com as sobrancelhas arqueadas, tentando aceitar o que estava falando.

– Não tenho dúvida quanto a essa possibilidade – respondeu Antônia pensativa. – O que me faz acreditar que realmente existe reencarnação é o fato de haver sonhado várias vezes como Cláudia, numa sequência lógica da história.

– E no meu caso? Significa que realmente vai acontecer o que vi no futuro, como afirma essa Doutrina?

A moça pensou e em seguida resolveu responder:

– Não sei. É muito difícil acreditar nessas coisas inverossímeis sem comprovação científica, até porque já tive outros sonhos que não viraram realidade. E para falar a verdade, meu amigo, eu ainda não acredito muito nessas coisas, embora tudo me seja plausível.

– Vamos torcer para que os meus sonhos não se realizem, senão, algo muito ruim está me esperando – falou o rapaz com o semblante triste, porém sorrindo, talvez para não preocupar a moça.

– Se você acha que a sua luta contra essa ditadura disfarçada vai lhe prejudicar, então, por que não deixa isso prá lá?

– Antônia, algo muito forte em mim diz que nós temos que lutar, senão as futuras gerações vão sofrer as terríveis consequências causadas por meia dúzia de pessoas que se acham com o direito de conduzir nossas vidas como se fôssemos simples animais – respondeu o rapaz, segurando a mão da moça. – De qualquer maneira já estou sendo prejudicado, porque fui obrigado a me despedir do jornal.

– Você foi despedido?

– Não. Eu pedi minha demissão. Já não aguentava o olhar de meus companheiros; era como se estivesse prejudicando-os – respondeu o rapaz, com ar sério.

Andrade fez um carinho disfarçado na mão da moça e despediu-se. Enquanto ele caminhava em direção ao portão de saída, Antônia o observava com o coração aos saltos, pensando no que ele havia lhe informado.

– Patroa?

Antônia olhou para trás e viu a sua empregada.

– O que houve, Ester?

– Cuidado...

– Não se preocupe. O que tiver de acontecer vai acontecer de qualquer maneira – afirmou a moça, encaminhando-se ao seu escritório.

CAPÍTULO XVI - TORTURA E MORTE DE ANDRADE

Antônia estava inquieta, caminhando pelo alpendre de sua residência, como se estivesse preocupada com algo muito importante. Estava quente e abafada aquela tarde, causando incômodo na escritora, que não conseguia se concentrar no livro que estava quase no fim. De repente a moça foi surpreendida pela empregada, que lhe indagou da porta da casa:

– Patroa, o que está acontecendo? Parece-me que a senhora está muito preocupada.

– Realmente, nem eu mesmo sei o que está acontecendo comigo, inclusive não consegui escrever uma única frase por falta de inspiração – disse a moça parando perto da empregada. – Desde cedo estou assim, com uma forte intuição de que algo muito ruim vai acontecer ou já aconteceu.

– Acho que vou telefonar para o Dr. Fagundes, informando-lhe que a senhora não está passando bem – informou a empregada com ar de quem estava bastante preocupada.

– Não precisa. Acho que esse mal-estar logo vai passar – falou a moça, segurando no braço de Ester.

A campainha da casa tocou. Antônia parou e pôs a mão na boca, como se estivesse surpresa.

Ester correu em direção ao portão e encontrou um rapazola de pé, esperando que alguém atendesse.

– Boa-tarde, senhora! – cumprimentou o jovem.

– Boa-tarde.

– A senhorita Antônia está?

– Sim.

– Por favor, entregue a ela esta carta – pediu o rapaz, estendendo-lhe um envelope fechado. – Diga que foi o Andrade que lhe enviou.

– Pode deixar comigo. Entregarei este envelope agora mesmo.

O rapaz olhou de lado, com ar assustado, e saiu quase correndo.

Antes de entregar o envelope para a patroa, Ester ficou olhando para ela, que a esperava no alpendre.

– De quem é essa carta? – indagou a moça, desconfiada de algo.

– É do senhor Andrade – respondeu a empregada, entregando-lhe a carta.

Antônia sentou-se e ficou com o envelope na mão por alguns instantes, sem abri-lo.

– A senhora não vai ler esta carta? – perguntou Ester, esfregando as mãos uma na outra, demonstrando que estava bastante preocupada e nervosa com aquela carta.

Antônia abriu a carta, olhou para o céu e para o jardim. Observou um pássaro pousar na grama, depois a fiel empregada, e começou a ler a tal carta. A moça empalidecia à medida que lia o texto. Suas mãos tremiam e lágrimas desciam pelo seu belo rosto, molhando o papel.

Ester não sabia o que fazer, pois a missiva era particular e não sabia o que estava escrito.

A moça ergueu-se e de cabeça baixa saiu andando em direção ao interior da casa.

Ester notou que Antônia havia deixado a carta fora do envelope, sobre a cadeira. Apanhou-a, dobrou-a e seguiu atrás da patroa, mas logo parou e pensou: “Acho que vou ler o que está escrito nesta carta. Bem, é indiscrição, mas para ajudar a Antônia preciso saber o que está acontecendo”. Ester começou a ler a carta e também ficou pálida. Suas pernas ficaram trêmulas e sentou-se num dos degraus que levavam ao segundo piso da casa.

“Meu Deus, como essa menina está sofrendo! Será possível que essa criatura nasceu para sofrer?”.

“Querida amiga, escrevi esta carta antes de ocorrer o fato que nela vai descrito. Aconteceu o que eu já esperava. Estou preso, sendo conduzido para um lugar desconhecido. Estou bem, não se preocupe comigo, porque eu já sabia qual seria o meu destino. Um forte abraço. Andrade”, dizia a carta. Ela leu novamente a mensagem, ergueu-se e foi ter com sua patroa no quarto dela.

Antônia estava deitada de bruços, com o travesseiro cobrindo-lhe o rosto, talvez tentando sufocar o choro acompanhado de soluços.

Ester ficou sem ação. “Vou deixar que ela desabafe seu sofrimento através do choro”, pensou.

Após um tempo, a moça sentou-se na cama e indagou, fitando sua empregada:

– Leu?

Ester limitou-se a fazer um gesto positivo com a cabeça.

– O que faço agora?

Em vez de responder, a mulher sentou-se ao lado da moça e começou a fazer-lhe um carinho nos cabelos silenciosamente.

Antônia ergueu-se e viu a carta na mão de Ester. Como se quisesse se vingar do mundo através daquele pequeno e inofensivo papel tomou-lhe e rasgou-o com fúria, jogando os pedaços no chão e pisoteando-os, enquanto gritava:

– Malditos! Vou mandar acabar com todos! Vou varrê-los para sempre da face da Terra!

Ester também se ergueu assustada com os gritos e a face totalmente transfigurada da patroa, pois jamais a havia visto daquele jeito, nem quando a sua mãe morreu.

– Vou me vingar, seus torturadores de gente pobre e inofensiva! – gritava a moça, praticamente perdendo o equilíbrio.

A moça sentava-se ora numa poltrona que ficava perto da cama no amplo quarto, ora caminhava até a janela. Depois parou defronte à empregada e comentou:

– Coitado do Andrade. Ele escreveu esta maldita carta antes de ser preso, porque já havia sido informado que sua prisão seria inevitável.

– Calma, patroa! Sente-se e após o primeiro momento vamos racionar no que a senhora fará – contemporizou Ester, segurando com força a mão da moça.

– Aonde vou procurar notícias do Andrade, saber em qual quartel ele está preso? – perguntou Antônia, sentando-se ao lado de Ester e enxugando o rosto.

– Acho que você deve procurar descobrir o destino dele em alguma delegacia – opinou a empregada.

– Deixe de ser ignorante, Ester. Quando esses homens prendem alguém, a polícia nem toma conhecimento dos fatos, pois os militares das Forças Armadas argumentam que são presos políticos, entendeu?

Houve um silêncio rápido entre as duas mulheres.

– Tenho uma ideia – comentou Ester, rompendo o tal silêncio.

– Qual? – indagou a moça surpresa, fitando Ester.

– Telefone para o general Otaviano.

- O quê? Essa é a sua brilhante ideia?
- Querida, apesar dos entrevos que houve entre vocês, esse militar a ama – respondeu Ester, procurando reforçar sua ideia.
- Criatura de Deus, você não entende que esse homem me odeia?
- Tente. Você só vai saber após ligar para ele – insistiu a empregada nervosa.

A moça pensou e depois de um tempo, encarou Ester e resolveu ligar para o quartel do militar. “Vale a pena fazer qualquer sacrifício, até mesmo engolir meu orgulho, para descobrir onde o Andrade está preso neste momento”, pensou, enquanto discava para o lugar no qual poderia encontrar o general Otaviano.

- Alô! General Otaviano – atendeu o militar.
- Desculpe-me incomodar o senhor – pediu a moça, tentando ser natural.
- Quem está falando?
- Antônia.
- Olá, Antônia. O que houve?
- Quero saber se o senhor pode me fazer um pequeno favor – falou a moça meio envergonhada, porém indo diretamente ao ponto importante.
- Qual o favor? – perguntou o militar, com voz seca.
- O senhor sabe onde o Andrade está preso? – indagou a moça, sem preâmbulos.

Do outro da linha houve um silêncio.

– Mesmo que você não acredite, não sei respondê-la, pois não sabia que esse rapaz havia sido preso – explicou o general, como se estivesse chateado. – Atualmente sou um simples burocrata, encostado numa pequena repartição sem expressão, até que eu seja forçado a solicitar minha transferência para a reserva.

– Desculpe-me. Eu não sabia que o senhor havia sido retirado da equipe dos órgãos de confiança do governo.

– Bem, agora você já está sabendo; portanto o que acontece agora, não me é informado.

– Mesmo assim, obrigada.

– Antes de você desligar, peço desculpas pelo que aconteceu entre nós, principalmente pela maneira estúpida como lhe tratei naquele maldito dia em que a pedi em casamento.

– Nada tenho a lhe desculpar. Mais uma vez, obrigada. Agora vou desligar.

Após o telefonema, Antônia olhou de lado e notou que a empregada havia ouvido a conversa.

– Você deve ter entendido que tipo de conversa eu tive com o general.

– Sim.

– Então, minha amiga, eu não tenho mais esperança.

Antônia ergueu-se e caminhou em direção ao jardim, enxugando as lágrimas e falando consigo:

– Tenho quase certeza que o Andrade deve estar morto ou sendo submetido às piores torturas sem que eu nada possa fazer, pois além de estar marcada pela revolução, o meu pai também está envolvido nisso, possivelmente aceitando o jogo do regime militar com a finalidade de se beneficiar. Dessa forma, não tenho ninguém de confiança que possa me informar o paradeiro do Andrade.

O Sol encaminhava-se para o horizonte à procura do seu berço, enquanto o manto escuro da noite se preparava para cobrir a Terra, deixando-a mergulhada nas trevas. Umaz avezinhas brincavam voando rasteiras pelo jardim, ora pousando na grama, ora escondendo-se nas copas das árvores que formavam o aprazível pomar que rodeava a mansão.

Antônia sentou-se numa cadeira e fitou o horizonte. Chorou e sentiu as pálpebras pesadas fecharem-se, enquanto involuntariamente e aos poucos o sono tomava conta de si. Na verdadeira acepção da palavra, a moça não estava dormindo, porém para aqueles que a observassem era como se estivesse. Ela começou a vibrar em várias dimensões, deslocando-se numa rapidez incapaz do pensamento humano descrever. “Acho que vou procurar o Andrade”, pensou ela completamente consciente. “Mas onde ele está?”, perguntava-se aflita em pensamento, sentindo o peito se contrair e com medo do pior. De repente ouviu uma voz ao longe, como se o som atravessasse barreiras com dificuldade até chegar aos seus ouvidos. Olhou para os lados, tentando descobrir de onde vinha aquela voz, e não viu ninguém. Sentiu-se planando sobre uma região desconhecida, quando de repente ouvia a mesma voz repetir:

– Vamos?

Ela tentou identificar a pessoa que a chamava, mas não conseguiu. Sem pensar muito, Antônia respondeu:

– Vamos.

Algum tempo depois:

– É aqui – disse a voz de alguém que parecia estar ao seu lado.

De repente Antônia encontrou-se num amplo pátio parcamente iluminado por algumas lâmpadas que foram acesas para substituir a luz do Sol que já havia sumido no horizonte. Tentou identificar onde se encontrava, caminhando em direção a um grupo de homens. Observou que havia um homem amarrado pelas mãos a um jipe. Ela aproximou-se, pôs as mãos na boca e gritou:

– Andrade!

O rapaz estava de pé, com a roupa toda rasgada e manchada de sangue e algumas escoriações no rosto, porém, sua postura era a de um verdadeiro herói, pois não emitia nenhum som, nem mesmo para pedir clemência. “Senhor, se não consegui cumprir minha missão há vários séculos, foi por covardia, mas desta vez não pude lutar contra essa gente tão poderosa”, pensava o rapaz, enquanto o sangue escorria pelo seu queixo, provocado por um corte nos lábios.

Impulsivamente, Antônia abraçou o jornalista e continuou a gritar por clemência a dois homens que estavam afastados, como se fossem responsáveis por aquela operação.

– Senhores, este homem nada fez para ser maltratado assim, sem julgamento! – gritava a moça defronte a um dos homens que parecia ser o chefe.

Ele parecia não enxergá-la e nem ouvi-la, pois se manteve em silêncio, com os braços cruzados. De repente um dos homens aproximou-se e perguntou:

– E agora, chefe?

– Acabem com ele, a não ser que confesse o que queremos – respondeu o tal homem, que indicava ser o chefe daquela operação.

– Não! – gritou Antônia, sabendo de antemão o que estaria por acontecer ao jornalista.

O carro arrancou “cantando” pneus no pátio calçado com pedras irregulares e puxou com violência o rapaz, que imediatamente caiu e foi arrastado em círculos, enquanto se ouviam gargalhadas horríveis.

Não se ouvia um gemido do jornalista. Antônia que estava fora do corpo acompanhava o rapaz, gritando e chorando.

O carro rodou, até que parou a um sinal do chefe.

Um grupo caminhou em direção ao rapaz.

– Andrade, vai falar ou não? – perguntou um dos homens.

Nesse exato momento alguém se aproximou e soprou nos ouvidos daquele homem que parecia ser o chefe:

– Acho que ele está morrendo.

O homem passou a mão na cabeça e ordenou com um gesto ríspido de mãos:

– Levem-no e desapareçam com o corpo sem deixar rastros.

– Chefe, o homem ainda está vivo – informou um dos homens.

– Cumpram a ordem – ordenou o chefe – Não tenho culpa se ele não aguentou as consequências de seus próprios atos, principalmente quando se insurgiu contra o governo.

Silêncio.

Antônia entrou no carro e enquanto ele tomava o itinerário ao destino ignorado, ela tentava orar por aquela criatura. De repente ouviu um gemido e fitou os olhos do jornalista. Ela o viu tentar respirar com dificuldade, buscando nos pulmões o último resto de ar. Em seguida, cessou de respirar e ficou com os olhos arregalados e fixos no nada.

A moça gritou e viu, de repente, algumas pessoas, todas vestidas com roupas diferentes, aproximaram-se do corpo. Fizeram algumas operações desconhecidas e logo um deles disse:

– Vamos embora. O nosso irmão já se libertou deste corpo que lhe serviu de morada por vários anos.

Um deles envolveu os ombros da moça e comentou, com carinho:

– Minha irmã, o Andrade será conduzido a um hospital no qual será muito bem tratado, a não ser que ele não esteja preparado para isso.

– Quem são vocês?

– Somos de paz. Um dia você vai saber quem somos nós – respondeu um rapaz de feição simpática e bondosa.

Antônia notou que aquela gente pertencia a outro plano, portanto baixou a cabeça. “Vou acompanhá-lo, para ter certeza de que ele será bem atendido”, balbuciou.

– Não precisa, minha irmã. O Andrade é nosso irmão e tenho certeza que se portará como sempre se comportou durante o tempo em que lutou para cumprir sua missão na emancipação deste belo país.

“Estranho. Esse rapaz fala da emancipação do nosso país. Bem, algo me diz que em breve terei notícias do Andrade”.

Antônia ouviu algumas pessoas conversarem.

– Minha filha está me deixando preocupado com esse tipo de sono – disse Fagundes que havia chegado em casa.

– Não se preocupe, doutor. A Antônia já está acostumada com isso – comentou Ester, tentando acalmar o pai da moça.

Antônia abriu os olhos, espreguiçou-se como se houvesse despertado, ergueu-se, beijou o pai e olhou de viés para a empregada.

– Já estava preocupado com você, minha filha – falou o pai, abraçando a moça.

Antônia fez um carinho no pai e caminhou em direção ao seu quarto, como se fizesse um grande esforço para se mover. A moça chorava, todavia continha o soluço.

CAPÍTULO XVII - ANTÔNIA E OTAVIANO

Após o estranho sonho, Antônia passou uns dois dias sem sair do quarto, inclusive evitando falar com alguém, principalmente seu pai e Ester. Quando saiu do corpo físico a moça presenciou em espírito a tortura desumana e a conseqüente morte do jornalista, que guardava na intimidade de seu coração a esperança de ambos, um dia, constituírem uma vida a dois; todavia ele se foi deste mundo, antes que ela confessasse aquele sentimento, que não tinha certeza se era o amor ou outro sentimento profundo.

Ester tentou encontrar uma maneira de conversar com a patroa durante esses dias, porém não obteve sucesso, pois com uma desculpa qualquer Antônia a mandava sair do quarto.

A filha do Dr. Fagundes se alimentava somente de líquidos e passava o dia deitada com os olhos fitos no teto. Chorava sem parar. “Tenho certeza que o Andrade morreu. Só não sei explicar que gente era aquela que o acolheu depois que vi seu último suspiro; isto é se realmente ele morreu, conforme a minha visão durante o sonho que tive”, pensava ela, enxugando o rosto. Às vezes erguia-se da cama e inquieta caminhava pelo quarto com o peito apertado, os pensamentos não encontravam ponto certo onde se fixarem, o corpo doía e a cabeça latejava, não se sabe se de dor ou saudade.

Na tarde do segundo dia, Antônia tomou uma ducha, vestiu-se, maquiou-se e ao descer do seu quarto encontrou no pé da escada sua empregada, que a olhava desconfiada.

– Melhorou, patroa?

– Sim.

– Aonde a senhora vai?

A moça pensou, fitou a empregada e respondeu-lhe:

– Visitar uma amiga.

– A senhora quer tomar um lanche?

– Não. Obrigada.

Antônia entrou no carro e partiu em direção a um lugar que somente ela sabia. Após alguns minutos dirigindo seu carro, estacionou no pátio de um prédio e dentro de poucos minutos encontrava-se sentada defronte ao

general Otaviano, encarando-o como se quisesse descobrir algo importante refletido em seu rosto.

– Você acha que estou mentindo, quando a informei por telefone que não sabia do paradeiro do Andrade? – indagou Otaviano com o olhar insistente da moça.

– Não. Mas não é possível que um homem de sua posição não saiba o que aconteceu com alguém que foi preso nas dependências de algum lugar que o senhor conhece muito bem – respondeu a moça, fitando o homem com ar sério.

O militar ergueu-se, foi até a porta, certificou-se de que não havia ninguém ouvindo do lado de fora, sentou-se e encarando a moça começou a falar sobre si.

– Antes da revolução eu pensava e agia totalmente diferente de hoje, porém depois que comecei observar o comportamento de meus companheiros entendi que não comungava com aquelas ideias, que éramos praticamente obrigados a aceitá-las como certas. O nosso objetivo era cumprir com a Constituição, ou seja, defender o nosso país e os direitos constituídos. – Mas infelizmente algo deu errado e eu passei a verificar que o país estava correndo sério perigo.

O homem fez uma pequena pausa, respirou profundamente e continuou a falar:

– Após um tempo, notei que nós, os militares, estávamos sendo joguetes nas mãos de forças estranhas que não sei explicar.

– Por quê? – interrompeu Antônia.

– A ideia dos militares conservadores era evitar que o país perdesse sua soberania, o que não era impossível antes da revolução, provocando, assim, o tal “golpe de estado”, com o objetivo de colocar a casa em ordem e depois entregá-la ao povo, a fim de que houvessem eleições normais e que uma democracia ampla e irrestrita fosse estabelecida nesta pátria – respondeu o general, com ar de quem estava cansado. – Mas o poder, aos poucos, foi envolvendo as mentes de alguns de nós, como se forças invisíveis estivessem no comando de tudo, principalmente da cúpula, que começou a mudar os pensamentos democráticos – respondeu o militar simulando tirar um fiapo de seu impecável uniforme.

– Não foi isso que notei quando vi um de meus colegas sendo torturado até a morte – redarguiu a moça, colocando o general em má situação.

O homem ergueu-se e começou a andar pelo pequeno espaço onde cumpria seu ridículo expediente de um burocrata sem expressão, talvez como castigo por não aceitar as ideias do governo. Ele fitou a moça e de pé respondeu-lhe:

– Minha querida amiga, sou militar e disciplinado desde os tempos em que cursei a Academia; portanto fui educado militarmente para não discutir ordens.

– Quer dizer que mudou de pensamento? – perguntou a moça com ar de ironia.

O general Otaviano notou o ar irônico de Antônia, porém fez de conta que não percebera.

– Por que você acha que fui afastado de minhas funções e colocado nesta sala, sem poder algum? – respondeu o homem com outra pergunta. – Fui enterrado vivo no cemitério daqueles que são considerados desprezados, foras do sistema ou dos esquemas projetados por aqueles que mantêm esse regime.

A moça ficou em silêncio por alguns momentos, pensando no que o militar havia lhe informado. “Acho que posso acreditar neste homem. Sinto e observo que aquela empáfia estampada em seu rosto deu lugar à amargura e à desilusão”, meditava Antônia.

– Quer dizer que o senhor não pode me ajudar a encontrar ou saber o que houve com o Andrade? – indagou a moça.

– Não.

A moça ergueu-se, passou a mão no vestido, ajeitou o cabelo, depois estendeu a mão ao militar e despediu-se; todavia antes de retirar-se da sala ouviu o homem pedir:

– Um momento, Antônia...

Em pé e calada, a moça ficou esperando o que o general queria com aquele gesto.

O homem ergueu o aparelho telefônico e, após ouvir uma voz do outro lado da linha, indagou em voz baixa:

– Roberto, você sabe me informar o que foi feito daquele jornalista suspeito de subversão?

O homem ouviu por alguns minutos quem falava do outro lado, depois respirou profundamente, enquanto colocava o telefone no gancho sem se

despedir. Ficou alguns minutos em silêncio de cabeça baixa, depois se ergueu, fitando diretamente os olhos azuis da moça, e disse:

– Um amigo informou que o rapaz foi preso e depois conduzido até um lugar para ser interrogado.

– Que lugar é esse?

– É onde a maioria dos presos considerados inimigos do governo é torturada.

Antônia sentiu as pernas tremerem, a respiração tornar-se pesada, a vista turvar e uma dor indescritível no peito. Seus pensamentos sumiram como por encanto, lágrimas começaram a rolar de seus olhos e foi tomada por uma fraqueza esquisita, que só não a levou ao solo, porque o militar correu e a amparou.

Ao perder os sentidos, o corpo espiritual da moça deixou o físico e tomou a direção de algum lugar desconhecido. Depois, usando de sua condição de Espírito livre da matéria, voou como um pássaro sobre planícies, montanhas, rios e lagos, até que aportou num lugar muito bonito. Como se estivesse cansada de uma longa viagem, sentou-se num banco no meio de um belo jardim, que beirava um lago calmo de águas transparentes.

– Boa-tarde!

A moça voltou o rosto para o lado e notou que um homem de feição simpática e bela fitava seu rosto em silêncio com seu ar bonachão.

Surpresa, Antônia ergueu-se e imediatamente perguntou:

– Por favor, posso saber quem é o senhor?

– Moro nesta cidade, minha querida – respondeu o homem com doçura, apontando o banco e pedindo que a moça se sentasse.

– Que cidade é esta?

– Um lugar fundado por Jesus para nos ajudar, antes de reencarnar como o Messias – respondeu o homem com um sorriso. – Ajudar mormente aqueles que sofreram enquanto encarnados, até que tomem consciência e se candidatem a uma nova existência no mundo material.

– Não entendi.

– Em breve entenderá algumas coisas que serão muito importantes para você desvendar o que anda procurando.

– Procuo por um amigo que desapareceu – comentou a moça.

– O Andrade?

– Sim. Como o senhor sabe?

O homem sorriu e sentou-se ao lado da moça, ficando em silêncio por alguns minutos.

– O Andrade não conheceu pessoalmente o Mestre Divino durante Seu apostolado na Terra, porém já recebeu várias missões, antes e depois Dele, sempre com o objetivo de ajudar no progresso da humanidade, principalmente àqueles que estão reencarnando atualmente na Terra de Santa Cruz – respondeu o habitante daquele belo lugar.

– Que lugar é este? – perguntou a moça com ar preocupado.

– Uma colônia espiritual.

– O senhor está querendo me dizer que os habitantes desta colônia já morreram? – indagou espantada a moça, erguendo-se e pondo a mão direita no coração.

– Sim, se a morte existisse, porém, nós somos seres imortais – respondeu o Espírito sorrindo. – A prova disso é que nós estamos conversando normalmente em espírito, pois, enquanto me encontro na erraticidade, você é um Espírito encarnado, por enquanto livre do corpo físico que se encontra desmaiado no gabinete de seu conhecido na Terra.

– Não posso acreditar no que o senhor está dizendo!

– Por quê?

– Porque estou viva e conversando normalmente com o senhor, que já morreu – respondeu Antônia com a respiração alterada.

– Foi o que terminei de explicar.

– Não acredito nisso!

O homem sorriu e permaneceu em silêncio, enquanto pensava: “Realmente é muito difícil para uma pessoa de sã consciência acreditar que existem mundos que abrigam aqueles que supostamente morreram”.

Antônia caminhava inquieta, sentindo que o ar começava a lhe faltar. Repentinamente sentiu um cheiro forte de éter, pois se tratava de mais um de seus sonhos inexplicáveis pela ciência. Abriu os olhos e observou rapidamente que estava ao seu redor, além do general, uma moça que tentava fazê-la voltar ao normal.

A filha do Dr. Fagundes que estava sentada ergueu-se, ajeitou a roupa, fitou Otaviano e em silêncio despediu-se e foi embora.

Ao entrar em casa Antônia correu em direção ao seu quarto e deitou-se de bruços, com o rosto enterrado nos travesseiros.

Ester também correu e ficou observando a patroa deitada. Notou que a moça estava chorando, portanto saiu do quarto em silêncio, pensando: “É melhor deixá-la descansar um pouco, depois quem sabe ela não me conta o que aconteceu”.

A noite havia chegado, quando o Dr. Fagundes voltou para sua residência. Ele foi direto para o seu quarto e, após trocar de roupa, desceu, sentou-se num confortável sofá, abriu um jornal que conduzia consigo e começou a folheá-lo.

– Papai?

– Sim, filha.

Fagundes fechou o jornal e fitando Antônia nos olhos, notou que a moça havia chorado. Ergueu-se e em silêncio abraçou-a, indagando-lhe:

– O que houve, filha? Pensei que estivesse escrevendo ou dormindo, portanto não quis incomodá-la.

A moça não respondeu, apenas limitou-se a sentar-se ao lado do pai e, após um silêncio que pareceu durar uma eternidade, fitou o político e indagou-lhe:

– O senhor sabia que o Andrade foi torturado até a morte?

O homem ergueu-se de repente, como se houvesse sido picado por algum inseto, e antes de responder a pergunta da filha, fitou o solo, passou as duas mãos nos cabelos e sentou-se.

– Não.

– Então, por que a surpresa?

O homem se ergueu novamente e começou andar com as mãos metidas no bolso. Após alguns segundos, parou em frente à moça e respondeu-lhe:

– Quando o Andrade foi preso, fiquei sabendo através de um amigo.

– O quê? O senhor sabia?

– Sabia que ele havia sido preso e logicamente já tinha certeza que seria torturado, mas...

– “Mas” o quê? – indagou a moça aflita.

– Eu não sabia que seria torturado até a morte.

– Como o senhor soube que o Andrade morreu sob uma forte tortura? – indagou a moça erguendo-se.

– Um colega me informou, talvez para ver a minha reação. Tudo me faz crer que o que aconteceu não passou de uma armadilha para nos atingir –

respondeu o homem. – Sinto muito, minha filha, mas nada pude fazer por ele.

Antônia fitou o pai, ficou séria, e depois comentou como se estivesse falando consigo:

– Pai, quem está enganada aqui, sou eu.

– Posso saber por que você está me dizendo isso?

– Porque o senhor já foi contaminado há muito tempo com o espinho nojento do poder – respondeu a moça, erguendo-se e deixando a sala, sob o olhar atento de sua empregada, que estava ouvindo a conversa escondida.

Enquanto a moça deixava a sala, o político ficou em silêncio, talvez pensando em algo que somente ele sabia.

CAPÍTULO XVIII - CIDADE ESPIRITUAL LUZ DO MUNDO

Encontravam-se sentados em redor de uma pérgula construída havia vários milênios no plano espiritual alguns amigos conversando sobre assuntos diversos. A graciosa pérgula estava situada no meio de um belíssimo jardim da Cidade Espiritual Luz do Mundo. Os Espíritos conversavam sobre assuntos que giravam em torno das atividades exercidas naquela cidade, que assim como outras, fora fundada com a finalidade de resgatar do mundo das sombras algumas almas sofredoras, com a autorização dos Espíritos superiores.

– Não consigo acreditar que ainda há Espíritos sofrendo nas trevas há mais de três milênios, quando o ideal seria que esses filhos de Deus já estivessem em outros mundos mais adiantados que o nosso – disse um senhor de meia idade, com ar jovial e bonachão, fazendo um gesto com os braços, tentando evitar que a manga de sua túnica romana caísse e deixasse o braço nu.

– Meu caro amigo, atualmente você é o nosso coordenador, tendo em vista que o Messias, quando fundou esta cidade, pediu-lhe que aqui você permanecesse para nos orientar – argumentou um jovem alto, com cabelos castanhos escuros e um sorriso bondoso. – Todavia, milhões de almas contemporâneas ainda se encontram nas trevas, porque não conseguiram forças e nem fé suficientes para resgatarem suas dívidas com resignação, seguindo os ensinamentos que o Mestre deixou.

– Quando reencarnei por ocasião da vinda do Mestre à Terra, sofri terrivelmente com os atos que pratiquei contra Àquele que eu deveria ajudar em Sua santa missão, porém fiz tudo ao contrário, pensando que o ajudava – lamentou o homem vestido como romano. – Durante séculos essa culpa me acompanhou, e mesmo sabendo que não tenho nada mais para expiar na Terra, pois fiz de tudo com o objetivo de depurar meu corpo espiritual dos fluidos inerentes aos mundos inferiores, ainda não consegui esquecer a minha imperdoável covardia e traição.

– Judas, você já teve várias existências após a vinda do Messias; além disso, apesar do que aconteceu, temos certeza que o Cristo jamais deixou de amá-lo como irmão e amigo que compôs seu apostolado – entreviu outro homem, também vestido com uma túnica branca. – Também sabemos que tudo o que aconteceria ao Mestre já estava previsto no Antigo Testamento, através dos Salmos, e se profetizaria no tempo certo, pois assim era a Sua vontade. Portanto, tenho certeza que Ele usou nossas imperfeições para trabalhar em favor do progresso deste planeta, que paulatinamente já está se transformando num mundo de regeneração.

– Cornélio, naquela época perdida nos arquivos do tempo todos nós recebemos uma missão de nossos superiores para assessorar o Divino Mestre; no entanto eu falhei, porém a maioria venceu, inclusive você que, como o primeiro centurião de Pôncio Pilatos, nunca deixou que seu poder de militar da guarda pretoriana ultrapassasse os ensinamentos que tivemos antes de reencarnarmos – comentou Judas, fitando o amigo com um olhar calmo e bondoso.

– Mas falhei, porque cumpri cegamente as ordens de Pôncio Pilatos, por ocasião da crucificação do nosso Mestre – rebateu Quinto Cornélio, fazendo um gesto com a cabeça.

– Meu caro irmão, já estava escrito que você seria aquele que O crucificaria, pois o Mestre usou nossa ignorância – insistiu o Espírito Judas de Iscariotes. – Porém, a minha traição foi oriunda de minha ambição, pois eu pensava somente no poder.

– Apesar de ser o governador espiritual da Terra, atualmente Jesus se encontra em outras galáxias, mas tenho certeza de que Ele jamais nos esqueceu, porque mesmo com nossas imperfeições, conseguimos vencer parte do domínio que a matéria tinha sobre nós por ocasião de outras existências, antes e depois da reencarnação Dele – comentou o rapaz de cabelos e olhos castanhos, que estava de braços cruzados.

– Meu caro irmão, você conseguiu vencer a última reencarnação que teve como um dos trabalhadores do anjo Ismael na Terra do Cruzeiro, pois sacrificou sua própria existência em prol da libertação e progresso daquela nação abençoada por Deus – disse Judas tentando ser dócil e compreensivo com Rômulo, referindo-se à ditadura militar.

– Não esqueçamos que nossa cidade encontra-se nas imediações de um mundo de regeneração, ou seja, somos responsáveis por aqueles que aos

poucos estão se desligando do domínio da matéria, para depois reencarnarem nos planetas preparados para que eles descansem e tenham condições de partir para os mundos materiais que estão em volta de nossa Cidade Espiritual Luz do Mundo – lembrou Cornélio com um sorriso benévolo nos lábios.

– Também não podemos nos esquecer que os Espíritos que querem dominar a Terra e que estão trabalhando no sentido de que todos esqueçam os ensinamentos do Messias são nossos contemporâneos, antes mesmo do advento do cristianismo – alertou o Espírito Judas, fitando algo invisível com um sorriso.

– Em contrapartida, é válido lembrar também que há uma minoria trabalhando e cumprindo a missão do Divino Mestre – disse Rômulo pensativo e fazendo um gesto com a mão. – Cláudia Prócula, atualmente Antônia, ajuda aqueles que são a favor da liberdade do país dirigido por Ismael; Caio Calígula encontra-se se recuperando da desencarnação como Andrade, o jornalista que sacrificou sua existência pela liberdade do país Coração do Mundo; César Augusto (imperador de Roma) ou Napoleão Bonaparte (imperador de França), atualmente reencarnado como general Otaviano, é um daqueles que recebeu a missão de neutralizar as obras demoníacas de nossos irmãos que continuam desafiando o Cristo e outros.

– Calígula jamais poderá se orgulhar do que fez como imperador de Roma, mas está tentando ressarcir suas dívidas ajudando a Pátria do Cruzeiro, sacrificando suas existências com estoicismo em prol da humanidade e tornando-se, portanto, merecedor da clemência de Nosso Pai – lembrou Judas com o olhar perdido.

– Também não nos esqueçamos de muitos amigos contemporâneos que já estão em mundos de regeneração, felizes e até mesmo em mundos puros – lembrou o Espírito Quinto Cornélio.

– Ah, meu caríssimo irmão! Alguns desses Espíritos já pertenciam aos mundos superiores, pois eram Espíritos bastante adiantados quando encarnaram junto ao Messias, tais como: Maria de Nazaré, João Evangelista, João Batista e outros que se perderam na história – explicou Judas com um aspecto de tristeza no olhar. – Todos que participaram do processo de expansão do cristianismo no mundo foram escolhidos antes de reencarnarem, como relata os Evangelhos.

– Meu caro coordenador, as religiões e o Novo Testamento informam que você foi o apóstolo que traiu Jesus; Pedro, o responsável pela consolidação dos ensinamentos cristãos; João Evangelista recebeu o Apocalipse e foi incumbido pelo Messias, um milênio depois, da responsabilidade de reestruturar o cristianismo como Francisco de Assis; Maria de Magdala, Paulo de Tarso e Estevão exemplificaram a fé; João Batista teve como missão reconhecer Nele o Filho de Deus, enviado a Terra com o objetivo de nos encaminhar ao Seu Reino. Todavia, nossa ignorância era tamanha que quando estivemos presos ao corpo material, esquecemos de nossas missões e nos perdemos sob a forte atração da matéria – disse Quinto Cornélio, fitando o seu companheiro Judas.

– Como é difícil se libertar da matéria, meus caros – desabafou repentinamente Rômulo. – Mas se Deus e o Nosso Amado Mestre incumbirem-me de outra missão lutarei para vencer o domínio de outro senhor sobre mim.

– Por isso é que o nosso Mestre calçou todos os Seus ensinamentos na libertação do Espírito da matéria, principalmente quando nos ensinou a amar a Deus e ao próximo – falou Judas pensativo. – Um poucas moedas conduzidas pelo orgulho, ambição e a tentação de obrigar o Messias a assumir o reinado de Israel e o poder dos imperadores à época, fez com que eu me esquecesse das instruções que recebemos do próprio Jesus, antes de reencarnarmos.

Quinto Cornélio ergueu-se, começou a caminhar em direção à pégula, depois voltou, cruzou os braços e, em pé, fitou os amigos e continuou aquela conversa que servia como instrução.

– Felipe dos Santos, quando reencarnou ainda no país-criança descoberto por Pedro Álvares Cabral, não se intimidou com o peso e as ameaças da coroa de Portugal e entregou a vida em benefício da liberdade dos filhos de Deus que reencarnavam, quando resignadamente se deixou enforcar – comentou o homem que à época do Cristo executou as ordens de Pôncio Pilatos.

– E atualmente o então Felipe dos Santos, conhecido em sua última existência como Andrade, está no hospital se recuperando novamente de outro desencarne brutal e desumano – completou timidamente, Rômulo.

– Por isso é que me envergonho de minha ação, que se perpetuou na história com a traição a Jesus, pois até mesmo porque Caio César, ou

Calígula, substituto de Tibério César, então imperador na época da crucificação do Mestre, hoje tem muito mais méritos do que todos nós juntos – lamentou Judas com ar de arrependimento.

– Meu caro coordenador, você não deve se martirizar com esse pensamento, porque na época em que Jesus reencarnou, todos nós tivemos nossa parcela de culpa, assim como a oportunidade de alçar mundos superiores, porém falhamos – disse Quinto Cornélio fitando o amigo Judas. – Calígula é conhecido na história como um dos imperadores mais devassos e cruéis que apareceu em Roma, porém, tudo que ele fazia era puramente movido por sua ignorância moral, porque ainda desconhecia a verdade dos ensinamentos do nosso Mestre Divino.

– Enquanto nós sabíamos perfeitamente o que fazíamos e tínhamos a consciência daquilo que estávamos praticando, isto é o que era certo e errado, todavia, nosso orgulho falou mais alto, aumentando assim, nossas dívidas – Judas confirmou com um gesto de cabeça. – Eis a diferença de nosso querido irmão Andrade, o então Caio César ou Calígula, para mim.

– Consta no arquivo de nossa colônia que, após a reencarnação como Calígula, ele permaneceu nas trevas, principalmente nas zonas infernais, mais de cinco séculos e depois tivera várias existências, entre elas, como cego, aleijado, mendigo, prostituta, marginal, militar, mas aos poucos conseguiu saldar alguns de seus débitos, até receber algumas missões, como a que nós conhecemos, a partir da existência de Felipe dos Santos, quando recebeu a difícil tarefa de Ismael – ser o precursor na libertação da Terra de Santa Cruz – comentou Rômulo empolgado com as vitórias do amigo Andrade.

– O próprio César Augusto, imperador que recebeu a missão de sanear o mundo para receber o Mestre Jesus, atualmente está lutando para cumprir sua missão no mundo material como general Otaviano – lembrou Judas, erguendo-se.

– Como general Otaviano ele recebeu a missão de trabalhar e convencer seus amigos militares a mudar a história da Pátria do Cruzeiro, prevista por Jesus a tornar-se gradativamente um mundo de regeneração – completou Quinto Cornélio, também se erguendo.

– Não nos esqueçamos que o nosso conhecido Pôncio Pilatos, responsável pela crucificação do Mestre, ainda está envolvido com alguns irmãos com os corações cheios de ódio e comanda uma legião de Espíritos

que trabalha pelo fracasso dos ensinamentos do Messias no mundo, principalmente no país de Ismael, escolhido pelo Espírito de Verdade para a difusão da nova doutrina prometida pelo Mestre Amado – comentou o coordenador da Cidade Espiritual Luz do Mundo.

Os amigos ergueram-se e começaram a caminhar em direção a um belo templo, quando Quinto Cornélio parou, sendo imitado pelos outros, passou a mão na cabeça e fitando Judas falou:

– Meu caro irmão Judas, você já recebeu autorização para reencarnar em mundos felizes, inclusive, sabemos que você já dedica parte de seu tempo trabalhando nesses mundos, em espírito.

– Qual a dúvida, meu caro Cornélio?

– Sabemos que você aceitou essa missão em virtude de um pedido feito pelo Mestre, mas por que você continua coordenando esta cidade espiritual até hoje?

Judas sorriu, pôs a mão no ombro de Cornélio e com voz calma respondeu-lhe:

– Por vários motivos, dentre eles, porque o Mestre solicitou-me substituir Paulo de Tarso, que atualmente é o mentor espiritual de um importante país da Terra, pois sabemos que ele alçou aos mundos felizes; além disso, trabalha em outros mundos cumprindo ordens do Cristo. Também porque eu mesmo resolvi ficar coordenando esta colônia, pois sofro em saber que vários irmãos contemporâneos, do tempo da crucificação, ainda estão chafurdando no lodo perigoso da matéria.

O Espírito Judas de Iscariotes respirou profundamente e por alguns momentos notava-se que ele não estava presente. Logo ele prosseguiu com sua explicação.

– Apesar de estar isento de reencarnar em mundos inferiores, não consigo esquecer os gritos e lamentações da humanidade da Terra, que sempre está lembrando-se de mim como o símbolo da traição e de todos os males do mundo.

– Mas o importante é sua consciência, meu amigo – arriscou-se a falar Rômulo, que até então observava a conversa.

– Pois é essa consciência, meu caro Rômulo, que ainda está presente, tão presente, que mesmo sabendo que já paguei esses débitos, continuo pensando o quanto eu era preso a matéria – disse Judas, segurando o braço do amigo.

O trio continuou a andar em direção a um belíssimo prédio que refletia muita paz, denominado Centro de Meditação. Repentinamente Quinto Cornélio interrompeu a caminhada e perguntou, fitando o céu azul daquele mundo tão distante da Terra:

– Meus amigos, será que o general Otaviano conseguirá cumprir com a missão de tornar a Terra do Cruzeiro um país livre?

Judas fitou o amigo Rômulo, respirou profundamente e respondeu: apertando uma mão na outra:

– Ninguém sabe, meu caro Cornélio.

– Sabemos que o então imperador César Augusto, atualmente o nosso general Otaviano, na época de Jesus, cumpria uma missão importante, que era a de sanear a Terra para a descida do Mestre com a legião de anjos que O acompanhava, com o objetivo de facilitar Seus ensinamentos – explicou Judas com um olhar triste. – Agora, vamos ao templo meditar e tentar estabelecer comunicação com os irmãos de mundos superiores.

CAPÍTULO XIX - DIÁLOGO DE JUDAS, CORNÉLIO E RÔMULO

O Centro de Meditação referido no capítulo anterior era uma bela edificação em forma de cone, com o vértice voltado para o alto, como se fosse uma gigantesca antena captando ou repelindo sinais do universo. O edifício era envolvido por um halo formado de várias cores semelhantes a de um arco-íris, refletindo uma luz intensa que tornava aquela cidade espiritual simplesmente indescritível para alguém pertencente a um mundo inferior. O interior da Casa de Oração era de uma beleza ímpar e sublime, uma verdadeira obra de arte ainda não vislumbrada na Terra. Assim era o templo onde os amigos, os espíritos Judas de Iscariotes, Quinto Cornélio e Rômulo, se dirigiam para fazerem suas preces e meditações.

Após alguns instantes orando em comunhão com Deus, com Jesus e outros Espíritos puros, eles deixaram o belíssimo templo e preparavam-se para se encaminharem às suas atividades quando Judas ajeitou sua túnica a altura do ombro e parou, obrigando os amigos a imitarem e se voltarem para ele, mantendo-se em silêncio.

– O que houve, meu amigo? – indagou Quinto Cornélio, desconfiado de algo.

– Não consigo esquecer o que fiz na época em que o nosso Mestre esteve conosco na matéria – comentou Judas de Iscariotes passando a mão no rosto, como se estivesse dissimulando uma lágrima que descia ao encontro de sua boca.

– Meu caro amigo, você ressarciu essas dívidas, portanto não deve mais se preocupar com isso, e sim, esquecer o que aconteceu – disse Rômulo, pondo a mão no ombro do Espírito coordenador da Cidade Espiritual Luz do Mundo.

Judas ficou em silêncio fitando um belo jardim que rodeava o templo, depois ergueu os olhos para o céu azul e estrelado e implorou:

– Perdoe-me, Mestre! Eu não soube ser digno de sua confiança!

O Espírito respirou, ficou sério e depois murmurou:

– Já pedi perdão a Deus e ao Mestre milhões de vezes, no entanto, minha consciência continua me acusando implacavelmente desse ato que ainda é lembrado pela humanidade do planeta Terra.

Os amigos ficaram emocionados e não emitiram nenhuma opinião.

– Atualmente entendo porque muitos Espíritos de escol que deveriam reencarnar em outros mundos mais adiantados resolveram continuar vivendo em mundos inferiores, apesar de terem resgatado suas dívidas – disse Judas, o ex-discípulo de Jesus.

– Judas, você não deve se preocupar com esse detalhe. Se aqueles Espíritos que foram liberados para reencarnarem em mundos superiores até agora não o fizeram, é porque estão com suas consciências tranquilas e em condições de olhar os Espíritos do mesmo nível de frente sem que hajam manchas duvidosas gravadas em suas memórias perispirituais – o amigo Quinto Cornélio comentou com um sorriso e muito cuidado para não ofender o amigo. – Porém se continuam vivendo em mundos inferiores é por opção própria, ou por algum motivo muito forte.

Judas fitou o amigo e sorriu.

– Engana-se, meu querido amigo – replicou Judas com um sorriso de bondade.

– Por favor, nos explique isso, meu caro coordenador – pediu Rômulo, que até aquele momento somente ouvia e tinha receio de emitir qualquer parecer, haja vista, o respeito que nutria pelo ex-apóstolo do Cristo.

– Embora tenhamos consciência de que nada mais devemos, continua gravado em outro departamento de nosso Espírito, ou no livro do tempo, tudo que fizemos de errado – respondeu o coordenador com voz calma e triste.

– Por favor, meu amigo, como podemos entender o que você está querendo nos explicar? – indagou com ar aflito, Quinto Cornélio, ficando de frente para Judas e o fitando diretamente nos olhos.

– Quando pensamos que estamos isentos dos erros do passado, nos enganamos porque o erro continua gravado em nossa consciência perispiritual, embora tenhamos feito o possível e mesmo o impossível para apagá-lo – tentou explicar Judas de Iscariotes, com maiores detalhes. – Somos Espíritos imortais, portanto conscientes de que não podemos pagar uma dívida simplesmente barganhando, ou seja passando por algo que

fizemos alguém passar, principalmente àquelas de cunho espiritual, agravando-as ao transgredirmos as leis de Deus.

– Não entendi, amigo – declarou Rômulo, desconfiado de que havia lógica nas palavras do coordenador.

– Quando um irmão infeliz tira o corpo material de outro, ele paga essa dívida somente cumprindo a pena que lhe foi imposta por um tribunal? – indagou o coordenador fitando os amigos.

– Não – apressou-se em responder Quinto Cornélio.

– E como esse infeliz vai pagar essa dívida? – questionou novamente o responsável por aquela bela cidade espiritual.

– A doutrina codificada por nosso amigo Allan Kardec responde essa pergunta – disse Rômulo, com cuidado para não ofender o coordenador.

– Qual é a resposta inserida na doutrina?

– Através da lei de causa e efeito, nós conseguiremos pagar nossos débitos – respondeu Quinto Cornélio. – O sofrimento, as lágrimas, o trabalho, as adversidades e até mesmo sofrendo o que o nosso desafeto sofreu em virtude dos nossos atos impensados, isso sim, nos isenta dos erros cometidos no pretérito.

– Concordo com Cornélio – disse Rômulo, confirmando com um gesto de cabeça.

Judas de Iscariotes pensou, sorriu e ergueu novamente o rosto para o belíssimo céu daquela cidade espiritual, próxima a um mundo de regeneração.

– Vocês acreditam que depois de todo o esforço que fazemos para resgatarmos nossas dívidas do passado, do ponto de vista espiritual, nós estaremos quites com nossos desafetos?

Os espíritos Quinto Cornélio e Rômulo entreolharam-se e ficaram em silêncio.

– Eu acredito que sim, mas... – tentou falar o centurião de Pôncio Pilatos.

– O fato é que fica gravado em nossas consciências tudo de errado que fizemos no presente, passado e até mesmo aquilo que ainda irá acontecer em outras existências – rebateu o ex-discípulo do Mestre, com calma e voz dócil para não ofender os amigos.

O trio ficou em silêncio por alguns minutos, observando as estrelas e talvez pedindo a Deus orientações para conseguirem chegar a um acordo sobre aquele assunto tão difícil.

– Pois é assim que me sinto, meus amigos – rompeu o silêncio o coordenador. – Através das explicações da doutrina codificada por Allan Kardec, eu nada mais devo; porém não consigo esquecer os crimes que cometi antes, durante e depois da reencarnação de Jesus na Terra, entenderam?

Cornélio e Rômulo fizeram um gesto afirmativo com a cabeça.

– Sendo assim, não tenho condições de sentar-me numa mesa de reunião com os Espíritos superiores ou puros, pois ainda está gravado em minha memória o mal que causei ao meu próximo, enquanto Espírito inferior através de minhas várias encarnações.

Rômulo e Cornélio entreolharam-se novamente, perguntando-se a mesma coisa: “E agora?”

Judas captou os pensamentos dos amigos, meditou e bondosamente comentou:

– Além de ter traído o Nosso Mestre, suicidei-me envergonhado, porque estava completamente desorientado, e também porque a minha consciência queimava de culpa, por haver contribuído para que Ele sofresse inocentemente a tortura do meu gesto impensado que culminaria com sua condenação injusta, mormente quando entregou Seu corpo em holocausto com o objetivo de deixar evidente ao mundo que somos imortais e filhos de Deus.

– Mas, meu querido amigo, tudo que você fez foi pensando no bem do mundo, pois sabendo que Jesus era descendente direto de Davi você acreditou que Ele se rebelaria contra os poderes da época e convocaria suas legiões de anjos com a finalidade de lutar pela liberdade do povo judeu – contemporizou Quinto Cornélio. – Você entendia que Jesus tinha condições de ganhar uma guerra contra os poderes da época e então seria coroado rei de Israel, livrando os Judeus do julgo de Roma.

– Aí foi que cometi o grande erro.

– Por quê? – indagou rapidamente Rômulo, mesmo sabendo a resposta.

– Fui o exemplo vivo do pior defeito inerente ao ser humano e porta de entrada para todas as imperfeições de uma humanidade inferior – respondeu o coordenador. – Não estou reclamando de nada, porém, como poderei esquecer esse erro terrível?

– Amigo, que defeito é esse? – indagou Rômulo olhando de soslaio para o amigo Quinto Cornélio, pois ambos já sabiam qual seria a resposta dada

pelo coordenador.

Ele respirou profundamente, aproximou-se de uma rosa que parecia ouvi-lo e rematou:

– O orgulho. Sim, é esse o nome do defeito que a humanidade da Terra e de outros mundos inferiores terá que lutar muito para bani-lo para sempre dos dicionários.

– Mas... – Rômulo quis dizer algo.

– O Mestre nunca me condenou, e em várias encarnações que tive eu poderia dizer: “Paguei a minha dívida” – interrompeu Judas de Iscariotes. – Entretanto, com a minha consciência livre do invólucro material, tenho certeza que continuo em dívida, principalmente com Aquele que confiou em nós para deixarmos exemplos benévolos com o objetivo do progresso da Terra.

– E quando conseguiremos essa consciência limpa, sem pensarmos mais nos erros que cometemos? – indagou Quinto Cornélio, curioso.

O coordenador da Cidade Espiritual Luz do Mundo pensou, fitou os amigos e respondeu:

– Quando tivermos condição de vivenciarmos continuamente os ensinamentos que o Cristo nos deixou. Quando conseguirmos pensar como Ele em relação ao Nosso Pai, quando disse: “Eu e o Pai somos Um”.

– Mas, meu caro coordenador, até lá irão se passar milênios e milênios até alcançarmos a elevação de Cristo – redarguiu o primeiro centurião responsável pela crucificação do Filho de Deus.

Judas de Iscariotes elevou o rosto para o alto e murmurou:

– É difícil, mas um dia, estaremos com o Senhor, Mestre, sem pensar em nossos erros.

Quinto Cornélio baixou a cabeça e se entregou aos seus próprios pensamentos. Depois a ergueu, fitou o coordenador e indagou, conhecendo a resposta antecipadamente, mas queria ouvi-la, talvez para confirmar o que já sabia:

– E como iremos saber que nada mais temos a dever, meu caro coordenador?

– Quando esses pensamentos sumirem para sempre de nossas consciências – respondeu Judas fitando o céu e murmurando algo ininteligível, como se fosse uma prece.

Enquanto o coordenador fazia sua prece, os demais mantinham os olhares voltados para o belo jardim e lágrimas rolavam por suas faces.

O trio começou a caminhar em direção aos seus afazeres, quando de repente apareceu uma luminosidade intensa na frente deles.

Os amigos se entreolharam de viés, perguntando-se: “Quem será essa criatura?”.

– Meus filhos, já se esqueceram de mim? – perguntou a belíssima entidade envolvida em luz branca e azul.

– Senhor! – exclamaram os amigos surpresos, prostrando-se pela relva do jardim sem coragem de olhar aquele anjo, pois se sentiam indignos de ali estar, principalmente diante daquele Espírito de alta hierarquia do universo.

– Fico satisfeito em revê-los pessoalmente, porém triste em saber que ainda continuam com os pensamentos de dois mil anos atrás, quando estivemos unidos cumprindo uma missão importantíssima para o progresso do planeta – disse a elevada entidade sorrindo, como se estivesse na frente de crianças inocentes. – Ergam-se.

O trio de amigos ergueu-se e notou que a admirável entidade estava sorrindo com os braços estendidos.

– Mestre!

– Não sou quem vocês estão pensando. O Mestre encontra-se há milhões de quilômetros daqui, cumprindo uma missão do Criador em esferas que fogem da nossa estreita compreensão.

Com a presença daquela entidade, os amigos não articularam mais nenhuma palavra em virtude da emoção e do envolvimento fluídico do incomparável Espírito que continuava sorrindo.

– Não procurem absolutamente nada fora de vocês, pois tudo está dentro de nós – disse o Espírito visitante, que ora parecia que estava longe dali e ao mesmo tempo perto, um atributo dos Espíritos evoluídos, principalmente os puros.

A entidade fez uma pausa e prosseguiu; como se estivesse flutuando fitou-os com a ternura de um pai:

– Estive nesta belíssima colônia há milhares de anos, precisamente quando fui convidado por Cristo para participar de uma reunião em prol da evolução do planeta Terra.

Os amigos continuaram em silêncio, como se estivessem hipnotizados com aquela voz, que mais parecia uma música nunca ouvida nos mundos

inferiores.

– Vocês questionavam o fato de permanecerem com a consciência impregnada pela culpa, mesmo pagando os débitos de existências passadas.

A entidade aproximou-se um pouco mais e disse-lhes:

– É verdade. E isso indica que a consciência de vocês está no caminho certo; portanto não se culpem mais e continuem simplesmente a trabalhar pelo bem do próximo, não esquecendo que o Criador deve ocupar nossos pensamentos em primeiro lugar.

Judas de Iscariotes fitou os amigos e eles combinaram através da sintonia de pensamentos que cada um tentaria fazer uma pergunta a entidade.

– Venerável irmão, por que estamos no caminho certo? – indagou o coordenador da cidade espiritual.

A entidade continuou sorrindo, depois com voz doce respondeu-lhe:

– Porque começamos a caminhar em direção ao Reino de Deus, quando começamos a nos conhecer imparcialmente, isto é sabermos quem realmente somos sem encobrirmos nossos defeitos.

Judas baixou a cabeça, entendendo o que aquela elevada entidade espiritual transmitia-lhe.

– E nossas virtudes? – indagou Rômulo fitando o solo com vergonha ou culpando-se por está inquirindo a bela entidade.

– Enquanto o espírito humano pensar apenas em si mesmo, esquecendo seu próximo, este não terá acesso à chave do mundo mental – respondeu a entidade mantendo o sorriso. – Lembrem-se que até no momento em que estava sendo sacrificado na cruz, Jesus não pensou em si.

Quinto Cornélio tentou falar, no entanto resolveu manter silêncio, pois diante de apenas duas perguntas, todas suas respostas foram respondidas. Ele apenas cruzou os braços, depois se curvou num gesto respeitoso e disse:

– Entendemos.

A bela entidade envolveu-os num abraço e aos poucos foi desaparecendo.

CAPÍTULO XX - CONFIRMAÇÃO DO SONHO DE ANTÔNIA

Após o entrevero que houve entre pai e filha, Antônia foi para o escritório tentar se concentrar no livro que estava escrevendo, todavia não conseguiu, haja vista os vários pensamentos desconstruídos que atormentavam sua alma, principalmente aqueles que eram resultados dos últimos acontecimentos, referente à morte do rapaz pelo qual sentia um carinho todo especial, principalmente ao saber que ele havia morrido de maneira brutal, semelhante a um animal que se abate em plena selva por questões de sobrevivência. Andrade fora preso num lugar em que era difícil alguém sair com vida.

A moça passeou pelo escritório inquieta, enquanto pensava: “Será que, o Andrade realmente morreu? Eu o vi morrer e ser conduzido para um lugar desconhecido, ou melhor, sonhei, sem nenhuma prova material; assim como também sonhei que estava conversando com alguém numa bela cidade que, segundo informações daquele homem, se tratava de uma cidade espiritual – lugar onde o Andrade estaria se recuperando –, mas acho que tudo não passou de um sonho”. Ela sentou-se numa cadeira próxima à máquina de escrever e continuou a pensar: “Espero que meu sonho tenha sido somente um pesadelo ruim e que ele tenha conseguido escapar da morte”. “Bem, vou tentar escrever para esquecer esse triste episódio”.

Antônia pôs o papel na máquina e antes de começar a escrever sentiu um frio esquisito e um mal-estar semelhante ao começo de uma gripe. Ela ergueu-se e deitou-se num sofá que adornava o amplo escritório do pai. Fechou os olhos para descansar, todavia, antes de adormecer, sentiu que algo estranho acontecia consigo, pois notou nitidamente que havia deixado seu corpo físico. Observou que seu corpo continuava deitado, enquanto outro caminhava em direção à janela, quase flutuando. “Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Será que morri?”, perguntava-se a moça com medo, praticamente entrando em estado de pânico.

– Não. Você ainda não deixou o mundo material; portanto não morreu conforme as convenções da humanidade que habita os mundos inferiores –

explicou uma voz calma e doce, logo atrás da moça.

Antônia voltou-se rapidamente e se deparou com o amigo Andrade, que apesar da aparência de quem estava em convalescença, sorria iluminando o ambiente, enquanto de seu corpo refletia luz, muita luz, o que deixava Antônia com vergonha daquele ser estranho. Mesmo atordoada, tinha certeza de que era o rapaz que dias atrás ela viu morrer através do sonho. Ela correu e o abraçou, enquanto chorava, passando a mão no rosto do rapaz e certificando-se de que ele estava vivo.

– Graças a Deus que você não morreu – desabafou a moça, chorando e rindo ao mesmo tempo – Realmente, tudo que vi foi apenas um pesadelo.

Andrade acariciava os cabelos da linda mulher, mantendo um sorriso enigmático.

– Como me sinto bem em seus braços, querido – disse a moça, abraçando com força a cintura do rapaz.

– Eu estava com muita saudade de você, minha querida Antônia – disse Andrade fitando de soslaio o corpo físico da moça, que se encontrava deitado no sofá do escritório.

– Agora estou feliz, pois sei que você realmente não morreu – comentou a moça, fitando os olhos do rapaz.

– Calma! Antônia. Sente-se, por favor.

Ambos sentaram em cadeiras individuais que havia no escritório.

– Antônia, por favor, observe aquele sofá.

– Sim. Observei e estou vendo um corpo parecido com o meu, dormindo.

– Não é parecido com você – explicou o rapaz, acariciando os cabelos louros da moça. – Ele lhe pertence.

– Não entendi, Andrade.

– Quem está falando comigo, Antônia, é você mesma envolvida pelas energias fluídicas que conhecemos como corpo espiritual – comentou o rapaz, afagando as mãos da moça.

– E como isso é possível?

– Somos imortais, querida.

– Mas...

– Quando estamos no mundo material precisamos de um corpo físico; sendo assim aquele corpo é seu, e aqui comigo, sentado, está o seu corpo espiritual – explicou Andrade, interrompendo a moça.

– É difícil...

– Sei que é difícil acreditar, mas a verdade é que somos imortais – confirmou o rapaz, novamente interrompendo Antônia com muito cuidado para não lhe causar choque.

A moça ergueu-se de repente, caminhou até seu corpo que estava dormindo no sofá, depois se voltou e gritou:

– Então, você realmente morreu?

– O meu corpo físico está sepultado em algum lugar desta bendita terra. Quanto a mim, estou aqui, vivo, como você mesma pode comprovar – respondeu Andrade calmamente.

A moça recuou como se fosse se refugiar em seu corpo quando o rapaz pediu:

– Pare, por favor!

A moça fitou o rapaz com o rosto pálido de pânico e ficou em silêncio.

– A partir deste momento não tenha mais dúvidas sobre a morte do corpo que animou por alguns anos o meu Espírito, quando fui um jornalista que lutou pela liberdade desta terra abençoada – esclareceu o rapaz com doçura e lágrimas nos olhos.

A moça foi se acalmando, aproximou-se do Espírito Andrade e permaneceu em silêncio.

– Não procure mais meu corpo, pois ele está num lugar que jamais você encontrará – comentou o rapaz com a cabeça baixa. – Além disso, o que significa um simples corpo perecível diante de toda a eternidade?

– Não posso acreditar nisso. São muitas informações novas para que eu possa assimilá-las tão facilmente.

– Concordo. Mas se procurar as obras básicas da Doutrina Espírita, codificada pelo nosso querido irmão Allan Kardec, você encontrará explicações plausíveis, embora sem provas materiais, por enquanto – comentou o rapaz, abraçando a moça. – Não perca seu precioso tempo se envolvendo com coisas materiais, pois o verdadeiro mundo é esse em que atualmente me encontro.

Antônia e Andrade entreolharam-se e permaneceram um bom tempo em silêncio, quando de repente o rapaz disse:

– Lembra-se do sonho que lhe narrei antes de partir para o mundo espiritual?

– Sim.

– Foi à prova de que tudo estava previsto antes mesmo de eu reencarnar como Andrade. Agora sei de muitas verdades porque estou em outra dimensão, onde os meus sentidos estão livres dos laços materiais, ou seja de um corpo físico.

– Então o que presenciei naquele inferno realmente aconteceu?

– Sim. Eu a vi, quando me despedia deste mundo que sempre nos abrigou – respondeu o Espírito pensativo. – Mas, por favor, não interprete a minha desencarnação como algo ruim, pois todos nós precisamos treinar bastante, com o objetivo de aprendermos na carne o verdadeiro sentido da verdadeira vida, que é a espiritual.

A moça sentou-se e ficou pensativa, enquanto vislumbrava o amigo de soslaio.

– Parece-me que você quer me fazer alguma pergunta... – disse o Espírito com um sorriso.

– Como você adivinhou? – perguntou a moça com os olhos arregalados de surpresa.

– Lembre-se de que estou vibrando em outra dimensão. Dessa forma posso ler seus pensamentos, pois a linguagem do lado de cá é outra – explicou o rapaz. – Mesmo que essa comunicação dependa muito do progresso de cada Espírito.

– Acho que você tem razão.

– Então, fique à vontade para tirar suas dúvidas.

– Naquele sonho que você me narrou antes de passar para esse...

– Mundo Espiritual?

– Sim. Mundo Espiritual. Você também sonhou que corria numa biga e que arrastava alguém amarrado a ela – comentou a moça. – Será que você sabe se aquele sonho também aconteceu? Ou seja, realmente vivemos naquela época tão distante e fomos tão cruéis a ponto de nos divertir com o sofrimento de um ser humano sendo arrastado por uma biga?

– Sim. Naquela época eu era um rapaz recém saído da adolescência e irresponsável como a maioria dos jovens, enquanto você era uma moça muito bela, que também pertencia à classe privilegiada de Roma – explicou o rapaz com o olhar triste. – Não querendo justificar meus erros, mas naquele tempo que já vai muito longe, nós ainda não conhecíamos os ensinamentos do Mestre Divino, principalmente porque éramos pagãos, ou melhor, acreditávamos em outros deuses.

Antônia ficou em silêncio, por alguns momentos.

O Espírito Andrade começou a andar pelo escritório, depois ficou defronte a moça e comentou:

– Naquela época meu tio Tibério César, imperador de Roma, pensava que era dono do mundo, e eu, que almejava ser o futuro imperador, usurpando o lugar daquele que seria o sucessor legítimo, já usava o poder para fazer o que queria da vida das pessoas – desabafou Andrade com lágrimas nos olhos.

Enquanto a moça se mantinha em silêncio, o rapaz respirou profundamente e continuou a falar:

– Você casou-se por interesse com um oficial amigo do meu tio, nomeado Procurador de Roma na Judeia, e logo foi embora com ele.

– Explique-se, Andrade, por favor.

– Antes de ser imperador, eu já era conhecido como o terrível Calígula, e você era Cláudia Prócula, que se casou com Pôncio Pilatos, o conhecido Governador da Judeia que mandou crucificar Jesus, o Nosso Divino Mestre – respondeu Andrade fitando algo invisível com tristeza no olhar, enquanto algumas lágrimas desciam discretamente pelo seu belo rosto.

– Não posso acreditar nessa história!

– Não é uma história inverossímil, minha bela Antônia, ou Cláudia Prócula. Desde aquela data, até aos dias atuais, tivemos várias reencarnações tentando ressarcir as dívidas desse passado tão distante e triste – disse o espírito Andrade.

Antônia pôs a mão no peito, arregalou os olhos e correu assustada em direção ao corpo que repousava no sofá.

– Antônia!

A moça parou e ficou em silêncio.

– Você tem uma grande missão nesta existência – revelou o rapaz com ar sério. – Por favor, não falhe, pois tudo indica que sua missão será muito árdua.

Antônia voltou-se, aproximou-se do rapaz e o fitou curiosa.

– Você sabe qual a missão que recebi nesta existência? – perguntou a escritora curiosa.

– Sim.

– Posso saber?

– Com o tempo você saberá.

- Dê-me uma ideia desta minha missão, por favor.
- Lembre-se do que Cláudia Prócula fez a Jesus de Nazaré, por ocasião de sua condenação na cruz – respondeu Andrade com ar sério.
- Como posso me lembrar se nem acredito no que você está me dizendo?
- Você teve sonhos como Cláudia Prócula e viu que tinha como intervir na crucificação do Mestre, porém nada fez para ajudá-Lo a carregar a cruz – comentou o rapaz.
- Eu? – A moça perguntou surpresa, apontando o dedo para si.
- Sim. Todos nós recebemos do Divino Mestre oportunidades de recuperarmos os erros gravíssimos que cometemos naquela época – disse Andrade.
- Explique-se, por favor.
- Todos que reencarnaram por ocasião da vinda do Messias a Terra receberam uma missão, e o que fizeram? Nada. Pois falharam, inclusive alguns dos apóstolos, como o seu amigo Judas Iscariotes – respondeu o rapaz com um sorriso triste estampado no rosto.
- Se fui essa tal de Cláudia Prócula, e você ainda era apenas o sobrinho do imperador Tibério César, o que temos a ver com a crucificação de Jesus?
- Quando Tibério César recebeu a notícia de que havia um rebelde exaltado pelo seu povo como o sucessor da coroa de Israel, portanto rei dos judeus, ele que tinha uma grande consideração por mim perguntou-me: “O que faço meu filho?”
- O que você respondeu?
- “Meu tio, não perca tempo com essa gente miserável. Mande-o prendê-lo e depois crucificá-lo, antes que ele nos cause mais problemas” – respondeu Andrade, repetindo as palavras do passado.
- Como você sabe disso?
- Minha cara Antônia, você se esquece que tudo que realizamos fica arquivado na memória do tempo? Que nós, Espíritos errantes, poderemos descobrir muitas coisas aos quais os encarnados não têm acesso? – respondeu o rapaz com esses questionamentos.
- Mas segundo a história dessa mulher, que atualmente seria eu, ela nada pôde fazer para libertar Jesus – replicou Antônia, esfregando as mãos num gesto tipicamente nervoso.
- Você está enganada.
- Por quê?

– Sua missão era conhecer os ensinamentos do Mestre e convencer seu marido a não sujar as mãos com o sangue de Cristo, dando exemplo para a humanidade – respondeu o Espírito. – De qualquer maneira Jesus seria crucificado, mas a condenação não deveria se dar pelas mãos de Pôncio Pilatos. Devido a esse fatal engano ele padece nas trevas até hoje, e nunca desistiu de abortar os ensinamentos de Cristo a qualquer custo, por causa de sua revolta.

– Mas de que revolta você fala?

– Do ódio que ele nutria por Tibério César e Jesus.

– Não entendi.

– Tibério estava enfermo, quando soube que havia um médico que realizava milagres na Judeia e localidades adjacentes, onde se encontrava seu procurador Pôncio Pilatos – comentou o rapaz. – Ele enviou um mensageiro pedindo ao seu amigo Procurador de Roma que encontrasse esse médico, Jesus de Nazaré, e o mandasse imediatamente a Roma para curá-lo.

– O que aconteceu?

– O Procurador de Roma enviou pelo mensageiro do imperador uma carta afirmando que havia condenado Jesus à crucificação, cumprindo ordens de Roma, porque se tratava de um rebelde, subversivo, revolucionário e feiticeiro; que era um perigo para o império romano.

– E daí?

– Esse mesmo mensageiro soube que uma mulher denominada Verônica havia pedido que alguém pintasse o rosto de Jesus, porém, ao subir o Gólgota, Ele identificou a mulher no meio da multidão de curiosos que acompanhavam a Sua caminhada e pediu que ela enxugasse o Seu rosto molhado de água da chuva, suor e sangue – respondeu o Espírito. – Ao enxugar o rosto do Mestre, a face Dele ficou gravada no tal pedaço de tecido, tal qual um retrato vivo.

– E o que tem a ver essa mulher com Pôncio Pilatos?

– O mensageiro conduziu Verônica a César, e este ordenou que estendessem um tapete para ela caminhar sobre ele em direção ao seu trono, conduzindo o pano com o rosto de Jesus impresso com sangue e suor – explicou o rapaz com um sorriso. – Quando viu o rosto de Jesus impresso em sangue na toalha, imediatamente Tibério ficou curado.

– Foi aí que César mandou prender Pôncio Pilatos?

– Não. Mas ordenou que o Procurador Romano fosse imediatamente para Roma – respondeu Andrade. – E depois de um diálogo em que César censurou o Governador da Judeia pela condenação de Jesus, ele ordenou sua prisão, o que não ocorreu, pois Pôncio Pilatos se suicidou antes de ser encarcerado.

– Por isso, Pilatos tornou-se um inimigo ferrenho do Mestre.

Antônia sentiu uma dor no coração, como se também houvesse participado do suicídio de Pôncio Pilatos, seu marido na época que condenou o Cristo a morrer na cruz. Ela correu e escondeu-se em seu corpo que repousava sobre o sofá.

A moça despertou com uma sensação ruim. Foi até um pequeno recipiente de água e tomou um pouco, depois ficou sentada meditando em tudo que havia acontecido, principalmente a respeito do sonho, pois ela não acreditava que havia conversado com o seu amigo Andrade e muito menos que ele estivesse vivo.

CAPÍTULO XXI - FAGUNDES, OTAVIANO E ANTÔNIA

Após repousar durante alguns dias, Antônia tentou esquecer os últimos acontecimentos e concentrou-se em seu trabalho. Após um tempo ergueu a cabeça e fitou uma fotografia na parede. Sorriu, balançou a cabeça e continuou escrevendo.

A tarde chegou e, antes de escurecer completamente, dando lugar à noite, a escritora ergueu-se, espreguiçou-se e preparou-se para o jantar, pois Ester já havia anunciado que a mesa estava pronta.

O pai de Antônia havia telefonado informando que ia jantar no horário normal, portanto que ela o esperasse.

Por ocasião do jantar, Antônia e seu pai conversavam sobre coisas triviais, ambos evitando tocar em assuntos desagradáveis, principalmente em política, porque eles tinham posições e opiniões diferentes e ela não queria se indispor com o Fagundes.

– Filha!

A moça pôs o talher no prato, ergueu a cabeça, fitou o pai, tomou um pouco de água, descansou as duas mãos sobre a mesa e ficou em silêncio, como se quisesse dizer ao pai que estava pronta para ouvi-lo.

– Escuto nos bastidores que os militares estão trabalhando para devolver o poder ao povo – disse o pai observando as feições da filha para saber se suas palavras causavam interesse nela.

– E daí? – perguntou a moça demonstrando que não estava muito interessada no assunto.

– Quando isso acontecer posso ser eleito pelo voto direto do povo de meu Estado e não mais nomeado – respondeu o pai passando um lenço na boca e também encarando a filha. – O que você acha dessa notícia?

– Pai, o senhor acredita nessa possibilidade? – perguntou a moça com ar irônico.

– O que você quer dizer com isso? Será que você está zombando de seu próprio pai?

– Não estou zombando do senhor! Mas quem acredita nisso? – falou Antônia aproveitando para levar uma pequena porção de legumes a boca.

– Mas, filha, é verdade.

– Ou eu sou muito ignorante ou o senhor é muito ingênuo para acreditar nessas coisas – contestou a moça tomando um gole de vinho, mantendo o sorriso irônico estampado no rosto.

– Então você não acredita que aos poucos os militares estão devolvendo o poder aos civis?

– Não confunda as coisas, meu pai.

– O que foi agora?

– Pai, o senhor sabe muito bem que a coisa não acontece assim como se pensa – comentou a moça encarando o pai. – Devemos tomar muito cuidado com a teoria, pois há uma distância muito grande para a realidade dos fatos.

O pai de Antônia ficou em silêncio, pensando no que acabara de ouvir; após alguns instantes ele fitou a filha com ar sério e depois resolveu indagar:

– É sobre isso que você está escrevendo?

– Talvez...

De repente Ester aproximou-se dos dois e sem maiores preâmbulos anunciou:

– O general Otaviano está na sala de visita.

– O quê? O Otaviano está aí? – perguntou o homem com ar espantado e olhando para a filha.

– Sim, senhor.

A moça empalideceu e ficou sem saber o que fazer. Encarou o pai e disse:

– Vou subir.

– Filha, por favor, não faça isso. Não podemos ser descortês com o Otaviano.

A moça pensou, depois confirmou com a cabeça, dizendo:

– Certo. Vou fazer companhia ao general, mas somente por alguns minutos.

Ambos se ergueram e caminharam em direção à sala de visita.

– Olá, meu caro general! – cumprimentou Fagundes, apertando a mão do militar.

– Boa-noite, senhor! – cumprimentou friamente a moça.

– Por favor, sente-se – pediu Fagundes ao general. – Ao que devemos a honra de sua visita? Estávamos jantando. O senhor nos acompanha?

– Não se preocupe Fagundes, já jantei e peço perdão por chegar numa hora sagrada, que é o horário em que uma família faz suas refeições – desculpou-se o militar.

Antônia sentou-se numa poltrona, cruzou as pernas e ficou em silêncio, pensando: “Esse homem disse que está fora do regime, mas não consigo acreditar nisso”.

– Senhorita Antônia, a cada dia que passa noto que sua beleza torna-se quase divina – elogiou o general com o rosto vermelho, talvez por timidez ante aquela mulher que já havia demonstrado muito bem sua inteligência, como também ser muito forte diante das situações adversas da vida.

– São seus olhos, general – disse a moça, sorrindo quase forçada pelas circunstâncias e em consideração ao pai.

O trio ficou em silêncio por alguns segundos, enquanto todos estavam entregues aos seus pensamentos.

Após alguns minutos, Otaviano pigarreou e querendo puxar assunto perguntou:

– Senhorita Antônia, você tem alguma religião?

A moça ficou espantada com a pergunta, porém evitou demonstrá-la a fim de evitar discussões.

– Sou católica. Acredito em Deus e também algo me diz que existem coisas que ainda não sabemos explicar – respondeu a moça com voz cautelosa.

– A senhorita acredita que o comunismo repudia Deus?

Antônia ficou pálida, pois naquele momento já tinha a certeza até aonde o Otaviano queria conduzi-la.

– Não sei responder sua pergunta, porque as pessoas que acreditam realmente em Deus, jamais vão deixar de acreditar na Divindade somente porque são idealistas – respondeu laconicamente Antônia a pergunta do general. – Com isso quero dizer que os comunistas em relação a esse assunto são iguais a nós.

Otaviano passou a mão na cabeça, pensou e tentando ser cortês, evitando ofender a moça cautelosamente comentou:

– A senhorita é católica e acredita em Deus, portanto não poderia ser comunista ou defender essas pessoas que estão tentando reverter a fé das

peças no mundo com a desculpa que estão defendendo o direito do nosso povo. E tem mais senhorita, não estou referindo-me a esse assunto somente porque sou militar.

– General Otaviano, eu ainda não consegui entender o que o senhor quer com esse tipo de conversa – disse Antônia ajeitando-se na cadeira. – Mas continuo ouvindo-o.

O homem ergueu-se e começou a caminhar até a janela, depois voltou e sentou-se.

– E você Fagundes o que me diz a respeito desses comunistas que dizem não acreditar em Deus? – indagou o amigo com um sorriso, enquanto fitava a moça de viés.

Fagundes que até então estava em silêncio foi surpreendido com a pergunta. O homem pensou, trocou olhares de cumplicidade com Antônia, depois fitou um quadro na parede.

– Eu ainda não entendi o motivo dessa falta de fé em Deus, que dizem por aí, dos comunistas. Só sei dizer que eu acredito muito em Deus e sou católico praticante, pois assisto a missa aos domingos. É na igreja que medito bastante no desaparecimento de minha saudosa mulher que já se foi – respondeu Fagundes cautelosamente, pois entendia que o militar estava querendo dizer algo.

O trio ficou em silêncio por alguns momentos, cada um com seus pensamentos.

– Eu também sempre acreditei em Deus e irei fazer o possível para que o nosso país siga os rumos de uma democracia irrestrita e ampla – comentou de repente o general pensativo.

Antônia ficou desconfiada com aquele comentário esquisito partindo de Otaviano e não conseguiu ficar quieta.

– General o senhor me desculpe, mas não vejo muita diferença dos comunistas que não acreditam em Deus, com aqueles que, a título de defender o país, estão fazendo pior do que os ateus – disse a moça fitando o militar.

– Senhorita não me interessa as ações daqueles que estão na luta seja armada ou não pela libertação do país. Só sei dizer que dentro em breve estarei na reserva; portanto posso fazer o que quiser de minha vida – rebateu o general imediatamente.

– Quer dizer que o senhor foi mesmo excluído do núcleo que combatia os comunistas?

– Sim. E para ser sincero com a senhorita dei Graças a Deus, ser excluído dessas funções que não se coadunavam com meus ideais de cristão – respondeu Otaviano demonstrando um alívio estampado nas feições.

– O que o senhor espera fazer para ajudar o país? – perguntou a moça curiosa.

O homem fitou a moça e sorriu. Depois de alguns segundos pensando resolveu responder à bela filha do amigo:

– Não sei. Sei apenas que algo me tocou a alma e por causa disso devo continuar trabalhando pela libertação de meu povo, mas de maneira diferente, ou seja, procurando implantar nos corações do nosso povo a fé em Deus e trabalhar a consciência de nossos irmãos.

– Meu caro general, eu nunca pensei que aquele homem imponente e que parecia ser o dono do mundo, tornou-se de repente um homem com pensamentos piegas e religioso – disse a moça com ar simpático. – Desculpe-me se o ofendi.

– Senhorita, eu não sou piegas, pois vejo o mundo de maneira real, sem sonhos inverossímeis – rebateu imediatamente Otaviano. – Só sei dizer que me empenharei em ajudar nesse processo de libertação do país, mesmo como um cidadão comum.

– Posso saber que maneira seria essa do senhor ajudar o país a se libertar desse governo sem combater os chamados subversivos com torturas como sempre aconteceu? – perguntou a moça interessada no assunto e surpresa com a transformação do general Otaviano.

– Minha cara, eu acho que estava muito afastado de Deus; por isso não ouvia o meu coração. Devemos trabalhar pela paz, pois, somente assim, conseguiremos vencer o mal – respondeu o general com um aspecto mais calmo e diferente do que era quando se conheceram. – Quanto à resposta de sua pergunta, nós poderemos trabalhar pelo bem de nossos irmãos de várias maneiras.

Todos notaram que houve uma transformação geral na maneira daquele militar pensar.

“Estou surpreso em saber que o todo poderoso General Otaviano agora virou um religioso”, pensou o pai da moça, desconfiado.

– Otaviano, eu posso fazer-lhe uma pergunta? – indagou Fagundes desconfiado.

– Fique à vontade meu caro amigo!

– Você está frequentando alguma religião que não seja a católica?

O homem sorriu, pensou e respondeu:

– Sim.

– Qual? – perguntou ansiosa Antônia, adiantando-se ao seu pai.

– Ainda não tenho certeza do que realmente quero, mas por enquanto estou simpatizando com uma religião que não se mete em política e seus adeptos têm outra maneira de pensar – respondeu Otaviano com um sorriso.

– O senhor não respondeu minha pergunta – disse Antônia firmando o olhar no homem.

– A religião a que estou me referindo é o Espiritismo – respondeu Otaviano respirando profundamente, como se tivesse tirado um peso das costas.

Antônia ficou boquiaberta com a resposta do general, enquanto Fagundes erguia-se com ares de quem não havia gostado do que ouvira.

– Não posso acreditar que o grande general Otaviano atualmente comungue com as ideias desses malucos. O senhor poderá se complicar, pois essa religião não é bem vista pela sociedade – comentou Fagundes, passando a mão nos cabelos.

Antônia se mantinha em silêncio, enquanto pensava: “Quem diria que um general linha dura, agora seja um simpatizante de uma religião que nada tem a ver com aqueles que são declaradamente materialistas”.

– Bem! Meus amigos, eu já tomei demais o tempo de vocês. Vou me retirar, porque tenho uns negócios para por em dia – disse o general Otaviano.

O militar ergueu-se e passou a mão na farda preparando-se para deixar a residência do amigo.

– Quando o senhor vai para a reserva? – perguntou a moça tentando saber mais alguma coisa sobre essa atitude do general.

– Logo minha cara amiga. Devo empregar o meu tempo ajudando aqueles que atualmente estão sofrendo os efeitos dessa ditadura, que a imprensa teima em combater – respondeu o homem sorrindo, porém com o semblante em paz.

– Não consigo acreditar que um homem que fora treinado para combater subversivos, agora queira se retirar da luta – comentou a filha de Fagundes, com ar irônico.

– É difícil de acreditar, mas é o que está acontecendo comigo – disse o general pondo o quepe.

– Otaviano, eu posso lhe fazer uma pergunta? – perguntou o pai de Antônia, que ainda estava pensando.

– Claro meu amigo!

– O que o fez tomar outro caminho, muito diferente daquele que você escolheu como militar? – indagou o amigo.

O militar fitou Fagundes e sorriu.

– Não esqueça meu amigo, que também acredito em Deus. Dias atrás tive um sonho esquisito, que me fez mudar todos meus planos, a ponto de ser afastado de minhas funções – respondeu o militar pondo a mão sobre o ombro de Fagundes. – Acho até que os meus amigos estão pensando que fiquei louco.

A moça abriu a boca para fazer nova pergunta, mas o general já havia entrado em seu carro.

Após a saída de Otaviano, pai e filha ainda permaneceram alguns minutos em pé, ambos pensando que sonho aquele homem teria tido, para tomar uma decisão tão antagônica aos seus antigos pensamentos.

Fagundes aproximou-se da filha e com voz calma e pensativa disse:

– Até o grande Otaviano agora anda pensando como você. Acho que ele não está bem.

– Por que o senhor diz isso? – perguntou a moça chateada com o comentário do pai.

– Será preciso explicação?

– Não – respondeu a moça aborrecida pedindo licença ao pai e subindo para o escritório.

3

3Nota do autor espiritual: *Essa história é baseada em fatos reais. Descaracterizamos algumas personagens em virtude das especulações inerentes ao ser humano que poderão advir com a leitura desta obra.*

Os fatos narrados em relação à passagem de Jesus Cristo pelo planeta Terra, esses também são reais, pois vivi naquela época e os presenciei diretamente. Outros detalhes do apostolado Dele estão

escritos na Bíblia e outros ainda não foram revelados pelos historiadores, devido à ausência de provas. É importante frisar que para nós, espíritos errantes, não é difícil buscar informações desse tipo nos arquivos do tempo, pois livres da matéria vivenciamos o passado, o presente e até mesmo o futuro.

Queremos também avisar ao nobre leitor, que algumas passagens bíblicas que fazem parte da obra são autênticas e escritas conforme o entendimento humano da linguagem atual. O autor material, por falta de recursos do Espírito encarnado realizou sob minha orientação várias pesquisas bíblicas para escrever o que realmente aconteceu à época de Jesus.

CAPÍTULO XXII - RESSURREIÇÃO DE JESUS

Antônia ergueu-se, espreguiçou-se, ficou olhando o texto que havia terminado de escrever sobre seu livro, depois se encaminhou até a janela e fitou o horizonte azul com reflexos do Sol que se escondia, cedendo lugar à escuridão da noite que aos poucos cobria aquela região. “Não posso acreditar que esse governo esteja realmente interessado em democratizar este país abençoado por Deus”, pensou.

Após alguns minutos, a escritora estava caminhando por entre as flores do belo jardim de sua casa quando de repente ergueu os olhos para o céu e pensou: “Como é difícil trabalhar pelo bem dos outros”. Sentou-se num dos bancos às margens do jardim, cruzou as pernas e começou a respirar o olor das flores tangido pelos ventos do início da noite, enquanto os pássaros pareciam brincar, voando de uma flor a outra, ora pousando numa pequena pérgula para beber água.

A moça sentiu tontura. Preocupou-se, respirou profundamente, mas continuou a sentir o mal-estar ao qual já estava acostumada, até que fechou os olhos, pensando: “Vou descansar um pouco a vista. Passei o dia escrevendo; talvez por isso os meus olhos estejam cansados. Graças a Deus que já terminei de escrever este livro”.

De repente, como se fosse sonâmbula ergueu-se e começou a andar como se estivesse flutuando, com a diferença de que seu corpo físico continuava sentado no banco, ou seja, ela teve o famoso desdobramento – como se referem os espíritas –, que sempre lhe acometia quando deixava o corpo físico em plena vigília. Olhou de lado e observou que seu corpo estava do mesmo jeito, mas sem os poderes ambulatoriais. Depois da observação começou a sentir algo diferente, como se estivesse viajando numa velocidade vertiginosa, até que parou defronte à entrada de uma pequena caverna com uma grande pedra ao lado, como se esta estivesse obstruído a entrada por algum tempo.

– Que lugar é este, meu Deus? – indagou-se a moça em voz baixa, notando que tudo era diferente, como se estivesse em uma paisagem muito antiga. – O interessante é que tudo isso não me é desconhecido, pois tenho uma impressão muito forte de que já vivi por estas paragens.

Antônia notou que amanhecia e que umas mulheres se aproximavam sorratamente daquele estranho lugar, como se estivessem com medo de algo. Observou também que pelo aspecto de espanto delas, as mesmas ficaram indecisas quando notaram que a pedra que obstruía a entrada da pequena caverna havia sido removida, deixando-a aberta.

– Maria, o sepulcro está aberto! – disse uma das mulheres espantada, levando a mão direita à boca.

– Não estou vendo os soldados que guarneçiam o sepulcro – falou outra.

– Então vamos entrar e saber o que aconteceu – convidou uma terceira.

– Será que podemos, Madalena? – perguntou a que se chamava Maria.

Antônia ficou com medo e por alguns segundos controlou a vontade de correr e refugiar-se em seu atual corpo físico, pois durante o desdobramento o corpo fluídico continua ligado ao seu corpo físico através de um tênue fio prateado. Ela se manteve quieta, enquanto falava para si em voz baixa:

– Não posso acreditar que essas mulheres sejam Maria, a mãe de Jesus, Maria de Magdala e a mãe de Tiago.

– É possível, minha irmã, porque para o espírito não existe tempo nem espaço, pois somos imortais – esclareceu alguém ao seu lado. – Você regressou até os dias em que Jesus foi sacrificado na cruz. Após cumprir com Sua santa missão, sepultaram o Seu corpo físico naquela pequena caverna – disse alguém apontando para a caverna onde as mulheres se encontravam à entrada. À época aquelas pequenas cavernas funcionavam como sepulturas.

A moça olhou e viu ao seu lado um cidadão vestido a estilo romano sorrindo e com os braços cruzados.

– Cornélio? O que você está fazendo aqui?

– Acompanhando-a.

Antônia observou que ela usava pulseiras largas de vários metais e para completar sua surpresa encontrava-se vestida com uma roupa semelhante a uma camisola branca comprida, envolta com um manto amarelo, fixo com um broche de ouro e pedras preciosas na altura do ombro. Ela olhou para o homem indagando o que estava acontecendo.

– Você está revivendo a época em que era Cláudia Prócula, esposa do temido Pôncio Pilatos – respondeu o venerando Espírito, entendendo a pergunta muda da moça.

– Você acredita que esse lugar foi a sepultura onde guardaram os restos mortais de Jesus? – perguntou Antônia com dificuldade, pois naquele momento vários pensamentos lhe acorriam completamente descontraídos, porque ora pensava como Cláudia e ora como Antônia.

– Sim, mas aconteceu muita coisa depois que crucificaram Jesus – respondeu Cornélio pondo um dedo nos lábios, pedindo silêncio e apontando para as mulheres.

Maria, Madalena, a mãe de Tiago e Salomé entraram no sepulcro para ungirem o corpo do Cristo e ficaram surpresas, pois observaram que o corpo Dele havia desaparecido, enquanto dois Espíritos iluminados invisíveis ao olho humano estavam sentados como se estivessem guardando o interior do sepulcro.

– Por favor, vamos entrar para observar o que está acontecendo no interior do sepulcro – convidou o centurião, segurando o braço da moça.

Ambos ficaram boquiabertos quando observaram que a laje onde deveria estar o corpo do mestre estava vazia.

Antônia quis falar, mas se manteve em silêncio, quando viu as mulheres surpresas ao observarem a falta do corpo de Jesus.

Madalena correu para fora como se estivesse procurando pelo Mestre, quando de repente viu perto de uma árvore um homem sorrindo. Ela aproximou-se e perguntou ao homem se não havia visto Jesus.

– Maria!

A mulher espantou-se, pois reconheceu que era a voz do Divino Mestre. Ela aproximou-se para abraçá-lo, porém, fora contida quando Ele disse:

– Não Me toques, pois ainda não fui ao Pai.

A mulher recuou e começou a chorar de alegria, correndo até o interior do túmulo e avisando as outras mulheres, que correram para verem Jesus ressuscitado.

– Onde está Jesus, Madalena? – perguntou Maria, mãe de Jesus.

– Ele estava aqui.

Maria encarou Maria de Magdala como se não acreditasse no que ela dizia. Após um momento pensando, convidou-as:

– Vamos embora, pois tenho quase certeza que o corpo de Meu Filho foi roubado pelos soldados do templo.

– Maria, por acaso estarei ficando maluca? Vi Jesus, seu bendito Filho – disse Madalena.

Maria fitou a amiga e fez um gesto de cabeça encaminhando-se em direção a sua residência.

Ouvindo a conversa entre aquelas mulheres, Antônia fitou o amigo Quinto Cornélio e indagou-lhe:

– Como Jesus saiu do sepulcro, se Ele estava morto?

O espírito que acompanhava Antônia, ou a antiga mulher de Pôncio Pilatos, Cláudia Prócula, caminhou em direção a uma pequena elevação e respondeu-lhe, fitando a mulher:

– Antônia, muitas coisas aconteceram, porém o homem continua preso às suas crenças e conveniências. Salvo raríssimas exceções, ele continua cultuando a matéria como seu verdadeiro Deus, quando na realidade, esta vida não passa apenas de um pequeno estágio no mundo tangível, com o objetivo de progredirmos rumo ao verdadeiro mundo.

Cláudia ou Antônia ajeitou o broche que prendia o manto ao riquíssimo vestido e pediu:

– Continue, meu caro Cornélio, por favor.

– Jesus disse que no terceiro dia ressuscitaria e cumpriu Sua própria previsão, pois Ele sempre pregou a imortalidade do Espírito. Nós somos imortais, tão imortais que já tivemos outras vidas depois e antes de sermos Cornélio e Cláudia Prócula – respondeu o nobre Espírito com um sorriso.

– Não posso acreditar nisso – comentou a mulher.

– Cláudia, atualmente você vive no século XX, num novo corpo e chama-se “Antônia”, lutando pela libertação da Terra do Cruzeiro, e ainda não acredita que fosse possível Jesus ressuscitar?

A moça ficou em silêncio, tentando digerir a confusão de ideias que naquele momento assomavam-lhe ao cérebro.

– Jesus não ressuscitou, porque Ele nunca morreu – comentou Quinto Cornélio, fitando algo invisível e sorrindo. – O mestre sabia que somente o corpo que abrigava Seu Espírito pereceria nas mãos daqueles que O julgaram e O condenaram, pondo fim na bendita casa conhecida até hoje como Jesus de Nazaré. Sendo assim, o que Madalena viu foi o próprio Jesus em Espírito, sem aquele corpo físico que para nada Lhe serviria quando fosse ao Pai ou retornasse ao mundo espiritual, Seu verdadeiro reino.

Antônia parou junto àquele que fora o primeiro centurião de Pôncio Pilatos.

– Estou confusa – desabafou a moça, fitando o homem.

– Não há por que ficar confusa.

– Você me chama de Antônia, quando na realidade sou Cláudia Prócula, mulher do Procurador Romano – rebateu a mulher. – É muito difícil de acreditar no que você expôs.

Quinto Cornélio ficou algum tempo pensando, depois comentou:

– Não. Atualmente você é Antônia.

– Como assim?

– Como Antônia você viajou para o passado até os dias em que fora Cláudia Prócula, vivenciando o dia em que o Mestre apareceu para Maria de Magdala, que testemunhou o que Ele havia previsto – explicou o centurião com um sorriso.

– E você?

– Que dúvida você tem a meu respeito?

– Como se explica que você esteja aqui comigo, se também já deixou seu corpo físico há muito tempo? – indagou a moça com ar de quem não estava acreditando no que o centurião explicava.

– Já tive várias existências, e atualmente me encontro em espírito numa Colônia Espiritual muito próxima a um mundo de regeneração – comentou o homem. – Cláudia, eu sou um Espírito errante, enquanto você é um Espírito reencarnado que vive no século XX.

Surpresa, a moça arregalou os olhos com tudo que estava ouvindo. Ela pensou: “Devo estar sonhando! Não posso acreditar que realmente somos imortais!”.

– Somos imortais, sim. Jesus sempre pregou a imortalidade do espírito e atualmente a Terra conhece várias religiões e seitas que confirmam o que estou dizendo, principalmente a Doutrina Espírita, que você, como Antônia, já conhece através de livros pertencentes às Obras Básicas que regem essa Doutrina – reiterou Quinto Cornélio, como se estivesse adivinhando os pensamentos de Antônia.

Antônia fitou novamente o homem assustada.

– E onde está sepultado o corpo físico de Jesus? – inquiriu a moça, como se estivesse desafiando o centurião. – Se o Mestre foi ao Pai em espírito, deve haver deixado Seu corpo em algum lugar.

Quinto Cornélio baixou a cabeça e começou a caminhar, acompanhado por Cláudia Prócula ou Antônia.

– Dois grandes sacerdotes pertencentes à elite do sinédrio, que acreditavam em Jesus, fizeram tudo em segredo para ajudar o Cristo, porém, nada conseguiram – comentou Quinto Cornélio, parando e fitando o infinito. – Após a suposta morte de Jesus, eles negociaram com seu marido, Pôncio Pilatos, tomarem para si o corpo do Mestre e cuidarem do enterro Dele, o que foi prontamente aceito pelo governador.

– Continue.

– Nicodemos e José de Arimatéia, os sacerdotes a quem estou me referindo, conduziram o corpo do Mestre até a casa de Maria e o prepararam para o enterro e o sepultaram nesse lugar, que você como Antônia já ouviu falar, principalmente através das várias guerras que aconteceram em nome de Jesus – as cruzadas –, pela disputa do Santo Sepulcro.

– E cadê o corpo de Jesus? – indagou a moça insistindo em saber onde estava o corpo do Mestre.

– Na noite de sábado para domingo, após a crucificação, Nicodemos e José conseguiram negociar comigo, o então primeiro centurião Quinto Cornélio, a retirada do corpo do Mestre do sepulcro, com a orientação dos amigos espirituais – respondeu o homem com um sorriso estampado no rosto. – Depois ambos sepultaram-no num lugar que jamais será descoberto pela humanidade.

– E como Ele apareceu para Madalena, se o corpo foi sepultado em outro lugar? – inquiriu novamente a mulher com ar de quem estava desafiando o centurião.

– Fui muito bem claro, quando disse que apenas o corpo que havia animado Aquele Espírito de elevada hierarquia, ou o Anjo que o Pai enviou à Terra, foi transferido para um lugar desconhecido pela humanidade – respondeu o homem com ar sério. – Quem apareceu para Madalena foi o próprio Jesus, envolto por Seu corpo fluídico, a exemplo da borboleta quando deixa o seu casulo e voa livre.

Cláudia ficou com ar de quem estava com medo de algo e gritou assustada, como se estivesse sendo puxada por uma potente força magnética. Antônia estava voltando ao corpo que se encontrava em repouso no banco do jardim de sua casa.

Ao acordar daquele sono ou transe, Antônia notou que em seu redor tudo estava calmo, como se algo muito importante e sublime houvesse

acontecido. Ela sentiu um aroma totalmente diferente daquele que era acostumada a sentir no jardim e rapidamente pensou: “Esse olor é das flores que terminei de observar naquele jardim que rodeava o túmulo de Jesus”. “Devo tomar muito cuidado com a minha mente, pois tudo isso não passa de algo completamente surreal”, pensou novamente a moça, erguendo-se e caminhando em direção ao interior de sua residência, meditando sobre tudo que havia acontecido consigo durante aquele estranho sonho.

Ester notou que a patroa estava pálida e tentou conversar com ela, porém Antônia a ignorou e continuou a caminhar em direção à escada que a conduziria ao seu quarto.

“Será que ela teve um daqueles sonhos esquisitos?”, pensou a empregada, observando a moça subir as escadas com ar muito cansado, todavia com um sorriso estampado no rosto, como se estivesse satisfeita.

– Bem, vou terminar os meus afazeres, depois conversarei com ela – disse Ester para si, em voz baixa.

CAPÍTULO XXIII - ANTÔNIA E ESTER

Antônia já havia se recuperado da surpresa de tudo que observou durante o seu regresso ao pretérito, quando reencarnou como Cláudia Prócula, mulher de Pôncio Pilatos, à época em que Cristo esteve conosco na Terra. Desceu do escritório em direção à sala de jantar com a finalidade de fazer um pequeno lanche. Ela observou que sua empregada estava inquieta, portanto resolveu chamá-la, pois já sabia que ela estava curiosa para descobrir o que havia acontecido consigo, quando adormeceu no banco do jardim.

– Eu vi o santo sepulcro – disse a filha de Fagundes de surpresa, enquanto tomava um gole de suco e passava discretamente um guardanapo nos lábios.

– Sepulcro de quem, patroa?

– Quando se fala em santo sepulcro, só pode ser de Jesus, Ester – respondeu Antônia, com ar de ironia e com um sorriso estampado em sua feição.

Ester que se sentara numa cadeira que rodeava a mesa, com os cotovelos apoiados sobre ela, fitou a patroa e surpresa tentou abrir a boca, mas foi interrompida antes de falar algo.

– Madalena viu Jesus ressuscitado, enquanto eu me encontrava ao lado do santo sepulcro, conversando com Quinto Cornélio – falou Antônia com ar displicente, antes de morder uma torrada.

– Quem é Quinto Cornélio?

– O centurião responsável pela crucificação de Jesus – respondeu a moça, mastigando a torrada. – Acho que já lhe narrei algo sobre esse homem que fez parte efetiva na crucificação do filho de Maria.

– A senhora teve o tal sonho esquisito novamente?

– Sim.

– Patroa, cuidado com esses sonhos! Eu já lhe disse que isso está me deixando preocupada – rebateu Ester com um vinco de preocupação na testa.

– Mas agora isso não vem ao caso. O fato é que pensei bastante a respeito da imortalidade da alma – retrucou Antônia, parando de fazer seu

lanche e encarando sua fiel empregada. – Li mais alguns livros que compõem as Obras Básicas da Doutrina Espírita, sobre esse assunto.

– E daí?

– Após meditar sobre tudo que está acontecendo comigo, principalmente a respeito desses tais “sonhos”, sou obrigada a acreditar que Jesus jamais ressuscitou como pregam as religiões – respondeu a moça com um sorriso nos lábios.

Antônia ergueu-se e começou a andar pela sala de jantar com ar de quem estava inquieta e tensa.

“A Antônia está me preocupando. Já não sei quando ela está falando de algo real ou não”, pensava Ester. “Até parece que ela vive em dois mundos ao mesmo tempo”.

– O que a faz pensar que Jesus não ressuscitou? – indagou a empregada, tentando sondar a mente da patroa.

– Jesus não ressuscitou porque Ele jamais morreu, provando a teoria Dele de que realmente Seu reino não era deste mundo, quando foi interrogado durante o julgamento ao qual fora submetido pelo governador da Judeia, Pôncio Pilatos – a filha de Fagundes respondeu com voz pausada, como se estivesse pensando em algo difícil de ser verbalmente descrito.

– Eu sempre soube que éramos imortais, assim como a senhora também deveria saber, pois os livros da Doutrina que está lendo nos informam a respeito de tudo isso – comentou Ester, também se erguendo e ficando defronte à patroa. – Portanto não estou ouvindo nenhuma novidade.

– É diferente, minha cara amiga.

– Por quê? – perguntou a empregada passando as mãos no avental, tentando disfarçar o nervosismo que ora teimava em lhe tomar o ser.

– Todo mundo diz que acredita na imortalidade da alma e em Deus – respondeu Antônia. – Mas, no fundo, são raríssimas as pessoas que realmente acreditam em Deus, Jesus e que somos imortais.

– Não entendi.

– Fácil, minha querida amiga. No fundo, todos procuram uma religião, ou seita, com a esperança de que realmente nunca pereçam, e se perecerem, esperam que suas almas sejam conduzidas a algum lugar convencionalizado pelas religiões, de preferência ao céu ou ao paraíso – tentou explicar

Antônia, sentando-se na primeira cadeira. – Quanto a Jesus, Ele não ressuscitou como todos pensam e pregam até nossos dias.

Houve um silêncio, enquanto os pensamentos das mulheres corriam em todas as direções, buscando algo que servisse como argumento para alimentar ou encerrar aquele assunto.

– Por favor, explique-se, patroa.

– Jesus não foi ao Pai com o corpo que recebeu para animar Seu espírito enquanto esteve conosco na Terra – falou Antônia emocionada. – Ele apareceu para Maria Madalena com Seu corpo autêntico, o chamado corpo espiritual, ao qual Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, sempre se referiu em suas epístolas.

– Se você, em seu desdobramento, viu o sepulcro de Jesus e afirma que Maria Madalena testemunhou a ressurreição Dele, não vejo nenhuma novidade, pois já tínhamos conhecimento disso através de informações bíblicas – replicou Ester, tentando acompanhar o raciocínio da patroa. – Mas se você afirma que Jesus, quando se deixou mostrar a Maria Madalena, ali estava somente em espírito, então, onde está o corpo físico Dele, que até a presente data nenhum arqueólogo o encontrou?

Antônia sorriu e respirou profundamente. Depois se ergueu e foi até a janela, enquanto de costas respondeu:

– Ninguém jamais encontrará o corpo que abrigou Aquele Anjo. No sonho, o Espírito Quinto Cornélio me informou que os amigos do Mestre esconderam o corpo Dele, de modo que o homem jamais o descubra, pois tudo indica que os próprios Espíritos superiores se encarregaram de manter o corpo do Anjo escondido, com a finalidade de preservá-lo da especulação e curiosidade humana. O corpo foi sepultado no sepulcro que vi, porém, após o advento de Sua ressurreição, Ele fora retirado e sepultado noutra lugar desconhecido.

– Então, se Jesus não ressuscitou, como Ele mesmo afirmou antes de morrer, ou seja, com o Seu corpo físico, a Bíblia escondeu algo a respeito desse assunto por algum motivo? – indagou novamente Ester, que insistia em querer saber o que foi feito do corpo físico de Jesus.

– Ester, o que significa um simples corpo físico e perecível para você? – questionou a moça, voltando-se para Ester com ar de quem estava se irritando.

– Ora, nada. Todavia, os evangelhos e as explicações dos cientistas são vagas a esse respeito.

– Vagas, porque eles querem pesquisar o que aconteceu ao Mestre Divino como se Ele fosse um ser humano normal.

Antônia sentou-se, baixou a cabeça e durante alguns minutos ficou meditando, talvez com a intenção de argumentar sobre aquele mistério tão difícil de ser esclarecido.

– A Doutrina Espírita explica que o homem é dividido em três partes: espírito, perispírito e corpo físico – explicou a moça, com o olhar perdido. – Portanto, se nós seguirmos o raciocínio dos Espíritos responsáveis pela elaboração dessa Doutrina e a do codificador Allan Kardec, logo encontraremos a resposta inquestionável.

– Não acredito nessa possibilidade. Muitos estudiosos questionam a matéria que constituía o corpo de Jesus e nenhum deles conseguiu chegar a um acordo – redarguiu a empregada, julgando ser forte seu argumento contra as explicações da patroa. – A maioria defende que o corpo do Mestre era fluídico, e assim sendo, quando Jesus ressuscitou, Ele realmente subiu aos céus com o Seu corpo físico.

– Ester, Jesus não tinha um corpo diferente do nosso, pois senão, poderíamos considerá-lo um embusteiro, pois Ele se apresentou na Terra como um ser humano normal. Além disso, Ele disse um dia: “Eu não vim destruir a lei...” – comentou a moça com segurança. – Jesus sofreu tudo que testemunhamos, embora estivesse somente ligado ao corpo físico, pois um corpo pertencente a um mundo inferior, jamais poderia abrigar um anjo, um Espírito puro.

– Não estou entendendo absolutamente nada.

– Pobres são aqueles que em pleno século XX ainda duvidam dos ensinamentos do Mestre Divino, principalmente quando discutem coisas inúteis como essas que você acabou de citar – reclamou Antônia, em voz baixa como se estivesse admoestando a sua empregada.

A moça respirou profundamente, ergueu-se, pôs a mão na cintura e fitando Ester continuou a falar:

– Se a Doutrina Espírita confirma que o homem é dividido em três partes, sendo elas espírito, perispírito e corpo físico, não tenho nenhuma dúvida que quem pereceu foi realmente o corpo físico que serviu de casa ao Mestre, assim como também servem aos filhos de Deus que encarnam.

– E daí?

– Madalena viu o corpo fluídico de Jesus, ou seja, o espírito envolto temporariamente pelas energias fluídicas que Kardec denomina de perispírito. Sem dúvida que o Mestre as deixou nas esferas inferiores durante sua elevação ao Pai. Ele voltou somente em Espírito puro ao Reino dos Céus, como sempre falava em Seus famosos sermões – respondeu a moça com um sorriso resplandecente no rosto que aos poucos espalhava-se por seu corpo. – Quanto ao corpo físico, este foi sepultado por amigos e assim permanecerá desconhecido por nós, que ainda estamos ligados às imperfeições deste mundo inferior.

Solicito aos caríssimos leitores uma pausa na história para explicar essa questão que perdura até os nossos dias, causando dissidências entre os amigos estudiosos das doutrinas que defendem a reencarnação. Somos absolutamente a favor daqueles que estudam, pois uma consciência sem esclarecimento é totalmente escura e fica a mercê de muitos erros, o que não podemos aceitar no seio de uma doutrina racional como a que foi codificada pelo nosso querido Allan Kardec, com a supervisão geral do Espírito de Verdade. Estamos falando da Doutrina Espírita, a Doutrina que o mundo tem diante de si através de vários estudos e experiências calcados na ciência e filosofia que elucidam as verdades espirituais que o tempo se encarregará de firmar nos corações humanos, principalmente naqueles que aos poucos acreditam na existência de Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade do espírito, em reencarnação, na pluralidade dos mundos habitados e na lei de causa e efeito.

Na época em que reencarnei como sacerdote, numa inóspita região do nordeste, na Terra de Santa Cruz, eu observei o quanto a minha amiga Cláudia Prócula de existências pretéritas sofreu, pois também reencarnara como uma conhecida freira numa pequena cidade da mesma região. Pessoalmente, levei a extrema-unção por ocasião de sua partida para a pátria espiritual. Após pouco tempo ela reencarnara novamente, todavia ainda criança desencarnou, sofrendo as agruras de uma grande seca que se abateu no nordeste do nosso bendito país.

Como Antônia, ela trabalha no mundo material como guerreira e encarregada de ajudar o país a se libertar das influências dos Espíritos do mal.

Ambos, eu e ela, há muito tempo que procuramos ressarcir as dívidas que contraímos por causa de nosso orgulho, pois queríamos de qualquer maneira fazer com que as pessoas acreditassem no Evangelho do Cristo, mesmo com o sacrifício de suas existências.

Na época da reencarnação de Jesus de Nazaré, eu também reencarnei como um senador judeu, e embora tivesse minhas dúvidas, eu acreditava nas palavras do Mestre. Tornei-me um de seus seguidores, embora às escondidas, porque a minha posição diante do sinédrio era muito importante e seria difícil mudar as ideias dos companheiros que se empenhavam em julgar e condenar Jesus.

Eu era amigo de José de Arimatéia, uma das personalidades respeitadas no sinédrio e que também acreditava na doutrina que Jesus pregava, principalmente quando dizia: “Seja feita a vontade de meu Pai que está nos céus”. Eu e José começamos a conversar sigilosamente sobre tudo que Jesus de Nazaré pregava e chegamos a um acordo: o Nazareno estava certo. Nós, além de covardes, não tínhamos condições de questionar os ensinamentos de um ser angélico, como era o Messias.

Todos os judeus daquela época ficaram divididos com relação aos sermões do Mestre, porque Ele pertencia à tribo que fundou o reino de Israel e, portanto, era descendente direto na linhagem de sucessão ao trono de Davi. Ele era rei, de fato e de direito, como espírito encarnado, causando inveja, ódio e medo entre algumas tribos e aos romanos. Os judeus, talvez por rivalidade entre tribos, não aceitavam outro rei e outro deus, a não ser o Deus de Moisés. Quanto ao imperador de Roma, este não aceitava outro rei, pois naquela época ele se considerava o único rei e deus do mundo. O Nazareno trouxe uma missão dos céus que seria espalhada em toda Terra, iniciando aí, um processo de mudanças neste mundo classificado por Allan Kardec como um mundo de provas e expiações e seria transformado num mundo de regeneração. Portanto há mais de dois mil anos a Terra está sendo paulatinamente preparada para essa grande mudança.

Quando Jesus falava que somente obedeceria as ordens que viessem do Pai que estava nos céus, o mundo daquela época tremia, principalmente quando Ele pregava o amor ao próximo, que ia diretamente contra a Lei de Talião. O mundo se dividiu, e apareceram as dores, a escuridão, as guerras, a fome e a destruição física, pois os espíritos ignorantes, mas de inteligências brilhantes, aproveitaram-se do momento sagrado em que Jesus

pregava a paz, o amor a Deus e ao próximo, para induzir o povo ainda embrutecido da época a considerar o Mestre como um perigoso subversivo, líder do mal e revolucionário, como se Ele estivesse preparando um exército para enfrentar César e dominar o mundo, principalmente o sinédrio, com seus sacerdotes de mentes atrofiadas que não aceitavam trocar o poder material pelas coisas de Deus, como acontece até aos dias de hoje.

José de Arimatéia e eu combinamos primeiro negociar com Pôncio Pilatos a responsabilidade de sepultar o corpo de Jesus. Pilatos nos atendeu prontamente. José comprou lençóis de linho, óleos e o necessário para tirar Jesus da cruz, ungi-Lo e depois sepultá-Lo num sepulcro novo, escavado na rocha situada no meio de um belo jardim.

Ainda quando Jesus se encontrava encarnado, durante um tempo conversamos e discutimos com Ele alguns assuntos relacionados a Sua teoria de que nós éramos imortais, pois conhecíamos a história do povo judeu, principalmente os fenômenos que aconteceram com Moisés, Elias, Jonas, Enoque, enfim, aos vários profetas que acompanharam o início da formação do reinado de Israel. Sendo assim, não foi difícil acreditar que estávamos falando com um anjo, com o verdadeiro Messias.

Resolvemos também esconder o corpo Dele, com a benevolência de Quinto Cornélio, o centurião de confiança de Pôncio Pilatos, pois sabíamos que um Anjo jamais voltaria para sua morada conduzindo consigo um corpo perecível que apenas Lhe serviu de abrigo durante Seu apostolado. Jesus foi ao Pai em espírito, e a primeira pessoa que viu o tal fenômeno foi Madalena. Depois Ele apareceu para Sua mãe Maria, para Pedro, para os apóstolos e outros, antes de deixar esta terra pela qual Ele já era o responsável espiritual antes de reencarnar como Jesus.

A fim de dirimir as dúvidas de vários irmãos que ainda continuam envolvidos com a matéria, conforme informações da Doutrina Espírita, se faz necessário entendermos que existem dois mundos: o material e o espiritual. O mundo espiritual é lugar onde vivem os Espíritos desencarnados, denominados errantes, a exceção dos mundos puros. O mundo material é o lugar onde vivem os Espíritos encarnados, ou seja, os Espíritos que ainda necessitam de um corpo com o objetivo de aprenderem dois aspectos fundamentais da existência humana: a moral e a intelectual. A reencarnação é o maior presente que o Senhor da Vida nos oferece para que

possamos vencer o domínio da matéria sobre o espírito, através de sacrifícios, lágrimas, dores etc.

Portanto, Jesus, o Anjo Governador deste planeta já alcançou mundos puros e não mais necessita reencarnar, vestir um corpo de carne perecível.

Quando Ele falava que ressuscitaria no terceiro dia de Sua morte, Jesus simplesmente queria deixar para esta humanidade que ainda habita um mundo inferior, e que somos imortais, provando que o corpo físico é passageiro, enquanto o espírito volta à pátria espiritual.

Como Espírito puro, o Cristo tinha condições de manipular todos os fluidos classificados por Allan Kardec, inclusive o de permitir ser visto e tocado por aqueles a quem Ele queria deixar o testemunho de Sua ressurreição.

Os Espíritos imperfeitos ainda não têm condições de entender o que realmente é um espírito puro e nem onde fica sua morada, embora Kardec explique que as moradas dos anjos são os mundos puros.

Para Jesus tudo era possível, porém Ele não quis contradizer a predição que havia mais ou menos mil e quinhentos anos Ele mesmo enviou a Terra, através de Seus profetas, onde previra tudo o que lhe aconteceria. Dessa forma, a lei foi cumprida e tudo aconteceu conforme as escrituras.

Após a conversa que Antônia tivera com sua empregada de confiança, ela foi para o seu quarto e ficou por alguns minutos sentada numa cadeira, enquanto pensava: “Como é difícil acreditar em tudo isso. Neste momento acabo de conversar com Ester e afirmar que Jesus ressuscitou em espírito e que seu corpo físico ficou sepultado em algum lugar deste mundo. Mas será que isso é verdade? Quanta dúvida, meu Deus?”.

A moça adormeceu.

CAPÍTULO XXIV - FAGUNDES E A FILHA

Ao acordar, Antônia ficou um tempo na cama, pensativa, antes de fazer sua higiene matinal. “Estou triste, beirando a depressão. Não sei o que está acontecendo comigo”, pensava a moça. Ergueu-se da cama e foi até a janela, afastando as cortinas. Depois de vestir-se, ficou se observando num grande espelho que servia de adorno ao quarto. Acariciou os cabelos louros e sedosos, fitou seu rosto, enquanto fazia pressão nos lábios verificando a maquiagem. “Bem, vou tomar algo. Depois tentarei iniciar o capítulo do outro livro, que estou achando difícil de escrever”, pensava a escritora, encaminhando-se para a saída do quarto; porém, antes de pôr a mão na maçaneta, ouviu alguém bater na porta. Ela parou e pensou: “Quem será?”.

– Entre!

Fagundes adentrou cautelosamente no quarto, fitou a filha, aproximou-se, lhe beijou a face e a abraçou, cumprimentando-a.

– O que houve, pai?

Em vez de responder a pergunta da filha, caminhou em direção à cama e sentou-se, mantendo a vista fixa no solo.

A moça ficou desconfiada com a maneira de agir do pai. “Não gosto dessa maneira esquisita do papai se comportar”, pensou a moça. “Algo me diz que ele tem alguma coisa importante para me participar ou reclamar”, continuou a meditar Antônia, tentando penetrar na mente do genitor.

Fagundes ergueu-se. Ele aproximou-se de Antônia e indagou, segurando suas mãos e fitando seus olhos:

– Você nunca pensou em se casar ou pelos menos namorar alguém da sua idade?

Antônia não respondeu. Limitou-se a ficar em silêncio.

– Minha filha, você ouviu minha pergunta?

– Sim.

– Então?

A moça segurou a mão direita do pai e o conduziu até uma poltrona que estava próxima à cama, convidando-o a sentar-se. Após um silêncio irritante, ela começou a falar:

– Pai, eu sei que segundo os padrões da sociedade já passei do tempo de me consociar com alguém, todavia não tenho mais ilusões de constituir uma família.

– Continue, filha.

– Namorei firme um rapaz, porém me desiludi quando percebi o quanto ele era covarde diante das dificuldades que a vida nos impõe – respondeu a moça pensativa.

Antônia respirou, passou as mãos nos cabelos louros e prosseguiu, fitando o pai:

– Depois encontrei um homem pelo qual senti algo diferente. Eu até achava que o amava, mas Deus o levou deste mundo e assim não houve tempo para que nos conhecêssemos.

– Foi o Andrade?

– Sim.

– Minha filha, você é uma moça linda e tenho certeza que muitos rapazes ficariam felizes em namorá-la – comentou o homem com cuidado para não ofender a moça. – Mas você não sai de casa; parece que está desiludida.

Antônia se ergueu e começou a andar pelo amplo quarto. Logo voltou a sentar-se permanecendo alguns minutos em silêncio.

– Pai, eu não sinto a menor vontade de sair para me divertir, principalmente à procura de um namorado – disse a moça com voz pausada e firme. – Além disso, parece-me que não vim nessa existência para me divertir.

– Acho que esses seus sonhos estão lhe prejudicando. Aonde já se viu uma moça jovem linda, intelectual e com formação acadêmica isolar-se do mundo? – rebateu o pai com doçura na voz.

– Ao contrário do que o senhor pensa a respeito desses sonhos, sinto-me feliz, pois tudo indica que muito cedo devo renunciar em favor de algo mais sério, algo que deverei assumir ou quem sabe já estou vivenciando.

– Então, por que sempre a vejo com ar triste?

– Não sei. Sinto que não sou igual aos jovens de minha geração – respondeu Antônia fitando o nada.

– Não posso aceitar essa resposta – comentou o pai, esfregando as mãos uma na outra. – Atualmente minha família se resume somente a você, pois sua mãe já se foi e não tivemos outros filhos.

Houve um silêncio entre ambos, enquanto eles pensavam.

– Sempre sonhei com seu casamento e com os netos que você me daria com uma possível união. Hoje em dia isso seria o suficiente para animar um pouco minha vida, pois ultimamente só tenho aborrecimento – continuou a falar o pai da escritora com amargura na voz, rompendo o silêncio. – Às vezes fico pensando se teremos herdeiros.

Antônia ergueu-se e foi até a janela, ficou um tempo observando o Sol que caminhava indolentemente em direção ao meio do céu. Voltou, ficou em pé defronte ao pai e disse-lhe:

– Parece-me que esta vida não me pertence.

– Que conversa é essa, minha filha? – indagou o político, espantado com a maneira que a filha falava.

– Esses sonhos não são sonhos – falou a moça de repente, mudando o assunto rapidamente.

– Não entendi absolutamente nada.

– É uma realidade, meu pai.

– O quê? Você quer dizer que realmente vive esses tais sonhos? – o político perguntou surpreso, erguendo-se e encarando a filha.

– Exatamente isso.

– Não posso acreditar nisso!

– Pois acredite.

– Explique-se, por favor.

– Às vezes eu confundo os sonhos e a realidade, pois me parece que duas vidas se interpenetram me deixando confusa.

– Ainda não consegui entender, filha.

– Quando me sento para meditar, ou quando estou escrevendo, converso com alguém sobre vários assuntos, principalmente os que estão acontecendo na atualidade.

– E daí?

– De repente me surpreendo, quando descubro que não há ninguém conversando comigo – respondeu a moça. – Mas tenho certeza de que eu estava conversando com alguém.

Fagundes pôs a mão na testa, tentando digerir aquela informação; entretanto não conseguia.

– Você já pensou em se consultar com um psiquiatra ou outro especialista?

– O senhor quer dizer que estou maluca? – a moça questionou sorrindo, como se estivesse achando aquela conversa muito engraçada.

– Não. É que às vezes um bom especialista pode esclarecer determinados fenômenos que acontecem conosco, principalmente com relação a nossa mente.

– Não concordo.

– Por quê?

– Consegui todas as explicações que eu desejava através de uma Doutrina que o senhor já conhece – respondeu a moça com voz calma. – Portanto se torna desnecessário discutirmos esse assunto.

– A Doutrina Espírita?

– Sim, embora eu não possa explicar para o senhor porque parece que tem alguém ao meu lado, conversando comigo, quando estou lendo as obras básicas dessa Doutrina.

Após pensar um pouco, a moça segurou a mão do pai, que se mantinha em silêncio, e o convidou a descer para a sala de refeições e tomarem a primeira refeição da manhã.

– Antes de descermos, você poderia me tirar uma curiosidade?

– Depende...

– Você é feliz?

– Sim. Sou feliz. Pai, eu não vejo necessidade de me divertir, como o senhor aconselhou, para viver em paz – respondeu Antônia meio desapontada com a pergunta.

– É por isso que você não se empenha em se casar como qualquer moça de sua idade?

– Não. Sinto que já vivi intensamente em outras vidas e não soube me conduzir como o Senhor queria – respondeu a moça, abrindo a porta.

– Um momento, minha filha.

Antônia ergueu o seu belo rosto e fitou o pai, enquanto ambos paravam na saída do quarto.

– Você está falando como uma beata qualquer.

– E daí? – indagou a filha sem desviar o olhar dos olhos do pai.

Fagundes pôs as duas mãos sobre os ombros da moça e com um sorriso respondeu-lhe:

– Você nunca foi religiosa. Raríssimas vezes eu vi você ir a uma igreja e, agora, a escuto falar como uma beata, como essas mulheres fanáticas que

vivem em igrejas ou frequentam qualquer tipo de religião que obrigam as pessoas a acreditarem em suas utopias.

– Vamos comer algo, pois estou com fome – convidou a escritora, em resposta ao comentário do pai.

A tarde estava bonita, quando Antônia ergueu-se, espreguiçou-se e pensou: “Logo, logo, a noite chegará. Vou respirar um pouco de ar puro”. Desceu e foi ao jardim se sentar em seu banco predileto para observar, como de costume, os pássaros gorjearem e voarem, como se estivessem alegres com a presença dela. A moça ria como se estivesse entendendo aquelas criaturinhas de Deus, que pareciam conversar com ela quando cantavam.

“É difícil separar as coisas de Deus e as coisas de César, pois nós jamais imaginamos um mundo mais perfeito e infinitamente melhor do que este” pensou Antônia rindo, se sentindo feliz, enquanto observava um pássaro todo colorido pousar sobre a pequena fonte, beber e erguer o bico ao céu. A pequena ave depois a olhou de relance, gorjeou e voou até o galho de uma árvore que ficava entre o jardim e o pequeno pomar.

“Acho que o papai está achando que estou maluca, precisando urgentemente de um tratamento”, gargalhou a moça, enquanto concluía seu pensamento: “Se ele soubesse que muitos amigos no mundo espiritual são meus verdadeiros amigos e que sempre estão prontos a me ajudarem quando preciso deles...”

Antônia ergueu-se e caminhou em direção ao roseiral. Após tirar uma rosa, conduziu-a ao nariz e respirou o seu odor, olhando o céu que aos poucos cedia lugar para a escuridão da noite. Ela observou que algumas estrelas já estavam brincando no firmamento. Dezoito horas. “Meu Deus, obrigada por mais essa oportunidade que o Senhor me concedeu de continuar com esta existência”, pensou a moça como se estivesse a fazer uma prece. “Aos poucos vou entendendo que tive uma nova existência, com a finalidade de, do lado de cá, ajudar os irmãos que estão lutando por dias melhores após esta ditadura”.

– Minha querida irmã, logo você iniciará a sua missão.

“Parece-me que alguém está conversando comigo”, pensou a moça sentindo que seu corpo estava diferente.

– Quem está falando comigo? – perguntou a moça em voz baixa e sentindo um enorme bem-estar.

– Já se esqueceu de mim? – perguntou o ser invisível.

Antônia ergueu-se surpresa, levou a mão à boca e exclamou:

– Andrade!

– Pensei que já houvesse me esquecido.

– Como poderia esquecê-lo! Mas...

– Você tem razão.

– É. Se alguém ouvir-me falando sozinha, principalmente como se estivesse conversando com alguém, logo serei internada como louca – disse Antônia, sentando-se, enquanto sentia um bem-estar lhe envolver.

– Todos aqueles que sentem o mundo espiritual com mais intensidade são denominados médiuns, uma nomenclatura criada por Allan Kardec para caracterizar aqueles que conseguem servir de intérpretes entre os dois mundos. Estes sempre foram considerados loucos.

Antônia sentia-se feliz, muito feliz e num momento sublime pediu em oração: “Senhor, estou lúcida e em estado de vigília. Será que posso ver esta criatura que tanto amei, sem que ela jamais tome conhecimento desse sentimento que eu nutria?” Ela fechou os olhos e continuou sua prece muda.

– Meu Deus! Estou vendo o Andrade! – falou a moça muito emocionada.

– Mas não consigo entender este mecanismo, porque estou de olhos fechados e o vejo e sinto até a respiração dele – dizia a moça para si, chorando de alegria.

– Querida, você está me vendo. Suas preces foram atendidas pelo Pai – disse o rapaz que aparecia em seu esplendor de Espírito desencarnado e evoluído. – Abra os olhos!

Aos poucos Antônia foi abrindo os olhos, enquanto as lágrimas desciam pelo seu belo rosto, rolando pelo vestido.

– Andrade, eu não posso acreditar no que estou vendo!

O rapaz estava defronte dela com um manto azul e branco envolvendo-o à moda romana.

A moça notou que o corpo dele refletia uma luz que variava entre o branco, azul e cores que ela não conseguia identificar. Ela se encaminhou para abraçá-lo, mas foi contida por um gesto de mão, enquanto ele pedia:

– Não me toques, querida.

A moça parou, enquanto seu olhar indagava: “Por quê?”

– Você está testemunhando um minuto da materialização do meu corpo fluídico. Estou usando seu fluido vital; portanto, devemos respeitar as leis.

– Mas...

– Se você me tocar, sofrerá consequências gravíssimas.

– Não posso acreditar no que estou vendo – falou a moça em voz baixa.

Antônia baixou a vista e quando a ergueu notou que o rapaz se distanciava com um sorriso nos lábios.

– Por favor, Andrade, não se vá.

– Ainda não me fui, porém você não me verá, pelo menos por enquanto.

– Onde você está?

– Ao seu lado, querida.

– Andrade, o que será de mim sem você? – inquiriu a moça enxugando as lágrimas que teimavam em rolar pelo seu rosto branco.

– Sei que você terá forças e condições espirituais para continuar sua luta e vencer – confortou o Espírito.

– Mas...

– Querida, vou embora. Tenho muitas atividades para realizar ainda hoje.

– Não!

Antônia sentiu que o rapaz já não estava mais naquele jardim. Ela ergueu-se e caminhou em direção ao interior de sua residência, enxugando o rosto.

CAPÍTULO XXV - ANTÔNIA E O PADRE NESTOR

Após o almoço, Antônia dirigiu-se ao escritório, sentou-se num sofá perto da janela e ficou pensativa. Ergueu-se, foi até a biblioteca, passou o dedo no dorso de alguns livros, escolheu um e retirou-o da estante e depois se sentou novamente. Quando tentava concentrar-se na leitura, ouviu alguém bater na porta e entrar.

A moça sabendo previamente de quem se tratava fechou o livro e disse:

– Entre.

Ester entrou e ficou olhando para a patroa.

– Por que você não entrou sem bater? Não é costume seu.

– Estava pensando no que o padre Nestor veio fazer aqui – respondeu Ester.

– O padre Nestor! – espantou-se Antônia, erguendo-se e ajeitando os cabelos.

– Sim. Está esperando-a na sala.

– Será que aconteceu algo grave?

– Não sei responder. Pelas feições do rosto, parece-me que ele está preocupado.

– Avise-o que desço imediatamente.

“O que o padre Nestor quer comigo? Será que ele está sabendo algo sobre o nosso movimento?”, pensou a moça desconfiada.

Padre Nestor era simpático ao movimento daqueles que lutavam contra a ditadura.

Após alguns minutos Antônia encontrava-se sentada ao lado do padre, que segurava as suas mãos com carinho paternal e a fitava em silêncio, incomodando-a.

– Tenho certeza que o senhor não veio somente me visitar, padre Nestor – de repente disse a moça, sorrindo.

– Por quê? Será que não posso visitar a minha querida menina?

– Não é isso, padre. O senhor é muito ocupado e não tem tempo para perder com uma simples visita – respondeu a moça sorrindo e sentindo-se à

vontade ante aquela criatura que a viu nascer e crescer.

– É verdade. Vim visitá-la porque estou curioso para conversar com você sobre alguns sonhos que atualmente andam tirando o seu sossego.

A moça ergueu-se surpresa e pôs a mão na boca num gesto feminino. Depois sorriu, enquanto perguntava:

– Como o senhor soube disso?

– Você se esqueceu que eu e seu pai somos amigos? – respondeu o padre com outra pergunta.

– É verdade, padre Nestor – confirmou a moça com um gesto de cabeça, sentando-se e puxando a cadeira para perto do sacerdote.

“O papai deve ter falado coisas horríveis sobre mim e os sonhos logo para quem...”, pensou a moça rapidamente, se preparando para a enxurrada de perguntas do sacerdote.

O padre Nestor era de altura mediana, branco, com cabelos lisos e brancos, sinal de sua idade avançada, porém mantinha um aspecto jovial e simpático.

Ambos ficaram em silêncio, talvez com receio de manifestarem os pensamentos que sentiam naquele momento.

– Padre, eu acredito nos sonhos que tive e que eles sejam perfeitamente normais, até porque todo mundo sonha – falou a moça, rompendo o silêncio e tentando desfazer aquela tensão.

O padre respirou, passou a mão na batina, talvez tentando disfarçar algo ou uma pergunta desagradável, fitou a moça, segurou suas mãos e em voz calma disse-lhe:

– Concordo. Mas seus sonhos são premonitórios; além disso, regressam ao seu passado.

– O que o senhor quer dizer com isso? – indagou a moça com as sobrancelhas arqueadas.

O padre ficou em silêncio, talvez procurando uma maneira de abordar aquele assunto tão surreal.

– Que isso me parece obra do demônio. Não acredito nesses sonhos – respondeu o padre passando a mão nos cabelos já ralos. – Principalmente quando esse passado se refere a outras existências, ou seja, reencarnações, o que nós não acreditamos.

A moça ficou um tempo pensando, depois se ergueu e inquieta começou a caminhar pela sala, enquanto ajeitava seus cabelos. Depois se sentou,

fitou o padre e disse-lhe:

– Não concordo com o senhor.

O padre estampou no rosto um aspecto de surpresa. Ele abriu a boca, mas nada disse, pois a moça o interrompeu:

– Não acredito em demônio, padre.

– Minha filha...

– Não acredito em demônio, porque segundo um livro que estou lendo, o satã convencional pelas religiões não existe – interrompeu a moça. – Além disso, os meus sonhos são verdadeiros e acredito neles.

– Antônio, que livro é esse que você está lendo? – indagou o padre meio desconfiado.

– “O Livro dos Espíritos”.

O padre olhou para os lados, talvez observando se havia alguém ouvindo aquela conversa, depois balbuciou:

– Não posso acreditar que uma moça bem informada, principalmente intelectualizada leia essas coisas.

Antônia pensou, respirou profundamente, como se estivesse buscando paciência para não ser deselegante com o velho sacerdote, depois fitou uma parede a sua frente e disse:

– Por isso mesmo é que não acredito em demônio. Isso é história para enganar o povo, assim como agem os responsáveis pelo regime desse governo, que dizem estar fazendo o bem, enquanto sabemos que o seu verdadeiro fim não é esse.

– Minha filha, seus sonhos envolvem o sofrimento de Cristo e confirma que você fora em outras reencarnações a mulher de Pôncio Pilatos, responsável pela crucificação de Jesus de Nazaré – falou o padre com um vinco na testa. – Entenda que é difícil acreditar que isso seja obra de Deus.

– Sei que a igreja católica não admite a reencarnação e principalmente a Doutrina Espírita, mas não posso compactuar com as crenças ou dogmas dela, pois como intelectual informada sobre alguns assuntos, como o senhor mesmo reconhece, sou obrigada a afirmar que a verdade está com Jesus, e Esse Anjo que vejo em meus sonhos sendo sacrificado não poderia embasar uma Doutrina como o Espiritismo se fosse um embuste de alguém que desejasse enganar o povo.

O padre ergueu-se com ar de quem não estava gostando daquela conversa; depois se controlou e novamente se sentou desconversando:

– Você já pensou em consultar um especialista nessa área? – indagou o padre, talvez tentando ganhar tempo.

– Pensei, mas apenas para descobrir como devo administrar esses fenômenos.

– Isso quer dizer que você acredita nessas coisas?

– Antes eu ficava com dúvidas a respeito da veracidade desses sonhos, porém, depois de um tempo comecei acreditar, pois eu sei que não sou maluca e somente uma Doutrina séria e esclarecedora poderia me informar porque me vejo como Cláudia Prócula, a mulher de Pôncio Pilatos – respondeu a moça, segurando a mão do padre e tentando acalmá-lo.

– O que a faz ter tanta certeza disso?

– Ora, a reencarnação.

– Você acredita nessa bobagem de reencarnação?

– Não tenho dúvida.

– Por quê?

– Esses sonhos me conduzem a uma época remota em que eu estava reencarnada em outros corpos, como o de Cláudia Prócula, esposa de Pôncio Pilatos.

– Como você prova isso?

A moça fitou os olhos do padre com firmeza e respondeu-lhe:

– Eu vivo essa realidade nos meus sonhos que dista mais de dois milênios.

– Ainda não entendi.

– Como eu poderia sonhar com uma pessoa que nunca ouvi falar até o dia em que comecei a ter esses sonhos? Como eu poderia ter visto o sacrifício do Cristo, quando somente conhecia seu sofrimento através do evangelho? Como eu soube de detalhes do julgamento e posterior condenação do Cristo, se nunca fui uma estudiosa desse assunto?

O padre baixou a cabeça e pensou: “Ela tem razão. A igreja é que não quer acreditar nessa Doutrina e nem eu posso concordar, a fim de resguardar os segredos da santa madre igreja”.

– Minha filha, você está precisando frequentar a missa, estudar mais o evangelho de Jesus Cristo e, se possível, tentar afastar essa coisa ruim do seu lar – o padre aconselhou sem muita convicção, fazendo um carinho de pai nos cabelos da moça.

– Padre, o senhor sabe muito bem que nunca gostei de assistir missa – comentou Antônia. – Só frequentava a igreja porque a mamãe era católica e insistia que eu a acompanhasse.

O padre ficou em silêncio, enquanto fitava a moça, talvez tentando descobrir algum segredo, quando de repente indagou:

– O seu pai disse que você também vê almas do outro mundo. É verdade?

– Sim. Já vi alguns de meus amigos que morreram torturados – respondeu a moça com voz firme e não deixava nenhuma dúvida.

– Você acredita nisso?

– Claro que acredito. Ou será que o senhor pensa que estou mentindo, quando digo que estou vendo ou ouvindo coisas do outro mundo, como os esquizofrênicos?

– É difícil acreditar nessas coisas.

– Padre, o senhor mesmo indagou se eu via almas do outro mundo – falou a moça.

– Sim. São modos de falar.

– O senhor quer me dizer que, quando a igreja fala em outros mundos, ela está mentindo para seus fiéis? – indagou a moça com um sorriso maroto.

– Não é isso. Acreditamos noutra mundo, mas não da maneira que você está colocando.

– Explique-se, padre, pois agora quem não entendeu fui eu – pediu Antônia, deixando o sacerdote em má situação.

– Esse mundo só existe para Deus e Jesus, porque nós só iremos conhecê-lo quando chegar o dia do juízo final – tentou explicar o padre, meio desconfiado de sua resposta.

– E até chegar esse dia, o que nós faremos?

– Ficaremos dormindo, até chegar o dia em que o Messias virá fazer sua escolha.

– O senhor acredita mesmo nessa história que parece ficção? – indagou a moça com um sorriso irônico.

– Não posso acreditar que uma menina que outro dia estudava o catecismo aos domingos, agora esteja debochando do seu vigário – replicou o padre vermelho de vergonha.

A moça riu como se tivesse ouvido uma piada muito engraçada. Ergueu-se, abraçou o padre, beijou sua face e pediu desculpas.

O velho sacerdote ficou em silêncio, depois fitou a moça e disse-lhes:

– Minha filha, cuidado com essa Doutrina, pois ela é contra os ensinamentos do Cristo.

– Não entendo o que o senhor está dizendo. Padre, essa doutrina é regida por cinco livros que compõem as suas obras básicas, e uma dessas obras fala exclusivamente em Jesus e nos Seus ensinamentos – esclareceu a moça.

– O nome desse livro é “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e sendo assim, não encontro algo concreto que dê credibilidade ao que o senhor está me dizendo.

– Já sei que você está completamente de cabeça virada.

– Não é isso, padre Nestor.

O sacerdote pensou: “Pelo menos ela tem coragem de dizer o que realmente pensa, enquanto eu estou proibido de falar sobre esse assunto”.

A moça fitou os olhos do padre e indagou-lhe:

– Se nós só poderemos ir para esses mundos aos quais a igreja se refere após a escolha dos bons no juízo final, onde estarão aqueles que nasceram e morreram a milhares de anos, antes de o Cristo vir à Terra?

– Mistério. Mistérios de Deus, minha filha.

– Padre, eu acredito em algo que ainda não sei explicar direito, principalmente em tudo que está acontecendo comigo – rebateu a moça fazendo um carinho na mão do sacerdote.

– Você tem razão. Existem muitas coisas que por enquanto não sabemos explicar – concordou o padre com um sorriso misterioso. – Mas devemos tomar muito cuidado com os “falsos profetas”.

Antônia ficou em silêncio, depois se ergueu, abraçou seu amigo sacerdote e disse-lhe:

– Padre Nestor, acredite em mim, pois não estou maluca. Estou no gozo perfeito de minhas faculdades mentais. Acredito que a ciência ainda não descobriu o que atualmente não sabemos explicar, mas dias virão que ela vai nos responder essas perguntas.

O velho sacerdote ergueu-se, correspondeu ao abraço da moça, fez um carinho em seu belo rosto e caminhou em direção à saída.

Antes de o padre despedir-se, Antônia fitou-lhe os olhos e o questionou de surpresa:

– O senhor acredita que esse tipo de governo ainda vai durar muito tempo?

O simpático sacerdote olhou para os lados, como se estivesse com medo de alguma coisa, depois fitou a moça e respondeu-lhe:

– Não sei.

– O senhor não tem ideia de quando os militares devolverão o poder aos civis?

O padre novamente olhou para os lados, com receio de que alguém estivesse ouvindo aquela conversa, e em voz baixa respondeu:

– E os civis algum dia deixaram de mandar no país?

A moça empalideceu. Ela segurou o braço do sacerdote e quase num sopro comentou:

– Agora o senhor me deixou com medo.

– Acho que falei demais – desculpou-se o sacerdote, pondo o chapéu na cabeça.

O padre Nestor segurou a mão da moça, sorriu e caminhou em direção ao portão, ainda acompanhado pela anfitriã, que se mantinha em silêncio.

Ao beijar a mão do sacerdote enquanto se despedia, Antônia o encarou e disse-lhe, com um sorriso nos lábios:

– Padre Nestor, eu estive pessoalmente num desses mundos que o senhor não acredita.

O sacerdote ficou pálido. Ele tentou se equilibrar, segurando o braço da moça e permaneceu em silêncio.

– O senhor está passando bem?

– Sim.

O Sol caía no horizonte, como se estivesse pedindo permissão ao Senhor do Universo para descansar, quando o padre olhou para os bancos no meio do jardim e perguntou:

– Minha filha, você se incomoda de me contar que mundo foi esse no qual você esteve?

– Não – respondeu a moça com educação, segurando o braço do velho sacerdote e conduzindo-o até um dos bancos que ficava sob uma frondosa árvore.

Sentaram-se e permaneceram em silêncio, ouvindo o gorjear dos pássaros que começaram a sair de seus esconderijos e brincavam, talvez porque estavam alegres com a presença da moça que tanto os amava.

CAPÍTULO XXVI - PADRE NESTOR

Após tomarem um pouco de suco gelado, que Ester correu a servir-lhes, o padre fitou a moça e depois baixou a cabeça.

Antônia sabia que o velho conhecido e padre da família estava curioso para saber como ela conhecera outros mundos.

A moça sorriu e com voz calma, porém segura, narrou suas experiências quando sonhou ou viveu por alguns minutos em outros mundos. Após a narração que o padre ouviu sem a interrompê-la, ela disse:

– Foi isso, padre.

O sacerdote ergueu-se, caminhou um pouco, depois ficou de pé em frente a moça e com os braços cruzados disse-lhe:

– Antônia, eu vou conversar com o Fagundes e tentar ajudá-la, pois você está bastante doente, precisando do acompanhamento de um médico, principalmente de um especialista nesse assunto.

A moça permaneceu em silêncio, como se estivesse pedindo a Deus em prece para não ofender aquela criatura que tanto amava desde que era criança.

– Não se preocupe. Vamos arranjar um bom psiquiatra para cuidar de sua saúde, antes que você surte de vez – ratificou o velho sacerdote, demonstrando nos gestos e olhar que estava bastante preocupado com Antônia, como se realmente ela estivesse louca.

“Devo ter paciência, porque realmente essa história, além de surreal, é difícil de acreditar”, pensava a moça fitando o céu que ao poucos mostrava seus pontinhos luminosos piscando no universo. “Meu Deus, eis os mundos que tanto o homem procura. As estrelas são mundos graciosos e longe de nosso olhar, pois o homem ainda é tão inferior que não consegue acreditar nas obras do Senhor”.

O padre acompanhou o olhar da moça e notou que ela observava as estrelas que aos poucos começavam a brilhar no infinito. Ele ficou em silêncio, enquanto de soslaio a fitava desconfiado.

A moça pediu com carinho e educação que seu amigo sacerdote se sentasse ao seu lado. Após alguns minutos que ambos estavam acomodados no banco de jardim, a moça ergueu-se e começou a sorrir, enquanto

observava os pássaros voarem como se estivessem brincando. Ela novamente se sentou e disse, como se estivesse falando com alguém invisível:

– Pessoalmente, eu estive num mundo que está muito distante da nossa querida Terra. Com isso quero deixar claro que não foi simplesmente um sonho, foi uma realidade difícil de acreditar, mas é verdade.

O sacerdote arregalou os olhos como se não quisesse acreditar que quem estava falando naquele momento era uma criatura que tinha sido batizada e encaminhada na doutrina que a igreja católica apostólica romana preconizava há milênios.

“Senhor, protege minha menina, pois ela deve estar completamente louca. O Fagundes tem de saber imediatamente do que está acontecendo com a filha”, pensou o padre com piedade e uma dor no peito, em saber que Antônia estava totalmente desequilibrada.

– Falei com pessoas que morreram torturadas pela ditadura – revelou a moça sem alterar seu semblante. – inclusive falei com um senhor que já morreu há milênios e diz que não reencarna mais em nosso mundo.

O padre pulou do banco e quase gritando pediu:

– Pare, Antônia! Pelo amor de Deus, controle-se!

A moça fitou sorrindo o seu velho sacerdote e depois começou a rir às gargalhadas, como se estivesse se divertindo com a surpresa dele.

– Não brinque, Antônia!

– E quem disse que estou brincando? – rebateu a moça, agora com o semblante sério. – Não estou maluca.

Ambos ficaram em silêncio, o que tornava aquele fim de tarde e início de noite tristes, pois ambos pensavam e caminhavam por itinerários completamente diferentes.

O padre acreditava piamente no que a igreja lhe ensinou, à exceção de algumas coisas que ele considerava sem nexos, até mesmo para quem teve uma educação desde criança no seminário.

Antônia não só acreditava no que estava dizendo como realmente viveu e se considerava completamente normal, pois era uma intelectual que estudava às escondidas os livros de uma Doutrina que, embora não se firmasse sobre bases científicas acadêmicas, era a única que conseguia explicar aquilo que outros ainda não compreendiam.

– Nesse mundo em que visitei, eu realmente vi pessoas completamente normais – cortou o silêncio a filha do político. – Quando falavam, sentia em meu rosto a respiração delas, igualmente como a nossa neste momento.

O padre estava de cabeça baixa, pensando: “Não posso espantá-la, pois será muito pior. Tenho que ouvi-la com calma e simular que acredito nela”. Ele olhou para o portão e depois para a residência da moça e com voz baixa, indagou-lhe:

– Posso fazer-lhe uma pergunta, minha filha?

– Todas que o senhor desejar.

– Posso saber quem foi essa pessoa que você viu e afirma ter conhecido há milênios?

– Quinto Cornélius, o primeiro centurião de Pôncio Pilatos, aquele responsável pela crucificação de Jesus Cristo.

– O quê? O homem que foi encarregado de crucificar o Nosso Senhor Jesus Cristo?

– Sim.

– Minha filha, seu problema é muito pior do eu que imaginava – declarou o padre pálido, erguendo-se e fitando a moça.

– Por quê?

– Ora, ainda você me pergunta?

– Sim. Não estou mentindo, tudo que estou falando é pura verdade, e sendo assim, não vejo o porquê do senhor se preocupar tanto com isso – afirmou a moça com voz firme.

– É difícil acreditar nessa sua história. Para mim, tudo isso não passa do produto de um sonho qualquer – comentou o padre com as sobrancelhas arqueadas. – Minha querida, sonho sempre será um sonho.

– Não foi um sonho. Eu já disse que estive realmente num lugar que parecia outro mundo, porque nunca vi lugar igual em toda minha vida – confirmou a escritora tentando manter-se calma. – Com a diferença de que os habitantes desse mundo com quem falei já haviam morrido ou, como dizem os espíritas, desencarnado.

O velho sacerdote baixou a cabeça, pensou, passou a mão na batina, talvez buscando tempo para concatenar as ideias, depois a ergueu e indagou, olhando fixamente o rosto da moça:

– Acredito no sonho que você teve sobre o acidente no qual sua mãe morreu, mas...

– Eu não estava sonhando quando vi o avião que minha mãe viajava explodir – interrompeu a moça com ar de quem estava aborrecida.

– Mas...

– Procurei me informar sobre o que houve com o avião que conduzia a minha mãe de volta e a resposta, inclusive dos especialistas, foi unânime em me informar que realmente houve um acidente de proporções gigantescas que culminou com a explosão do avião, exatamente na hora em que tive a visão – interrompeu novamente Antônia.

– Isso acontece, minha filha. Essas intuições são explicadas pela ciência – atreveu-se a falar o padre.

– Padre Nestor, eu repito que isso não foi uma intuição – rebateu imediatamente a moça aborrecida. – Eu vi no exato momento em que a aeronave explodiu.

A moça respirou profundamente, tomou um gole de suco e continuou a falar:

– Não me peça explicações para fenômenos que vem acontecendo comigo, pois não sei lhe responder.

Ambos ficaram calados por alguns minutos, até que a moça resolveu cortar aquele silêncio incômodo, dizendo:

– O senhor sabe muito bem que nunca fui religiosa e sou cética a respeito de alguns dogmas da igreja. Nunca acreditei em histórias sobrenaturais e menos ainda nas promessas de que os bons ganharão o céu, depois que morremos, assim como os maus queimarão para sempre no fogo do inferno.

– Concordo que você; depois de um tempo, deixou de frequentar a igreja e discutia comigo a veracidade dos sacramentos cristãos, porém uma coisa nada tem a ver com a outra.

– Mas sou obrigada a lhe dizer que acredito nessa Doutrina que a igreja abomina, pois o senhor Allan Kardec, o seu codificador, na época era um cientista que não se permitia acreditar em qualquer coisa que a ciência não conseguisse provar – comentou a moça. – Além disso, sua biografia diz que ele, nascido em família católica, resolveu investigar esses fenômenos que até nossos dias causam surpresas e mesmo dúvidas em pessoas menos informadas da realidade daquilo que vocês chamam de “mistérios de Deus”.

– Você está me ofendendo...

– Desculpe-me se o ofendi, mas é verdade que pessoas sem nenhuma instrução acreditam em qualquer coisa que as religiões pregam e seguem

fielmente seus líderes – disse Antônia com voz firme. – Procurei me informar através da leitura de vários livros sobre tudo que aconteceu com Jesus na época em que Ele fora condenado a morrer na cruz.

– E daí?

– Investiguei se realmente houve essa tal de Cláudia Prócula, mulher de Pôncio Pilatos, e para a minha surpresa, realmente ela existiu e acompanhou de perto o julgamento e posterior condenação daquele Anjo.

– Isso todo mundo sabe – falou o padre satisfeito, pois ele também era versado em teologia.

– No entanto, o senhor não sabe que Cláudia Prócula tinha o dom de prever algo que aconteceria, assim como também via e vivia seu passado com facilidade.

– O que você quer dizer com isso? – indagou o padre passando a mão nos cabelos brancos, tentando disfarçar o nervosismo.

– Que atualmente reencarnei como Antônia e continuo com essa mesma faculdade – respondeu a moça com um sorriso de vitória bailando nos lábios perfeitos.

– Você acredita mesmo nisso?

– Claro, meu querido padre Nestor. A própria igreja católica prega a imortalidade da alma, principalmente quando ela se refere à ressurreição de Cristo – respondeu a moça sorrindo, acariciando as mãos do sacerdote. – Ou o senhor quer negar que Cristo ressurgiu dos mortos?

– Minha filha, não é bem assim que a igreja vê a ressurreição do Cristo – rebateu o padre, meio desconfiado de sua própria resposta.

– Então o senhor quer negar que o Cristo ressuscitou?

– Não é bem isso. Jesus realmente ressuscitou no terceiro dia, mas isso só aconteceu com ele, porque aqueles que morreram, um dia ressuscitarão com o objetivo de serem escolhidos para permanecerem à esquerda ou à direita do Pai – respondeu o sacerdote sem muita convicção.

– Então somente o Cristo ressuscitou dos mortos e o restante morrerá?

– Não é bem assim, Antônia...

– Realmente não é assim, porque eu mesma vi Jesus vivo, conversando com Maria Madalena, no jardim onde ficava a gruta em que fora sepultado – falou a moça encarando o padre.

O padre Nestor quis se erguer, porém, a vista ficou turva, um suor gélido apareceu em suas mãos e ficou pálido, deixando a moça preocupada, pois

ela sabia que o sacerdote não era mais jovem.

– Padre Nestor!

Ele não respondia. Antônia gritou chamando Ester. Dentro de alguns minutos o sacerdote fora removido para dentro de casa e quando a moça resolveu telefonar para o socorro, o padre fez um gesto com a mão dizendo que estava bem.

– O senhor me causou preocupação.

– Estou bem, minha filha. Agora, devo ir para igreja, pois tenho compromissos inadiáveis – disse o padre, se erguendo com a ajuda da moça e de Ester.

– Vou deixá-lo de carro em sua casa.

– Não precisa. Já passou o mal-estar.

– Faço questão de acompanhá-lo, padre Nestor – insistiu a moça, sem deixar espaço para o padre recusar.

Ambos já estavam dentro do carro, que se deslocava em direção à igreja, onde o padre era seu pároco. Um silêncio incômodo reinava, enquanto a moça dirigia, pensando: “Por que o padre Nestor passou mal, quando soube que eu vi Jesus, após ressurgir dos mortos no terceiro dia?”.

Quando a moça estacionou o automóvel defronte a igreja, o padre pôs a mão sobre seu ombro e indagou-lhe:

– Minha filha, é verdade que você viu Jesus, após sua ressurreição?

– Sim.

– Você viu a santa Maria Madalena?

– Sim.

– Você viu o santo sepulcro?

– Sim.

Enquanto o padre falava, as lágrimas escorriam-lhe alagando o seu rosto e caindo na batina surrada, novamente causando preocupação em Antônia.

– O senhor está bem?

– Sim. Não se preocupe comigo, pois se eu morresse agora, morreria feliz, em saber que o mestre está realmente vivo e nos espera em algum lugar que não sei explicar.

– Cuidado, padre. O senhor não está em condições de se emocionar – alertou a moça, abraçando seu velho sacerdote.

O silêncio se fez presente e podia-se ouvir apenas a respiração de ambos.

– O senhor quer fazer alguma pergunta?

O sacerdote encarou a moça, entretanto nada perguntou.

– O senhor quer me perguntar se somos espíritos imortais?

– Parece que você lê os pensamentos dos outros.

– Isso nada tem a ver com a minha faculdade. A lógica me diz que o senhor está pensando seriamente se existe ressurreição e se somos imortais – adivinhou a moça.

– Isso é verdade?

– Não tenha dúvida, padre, pois somente assim se explicaria meus “sonhos”.

O padre beijou as mãos da moça, desceu do carro e caminhou em direção à igreja.

A moça após deixar o padre no patamar da igreja ficou um tempo observando-o subir os degraus em direção ao interior da mesma. “Meu Deus quantas palavras bonitas eu disse ao padre Nestor, mas será que eu mesma acredito em tudo que disse a ele? É verdade tudo que conversei com ele, porém não consigo acreditar no que eu mesma vi. Mas...”

CAPÍTULO XXVII - ERIBERTO E ANTÔNIA

Antônia arrumava numa caixa os textos do livro que havia terminado de escrever. Ela já estava escrevendo outro livro. Não conseguiu publicar a obra que terminara de escrever, mas não estava aborrecida porque não interessava que seu livro fosse publicado.

– Antônia!

A moça girou na cadeira, ficando de frente para a amiga e empregada Ester, que havia entrado no escritório sem pedir licença, como era seu costume.

– Que houve, Ester?

– Você tem visita.

– Visita? – perguntou Antônia surpresa. – Você sabe quem é?

– Ele disse que se chama Eriberto.

– O quê? Você disse Eriberto?

– Foi o nome com o qual ele se apresentou.

Antônia ergueu-se de um salto e correu em direção à porta. Dentro de alguns minutos ela se encontrava ajoelhada, abraçada a um rapaz.

– Meu amigo, o que fizeram com você? – indagou a moça fitando o rapaz com insistência.

O visitante não respondeu, mas parecia estar bastante contente.

Eriberto estava sentado, visivelmente emocionado, demonstrando no aspecto a alegria que sentia com a presença da moça.

Antônia observou que ao lado do rapaz repousavam duas muletas, causando-lhe surpresa, pois tudo indicava que as mesmas eram usadas pelo amigo para se locomover.

Eriberto notou o olhar da moça em direção às muletas e apressou-se em explicar o motivo de conduzi-las.

– Sou deficiente físico – disse o rapaz meio constrangido. – Minhas pernas foram seriamente atingidas durante o tempo em que estive preso; portanto não consigo andar sem ajuda delas.

“Por isso, ele não se ergueu para me cumprimentar”, pensou a moça comovida, abraçando o rapaz.

– Não sei por que Deus me poupou da morte e deixou-me sem condições físicas para continuar vivendo e defendendo o meu ideal – lamentou o rapaz fitando o piso da sala da mansão da amiga.

– Não blasfeme contra Deus, meu amigo – repreendeu a moça com carinho na voz, enquanto acariciava as suas mãos.

Eriberto fitou os belos olhos da amiga e com lágrimas nos olhos começou a narrar o que havia passado na prisão.

Antônia chorava baixinho, enquanto ouvia aquele relato triste e comovente. Enxugava as lágrimas que rolavam pela sua face branca e bonita. “Meu Deus, como essa criatura deve ter sofrido. Deve estar todo machucado, sem falar em sua condição psicológica”, pensou.

– Certo dia eu notei que estava bastante fraco e não conseguia mover as pernas, porém não pensei que estivesse inválido – continuou o relato Eriberto, que estava mais calmo.

Antônia passou as mãos nas pernas do rapaz e notou que uma delas estava mais fina e sem comando, enquanto a outra permanecia quase normal.

Eriberto continuou a narrar tudo que acontecera por ocasião de sua prisão.

Enquanto o rapaz narrava a tortura pela qual passara, a moça chorava, alisando a cabeleira cacheada e loura do amigo.

– E foi isso aí, minha amiga, o que aconteceu comigo durante mais de um ano que passei desaparecido sem lhe dar notícias – rematou o rapaz. – Eu estava preso no inferno. Não sei nem como estou contando essa história...

Eriberto era jovem e de boa aparência. Alto, louro, com olhos castanhos claros e feições simpáticas, conduzia no olhar uma tristeza infinita.

“O Eriberto não narrou tudo que lhe aconteceu. Parece-me que ele está me escondendo algo importante”, pensava Antônia preocupada.

Ambos ficaram em silêncio.

Antônia sacudiu a cabeleira, como se quisesse espantar algo que a incomodava, e repentinamente indagou:

– Você deve ter muitas novidades para me contar, não?

O rapaz sorriu, pensou, estendeu a mão, segurou um copo que estava sobre uma pequena mesa e tomou um gole do suco que Ester havia servido.

– Pode ser – respondeu Eriberto, passando a mão na perna deficiente como se quisesse encontrar uma desculpa para esconder sua amargura.

– Sabia que o nosso amigo Paulinho suicidou-se na prisão? – indagou a moça quase sussurrando no ouvido do rapaz.

Eriberto fitou a moça no rosto e ironicamente sorriu.

– Você acredita nisso? – perguntou o rapaz respondendo a pergunta da amiga.

– Não.

Antônia permaneceu um tempo fitando o belo rosto do rapaz e perguntou, olhando para os lados com medo de que alguém estivesse ouvindo a conversa.

– Será que a tortura e a morte são os caminhos de todos aqueles que foram presos por desejarem um país livre, principalmente os intelectuais, jornalistas e outros?

– Talvez. Minha amiga, você sabe muito bem que para tudo tem um preço – respondeu Eriberto passando a mão no rosto como ar impaciente, mas tentou se controlar. – Essa sua observação vale para todos aqueles que lutam por um ideal em diferentes partes do mundo.

– No início da repressão o Vicente desapareceu, porém logo soubemos que ele fora preso – comentou o amigo da moça, passando a mão na perna.

– Mas depois soubemos que ele foi cruelmente torturado até a morte. Há rumores de que fora esquartejado – completou o comentário do rapaz, a moça num sussurro.

Eriberto fez um gesto para a moça aproximar mais sua cadeira, depois a encarou e comentou:

– Eu soube o que fizeram com o Andrade e o Rômulo.

A moça ficou séria e passou a mão nos olhos, tentando estancar as lágrimas que rolavam silenciosamente pela sua bela face.

– Posso imaginar o que aconteceu com eles, pois também sofri as consequências terríveis das torturas que mataram muitos dos nossos companheiros – lamentou o rapaz, passando uma das mãos nos olhos vermelhos.

Num impulso a moça abraçou o amigo e o apertou em seus braços como se fosse uma criança.

– Eu entendo perfeitamente o que você passou naquele inferno – disse Antônia chorando.

– No entanto não devemos lamentar, e sim agradecer a Deus, pois quando me lembro do sofrimento de Jesus, aí então concluo que ninguém neste mundo sofreu mais do que Aquele Homem, que deu Sua própria vida para nos mostrar o caminho, a verdade e a vida – explicou o rapaz com ar tranquilo e um sorriso estampado em seu rosto pálido. – Você sabe que Jesus foi considerado um revolucionário em sua época, pois defendia os pobres, embora não se tenha notícia que Ele se insurgiu contra os poderes de Roma e dos próprios irmãos judeus.

A moça ergueu-se e começou a caminhar em redor do amigo, depois se sentou e comentou:

– Eriberto, pela sua maneira de falar, parece-me que você mudou sua opinião a respeito da existência de Deus e Jesus – comentou a moça, encarando o rapaz.

Eriberto pensou, ajeitou a perna defeituosa, sorriu e de cabeça baixa falou:

– Quanta bobagem nós pensamos!

– Não entendo sua mudança.

Eriberto fitou a amiga, pensou e com voz calma e pausada começou a falar:

– Quanto o homem ainda é atrasado, quando nos referimos às coisas que não entendemos...

Eriberto segurou as duas mãos de Antônia e com lágrimas nos olhos disse:

– Certa vez, quando eu estava sendo submetido a uma sessão de tortura que consistia em receber choque elétrico nos órgãos genitais, senti algo que jamais esquecerei.

A moça permaneceu em silêncio, porém não conseguia esconder sua curiosidade a respeito do assunto que logo o rapaz revelaria, todavia tentou permanecer calma, enquanto automaticamente balbuciava uma prece.

O rapaz respirou, olhou de lado, talvez se certificando de que estavam a sós e continuou a narrativa:

– Senti que alguém me amparava no colo como se eu fosse uma criança e dizia: “– Deus jamais o abandonará, meu filho”.

– Você viu quem falou com você? – perguntou a moça inquieta e curiosa.

– Sim. Não sei descrever a pessoa que beijava minha face e com facilidade me embalava nos braços, porém a vi com nitidez – respondeu o

rapaz. – Não sei descrever as feições daquela criatura, porque ela estava iluminada, o que atrapalhava minha observação.

– Quem você acha que era essa pessoa?

– Eu pensei que fosse o próprio Jesus – respondeu o rapaz sem pensar.

Antônia ergueu-se de um salto e ficou parada olhando o rapaz que continuava de cabeça baixa.

– E quem era?

– Ela não se identificou, mas disse que não era Jesus – respondeu Eriberto pensativo. – Talvez eu tenha confundido aquela criatura bela e luminosa com o próprio Cristo.

“Tudo indica que o Eriberto viu um de nossos amigos espirituais e o confundiu com o Nosso Mestre Jesus”, pensou a moça, tentando concatenar as ideias.

Num gesto carinhoso, Eriberto segurou as mãos da moça e ficou um tempo em silêncio.

– Eriberto, parece-me que você quer me dizer algo – falou a moça fazendo um carinho nos cabelos do rapaz, enquanto sorria, talvez para ele ficar mais a vontade.

– Durante os meses em que fiquei preso, tive a oportunidade de meditar muito sobre a questão da nossa luta pela liberdade do nosso país – comentou o rapaz em voz baixa.

A moça ficou tensa, pois sabia que iria ouvir alguma coisa inédita. A maneira como seu amigo falava não deixava dúvida de que ele havia descoberto algo importante para o movimento.

– Não sou covarde e nunca desisti de meus planos, mas ouvi algumas conversas de nossos próprios companheiros que não me agradaram – pensativo, continuou Eriberto.

Ele pediu ajuda a amiga e ergueu-se, equilibrou-se nas muletas e foi até a janela, depois voltou e de pé disse:

– Soube que os governos de alguns países que ora tentam dominar a Terra nada fazem de bem para o povo. Será que foi o Nosso Senhor Jesus Cristo que nos colocou nesse caminho?

Antônia também se ergueu, encarou o rapaz e respondeu-lhe:

– Pode ser.

– Fomos informados que alguns de nossos irmãos estão sofrendo, vivendo como se fossem verdadeiros animais – disse Eriberto passando

uma das mãos no rosto suado.

Sob o olhar atento da moça, Eriberto olhou um jarro de flores que estava num canto da sala, respirou profundamente e continuou a falar:

– Temo que a nossa luta seja em vão e que jamais veremos o nosso país como sempre sonhamos. Será que somos apenas sonhadores? Será que os nossos objetivos são aqueles pelos quais realmente lutamos e até sacrificamos nossas vidas?

– Jamais concordei seguir a cartilha desses países que se dizem preocupados com a igualdade do povo – justificou a moça, com ar sério. – Nunca acreditei que isso trouxesse benefícios para nós.

– Mas você há de concordar comigo que a nossa luta parece que não está dando resultado? – indagou o rapaz.

Antônia ficou pensativa por alguns momentos, depois fitou o colega de luta e disse:

– Você sabe perfeitamente que as coisas não acontecem como nós pensamos.

– O que você quer dizer com isso? – questionou o rapaz, apertando os lábios como se estivesse sentindo uma dor.

– Ora, meu caro Eriberto, você sabe muito bem a que estou me referindo – respondeu a moça, passando a mão em sua basta cabeleira loura – É muito perigoso falar dessas coisas.

– Você acredita nessa possibilidade? – perguntou Eriberto, fitando os olhos da moça.

– Claro que acredito – respondeu a moça com voz baixa, mas firme.

Eriberto ergueu-se com dificuldade, colocou suas muletas e manifestou o desejo de se despedir, olhando para a moça.

– Você já vai?

– Está na hora. Ainda tenho uns assuntos a resolver.

– Fique aqui em casa. Tenho um quarto amplo onde você poderá instalar seu escritório.

Eriberto passou a mão no rosto da moça e com gestos educados, para não ofendê-la, disse:

– Obrigada, minha querida. Se eu aceitar seu convite, você correrá sério risco de vida.

– E para onde você vai? – quis saber a moça.

– Estou hospedado na residência de um antigo colega de faculdade – respondeu o rapaz, encaminhando-se para a saída.

No portão, ambos se despediram e o rapaz saiu caminhando com dificuldade em direção ao seu destino, pois também não aceitou carona da moça.

CAPÍTULO XXVIII - SERMÃO DO MONTE

A manhã estava bela. Muito sol, um vento forte e morno soprava nas copas das árvores que rodeavam a mansão de Antônia, tornando aquele dia aprazível. Ela despertou e após a higiene matinal, com ar de quem estava muito bem, caminhou apressada para a escada que a levaria à sala de refeições, onde tomaria sua primeira refeição do dia.

De repente, antes que ela segurasse no corrimão, desequilibrou-se como se alguém invisível houvesse segurado seu pé de apoio e rolou por alguns degraus parando no meio da escada, sem sentido.

Rapidamente Antônia observou que saía do seu corpo físico numa velocidade espantosa, incapaz de ser mensurado por qualquer equipamento da Terra. Após um tempo, ela notou que se encontrava vestida com roupas desconhecidas adornada com várias joias e com o rosto coberto por um lenço colorido, como se estivesse se escondendo de algo ou de alguém. Verificou que jamais havia visto aquele lugar, pois era parecido com uma região rural e não era habitado como as cidades que conhecia.

– Que lugar será este, meu Deus? – surpresa, Antônia perguntou para si em voz baixa.

– Este é o lugar onde o Mestre realizou seu famoso sermão, conhecido como o Sermão da Montanha – respondeu uma voz invisível.

– Não entendi.

– Você é Cláudia Prócula, lembra-se?

Antônia ou Cláudia Prócula olhou para os lados tentando identificar a pessoa que havia falado, mas não conseguiu ver ninguém. Logo ela respondeu:

– Mas na época em que Jesus pronunciou esse sermão eu não me encontrava nesta região da Galileia.

– Deus permitiu que você voltasse no tempo e presenciasse o Sermão da Montanha, com o objetivo de lembrar aos nossos irmãos da Terra os ensinamentos que Jesus deixou através desse pronunciamento que se imortalizou no mundo – respondeu a pessoa invisível.

Antônia ou Cláudia Prócula assustou-se quando observou que um Homem de feições belas, alto, barba um pouco crescida e com cabelos

compridos caminhava em direção a uma pequena encosta que se localizava um pouco acima do sopé de uma montanha. O Jovem subiu o morro, apoiando-se aqui e acolá em um cajado e se firmando em algumas pedras. Ele parou, respirou profundamente, passou as mangas compridas da vestimenta no rosto, sentou-se numa pedra e com um gesto de mãos pediu que algumas pessoas que O acompanhavam se acomodassem.

A moça observou que já havia muita gente no lugar, enquanto outras subiam o morro e acomodavam-se como podiam, como se todos estivessem se preparando para assistir a um grande espetáculo, e realmente o Maior Artista de todos os tempos se preparava para deixar Seus ensinamentos para o povo que habitava o planeta Terra. Após um tempo, homens, mulheres, pobres, ricos e doentes que acorriam àquele lugar com os olhos ávidos de esperança, já acomodados, fitavam o lugar onde o Homem estava assentado rodeado por pessoas, que se assemelhavam aos amigos ou parentes. “Não consigo entender o que está acontecendo comigo”, ela pensava rapidamente.

O tempo era agradável, causando um enorme bem-estar naquelas pessoas que estavam postadas, prontas para assistir algo parecido com a apresentação do discurso de um grande político, semelhante a um monumental comício ou à apresentação de um cantor famoso.

O Sol havia desaparecido por encanto, deixando aquela região envolvida por uma luz indescritível.

“Se for alguma apresentação artística, precisaria que estivesse instalado um sistema de som que permitisse o povo ouvir a pessoa que fosse falar ou cantar. No entanto, não estou vendo nenhum palco erguido, apenas vislumbro Aquele Homem de ar bondoso, calmo, simpático e traços belos sentado na encosta do morro”, pensava Cláudia Prócula, ou Antônia, misturando as ideias passadas há milênios com as do século XX, ansiosa para saber o que iria acontecer.

Com um sorriso permanente nos lábios, o Homem desconhecido vislumbrou de soslaio o pessoal que O acompanhava. Ele ergueu-se e abriu os braços como se quisesse abraçar a todos, e cumprimentou-os em nome de Deus, não se esquecendo de chamar Deus de Pai. Fez uma pequena pausa e começou a falar.

– Incrível como estou longe Deste Homem e, no entanto, estou ouvindo-o como se o Mesmo estivesse sentado aqui, ao meu lado – comentou

Cláudia em voz baixa.

Alguém que estava ao lado de Antônia a olhou com ar de reprovação, pedindo silêncio, e disse em voz quase inaudível:

– Esse é Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus.

– Quem?

Não obteve resposta, porque naquele momento uma voz branda e envolvente espalhou-se em todos os sentidos, chegando a todo lugar, até nos mais distantes.

O Homem estava iluminado, enquanto acima Dele alguns seres invisíveis também assistiam ao maior espetáculo que a Terra já presenciou, pois naquele momento quem falava era Jesus de Nazaré, o maior Missionário de Deus que já apareceu neste mundo, o responsável pelo planeta Terra.

*–Bem-aventurados os humildes de coração, porque somente eles entrarão no Reino de Deus – disse o Filho de Deus, em voz calma e pausada, que se assemelhava a um canto nunca ouvido na Terra.

Jesus estava de braços abertos, fitando o céu, porém olhava para todos que estavam ouvindo-O. Ele continuou com o seu sermão:

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a Terra!

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus!

Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de Mim”.

O Messias abaixou os braços e respirou profundamente. Olhou para o lugar onde estavam as criaturas invisíveis, sorriu e fez um gesto, como se estivesse acenando para pessoas queridas. Fitou novamente a multidão que estava em silêncio absoluto e completou seu famoso sermão, “O Sermão da Montanha”*.

– Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.

O Santo dos Santos elevou os braços para os céus, como se estivesse agradecendo a Deus, abraçou Seus amigos e desceu a montanha.

Antônia estava em estado de graça, pois não conseguia se mover, quando ouviu uma voz:

– Minha filha, você presenciará num futuro próximo, o último suspiro do corpo do filho do Homem, mas é necessário que esses ensinamentos ora transmitidos por mim, sejam renovados nos corações dos homens.

Antônia espantou-se, olhou para os lados e não viu ninguém, mas jamais esqueceu aquela voz.

“Ainda não consegui entender porque estou vestida com essas roupas estranhas”, pensava a moça. Ela observava a multidão descendo do monte e caminhando em várias direções. “Mesmo que eu consiga viver milhares de séculos, jamais esquecerei esse dia. Sempre ouvi falar que o mestre Jesus havia feito um sermão que se imortalizou através dos tempos, porém, nunca imaginei que fosse tão sublime”. Antônia ou Cláudia Prócula ainda exultava de felicidade, quando um homem acompanhado por várias pessoas, entre homens e mulheres, descia o monte e, ao passar por ela, sorriu e continuou seu trajeto. “Não tenho dúvidas de que Esse Homem é o famoso Jesus de Nazaré, filho de Maria, do qual todos falam e anda tirando o sono de Roma”, 4 pensou chorando de alegria.

A moça sentia a brisa roçar-lhe o belo rosto e pensava em tudo que ouvira no sermão Daquele Homem que mais se parecia com um Anjo. De repente ouviu alguém chamá-la com insistência.

– Minha filha, acorde, por favor.

Antônia abriu os olhos e aos poucos identificou a voz que a chamava, assim como a pessoa que falava naquele momento.

– Pai!

– Graças a Deus, que você está bem – desabafou o pai, abraçando a filha e demonstrando contentamento na voz.

A filha do político observou com calma em seu redor e descobriu que estava deitada em sua cama, como se estivesse doente, e que havia mais gente ali, além de seu pai.

– Patroa, eu fiquei preocupada com a senhora – disse Ester abraçando a patroa e amiga.

– O que houve, Ester?

– A senhora escorregou nos degraus e desmaiou; talvez por ter batido a cabeça num dos degraus – respondeu a empregada, passando a mão carinhosamente em seus cabelos louros. – Porém, graças a Deus, que a senhora está bem.

Ao lado encontrava-se em silêncio um senhor de bigodes aparados, usando óculos de grau, com os braços cruzados.

– Doutor, nós podemos ficar tranquilos quanto à saúde de minha filha? – indagou o pai, segurando o braço do médico.

– Pode. A dona Antônia teve um simples susto, mas nada de grave – respondeu o médico que havia atendido a moça, por ocasião do acidente.

– Graças a Deus – agradeceu Ester, abraçando a querida patroa.

Após alguns minutos, o médico despediu-se e, acompanhado pelo político, desceu a escada e rumou para o seu hospital.

Enquanto isso, no quarto, Antônia ergueu-se e caminhava, talvez tentando certificar-se de que tudo estava bem com seu corpo. Depois se sentou na cama e disse, fitando Ester:

– Estou com muita fome.

– Vou imediatamente preparar algo para a senhora se alimentar – falou Ester, caminhando em direção ao andar térreo.

Ao ficar só, Antônia começou a meditar a respeito do estranho sonho que havia tido.

“Não posso entender por que sonhei, ou sei lá o quê, com o sermão que Jesus proferiu há mais de dois mil anos”, pensava a moça, tentando entender o que houve. “Pela ordem, eu deveria ter sonhado primeiro com o Sermão da Montanha e depois com a Sua crucificação, todavia, sonhei antes com seu julgamento, condenação e posterior crucificação, para somente depois voltar no tempo e presenciar, em espírito, o famoso Sermão do Monte”.

– Querida, os nossos mentores decidiram que você deve tomar conhecimento de mais verdades através desse dom que tem de sair com facilidade do corpo físico. O objetivo é informar ao nosso povo tão sofrido e enganado que Deus é o nosso Pai. O Sermão do Monte é importante porque os Espíritos Superiores decidiram que os ensinamentos do Mestre, através desse sermão, deverão sempre ser lembrados nos corações dos irmãos que habitam a nossa Terra, principalmente a nossa abençoada Pátria do Cruzeiro, tão amada por nossos mentores.

A moça ouvia aquela voz com atenção, tentando se lembrar a quem ela pertencia, quando se lembrou repentinamente de alguém muito querido e imediatamente inquiriu:

– Andrade?

– Sim. Sou eu mesmo, querida.

– Por que você não aparece? – indagou Antônia ansiosa, com a presença invisível do Espírito.

– Não posso, querida. Acompanhei sua saída do corpo físico e voltamos no tempo, mais precisamente à época do Sermão da Montanha, que o Mestre Jesus proferiu quase no início de seu apostolado.

– Então você estava comigo naquela montanha, ouvindo o Mestre Jesus proferir aquele belo sermão? – surpresa, perguntou a moça tentando vislumbrar o Espírito que estava invisível.

– Sim.

– Andrade, não consigo acreditar em tudo que aconteceu – desabafou a moça com lágrimas descendo pelo seu belo rosto.

– Explique-se, querida.

– Na época em que o Cristo proferiu o Sermão da Montanha, Cláudia Prócula ainda não o conhecia, pois não residia naquela região e, talvez, possivelmente ainda não fosse casada com Pôncio Pilatos. Por essas razões, é difícil para eu crer nessa história esquisita – explicou a moça com ar sério.

Andrade fez uma pequena pausa antes de responder ou explicar o que havia acontecido.

– Andrade, você ainda está aí? – indagou a moça preocupada, pensando que o rapaz havia ido embora.

– Calma! Antônia. Ainda estou aqui.

– Então, por favor, tire-me essas dúvidas.

– Antônia, nós já conversamos sobre a imortalidade do Espírito, portanto, não vou repetir o que já sabemos – explicou o Espírito sorrindo e com voz pausada.

O Espírito fez outra pequena pausa e disse:

– Para o Espírito imortal, não existe tempo e nem espaço que limite seu movimento.

– Continue.

– Portanto, se Deus permitir, nós poderemos nos locomover com liberdade em busca do passado e do futuro, apesar desse fenômeno ser

raríssimo – respondeu Andrade.

O Espírito segurou o braço da moça.

Antônia arrepiou-se e sentiu um choque estranho.

– Calma! querida.

– O que houve? – indagou a moça curiosa.

– Toquei em seu braço. Como você não está preparada para esse contato, sentiu esse choque.

– Continue sua explicação.

– Portanto, você como é dotada desse dom, a espiritualidade está usando-a em benefício da humanidade – prosseguiu o Espírito.

– Com qual finalidade, meu querido?

– Informar a verdade aos nossos irmãos – respondeu Andrade. – Nossos superiores entendem que essas informações são úteis para banir para sempre os mitos criados para atrapalhar o caminho da Boa Nova, pois os tempos são chegados.

Silêncio.

– Andrade? Andrade?

O Espírito ainda estava no ambiente, mas resolveu parar de conversar com a moça para evitar especulações.

“Acho que ele já foi”, pensou Antônia, passando as mãos nos olhos e enxugando as lágrimas que escorriam pela sua face.

Neste exato momento Ester entra no quarto, conduzindo uma bandeja com alimentos para a patroa.

– A senhora estava conversando com alguém? – perguntou Ester, desconfiada das esquisitices da patroa.

– Depois conversamos – Antônia limitou-se a dizer.

Nota do Autor Espiritual: * Sermão da Montanha (Mateus, Capítulo 5 e versículos 1 a 12).

CAPÍTULO XXIX - ANTÔNIA E MARIA DE MAGDALA

Antônia passou o dia trabalhando, porém não esquecia do que houvera na noite anterior, principalmente do sonho que tivera com Andrade, ambos vivenciando o Sermão do Monte. “Não consigo acreditar que tudo que está acontecendo comigo seja verdade”. Foi até a janela e observou que a noite já havia chegado, respirou profundamente o ar puro de fim de tarde e se deitou novamente. Logo sentiu o corpo sacudir e teve medo. Abriu os olhos novamente, ajeitou-se na cama, mas o mal-estar continuou preocupando-a. “O que será que está acontecendo comigo, meu Deus? Será que vou novamente sair de meu corpo?”, pensou.

Antônia ergueu-se e notou que seu corpo físico continuava deitado. “Estranho, estou vendo o meu próprio corpo, enquanto estou caminhando normalmente. Que mistério é esse, meu Deus?”, perguntava-se mentalmente a moça, em Espírito.

Antônia sentiu-se leve. Ela tentou levitar e conseguiu. Foi até a janela e observou a cidade que aos poucos começava a iluminar-se com lâmpadas diversas. De repente começou a voar como se fosse um pássaro. Parou num parque da cidade, sentou-se e sentiu o corpo entrar num túnel, numa velocidade anormal, e atravessá-lo até encontrar-se num lugar desconhecido para ela.

Após a vertiginosa viagem através do tempo e espaço, Antônia despertou e rapidamente notou que estava sentada sobre um penhasco, de onde podia observar uma pequena e bela cidade, que tinha como um de seus pontos mais importantes e admirados, principalmente para os forasteiros e turistas, o próprio penhasco e um belíssimo vale que se espraiava à sua frente. A cidade situava-se nas margens de um imenso lago, semelhante ao mar. Tudo naquela cidade cheirava a vida, iniciando pela vegetação que era verde e coberta de plantas exóticas e diferentes, assim como também as flores, que naquela hora exalavam um olor nunca sentido por um ser humano. Ela passou a mão no rosto e notou que estava maquiada, uma maquiagem pesada e quase grosseira. Seu corpo estava envolvido em tecidos finos, tipo

um manto confeccionado de seda e um longo lenço que cobria seus ombros e parte do busto, preso por uma raríssima joia. Notou ainda que seus braços estavam cobertos de joias, onde se destacavam o ouro e a prata, cravejados de diversas pedras preciosas.

Antônia estava ansiosa. Pensou um instante tentando se localizar, procurou algo com a vista e encontrou. Desceu do penhasco com facilidade, pois sua situação de Espírito emancipado do corpo físico permitia que seus movimentos fossem tão rápidos quanto o pensamento. Aproximou-se do imenso lago de águas cristalinas e calmas, olhou para a água e observou seu rosto refletido como num espelho. “Estou mais bonita com estes enfeites nos cabelos”. “Onde estou? E esta mulher não sou eu”, pensava Antônia. Ela meteu as mãos no lago, em concha, e jogou aquele precioso líquido em seu rosto.

– Cláudia?

Antônia ergueu-se e olhando para o lado vislumbrou uma linda mulher de uma beleza diferente, enfeitada da cabeça aos pés e com o queixo erguido, denotando que estava acostumada a mandar.

– A senhora falou comigo?

– Não me chame de senhora, porque quem merece esse tipo de tratamento atualmente é você – rebateu a mulher com um sorriso, porém com voz firme e bondosa.

– Quem é você? – indagou Antônia surpresa com tudo que lhe estava acontecendo.

– Maria. Todos me conhecem como Maria Madalena, e em outras cidades o povo me conhece como Maria de Magdala.

– Magdala é um apelido? – indagou Antônia meio desconfiada de tudo que estava lhe acontecendo.

– Talvez. Mas o motivo é porque moro nesta cidade que se chama Magdala – respondeu a belíssima mulher.

– Por que você me chamou de Cláudia?

– Ora, você é a Cláudia Prócula, mulher do todo poderoso Pôncio Pilatos, o procurador de Roma.

Antônia ficou em silêncio, fitando o imenso lago até onde a vista alcançava. Passou as mãos no rosto, sacudiu a cabeça como se quisesse despertar de um sonho e comentou:

– Minha senhora, eu acho que está enganada, pois sou Antônia, filha do Dr. Fagundes.

– Eu sei disso.

– Então, por que a senhora me chama de Cláudia?

– Querida, nós estamos distantes quase vinte séculos de sua existência como Antônia, aquela que está empenhada na liberdade do país, que aos poucos está se transformando na Pátria do Evangelho – explicou a mulher que se dizia chamar Madalena ou Maria de Magdala.

– Não posso acreditar. A senhora pode explicar isso?

– Estamos na época de Nosso Senhor Jesus Cristo. Seu nome é Cláudia Prócula, e como Antônia você fez uma viagem exaustiva de volta ao passado, com a finalidade de esclarecermos algumas dúvidas escritas no Evangelho – Maria Madalena comentou com cuidado.

– Não posso acreditar no que estou ouvindo – balbuciou Antônia, ou Cláudia Prócula, espantada com as informações daquela mulher.

Fez-se um enorme silêncio entre as duas, em que se ouvia o barulho calmo das águas e o bater das asas de alguns pássaros que mergulhavam no lago à procura de peixes para se alimentarem.

– Este lago é muito bonito, parece até o mar – comentou Antônia, recordando-se do mar que estava situado a poucos metros de sua residência de praia, no século XX.

– Ele é muito conhecido como o Mar da Galileia, Mar de Tiberíades ou também como Lago de Genesaré – informou a mulher que se dizia chamar Madalena.

Antônia passava discretamente as mãos sobre suas várias pulseiras e pensava: “Como pode ser isso? Aqui, estou vivendo como Cláudia Prócula, mulher desse tal de Pôncio Pilatos. É difícil de acreditar”.

Madalena que ouvia seus pensamentos disse-lhe:

– Minha querida, lembre-se que nós somos imortais e você já sabe disso muito bem, pois nossos amigos há tempos a informaram.

Antônia ou Cláudia sentou-se de maneira que ficasse mais à vontade, sempre observando aquela imensa quantidade de água que mais se assemelhava ao mar que conhecia muito bem, com a diferença que a água era doce.

Madalena também se sentou e ficou observando em silêncio Antônia, fixando diretamente seu rosto.

– Aquele penhasco atualmente é conhecido como Arbel – explicou Maria Madalena, apontando para aquele pedaço de pedra que se assemelhava a uma escultura apontando para o céu azul.

Antônia estava espantada com tudo.

– E este imenso vale que você está vendo, também atualmente é conhecido como Vale das Pombas – informou Madalena.

Cláudia ou Antônia fitou aquela misteriosa mulher e notou que ela havia se transformado, inclusive sua indumentária. Agora ela refletia uma luz branca misturada às cores verde e azul, tornando-a simplesmente um ser etéreo, sublime, demonstrando que a mesma não habitava aquele lugar. Ela ficou com vergonha de olhar novamente para aquele ser belo e misterioso. “Será que esta mulher é a tal Maria de Magdala tão falada no evangelho?”, pensou.

– Sou eu mesma – respondeu Maria Madalena, como se estivesse ouvido os pensamentos da moça. – Também voltei no tempo e no espaço e do mundo onde resido atualmente para conversar com você.

Antônia ajeitou o broche que prendia aquele tipo de lenço na altura de seus ombros e permaneceu calada.

– Parece-me que a conheço de muito tempo. É verdade? – indagou Antônia de cabeça baixa.

– Sim. Lembre-se que durante nossas reencarnações de Maria de Magdala e Cláudia Prócula nos conhecíamos e conversávamos bastante, principalmente sobre os ensinamentos de Jesus, o Mestre Divino. – respondeu Maria Madalena – Você sempre me pedia para informá-la dos ensinamentos do Mestre Jesus.

– Agora recordo que você também pertence à mesma religião dos pais de Jesus de Nazaré – falou Antônia ou Cláudia Prócula sorrindo, tentando se descontraír ante aquela criatura divina.

– Exatamente. Também em minha reencarnação como Madalena eu era essênica, a religião mais pura dentre as demais – comentou Madalena com um sorriso permanente. – Mas o que nos tornou conhecidas foram os ensinamentos de Jesus, que lhes foram informados naquela época; pois você, como esposa do representante de Roma, não poderia se expor em acompanhar as divinas pregações do Filho de Deus.

– O que você era em Magdala? – indagou Antônia curiosa, ainda confusa com aquela estranha história.

– Filha do rei de Magdala.

– Então você era uma princesa? – questionou Antônia ou Cláudia.

– Sim. Mas, depois de séculos passados, não consigo me esquecer do que fiz ou mandei fazer contra o povo que atravessava o meu caminho, confirmando o meu poder sobre aqueles que concorriam comigo no comércio de vários artigos – respondeu Maria, baixando a cabeça.

Madalena ergueu o rosto e fitou o céu azul com tristeza no olhar. Em seguida encarou Antônia e continuou:

– Até que um dia encontrei o Homem que veio mudar toda a história da humanidade, inclusive a minha, tornando-me a pessoa que mais confiou, causando despeito aos Seus discípulos e ao povo que O considerava um revolucionário.

– Por quê?

– Porque além de mulher rica, poderosa e bonita, o Mestre havia me nomeado sua discípula – respondeu o Espírito Madalena fitando o imenso lago com suas águas azuis quase cristalinas.

Antônia ficou em silêncio, pensativa.

– Mas se você era a esposa de Jesus de Nazaré, como informa alguns evangelhos, não havia motivos para tanto despeito por parte do povo, principalmente de Seus apóstolos – disse Antônia, com cuidado, pois já sabia que aquele Espírito era muito elevado.

– Minha querida, Jesus não era casado, pois Ele não pertencia a este mundo – comentou o belo Espírito sorrindo. – Jesus é um Anjo que não necessita mais das coisas que o homem imperfeito ainda necessita.

– Então...

– Querida, nunca fui casada com Jesus, o Espírito Modelo Guia da humanidade que viveu em corpo e espírito neste planeta, a nossa querida Terra – interrompeu Madalena, segurando com doçura o braço de Cláudia ou Antônia.

– Mas...

– Muitas verdades foram distorcidas pelos pensamentos do espírito imperfeito, com o objetivo de denegrir as imagens impolutas daqueles que receberam missões importantes para ajudar no progresso deste mundo, que gradativamente está se transformando num mundo de regeneração, conforme informações da Doutrina dos Espíritos, que aos poucos se

espalham no planeta Terra, principalmente no país em que você atualmente vive como Antônia – interrompeu novamente o sublime Espírito.

Antônia baixou a cabeça e com ar de quem estava meditando afirmou:

– Mas está escrito nos evangelhos, principalmente naqueles chamados pela Igreja Católica de apócrifos, que você era casada com Jesus, inclusive afirmam que vocês tiveram filhos.

– Querida, talvez não haja nenhum erro nesses evangelhos, mas sim, traduções ou interpretações equivocadas de vários textos desses ensinamentos divinos – explicou o belo Espírito, evitando polêmica.

As mulheres ficaram caladas por algum tempo, observando o lindo lago.

– A senhora acha que essas interpretações equivocadas de alguns evangelhos, quando dizem que você foi uma prostituta e adúltera, tiveram o objetivo de denegrir sua imagem? – indagou Antônia, fitando o rosto belo e sublime daquela mulher.

O belo Espírito fitou os olhos de Antônia envolvendo-a num bem-estar nunca sentido por um ser humano.

– Querida, eu fui convidada por Jesus, mil anos antes de reencarnar, como Madalena, para ajudá-lo em Sua árdua tarefa – respondeu Madalena. – Portanto eu fui uma das precursoras que tive a missão de acompanhá-lo e testemunhar tudo que Ele ensinou na Terra, inclusive Sua ressurreição no terceiro dia.

Madalena fez uma pausa e duas lágrimas desceram pelo seu belo rosto. E prosseguiu sua explicação:

– Maria e José, pais de Jesus, os apóstolos e outros, foram Espíritos que desceram de outros mundos com a finalidade de auxiliar o Mestre a cumprir Sua árdua missão.

O Espírito fez nova pausa, pensou, fitou os belos olhos de Cláudia Prócula e disse:

– Inclusive você foi um desses Espíritos.

– Eu? – inquiriu Antônia apontando para o próprio peito.

– Sim. Você não queria e lutou para que o seu marido Pôncio Pilatos não condenasse Jesus – confirmou Madalena. – Depois você cometeu alguns deslizes, conduzidos pelo egoísmo e orgulho que ainda dormitavam em seu Espírito.

– Então ainda estou reencarnando neste mundo, para ressarcir as dívidas que cometi no pretérito, depois da vinda do Mestre? – indagou Antônia com

ar triste.

– Mais ou menos, mas atualmente você cumpre uma missão na libertação da Terra de Santa Cruz e implantar nesse belo país, os ensinamentos da Doutrina Espírita codificada pelo nosso conhecido amigo Allan Kardec.

Ambas ficaram em silêncio por algum tempo.

– Você não conseguirá imaginar o que um ser humano podia sentir ao se aproximar do Mestre – cortou o silêncio, Madalena. – Tudo isso foi confundido com os sentimentos imperfeitos dos seres que ainda habitam esses mundos como a nossa querida Terra.

Ambas fizeram silêncio novamente.

– Portanto, minha filha, nunca fui esposa ou amante de Jesus, e jamais Ele se casou e constituiu família, pois Sua família é constituída de todos aqueles que acreditam no Pai que está nos céus, como está escrito no Evangelho – cortou novamente o silêncio o Espírito.

Antônia baixou a cabeça, pensativa.

– Quanto a mim, nunca fui prostituta e nem adúltera, pois a minha consciência já não permitia que eu cometesse esse delito, que ainda é normal nos mundos inferiores.

Antônia fitou o rosto da mulher e depois o abaixou sem nada dizer.

Madalena leu no olhar da mulher de Pôncio Pilatos o que ela queria insinuar.

– Todavia, não gosto de recordar essa parte de minha existência como Maria de Magdala – desabafou o Espírito, passando a mão discretamente nos olhos, como se estivesse enxugando uma lágrima.

– Por quê? – indagou Antônia curiosa.

– Porque...

Maria não completou a frase, pois se sentiu emocionada, deixando cair lágrimas de seus belos olhos.

– Porque apesar de Espírito consciente das imperfeições que ainda prevaleciam na Terra, fui dominada pelo poder, e quem não fizesse minha vontade padeceria em minhas mãos – respondeu o Espírito Maria Madalena. – Foi aí que errei por me deixar dominar pela matéria cometendo atos não condizentes com os ensinamentos do Mestre à época.

– Então, a senhora era casada?

– Sim. Mas não com Jesus, pois na época eu ainda não O conhecia pessoalmente – respondeu Madalena. – Eu era casada com um cidadão por

imposição de meu pai.

O Espírito fitou o céu e continuou:

– Passou aqui em Magdala um senhor de cidadania romana muito influente e rico, e depois eu soube que viera sondar a influência que José, pai de Jesus, tinha sobre mim.

– Por quê?

– José era herdeiro direto do reinado de Davi e Salomão e, naquela época, os judeus fizeram várias reuniões para que José assumisse o reinado de Judah, ou Israel.

– E o cidadão romano?

– Foi envolvido por mim, num momento de fraqueza inerente a todo ser imperfeito, até que ele aceitou a minha proposta de comércio – respondeu Madalena. – Ganhei muito ouro, mas perdi o reino dos céus, pelo menos por enquanto.

– Então, você traiu seu marido?

– Sim. Porém não da maneira narrado nos evangelhos e corroborada por várias religiões, inclusive a espírita. – Traí o meu esposo, porque fui ao encontro desse cidadão sem o seu consentimento e com a finalidade de comercializar os nossos artigos.

– Foi por isso que os evangelistas escreveram que Jesus retirou sete pecados de Maria Madalena? – perguntou Antônia, surpresa e arregalando os olhos.

– Sim. Na linguagem da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec fui curada por Jesus quando Ele retirou os sete espíritos que estavam ligados ao meu corpo perispiritual, todos trabalhando para que eu fosse alguém que ajudasse a abortar a missão do Mestre Divino.

Antônia aproximou-se do belo espírito, abraçou-o e começou a afagá-lo, enquanto chorava, pois naquele momento havia entendido tudo, principalmente as histórias dos evangelhos.

Madalena ergueu-se e, sorrindo, demonstrou que iria embora para o seu mundo, porém, com delicadeza, Antônia segurou em seu braço e indagou-lhe:

– Você é a mulher adúltera de que falam os evangelhos?

– Não. A mulher adúltera foi uma nossa irmã desconhecida que caiu em desgraça – respondeu incisivamente Madalena.

CAPÍTULO XXX - ERIBERTO FOI INTIMADO A DEPOR

Quando retornou ao corpo, Antônia sentiu um mal-estar, como se estivesse se sufocando. Ela debateu-se até que aos poucos foi voltando ao seu normal. Acordou e sentou-se na cama, olhou para o relógio sobre a cômoda e falou em voz baixa:

– É cedo.

Ergueu-se, acendeu a luz, foi até uma jarra ao lado, pôs água num copo, sorveu, sentou-se numa poltrona próxima à cama e ficou pensando: “Apesar de ter despertado desse sonho com uma sensação de sufoco, estou me sentindo muito bem”.

A moça permaneceu acordada até o dia amanhecer, pensando em tudo que havia visto e ouvido no sonho, principalmente na fisionomia daquela bela mulher que se dizia chamar “Maria Madalena”. “Já estou me acostumando com esses sonhos que, às vezes, confundo com a realidade”, pensou a moça, erguendo-se e indo até a janela.

– Assim que amanhecer irei conversar com a Ester sobre tudo que aconteceu comigo durante o sonho – disse a moça falando em voz baixa, ansiosa para conversar com a sua empregada.

Quando o dia chegou, Antônia que estava acordada lendo um livro ouviu a porta se abrir e alguém entrar tentando não fazer barulho. Ela pensou: “Deve ser Ester”.

A empregada entrou meio desconfiada, aproximou-se da patroa e indagou surpresa:

– Parece que a senhora passou a noite acordada.

– Você tem razão – concordou a moça.

Ester sentou-se na cama e com ar de curiosa indagou:

– Novamente aquele tipo de sonho?

– Sim.

Antônia ergueu-se, foi até a janela e respirou o ar puro da manhã. Depois voltou a sentar-se e desabafou:

– Estou com medo.

– Do quê?

– Desses sonhos, pois me parecem que eles são uma espécie de aviso.

– Aviso de quê? – indagou Ester segurando as mãos da moça.

– De que eu esteja perto de morrer – respondeu a patroa, sorrindo com o semblante calmo.

– Vire essa boca pra lá – pediu a empregada benzendo-se.

– Ester, o que estou fazendo neste mundo? Nada construí, a não ser escrever um livro.

– Minha querida, a senhora é muito rica, portanto não precisa trabalhar para se manter.

– Não concordo. Todo mundo precisa trabalhar, constituir família, não interessa se ela é rica ou pobre – rebateu Antônia com ar de quem estava bastante triste. – Sinto-me uma verdadeira inútil.

– Não é verdade. A senhora é uma pessoa maravilhosa e renunciou tudo para se dedicar a lutar pela liberdade de nosso país. A senhora trabalha muito, ajudando essa gente que a procura, principalmente aqueles que estão envolvidos com a batalha pela democracia de nossa terra.

– Continuo afirmando que não realizei nada de útil. Passei dos trinta anos e nunca casei, nunca sequer namorei sério com um rapaz e muito menos tive filhos, sonho de toda mulher – explicou a moça com voz amargurada. – Aos poucos estou me conformando em terminar meus dias de vida sem um companheiro.

– Não namorou porque não quis. Se quisesse já havia casado há muito tempo, pois pretendentes nunca lhe faltaram – rebateu Ester encarando a patroa.

– Acho que estou morrendo.

– Não diga isso nem de brincadeira, criatura!

– Mas é verdade, Ester.

As mulheres ficaram em silêncio.

Antônia ergueu-se e sentou-se ao lado da amiga.

Ester encarou a moça e perguntou, com cuidado para não ofender a patroa:

– Parece que a senhora tem algo a me dizer.

Antônia pensou, sorriu, olhou para as próprias mãos e ajeitou-se na cadeira. Encarando a empregada, narrou o sonho que havia tido durante a noite passada.

Após o relato, a moça fitou Ester e notou que a mesma estava pálida como se estivesse se sentindo mal, preocupando-a.

– Você está bem, Ester?

– Sim.

– Mas esse seu sonho me deixou mais preocupada ainda com seu estado – respondeu a empregada com as feições alteradas pelo que ouviu.

– O que posso fazer?

– Não sei.

De repente ambas ouviram alguém bater na porta.

– Entre – ordenou Antônia.

A porta se abriu, deixando à vista uma das empregadas da mansão.

– Aquele rapaz está esperando a senhora na sala de visita – avisou a empregada.

– Quem é esse rapaz?

– O nome dele é Eriberto.

Antônia ergueu-se de um salto e desceu quase correndo. Ao chegar à sala observou o rapaz sorrindo, equilibrando-se nas muletas.

– Olá, Eriberto – cumprimentou a moça, aproximando-se e beijando-o na face. – Por favor, sente-se.

O rapaz encostou as muletas na parede e sentou-se, amparado pela moça.

Por algum tempo eles permaneceram em silêncio.

– O que houve, Eriberto?

– Fui intimado a depor, hoje à tarde – respondeu o rapaz, passando as mãos nos cabelos louros.

A moça aproximou-se do amigo e fitando os olhos dele, disse-lhe:

– Vou com você, querido.

– Eles não vão permitir sua presença; além disso, esse assunto quem tem que resolver sou eu.

– Você tem ideia do que eles querem com você?

– Não.

Antônia ergueu-se e começou a caminhar inquieta pela sala, sentindo um mau pressentimento. Ela sentou-se, observou o rapaz e notou que ele estava calmo e com um sorriso estampado no rosto. Parou defronte ao amigo e indagou-lhe:

– Você não está com medo?

– Não.

– Fico impressionada com a maneira fria que você encara essa situação.
– Nada mais tenho a perder nesta vida – desabafou o rapaz com um ar triste estampado no rosto.

A moça sentiu um frio esquisito percorrer-lhe a coluna vertebral, enquanto uma tristeza anormal tomava conta de si. “Ele se sente um inútil, pois pagou muito caro pelo seu ideal”, pensou. “Quem sabe ele quer que alguém acabe com essa vida de uma vez”.

– Nunca me arrependi do que fiz para ajudar este país a resgatar sua liberdade, porém, atualmente, sou um simples aleijado, sem condições de contribuir mais com a minha nação e trabalhar para sobreviver.

– Você nunca foi covarde. Sofreu as consequências dos seus atos para libertar um povo, e não pense que não conseguiu, porque a situação política do país está mudando – falou a moça acariciando as mãos do rapaz, enquanto lágrimas rolavam por sua face branca.

Com o olhar, Eriberto solicitou ajuda à moça e ergueu-se. Caminhou com dificuldade, depois se sentou, respirou profundamente, passou o lenço na testa, fitou a moça e nada disse. Ele se manteve em silêncio.

Antônia notou que o amigo estava nervoso e tinha certeza que não era pelo motivo de ter sido intimado a comparecer num dos lugares conhecidos dele, principalmente quando fora preso. Ela entendeu que seu amigo estava pensando em algo muito sério e talvez quisesse participar-lhe, mas não tinha coragem.

– Antônia...

– Sim.

– Desde adolescente que abandonei família, estudos e perspectiva de um futuro como uma profissão decente em favor dessa luta que envidei para tornar este país uma grande democracia – explicou o rapaz com voz calma e triste. – No entanto agora me encontro sozinho neste mundo, sem ninguém que cuide ou divida seus pensamentos, suas preocupações ou problemas comigo.

– Querido...

O rapaz fez um gesto com a mão, sinalizando que não havia terminado de falar. Ele respirou, passou a mão no rosto e depois disse:

– Estou velho, sem dinheiro e família e, para piorar minha situação, estou muito doente, pois, além de inválido, tenho um problema psicológico, que não me deixa raciocinar direito.

– Posso saber que problema é esse? – perguntou a moça apreensiva, pensando no pior.

O moço fitou a companheira de luta, sorriu e respondeu-lhe:

– Os médicos disseram que sou esquizofrênico.

– O quê? isso não pode ser verdade!

– Não durmo direito, vejo vultos, escuto vozes, falo com amigos que já se foram e para piorar tenho sonhos horríveis, pior do que pesadelos. Estou convencido que realmente sou louco – falou o rapaz enxugando com um lenço as lágrimas que desciam pelo seu rosto branco, indo de encontro aos seus lábios.

Num ímpeto, Antônia abraçou-o e, como se ele fosse uma criança, beijou seu rosto. Fez carinho em seus cabelos, pôs a cabeça dele no seu ombro e ficou em silêncio. Ela notou que suas roupas estavam rasgadas, as unhas descuidadas, seus pés sujos e os cabelos embaraçados. “Ele está muito debilitado”, pensou. Ela pediu licença e foi à procura de sua empregada na cozinha. Após alguns minutos ela voltou e o convidou a acompanhá-la.

– Antônia, não se preocupe comigo.

– Erga-se, que vou lhe ajudar – pediu a moça num tom de voz autoritário, apanhando as muletas dele.

Eriberto fitou os olhos dela e a obedeceu, acompanhado-a até a sala de refeições.

Antônia o ajudou a sentar-se em redor de uma mesa onde havia algumas iguarias e depois se sentou ao lado. Com um sorriso, convidou:

– Vamos comer alguma coisa, pois estou com fome. Depois retomaremos a nossa conversa.

“Meu Deus, como essa criatura é boa. Ela não quer que eu saiba que está fazendo tudo isso por mim, talvez com receio de me humilhar”, pensava Eriberto, enquanto se ajeitava no assento.

– Não estou com fome – falou ele.

– Não é possível que você vai me deixar comer sozinha! Seria uma grosseria!

Ele sorriu e começou a comer timidamente, enquanto a moça também se servia, olhando-o de viés e sorrindo satisfeita, pois notou que o mesmo estava com muita fome.

Após terminarem a refeição, ele quis falar algo, porém, fora interrompido pela amiga, que disse:

– Temos muito tempo para conversarmos.

Ester que até então se mantinha discretamente em silêncio, sentada numa cadeira distante de ambos, ergueu-se, aproximou-se da patroa e avisou-lhe:

– Patroa, o quarto já está pronto.

– Obrigada, Ester.

Antônia ergueu-se e ajudou o amigo a equilibrar-se em suas muletas, convidando-o a dirigir-se a um quarto que ficava no primeiro piso da mansão.

– Antônia...

A moça fez um sinal com o dedo colocado de maneira graciosa nos lábios, pedindo silêncio.

Eriberto não pôde dizer mais nada, pois não conseguia negar nada para aquela moça tão forte e decidida que ajudara muitos amigos envolvidos com a revolução.

Ester abriu o quarto, enquanto Antônia acompanhava o colega de luta.

O quarto era uma suíte ampla e ventilada, preparada confortavelmente para um hóspede.

– Por favor, entre.

– Não precisa de tudo isso – redarguiu o rapaz meio envergonhado.

– Entre e depois conversaremos – ordenou Antônia sorrindo e segurando carinhosamente os seus braços.

Após entrar no quarto, o rapaz ficou sem jeito, porém surpreendeu-se quando a colega disse-lhe:

– Neste guarda-roupa você vai encontrar tudo que precisar. Agora, fique à vontade. Quando descansar e tiver se trocado, avise-me para mandá-lo apresentar-se no quartel.

– Antônia, não sei como lhe agradecer por tudo que está fazendo por mim.

– Não precisa me agradecer por nada, pois nada fiz que mereça esse agradecimento.

A moça fechou a porta e deixou o rapaz no quarto, enquanto subia para o seu quarto, sendo observada por sua empregada, que nada falava, pois não queria se intrometer nas decisões da patroa.

O Sol já começava a mergulhar no horizonte, quando Ester e suas amigas empregadas se surpreenderam quando viram aquele rapaz magro, porém bem vestido e penteado, caminhar em sua direção.

– Senhorita, por favor, eu desejo falar com a Antônia – falou o hóspede.

– Estou aqui.

O rapaz olhou para o lado e sorrindo observou a moça, que já estava esperando-o.

– Já mandei preparar o carro para você ir depor – avisou a mulher com voz que não deixava nenhum espaço para retrucar. – Eu o acompanharei.

– Mas...

– Já decidi que você não vai a esse lugar sem mim.

– Não esqueça que seu pai é ministro – lembrou o rapaz timidamente para não ofender a amiga.

– E daí?

– Pode ser que tudo isso cause algum problema para ele.

Ambos permaneceram alguns minutos pensando, quando de repente Eriberto indagou:

– Por que você está fazendo tudo isso por mim?

– Não sei.

A moça fitou o rapaz e ficou surpresa com a mudança que havia no aspecto dele. Ela sorriu satisfeita, segurou-lhe o braço e o convidou:

– Vamos embora; já está ficando tarde.

Ambos se dirigiram ao carro que já estava pronto e seguiram o rumo ao tal quartel.

CAPÍTULO XXXI - ANTÔNIA, FAGUNDES E ERIBERTO

Antônia conversava com o amigo, talvez tentando distraí-lo, porque notou que o mesmo estava bastante preocupado. O carro entrava e saía de ruas e avenidas, até que, ao se aproximar de um prédio de dois andares, ela olhou de soslaio para o rapaz e notou um sinal dele quase imperceptível com a cabeça. Ela estacionou o veículo, desceu, rodeou o carro, abriu a porta do carona e disse:

– Eriberto, você já está atrasado para se apresentar, conforme a intimação.

O rapaz sorriu e com muito esforço e amparado saiu do carro. Ele caminhou em direção ao lugar de aparência lúgubre, que mais parecia um presídio.

Um senhor aproximou-se, cumprimentou-os e fez algumas perguntas, respondidas por Eriberto que lhe apresentou o documento convidando-o a se apresentar naquele dia.

– O senhor pode entrar, mas não é permitido a senhorita acompanhá-lo – disse o homem com voz firme.

– Tudo bem, senhor – confirmou a moça voltando para o carro. – Fico esperando-o aqui.

Antônia já estava inquieta, porque havia três horas que o rapaz desapareceu por uma porta e não dera mais sinal de vida. Sempre que perguntava pelo seu amigo, ouvia a mesma resposta:

– Não sei informá-la, senhorita. Mas fique calma, pois logo ele estará de volta.

Aos poucos a noite foi chegando deixando aquele lugar mais lúgubre do que já era. “São quase vinte horas e nada do Eriberto voltar”, pensava a moça inquieta. “Estou com um pressentimento ruim”.

De repente a moça observou através de uma luz fraca emitida por algumas lâmpadas duas pessoas caminhando em direção ao carro. Ela fitou bem as duas figuras e foi de encontro, descobrindo que um senhor conduzia alguém amparado a ele.

– É o Eriberto... – murmurou ela, correndo e abraçando o rapaz que caminhava com a ajuda de uma das muletas e amparado por alguém.

Antônia abraçou o rapaz e o ajudou a entrar no carro. Agradeceu ao homem e depois se acomodou de modo que estava pronta para dar partida no carro, quando ouviu um gemido. Ela voltou a cabeça para o amigo e perguntou-lhe:

– O que você está sentindo?

– Nada. Não se preocupe comigo, depois nós conversaremos. Agora, queria que você me deixasse em casa.

– De jeito nenhum, você vai para minha casa – discordou a moça peremptoriamente.

– Antônia, eu não quero causar mais problemas do que já causei – redarguiu o rapaz, ajeitando-se no banco.

A moça fitou-lhe, passou a mão em sua cabeça num gesto simples, mas carregado de carinho, e partiu.

Vinte e uma horas. Antônia já havia descido para esperar o pai que ligou dizendo que iria jantar com ela. O ministro Fagundes residia na capital do país, em sua casa oficial, porém sempre que podia arranjava um jeito de pegar um avião para almoçar ou jantar com a filha.

– Acho que vou saber como está o Eriberto – falou ela baixinho para seus botões.

Antes de chegar ao quarto do rapaz notou que alguém estava sentado numa velha cadeira com o rosto voltado para a parte de trás da casa, fitando o pequeno pomar, que àquela hora estava bastante escuro. Ela aproximou-se discretamente, como se estivesse com vergonha de invadir a privacidade do rapaz, e chamou:

– Eriberto...

– Olá, Antônia – respondeu o rapaz sem virar a cabeça. – Fique à vontade.

A moça aproximou-se, abraçou o rapaz e notou que ele estava chorando, o que a preocupou bastante.

– O que houve?

Antes de o Eriberto responder, houve um silêncio.

– Vou embora esta noite.

– O que houve?

– Fui torturado durante mais ou menos uma hora por pessoas que desconheço – respondeu-lhe o amigo.

– O quê? Que história é essa?

– Eles me disseram que tenho que sair da casa do ministro Fagundes até a meia-noite – respondeu o rapaz soluçando. – Não estou chorando de emoção, e sim, em virtude das dores que estou sentindo.

– Conte-me o que aconteceu, por favor.

Calmamente, Eriberto narrou o que lhe aconteceu naquele lugar.

– Quer dizer que tudo isso foi ordenado por meu pai, para que você deixasse esta casa? – inquiriu a moça também chorando.

– Esse é um dos motivos alegados, isto é, a amizade que nós temos em comum – respondeu o rapaz passando as mãos nos cabelos.

– Mas o que você tem com tudo isso? – perguntou-lhe a amiga, afagando a sua cabeça.

– Nada. Quer dizer... Conheço muita gente que está envolvida na revolução, mas eu nada tenho a ver com isso – respondeu o rapaz mais calmo.

– Será que foi só por causa disso?

– Não sei lhe dizer. Mas ultimamente tem acontecido tanta coisa, que já não sei bem como tudo isso vai terminar – desabafou o rapaz com ar de quem estava muito cansado.

– Por exemplo?

– Tem muita gente tentando culpar determinadas pessoas inocentes de atos contra o governo – respondeu o rapaz com o olhar fixo em algo invisível.

– Não posso acreditar nisso.

De repente Antônia viu a amiga Ester correr em sua direção, dizendo-lhe:

O ministro está chegando.

Antônia empalideceu. Ela ajeitou os cabelos, passou a mão no vestido e convidou o rapaz:

– Vamos, meu amigo?

– Antônia, eu não acho bom você desafiar seu pai.

– Deixe isso comigo – pediu a moça, forçando com delicadeza o rapaz a caminhar em direção à sala de visitas.

O ministro havia tirado o paletó e estava se servindo de uma bebida, quando olhou de lado e viu a filha caminhar em sua direção, praticamente ajudando aquele rapaz a se locomover.

Ele pôs o copo sobre a pequena mesa. Em seguida caminhou em direção à filha, a abraçou, beijou sua face e perguntou-lhe:

– Como você está? Quase não tenho tempo para visitá-la, por causa do trabalho, mas prometo-lhe que virei visitá-la mais vezes.

– Pai, não se preocupe com isso. Estou muito bem. E o senhor?

– Tentando cumprir minhas funções da melhor maneira possível. Sei que é difícil, principalmente porque o país está tentando encontrar seu caminho certo a seguir – respondeu o pai olhando de soslaio para o rapaz que se encontrava próximo.

– E isso não é bom?

– Claro que é bom, filha. Mas precisamos colocar o país em ordem para depois, quem sabe, recebermos de volta a democracia ampla e irrestrita – respondeu o pai.

O ministro aproximou a boca do ouvido da moça e num sussurro perguntou-lhe:

– O que este rapaz está fazendo aqui?

– Ele é meu hóspede.

– Quando ele vai embora?

– Quando ele quiser. Por mim, ele ficaria para sempre nesta casa. Gosto muito dele, meu pai.

– O quê? Você está me dizendo que este desconhecido vai ficar aqui o tempo que quiser?

– Pai, o Eriberto não é desconhecido – disse a moça sentindo-se ofendida. – Aos poucos este homem ao qual o senhor chama de “desconhecido” tornou-se importante para mim.

– Ele conversou com você?

– Sim.

– O que ele disse?

– Que o senhor mandou torturá-lo para obrigá-lo a sair desta casa – respondeu a filha fitando seriamente o rosto do pai.

– É mentira!

– Não pode ser mentira, pois eu mesma fui levá-lo ao lugar onde ele foi submetido à sessão de tortura.

O ministro baixou a cabeça e ficou em silêncio.

– Eu pensei que a repressão já houvesse acabado, mas parece que o senhor foi para o governo para reforçá-la.

– Antônia, me respeite – gritou o ministro, erguendo a mão para bater na face da filha.

– Bata!

O rapaz caminhou mais um pouco e pôs um dos braços ao redor dos ombros da moça.

– Deixe a minha filha! – gritou o ministro com a face vermelha, não se sabe se de raiva ou surpresa.

O rapaz fitou o ministro em silêncio e não falou nada.

– Pai, o senhor está contaminado pelo poder – falou a moça chorando. – Espero que o senhor não venha cometer atos que mais tarde possa se envergonhar.

O pai da moça caminhou até uma das poltronas e sentou-se.

O silêncio se estabeleceu no ambiente, deixando um mal-estar horrível.

– Quando o senhor vai embora de minha casa? – perguntou de repente o ministro ao rapaz.

– Senhor...

– Quando ele quiser – respondeu Antônia, interrompendo o rapaz e respondendo ao pai.

– Você disse que eu mandei torturá-lo? – perguntou o ministro, fitando os olhos do rapaz.

– Senhor, foi o que ouvi quando alguém tentava me sufocar colocando um saco plástico em minha cabeça – respondeu o rapaz sem pestanejar.

– Mentira!

– Foi o que ouvi. Não estou mentindo.

– Vou me queixar. Não mandei ninguém torturá-lo. Esse tempo já passou e eu jamais mandaria fazer isso – rebateu o ministro, caminhando inquieto pela sala.

O trio silenciou por alguns instantes.

– Minha filha, vou embora. Depois voltarei para conversarmos – avisou o ministro, abraçando a filha.

– O senhor não vai ficar para jantar?

– Não. Vou saber quem fez isso com este rapaz e usou o meu nome.

– Pai, o senhor não mandou mesmo torturar o Eriberto?

– Não.

– Então por que pronunciaram o seu nome?

– Quer saber a verdade? – indagou o ministro, encarando a filha com ar aborrecido.

– Quero.

– Eu mandei um colega dar um pequeno susto neste rapaz, pois não confio nele. Mas mandar torturá-lo? Eu jamais faria isso – revelou o ministro. – Eu vou verificar o que está acontecendo.

– O senhor jamais encontrará o responsável – disse a moça fitando seriamente o pai.

– Filha eu tenho de encontrar quem mandou fazer isso – disse o ministro. – esta é uma questão de honra, entendeu?

– Entendi. Mas aconselho-o deixar isso prá lá, pois o senhor é um homem de confiança do governo, portanto não pode se envolver com esses problemas – disse Antônia abraçando o pai. – Vamos esquecer isso, pois tenho certeza que o Eriberto já o perdoou.

O homem ficou pensativo por alguns segundos, depois abraçou a filha e disse:

– Acho que você tem razão.

– Esqueça isso, por favor. Você está de acordo comigo, Eriberto? – perguntou a moça, tentando promover a paz.

– Claro! Antônia. Não consigo guardar mágoas de ninguém, porque já estou calejado nesta vida de tanta injustiça – respondeu o rapaz com um sorriso estampado no rosto.

O trio ficou em silêncio por alguns momentos, enquanto vários pensamentos pairavam naquele ambiente, como se ali houvesse pessoas invisíveis interessadas em promover a discórdia.

O ministro fitou o rapaz com simpatia e disse:

– Meu rapaz, pode ficar nessa casa o tempo que quiser.

– Obrigado, senhor.

– Não me agradeça, pois não fiz nada. Quem merece seu agradecimento é minha filha – falou o ministro aproximando-se do rapaz com um sorriso.

Fagundes pôs a mão sobre o ombro do rapaz e em voz baixa e amistosa perguntou-lhe:

– Você é capaz de me perdoar?

– Quem nos perdoa é Deus, mas se depender de mim, o senhor já está perdoado – disse o rapaz com um sorriso amistoso.

O ministro fitou a filha, encaminhou-se até ela e a abraçou. Depois se despediu e foi embora.

Após a saída do pai, Antônia segurou o braço do amigo e o ajudou a caminhar até a sala de refeições, permanecendo ambos em silêncio.

CAPÍTULO XXXII - ERIBERTO CASA COM ANTÔNIA

Dois anos se passaram.

– Patroa! Patroa!

Antônia que estava escrevendo como sempre em seu escritório ergueu a cabeça, tirou os óculos e fitou a empregada indagando:

– O que houve, Ester? Acho que você está ficando velha!

– Por quê?

– Você sempre anda gritando. Isso é a idade.

– Não interessa o que a senhora pensa de mim.

– Então, o que você tem a me dizer?

– O Dr. Eriberto chegou acompanhado de dois homens.

– Devem ser amigos dele. Vá lá saber o que eles querem para beber ou comer e sirva-os, por favor – pediu Antônia, erguendo-se. – Desço já.

– Sim, patroa.

– Antes de você descer, não se esqueça de passar no quarto e dar uma olhada no Júnior.

– Passei por lá, agorinha. Ele está bem.

Antônia havia casado com Eriberto. Ele trabalhava como assessor do ministro Fagundes, que estava cada dia mais forte, pois o governo confiava bastante no seu poder de negociar com os políticos e com a sociedade, que estava insatisfeita.

Enquanto Antônia se preparava para descer, Eriberto conversava com seus amigos.

– Não acredito que esse fulano ganhe as eleições – dizia um dos amigos do Eriberto, animado.

– Não sei, não. Acho muito difícil esse cidadão perder as eleições – dizia outro com ar sério.

Após um bom tempo conversando, os amigos de Eriberto ergueram-se e despediram-se do amigo Eriberto e foram embora.

Ao cair da noite Antônia sentou-se num dos bancos do jardim e começou a meditar sobre a vida. De repente seu corpo começou a ter leves tremores.

“Estou sentindo os sintomas de quando deixo o corpo. O que será dessa vez?”, pensava Antônia com ar cansado. “Havia tanto tempo que não tinha esse tipo de sonho ou sei lá o quê”, continuava a pensar a moça, enquanto encostava repentinamente o corpo que parecia dormir.

No mundo espiritual, Antônia ergueu-se normalmente, respirou profundamente o olor das rosas e de soslaio viu seu corpo adormecido no banco.

– Como você está linda!

A moça voltou-se e notou imediatamente a presença do Espírito Andrade que, vestido à moda romana antiga, mantinha um sorriso nos lábios, enquanto se aproximava da moça.

– Meu amigo Andrade, há quanto tempo não nos vemos? – interrogou ela sorrindo também.

Em vez de responder, Andrade aproximou-se mais e abraçou Antônia, que sentiu algo esquisito, porém muito bom e totalmente indescritível. “Esse homem já é um anjo”, pensava.

– Minha querida, eu estou tão longe de ser o que você imagina – disse ele como se tivesse ouvido a pergunta da moça. – Temos muitos afazeres na Seara do Mestre Jesus, com o objetivo de alçarmos mundos melhores, pois os anjos pertencem a mundos puros.

Ambos buscaram um banco e sentaram-se. Antônia estava vibrando numa outra dimensão, o que lhe dava acesso a falar com o Espírito Andrade sem problema. Era como se fosse um sonho. Um sonho muito bom, que quando ela acordasse iria narrá-lo.

– Estive presente no dia de seu casamento – disse o Espírito Andrade com um sorriso. – Confesso que fiquei bastante emocionado e feliz, por saber que minha amiga, agora, tem um companheiro para dividir as alegrias e dores da vida material.

– E você nem prá me avisar – comentou Antônia encarando o amigo espiritual.

– Quinto Cornélio e Rômulo também estiveram presentes em seu casamento – falou Andrade.

– Não posso acreditar – disse Antônia com as mãos na cintura, enquanto sorria de alegria.

– Como vai se comportando o nosso amigo Eriberto?

– Bem. Muito bem. Fui abençoada por Deus por ter encontrado esse homem quando já havia perdido as esperanças de me casar, ou melhor, de encontrar um companheiro para viver comigo os dias de minha maturidade – respondeu a moça sorrindo.

O Espírito Andrade fez uma pausa, pensou e fitou o céu que aos poucos mostrava um quadro belo do universo, quando as estrelas piscavam como se estivessem brincando na Casa do Senhor.

– Posso saber por que de repente você parou de conversar? Está com saudade do seu mundo? – perguntou a moça, fitando o rapaz que continuava observando as estrelas. – Dasquelas estrelas, qual é o mundo em que você mora?

O Espírito Andrade fitou os olhos da moça e com um sorriso apontou uma estrela que piscava bem forte, como se tivesse se aproximado mais. Ele mostrou:

– Aquela!

– Qual?

– Aquela que está bem clara.

– Aquela que parece estar se aproximando de nós?

– Sim. Não moro nela especificamente, porém num mundo espiritual que faz parte de seu campo magnético – completou o rapaz.

– Entendi. Você mora no mundo espiritual e aquela estrela é realmente um mundo como o nosso, ou seja, material.

– Exatamente, minha querida. Breve reencarnarei naquela estrela, que o nosso amigo Allan Kardec classificou como um mundo de regeneração – confirmou Andrade iluminado.

Houve um silêncio entre os dois.

– Você vai passar muito tempo nesse mundo?

– Não sei. As minhas ações é que vão dizer.

Andrade ergueu-se, fitou mais um pouco a estrela que aos poucos se afastava, depois segurou nas mãos da moça e indagou-lhe:

– Como vai o Rômulo?

– O quê? Não entendi.

– Como vai o Rômulo, hoje conhecido como Eriberto Júnior – confirmou o rapaz sorrindo.

– Você está falando de meu filho?

– E de quem eu poderia estar falando, minha querida amiga?

– Você quer dizer que o Juninho é o Rômulo encarnado? – indagou espantada a moça, erguendo-se de repente e fitando o amigo, confusa com a notícia.

– Sim. Você recebeu o nosso querido amigo e irmão em Cristo em seu seio – confirmou o rapaz.

Antônia baixou a cabeça e lágrimas desceram aos borbotões dos seus lindos olhos azuis. Ela tentava enxugá-las, mas não conseguia.

– Por que você está chorando?

– De alegria. Alegria de saber que o meu amigo de longas datas, atualmente é meu filho.

– Você sabia que o Rômulo, sempre que podia, acompanhava os sermões do Rabi da Galileia?

– Sabia. Sempre que ele se ausentava do palácio eu sabia que ia a procura do Mestre.

– Ele tem uma missão. Cuide muito bem dele.

Ambos fizeram silêncio.

Andrade abraçou a moça, enquanto dizia:

– Bem, querida, vou embora, mas preciso lhe dizer algo importante.

– O que você tem a me dizer? – indagou Antônia curiosa como toda mulher.

– Você deve começar o trabalho da qual foi incumbida, e que sempre foi avisada.

– Meu amigo, que mistério é esse?

– Não é mistério, é uma verdade que deve realizá-la imediatamente – respondeu o Espírito.

– Que missão é essa, meu amigo?

– Quando deixou nossa colônia, você prometeu que iria arregaçar as mangas. Além da missão de ajudar a libertar a Pátria, você também prometeu se engajar na libertação do ser humano, ou seja, na iluminação das consciências – respondeu Andrade com ar sério e iluminado.

– O que? Eu já morei na cidade espiritual à qual vocês pertencem?

– Exatamente. Você é uma amiga muito querida do nosso coordenador Judas de Iscariotes.

A moça pôs a mão na cabeça, depois fitou o rapaz e indagou novamente:

– Que missão é essa, meu Deus?

Andrade pôs as duas mãos nos ombros da moça e disse-lhe:

– Fundar uma instituição espírita que tenha condições de abrigar pessoas, material e espiritualmente carentes, necessitadas da liberdade do espírito, como órfãos, idosos, doentes, mães solteiras e outros.

– E como farei isso?

– Não sei. Você prometeu, mas só cumpre se quiser.

– E se eu fundar essa instituição, que nome darei a ela? – perguntou a moça com ar de quem estava preocupada.

– “Luz do Mundo”.

– Por que esse nome?

– É o nome de nossa cidade espiritual – respondeu o rapaz com ar satisfeito.

– “Cidade Espiritual Luz do Mundo”... É esse o nome da colônia? – indagou Antônia ainda surpresa com tudo aquilo.

Andrade beijou Antônia na face e aos poucos foi desaparecendo em direção ao seu mundo.

– E o Eriberto?

– Não se preocupe, pois está perto da volta dele ao mundo espiritual. Ele já cumpriu com a missão.

O Espírito desapareceu totalmente.

– Andrade! Andrade! – gritava a moça em desespero, principalmente quando ouviu falar na volta de Eriberto ao mundo espiritual.

Na dimensão material, alguém a chamava preocupada.

– Antônia! Antônia, acorde!

Lentamente a moça foi abrindo os olhos e viu o marido chamando-a carinhosamente.

– Querida, você adormeceu e parece-me que estava tendo um pesadelo.

Antônia fitou-o, como se o visse pela primeira vez, e jogou-se em seus braços chorando.

– O que aconteceu, querida?

– Um sonho muito bom, mas ao mesmo tempo bastante preocupante.

– Vamos para dentro? – Convidou o marido com carinho.

– Não é possível! – dizia sua esposa encaminhando-se para o interior da casa.

– O que não é possível, minha querida? – perguntava o marido inquieto.

– Depois conversaremos, querido. Deixe-me aquietar o meu espírito.

Após Antônia dormir descansando de tudo que lhe aconteceu por ocasião do sonho, ela ergueu-se, olhou para o relógio e pensou: “Quatro horas da manhã”. Foi até a janela e a abriu um pouco, com cuidado para não acordar o marido. Respirou profundamente o ar da madrugada, olhou para o céu e pensou: “Acho que dessa vez meu sonho foi realmente um sonho”. Foi até o quarto do filho e o viu acordado. Tomou-o nos braços, sentou-se na primeira cadeira, fitou-o e começou a falar com ele.

– Então, você é o Rômulo. Meu filho será que é verdade que o seu pai vai voltar a pátria espiritual?

De repente ela começou a chorar.

Eriberto entrou sem bater e viu a esposa chorando. Sentou-se ao lado e a abraçou em silêncio, como se já soubesse do que ela acabara de tomar conhecimento através daquele estranho sonho.

Antônia agasalhou o filho e o pôs no berço.

Ela segurou a mão do marido e o convidou a descer. Sentaram-se no alpendre e permaneceram um tempo em silêncio.

– Querida, ainda é muito cedo. O Sol ainda nem saiu.

– Preciso conversar com você imediatamente, senão vou terminar enlouquecendo – rebateu a esposa.

O homem acomodou-se melhor e como se fosse ouvir algo importante fitou a mulher em silêncio.

Após um tempo, Antônia repentinamente disse:

– Tive um sonho muito esquisito.

– Você já me informou sobre esses tais sonhos.

A mulher acomodou-se melhor e narrou o que realmente havia sonhado.

Após a narração do sonho, ambos ficaram em silêncio.

Antônia segurou as mãos do marido e com calma falou:

– Você sempre soube desses meus sonhos premonitórios, porém havia mais de dois anos que eu não mais os havia tido assim como aconteceu ontem, ao cair da noite.

– Acho que você deve estar preocupada com algo ou está muito cansada – comentou o marido acariciando os cabelos louros da esposa. – Você sabe que acredito em reencarnação, e também que nossos momentos aqui, neste mundo, são marcados por nós mesmos.

– Você acredita em tudo que sonhei?

– Claro. Acredito em você, assim como também sempre a amei, porque o nosso amor foi construído sobre a verdade, portanto não tenho dúvidas do sonho que você acabou de narrar – respondeu o marido baixando a cabeça.

– Então, você acha que vai mesmo desencarnar?

– Claro. Nós sabemos que estamos passando apenas como uma chuva neste mundo – respondeu o marido com firmeza. – Agora não podemos precisar o tempo certo.

– Querido, o Andrade disse que seria o mais rápido possível. Claro, que ele não disse com estas palavras, porém tudo indicou que era isso que ele queria me dizer – rebateu a esposa, abraçando Eriberto.

Com calma, o marido também abraçou a esposa, fitou o céu que estava dando lugar aos primeiros raios solares, anunciando um novo dia, e disse-lhe:

– Seja feita a vontade de Deus.

CAPÍTULO XXXIII - ERIBERTO VOLTA À PÁTRIA ESPIRITUAL

Alguns dias se passaram. Antônia e o marido já haviam esquecido o tal sonho.

Dez horas de uma manhã ensolarada.

A filha do ministro Fagundes estava no alpendre brincando com o filho sobre suas pernas, quando notou que Ester se aproximava com o aspecto sério.

– Olá, Ester! Veja como este menino está grande e bonito – disse a patroa, olhando para Juninho.

Ester apenas fez um gesto de assentimento com a cabeça e manteve-se em silêncio.

Antônia fitou a empregada e notou algo estranho em seu comportamento.

– O que houve, Ester?

Ester continuou em silêncio.

Antônia colocou a criança num carrinho de bebê ao lado, ergueu-se, encarou a empregada e indagou-lhe com ar de quem estava ordenando:

– Fale logo, Ester! O que aconteceu?

– O Dr. Eriberto está hospitalizado – respondeu Ester passando a mão no rosto, como se quisesse enxugar alguma lágrima.

Antônia ficou pálida. Sentou-se e o sangue parecia ter sumido de sua face e se escondido em algum canto do corpo. Estava trêmula e sem coragem de fazer mais perguntas.

– O médico disse ao telefone que o estado dele é grave – explicou Ester, esforçando-se para não causar dor em sua amada patroa.

Como se algo superior houvesse se apossado de Antônia, ela se ergueu e disse:

– Ester, tome conta do Juninho que irei agora mesmo ao hospital.

Antônia saiu correndo em direção ao carro, do jeito que estava, tentando estancar as lágrimas e os soluços que não conseguia controlar. Entrou no carro e partiu para o hospital, que já sabia onde ficava.

Após alguns minutos, Antônia encontrava-se sentada ao lado de um moribundo, que respirava através de aparelhos.

O médico aproximou-se e comunicou-lhe em voz baixa:

– O Eriberto sofreu uma fratura craniana grave, mas a esperança é a última que morre.

– O que aconteceu? – perguntou a mulher também num sussurro.

– Ao sair do carro, disse o motorista, ele desequilibrou-se e caiu batendo com a cabeça na borda da calçada, fraturando o crânio – respondeu o médico. – A senhora sabe que o Eriberto tem um defeito na perna que o faz usar muleta.

– Cadê o João?

– O motorista? – perguntou o médico, em vez de responder.

– Sim.

– Ele está internado, pois desmaiou quando viu o chefe ensopado de sangue. Talvez ele ache que a culpa é dele.

De repente Antônia viu o marido abrir os olhos. Ela aproveitou e beijou-lhe a face, enquanto dizia:

– Tenha fé em Deus, meu querido, que você se recuperará brevemente.

Eriberto fechou os olhos.

Antônia notou que lágrimas desciam pelos cantos dos olhos do marido, enquanto ela tentava ser forte, para não demonstrar fraqueza ante aquele homem que era tudo na sua vida.

Eriberto abriu os olhos novamente e com muito esforço disse:

– Seu sonho estava certo...

– Calma, querido. Você não vai morrer – falou a esposa quase gritando de dor, a muito custo se contendo.

– Vou voltar, mas eu acho...

– O quê?

– Que paguei um pouquinho...

– “Pagou” o quê? – perguntou desesperada a mulher.

O moribundo buscou o restante do ar que mantinha no fundo dos pulmões e respondeu:

– Acho que...

– O quê, homem de Deus? – indagou Antônia desesperada, evitando gritar.

– Acho que ajudei...

Após estas poucas e últimas palavras, Eriberto ficou com a boca entreaberta e os olhos fixos no teto.

O médico rapidamente fez uns exames no marido de Antônia e constatou que o mesmo havia morrido. Ainda tentou reanimá-lo, porém tudo foi em vão.

– Minha senhora; infelizmente seu marido morreu – disse o médico fechando os olhos do cadáver.

Antônia gritou, enquanto erguia-se e se abraçava ao corpo inerte daquele homem que lhe dera vida por mais ou menos dois anos.

O médico que acompanhava os fatos aproveitou para conduzir a mulher para fora do quarto.

– Eu quero ficar com o meu marido! – gritou a mulher descontrolada.

O médico fez um sinal para uma enfermeira que estava num canto do quarto em silêncio. Ela entendeu rapidamente o sinal do médico e correu e aplicou rapidamente uma injeção em Antônia, que aos poucos foi perdendo os sentidos, sob o efeito do medicamento que era destinado para aquele fim.

Antônia foi conduzida até um quarto, onde ficou com olhos fechados, mas não estava dormindo. O corpo dela ficou deitado e o Espírito ergueu-se meio trôpego, chorando e gritando pela morte do esposo. De repente se encontrou no quarto onde o corpo do Eriberto já estava sendo preparado para ser entregue à família. Ela ficou sem saber o que fazer quando de repente ouviu uma voz atrás de si:

– Querida, estou aqui – falou o Espírito Eriberto, que havia se desligado do corpo.

A moça ficou apavorada quando observou o corpo do marido deitado na cama do hospital, enquanto outro a abraçava.

– Quem é você?

– Não conhece mais o seu querido Eriberto? – indagou o Espírito sorrindo.

Desconfiada, a moça abraçou o Espírito Eriberto.

– O que aconteceu com você, Eriberto?

– Uma bobagem. Desequibrei-me das muletas e caí batendo a cabeça no meio fio, porém já estou bem – respondeu o Espírito.

– Então, vamos embora? – convidou a mulher abraçando o Espírito do marido.

Quando o casal de Espíritos estava saindo do hospital, chegou o ministro Fagundes, que estava na cidade, correndo e perguntando:

– Cadê o meu genro? Como ele está?

– Calma, excelência! – pediu um médico que estava na porta.

– Como você é capaz de me pedir calma, se eu soube que o meu genro morreu? – retrucou o ministro com lágrimas nos olhos.

– Não pudemos fazer nada. Ele bateu com o crânio na borda da calçada, fraturando-o.

O casal, Eriberto e Antônia, que se encontrava emancipado por enquanto do corpo, ouviu aquela conversa.

Antônia voltou-se espantada para o marido, mas ele não estava mais ali.

– Senhora, acorde!

Antônia abriu os olhos com um cheiro horrível de éter que ajudou a despertá-la. Ela ergueu-se meio tonta e correu em direção ao quarto onde o corpo do marido estava.

– Cadê o meu marido?

– Ele já está no apartamento, pronto para ser removido para o lugar que a família determinar, onde será seu velório – respondeu o mesmo médico que acompanhou a situação do Dr. Eriberto.

– Meu marido não morreu! Terminei de conversar com ele! – comentou Antônia espantada e correndo para o apartamento onde se encontrava o corpo do marido.

O médico correu atrás, também espantado com aquela conversa estranha da viúva de Eriberto.

Quando Antônia adentrou o apartamento, observou que o pai estava ao lado do leito chorando. Ela atirou-se em seus braços, soluçando e batendo no peito do pai, enquanto desabafava:

– Não tenho sorte nesta maldita vida! O único homem que amei está aí, morto!

– Calma, filha!

A filha debruçou-se sobre o corpo do marido e deu vazão à sua dor, chorando, soluçando e dizendo várias palavras desconexas.

– Calma, senhora – pedia uma enfermeira.

Aos poucos Antônia foi se acalmando, engolindo em seco o soluço.

Ninguém nunca queira sentir a dor da perda de um ente amado. Quem desencarna vai embora, todavia quem fica sente algo tão horrível na alma,

que ninguém será capaz de descrever. Era essa a dor que Antônia sentia naquele momento, pela perda inesperada do homem que amava e pai de seu filho Júnior. Ela abraçou seu pai e disse entre soluços:

– Pai, eu quero morrer. Não aguentarei essa dor na alma por muito tempo.

Num canto do quarto dois Espíritos mantinham-se em silêncio.

– Acho que devemos ajudá-la, Cornélio.

– Não, meu amigo Andrade. Ela tem que ser forte para assumir a missão que prometeu na “Cidade Espiritual Luz do Mundo”.

Enquanto isso, o corpo estava sendo removido para um centro de velório na cidade, onde seria velado durante o restante do dia e noite, com previsão para ser sepultado às dezoito horas do dia seguinte; afinal de contas Eriberto era genro de um ministro de Estado.

O Espírito Eriberto corria pelos corredores do hospital, abraçava a mulher, conversava com o sogro e os amigos mais íntimos que visitavam seu corpo no hospital. Passava a mão no corte na cabeça e sentia sua mão suja de sangue. “O que estará acontecendo comigo, Meu Deus?”, pensava ele. “Ninguém quer conversar comigo e também este corte já está me incomodando e doendo bastante. Acho que vou dormir um pouco”, pensava e corria para o corpo que já estava sendo conduzido para o lugar onde seria velado.

No dia seguinte às dezoito horas, no cemitério, após as preces do padre, o corpo foi liberado para ser sepultado.

Antônia não aguentou ver o caixão onde se encontrava o corpo do marido ser colocado no jazigo da família e desmaiou, enquanto o pai dela chorava, pois se tornou um grande amigo do marido de sua filha.

Quando viu o caixão sendo sepultado o Espírito Eriberto começou a gritar:

– Não façam isso comigo! Estou vivo!

Correu, abraçou Ester, sua ex-empregada e chorando pediu:

– Por favor, minha velha amiga, não deixe que me sepultem vivo! Estou vivo, entendeu?

Os Espíritos Cornélio e Andrade encontravam-se no cemitério, entreolhando-se.

– Cornélio, e agora? Vamos ajudá-lo? – indagou Andrade com ar preocupado.

– Não. Qual seria o nosso mérito se não aguentássemos os reveses da vida? O Senhor Nosso Pai nos dá várias encarnações, até que um dia possamos entender que a morte não existe.

– Mas...

– Meu amigo Andrade, eu sei o quanto o Eriberto é importante para você, porém não podemos cercear seu livre-arbítrio – explicou o Espírito Quinto Cornélio.

– Tudo bem. É porque é tão difícil aguentar tanto sofrimento, mesmo que não seja em nós.

– Mas é assim mesmo, meu caro. Quando Eriberto pregou Jesus na cruz, pela primeira vez ele sentiu a dor de um coração sensível, portanto, deixemos que ele continue seu aprendizado.

O Espírito Andrade fitou os olhos do amigo e perguntou, como se estivesse surpreso:

– O que você está dizendo?

– Isso mesmo que você ouviu, meu amigo – respondeu Quinto Cornélio, abraçando o amigo.

– Não posso acreditar que o Eriberto foi o soldado que obedeceu suas ordens para pregar o corpo do Cristo na cruz – falou Andrade com voz calma e pausada.

– Pois, além de ter sido seu dileto filho como príncipe, quando você foi rei de um importante país na idade média, e também tido outras encarnações, ele também foi o soldado que, quando pregava os pés do Cristo, recebeu as primeiras luzes sinceras vindas do coração. Foi aí que nasceu o sentimento verdadeiro pelas coisas de Deus.

Antônia não se conformava com a morte do marido. Chegou em casa e não quis ver o filho. Correu para seu quarto e fechou a porta, enterrando o rosto nos travesseiros e dando vazão a sua terrível dor.

O ministro Fagundes não ficava quieto. Foi até o jardim e pensou: “Aonde estará você, meu amigo Eriberto? Fui muito feliz, tendo você como amigo, além de ser o meu querido genro”, pensava, enquanto procurava um banco e se sentava. Olhou para o céu e observou as estrelas brilhando e uma dor horrível tomar-lhe conta do seu ser.

– Meu Deus, tome conta da alma de meu amigo Eriberto – implorou ele em voz baixa.

Eriberto que já havia entrado no desequilíbrio normal de quem desencarna, principalmente nos primeiros momentos, sentiu um pouco de calma e de repente encontrava-se sentado no banco junto com o sogro.

O ministro sentiu um calafrio esquisito e ao mesmo tempo ouviu uma gargalhada. “Esse riso parece quando o Eriberto gargalhava”, pensou o ministro. Ele ergueu-se e dirigiu-se em direção a residência caminhando a passos rápidos.

Ester que estava sentada no alpendre notou que o patrão entrava quase correndo na casa e aproveitou para perguntar:

– Patrão, o senhor quer algo para esquentar, pois está muito frio.

– Obrigado.

Ele ficou em silêncio, depois se aproximou da empregada e indagou-lhe:

– Você acredita nesse negócio de espírito?

– Claro que acredito. Meu patrão, ninguém morre.

– Bobagem, Ester!

– O que o senhor viu no jardim?

O homem pensou, fitou a mulher e respondeu-lhe:

– Por um momento parece que senti a presença do Eriberto.

– Mesmo assim, o senhor ainda não acredita que somos imortais? – indagou Ester, com um sorriso irônico.

– Ester, esqueça isso. Vou tentar dormir. Boa-noite.

A mulher observou o patrão subir para o seu quarto, enquanto pensava: “O Dr. Eriberto vai sofrer muito, porém está tão vivo quanto nós”.

CAPÍTULO XXXIV - CRUCIFICAÇÃO E LIBERDADE

Após seis meses que o marido de Antônia havia morrido, o ministro Fagundes chegou em casa, procurando imediatamente a filha, de quem estava com muita saudade. Foi ao escritório, depois ao quarto dela e não a encontrou. Já tenso, ele pensou: “Onde está essa menina?”. Depois resolveu perguntar à empregada, que estava ocupada com seus afazeres. Para se fazer ouvir, ele gritou:

– Ester!

– Já estou subindo, patrão!

Quando Ester chegou ao escritório, encontrou o ministro caminhando impaciente como uma fera enjaulada.

– Cadê a minha filha?

– Há muito tempo que ela sai cedo de casa conduzindo consigo o Juninho – respondeu a empregada desconfiada.

– Você sabe para onde ela vai?

Ester ficou pensando, como se estivesse em dúvida, se respondia ou não; afinal de contas havia se comprometido com a patroa de não informar nada que ela pedisse segredo.

– Vai, ou não vai responder? – indagou Fagundes com o rosto vermelho de raiva.

– Não sei se devo informá-lo, doutor.

– Por quê?

– Prometi guardar segredo – respondeu Ester.

– Que segredo é esse, mulher?

– Bem. Ela está construindo um abrigo para idosos, crianças e gestantes carentes. Já está quase pronto – respondeu a empregada. – Do jeito que ela está trabalhando, acho que deverá inaugurar a obra dentro de pouco tempo.

O ministro sentou-se, suando, passou o lenço no rosto e ficou sem ação, enquanto ouvia a empregada narrar aquela história esquisita que ele desconhecia.

– Como eu nunca soube disso?

– Ora, o senhor quase não vem mais em casa! A patroa passou vários dias chorando dia e noite, até que conversou comigo e me informou o que o Dr. Eriberto, antes de morrer, pediu que ela colocasse em andamento, imediatamente, um projeto deles de fundar essa instituição – respondeu a empregada fitando o rosto do patrão.

– Juro que não estou entendendo absolutamente nada – rebateu o ministro com o rosto congestionado de raiva, erguendo-se e sentando-se, ora numa cadeira, ora num sofá.

– Então o senhor se informe com ela pessoalmente, pois não tenho autorização para falar mais nada.

– Onde fica esse lugar? – perguntou o ministro quase tendo um infarto.

– Na chácara que a mãe dela deixou.

– O quê? Na chácara próxima à cidade, que vale uma fortuna?

– Sim.

– Não é possível! Vou correndo prá lá, antes que essa menina faça uma bobagem maior!

– Acho que não tem mais jeito – comentou a empregada com ar de quem estava satisfeita.

– Por quê?

– Já tem muita gente morando lá, inclusive todos empenhados em ajudá-la – respondeu a empregada com um sorriso de satisfação estampado no rosto.

O pai de Antônia desceu as escadas quase correndo, gesticulando e falando coisas que ninguém entendia. Ele entrou no carro particular e dispensou seu motorista oficial, desaparecendo em direção ao lugar indicado pela empregada.

A chácara onde Antônia estava construindo sua instituição era constituída por vários hectares de terra, na qual havia duas casas, várias árvores frutíferas, um córrego que atravessava a área e uma parte de mata ainda intacta.

Com um chapéu na cabeça, Antônia verificava a construção que estava quase terminada e com o rosto vermelho, de tanto se expor ao sol, comandava o trabalho do pessoal que estava empenhado em construir as edificações na terra virgem ao lado das casas que já havia na chácara. Ela olhou o relógio e pensou: “Meu Deus, como o tempo passa rápido. São quase dezesseis horas”.

De repente ela ficou paralisada, talvez surpresa, pois viu um dos voluntários abrir um grande portão para um carro entrar na propriedade. Ela reconheceu imediatamente o carro. “O que meu pai veio fazer aqui?”, pensou a mulher, enquanto parava a atividade que estava fazendo e colocava as duas mãos na cintura. Continuava a pensar: “Não tem jeito. A boca da Ester deve ser costurada, pois a proibi de dizer algo relacionado com o que estou fazendo ao meu pai”.

O homem desceu do carro e correu em direção à filha, que o recebeu com um abraço. Ela era muito querida por seu pai. Ao ser abraçado pela filha e receber beijos no rosto, ele ficou sem dizer nada, apenas observando aquele movimento.

– Minha filha, eu posso saber o que está acontecendo por aqui? – perguntou o ministro, sério, tentando conter seu nervosismo.

– Meu pai, eu esqueci de participar ao senhor que há alguns meses construo uma instituição que vai ajudar muita gente carente.

O ministro segurou a filha pelo braço e a conduziu carinhosamente para o interior de uma das casas.

Após alguns minutos, enquanto o ministro tomava um café sentado confortavelmente numa das poltronas, ouviu o relato da filha que aos poucos o informava sobre o que estava fazendo, sobre os sonhos que teve com os amigos espirituais e por último o pedido que o marido lhe fizera certa noite, antes de morrer.

O ministro ergueu-se e inquieto começou a andar pela sala; depois se sentou novamente e comentou:

– Você sabe que isto aqui está custando uma fortuna. Estava pensando em vender esta propriedade para uma construtora.

– Pai, para quê nós queremos tantos bens? Temos o suficiente para vivermos o resto da vida sem passar por necessidade.

– Mas...

– O senhor é rico e descende de família rica; por outro lado, a minha mãe também era rica e nos deixou tudo que tinha – explicou a moça com voz calma.

– Minha filha, mas não é certo dar o que temos para esse bando de famintos e desocupados. Vamos ajudá-los, porém sem entregar o nosso patrimônio – retrucou o pai passando a mão na cabeça e inquieto com aquela situação que o pegara de surpresa.

– Mesmo que eu quisesse concordar com o senhor, não posso fazer mais nada, pois este terreno com tudo que construí não nos pertence mais – revelou a moça, abraçando o pai com doçura.

– O quê? – espantou-se o ministro erguendo-se de repente e fitando a filha com os olhos arregalados.

– É isso mesmo que o senhor ouviu.

– Você não podia ter feito isso...

– Fiz porque esta chácara é minha. Muito antes de morrer, minha mãe me presenteou com esta chácara, tudo legalmente.

– Por que você diz que tudo isso não nos pertence mais? – perguntou o pai mais calmo e sentando-se.

– Por que doei tudo para uma associação espírita.

– O quê? Você está ficando maluca?

– Aqui está a escritura – a moça estendeu um documento que tirou da gaveta de um móvel semelhante a uma escrivaninha.

O pai dela leu, pensou e devolveu o documento, indagando:

– Aonde você arranjou esse nome “Luz do Mundo”?

– É a cidade espiritual de onde vim, e possivelmente voltarei para lá, onde os meus amigos estão me esperando – respondeu a moça sorrindo.

– Agora tenho certeza que você está louca! – afirmou o pai, erguendo-se com ar de quem estava furioso.

– O senhor está completamente enganado. Papai, foi agora que comecei a viver. Peço ao senhor que me deixe fazer esse pequeno favor a essa gente, antes de partir – pediu a moça com lágrimas nos olhos.

O homem fitou a filha, aproximou-se e a abraçou, beijando-lhe os cabelos louros.

– Pensando bem, nós temos muitas terras, e esse pedacinho não vale tanto assim – comentou ele com voz embargada. – Será que o meu amigo Eriberto vai ficar satisfeito?

– Claro! O senhor não viu ainda os projetos que ele fez para esta chácara. Acredito que, aonde ele estiver, se sentirá muito agradecido ao amigo Fagundes – respondeu a moça com ar satisfeito, abraçando o pai com carinho.

O pai de Antônia ficou emocionado e, como se quisesse esconder as lágrimas que teimavam em rolar pelo seu rosto, pôs as mãos tentando cobrir os olhos.

A moça segurou a mão do pai e o convidou a se sentar novamente.

O homem se mantinha em silêncio, enquanto passava um lenço no rosto.

– Minha filha, eu tenho que voltar ao trabalho imediatamente – disse o pai rodeando os ombros da moça com braço rompendo o silêncio, talvez tentando esconder a emoção. – Para quando é a inauguração?

– Dentro de dois meses inauguro a parte onde realizaremos nossas reuniões e duas edificações, que funcionarão como um abrigo dos idosos e outro como uma escola para as crianças – respondeu a moça com alegria estampada no rosto. – Depois iremos construindo o restante com calma, porque já estamos atrasados.

– Você disse atrasados! – disse o pai tentando saber mais algo sobre os planos da filha.

– Claro meu pai! Já deveríamos estar em pleno funcionamento, se a gente tivesse começado esta obra quando recebi a mensagem – explicou Antônia sorrindo e abraçando Fagundes.

O homem ergueu-se e por um momento pensou, enquanto vislumbrava os prédios sendo construídos.

– Minha filha, eu sei que você vai precisar de muitos equipamentos para esta instituição, e já que disse que é uma associação, você não vai me impedir de ser um sócio, não é mesmo? – indagou o pai, caminhando para o carro, sem esperar resposta.

– O que o senhor quer dizer com isso? – perguntou a moça desconfiada, pois ela sabia que o pai era um político hábil.

– Ora, eu doarei o material para você equipar e mobiliar a nossa associação – respondeu o pai com um sorriso matreiro, enquanto entrava no carro.

– O senhor disse “nossa”?

– Sim. Nossa, porque eu sou sócio também. Sendo assim, tenho direito e deveres com a nova associação espírita – respondeu o homem ligando o carro.

– Pai...

O carro começou a rodar. O ministro não ouviu mais o que filha disse. Saiu assobiando como se pela primeira vez na vida sentisse algo que poderia chamar de “felicidade”.

Num belo dia, após dois meses de intenso trabalho e ajuda do pessoal carente que estava dormindo na associação, todos estavam correndo para a

inauguração de mais um foco de luz que fora implantado na Terra, pertencente à “Cidade Espiritual Luz do Mundo”.

No dia da inauguração, uma outra equipe trabalhava na espiritualidade para manter as duas dimensões se interpenetrando uma com outra, numa sintonia perfeita.

Dois Espíritos conversavam, enquanto outros trabalhavam na construção de uma associação totalmente fluídica, porém imensamente maior do que a material.

– Meu amigo coordenador, você vai deixar a “Cidade Espiritual Luz do Mundo” logo agora que alcançamos as bênçãos de Deus, quando foi permitida a construção desse belo pronto socorro na Terra de Santa Cruz? – perguntou Quinto Cornélio, com as mãos nos ombros de Judas de Iscariotes, visivelmente emocionado, porque tinha verdadeiro carinho e consideração pelo amigo de várias existências.

– Meu amigo, você sabe que já estou atrasado para reencarnar e exercer minhas funções no mundo que o Mestre me designou – respondeu o coordenador.

Quinto Cornélio fez silêncio, enquanto pensava: “Acho que não existe felicidade maior quando cumprimos com os nossos deveres provindos de uma consciência desperta e cristã”.

Os Espíritos trabalhavam de comum acordo com os Espíritos encarnados.

No horário exato da inauguração, sentaram-se à mesa Antônia e convidados, principalmente Maria, uma importante presidente de um centro espírita que Antônia frequentava havia meses.

Em uma outra mesa totalmente invisível aos olhos humanos também se sentaram à mesma vários Espíritos de escol conhecidos na Terra, mas que por motivos de especulações por parte dos nossos amigos encarnados não citaremos os nomes.

Após a cerimônia Antônia recebeu vários abraços de incentivo, tanto de encarnados como de desencarnados que ela não podia ver, porém percebia claramente o contato.

No dia da inauguração o pai de Antônia correu para ajudar a filha, pois no horário da solenidade estava presente.

Antes da inauguração, enquanto estava sentada esperando o início da cerimônia, Antônia cochilou e por alguns minutos encontrou-se com vários

Espíritos que também trabalhavam no lado espiritual.

O Espírito Andrade a abraçou e beijou-lhe a face, desejando-lhe muita paz e saúde.

Antônia chorava de alegria em saber que seus amigos espirituais estavam presentes, trabalhando na construção de uma cópia fiel da associação que ora estava sendo inaugurada, com a diferença que era imensamente maior.

– Antônia? – chamou o pai em voz baixa.

– Sim, meu pai?

– Você estava cochilando. Deixe para dormir depois, pois sei que você está muito cansada – disse ele no ouvido da filha.

A moça encostou a cabeça no ombro do pai e sorriu.

– Por que você está sorrindo? – perguntou o pai estranhando o comportamento da moça que sorria feliz.

– Eu estava conversando com o Andrade – respondeu a moça, apertando o braço do pai.

O homem fez silêncio, enquanto pensava: “Acho que agora acredito nessas histórias da minha filha. E o importante é que ela está feliz, Graças a Deus”.

Durante o momento em que Antônia recebia os abraços dos amigos encarnados, e percebendo pelo contato extrafísico os amigos desencarnados, o pai dela apertou-lhe o braço.

– O que houve, meu pai?

– Veja.

– O quê?

– O Eriberto está sentado perto da porta, amparado por algumas pessoas que não conheço.

– Onde? – indagou a moça ansiosa, com o coração aos saltos de alegria.

– Ali – apontava o pai.

“Acho que o papai está muito cansado. Anda vendo coisas demais” pensava a moça, olhando desconfiada para o pai.

Após a inauguração da “Associação Espírita Luz do Mundo” pai e filha sentaram-se no jardim e ficaram em silêncio.

– Pai, agora o senhor vai embora?

– Para onde?

– Ora, para a capital a fim de continuar seu trabalho como político ativo.

– Minha filha, sou ex-ministro, portanto não tenho mais funções – lembrou ele. – Agora irei me dedicar ao povo de nossa associação.

– O que senhor está dizendo?

– Que não irei mais sair daqui. Foi isso que o meu amigo Eriberto pediu quando o vi, e um pedido de meu grande amigo é ordem.

A moça ficou em silêncio.

– Então o senhor vai abandonar a política e se dedicar aos seus interesses aqui, na nossa cidade? – indagou a moça encarando o pai com ar serio.

– Acho que você não entendeu, filha.

– Explique-se, por favor.

– Ficarei aqui, na associação, ajudando no que posso. Estou cansado de ser e conviver com políticos – comentou o ex-ministro, com um timbre de voz que não deixava dúvida, quanto a sua opção.

– O senhor disse que ficará aqui? Ou estou enganada.

– Sim. Vou morar aqui para sempre. Você disse muito bem: não preciso mais trabalhar para ganhar fama e nem dinheiro; agora irei me dedicar aos amigos que moram aqui – respondeu o pai erguendo-se e acenando para outro homem, um dos albergados da associação.

– Pai, mas...

Antes de caminhar em direção ao homem para quem havia acenado, Fagundes parou, fitou a filha e falou, interrompendo-lhe:

– Vou atender o meu amigo. Também sou idoso e residente nesta associação.

Antônia ficou atônita com o proceder do pai. Ergueu os olhos para o céu e agradeceu em voz baixa:

– Obrigada, meu Deus. Não sei se mereço tanta confiança Sua, porém farei tudo para cumprir com a missão que recebi antes de reencarnar.

Um pouco distante dali, dois Espíritos conversavam.

– Acho que vou começar a ajudar minha querida Antônia – falou o Espírito Eriberto, cansado e ainda fraco.

– Eriberto, lembre-se que você ainda está de convalescença – alertou Andrade, abraçando o amigo.

À noite, quando Antônia se recolheu ao quarto de dormir, após fazer suas preces agradecendo a Deus, deitou-se e começou a pensar: “Estou muito cansada. Acho que é por isso que estou inquieta”. Antônia fechou os olhos e passou a acontecer o mesmo fenômeno de sempre, ou seja, ela ergueu-se e

começou a caminhar pelo quarto, observando seu corpo deitado na cama. Foi até a janela e verificou que estava muito mais leve e uma alegria tomava conta do seu ser. Voltou-se e ficou surpresa quando viu o Eriberto em pé, com um sorriso largo estampado no rosto.

– Eriberto, eu não posso acreditar que você esteja vivo! Eu mesma o vi morto no leito do hospital! – disse a moça, aproximando-se do Espírito.

O Espírito Eriberto aproximou-se também e abraçou a moça, beijando-lhe os cabelos e o rosto, com os olhos cheios de lágrimas.

– Você sabe que não morri. Assisti à inauguração da “Associação Espírita Luz do Mundo” – explicou ele cobrindo a moça de beijos, enquanto a abraçava.

– Ainda não consigo acreditar que você está vivo – disse ela, rindo e acariciando o rosto do marido.

– Cuide muito bem dessa instituição, pois os nossos superiores esperam muito de você – pediu o Espírito, afastando-se.

– Eriberto, precisamos conversar. Preciso ter certeza de que você está vivo.

– Você acredita na crucificação de Jesus, que entregou Seu corpo para mostrar o caminho certo que a humanidade deve seguir? – questionou ele sorrindo.

– Sim.

– E na liberdade de nosso país?

– Sim.

– Pois lembre-se que a crucificação de Jesus não foi em vão.

– Por quê?

– Crucificação e liberdade andam unidas desde que Jesus veio ao mundo.

Eriberto caminhou e aos poucos desapareceu.

– Eriberto! – gritou Antônia chorando.

Alguém correu até seu quarto e perguntou:

– O que está acontecendo Antônia?

Ela ergueu-se e abraçou seu pai, que já havia chegado ao quarto, além de Ester e outras pessoas que acordaram com o seu grito.

– O que aconteceu, filha?

Antônia pediu para o pessoal que estava no quarto sair.

Ester permaneceu no recinto, porém notou um sinal da patroa e também saiu discretamente.

A moça segurou o braço do pai e ambos sentaram-se nas primeiras cadeiras. Após alguns minutos, enquanto se refazia, ela narrou o tal sonho ao pai.

– O que o senhor acha disso? – perguntou a moça, ainda emocionada.

– Que o meu amigo Eriberto está certo. Não há povo livre sem sacrifício – disse o pai, abraçando-a. – E o sacrifício pelo qual Jesus passou, quando entregou Seu corpo em holocausto, dando o maior exemplo de todos os tempos, não foi em vão.

Ambos se abraçaram.

O Espírito Eriberto que ainda estava no recinto sorriu, passou a mão no rosto, enxugando algumas lágrimas, e foi embora para continuar o tratamento que estava fazendo antes de assumir suas atividades como Espírito errante.

CAPÍTULO XXXV - CORPO DE CRISTO

Após seis meses da inauguração da Associação Espírita Luz do Mundo, Antônia encontrava-se animada e bastante feliz, pois a associação estava indo muito bem e tudo corria como havia imaginado. Já havia muita gente internada, recebendo os benefícios da instituição.

Na própria associação havia um grande auditório, que era destinado aos internos que desejassem fazer suas preces e também reservado para as reuniões públicas. Era um bonito salão construído entre dois prédios, um que se destinava a cuidar de idosos e outro de crianças carentes.

Fagundes, pai de Antônia, estava bastante feliz, pois trabalhava ajudando a filha junto aos necessitados e aproveitava alguns momentos livres para conversar com ela. Ambos moravam na própria instituição.

No lado espiritual o movimento era muito maior do que na parte material, porque havia um grande aglomerado de Espíritos sofredores, que eram atendidos pelos abnegados irmãos enviados àquela instituição com a finalidade de prestarem seus serviços, ajudando criaturas que tanto sofriam como Espíritos errantes. Após o tratamento recebido nessa instituição, esses irmãos sofredores seguiriam para outros lugares apropriados para as suas reabilitações.

Certo dia, após os afazeres, Antônia recolheu-se ao seu humilde quarto, todavia, antes de se preparar para descansar da labuta do dia, sentou-se numa cadeira próxima a sua cama e começou a cochilar. Ela sentiu o corpo sacudir, enquanto observava que se erguia normalmente e começava a andar pelo quarto. De repente Antônia notou o mesmo fenômeno que já estava acostumada a vivenciar, ou seja, seu corpo físico permanecia imóvel na cadeira, enquanto o corpo espiritual caminhava até a janela e vislumbrava um movimento que nunca havia notado. Em espírito, pensou: “Não posso acreditar nisso que sempre acontece comigo. Por mais que eu me esforce para tentar entender este fenômeno, fica mais difícil acreditar que existe esse mundo ao qual eu mesma já visitei e conversei com pessoas que habitam aquele lugar. Contudo, tudo indica que é realidade o que tem acontecido comigo, desde minhas viagens ao passado de minha existência como Cláudia Prócula, a esposa de Pôncio Pilatos, até alguns

acontecimentos envolvendo pessoas que já desencarnaram como meu marido Eriberto”.

– Meu Deus, é tão difícil acreditar em tudo isso! Algo dentro de mim recusa-se a aceitar esses acontecimentos, embora eu afirme que aceito essa versão – disse Antônia para si, em espírito.

A coordenadora começou a notar que aquele lugar era idêntico à Associação Espírita Luz do Mundo, com uma diferença: era imensamente maior e bem mais estruturado, envolvido por uma luz que parecia protegê-la. “Como pode nossa instituição estar construída praticamente dentro dessa outra?”, pensava a moça. “Agora fica mais difícil acreditar em tudo que vejo”, continuou pensando a moça. Ela passou as mãos nos braços e continuou a pensar: “Sei explicar todo esse fenômeno, mas depois começo a achar que estou louca, pois isso é simplesmente impossível. O Eriberto já morreu, portanto não têm mais condições de estar se comunicando conosco”.

Antônia continuou a inspecionar aquela descomunal instituição e observou que a Associação Espírita Luz do Mundo estava localizada apenas em um pequeno espaço da associação do mundo espiritual “Não estou entendendo mais nada...”.

– Eu continuo defendendo que Jesus não ressuscitou com seu corpo físico, mas como explicar esse fenômeno para aqueles que só acreditam na ciência? – questionou a coordenadora em voz baixa, como se tivesse conversando consigo mesma. – Será que estou certa? Ou simplesmente esse fenômeno é produzido pela minha mente, que está doente?

De repente ela notou que andava no meio dos trabalhadores daquela imensa instituição observando tudo, principalmente os trabalhos realizados ali, assim como também os moderníssimos equipamentos existentes, que ela jamais viu.

– Antônia!

A moça voltou-se para o local de onde partia a voz e se deparou com Andrade, que sorria.

– Por que você está sorrindo? – perguntou a moça demonstrando que estava aborrecida.

– Calma, querida. Para tudo existe uma explicação – contemporizou o Espírito com voz calma, aproximando-se e envolvendo os ombros da mulher com seus braços.

– Fico satisfeita em encontrá-lo, porém não sei do que você está falando
– rebateu a moça com ar sério.

Andrade sorriu e disse:

– Querida, eu sei tudo que pensou a respeito de sua incredulidade, ou melhor, vamos chamar isso de dúvida.

– Como é o nome dessa instituição que estou visitando ou sonhando com ela? – indagou a moça com ar desafiador.

– Associação Espírita Luz do Mundo.

– Não posso acreditar!

– Pois, minha amiga, pode acreditar. Toda instituição material voltada para o bem do próximo, seja de qualquer religião, existe uma matriz do lado de cá – disse Andrade com ar bonachão. – A instituição da qual você é a presidente foi copiada desta que ora você está visitando. Existe mais uma informação importante: a Associação Espírita Luz do Mundo foi construída há muito tempo e você, quando ainda estava na cidade espiritual, comprometeu-se a fundá-la do lado material, com o objetivo de doar mais um foco de luz para iluminar os corações aflitos.

Ambos caminharam em direção a um banco que se encontrava sob uma árvore belíssima. Eles sentaram-se e continuaram em silêncio, observando a beleza daquele lugar.

– Andrade!

O rapaz pôs o dedo indicador nos lábios daquela linda mulher, pedindo silêncio.

Ela acompanhou o olhar do rapaz e notou que o mesmo vislumbrava o céu azul. Naquele momento alguns fiapos de nuvens transformavam aquele espetáculo divino numa verdadeira obra de arte.

De repente, como um passe de mágica, observou um rapaz vestido à moda romana antiga aproximar-se. Ela descobriu que era seu ex-marido Eriberto e correu atirando-se em seus braços.

– Querido, acho que vou enlouquecer! – disse a moça sendo acariciada pelo rapaz, que também sorria.

Antônia olhou para o banco onde se encontrava Andrade e não mais o viu.

– Cadê o Andrade, que se sentou comigo sob essa árvore? – perguntou a bela mulher.

– Ele foi chamado para resolver um pequeno problema. Aqui não falta trabalho – respondeu o Espírito Eriberto.

– Então como você soube que eu estava aqui?

– Para nós, que vivemos nessa dimensão invisível aos olhos dos encarnados, não é tão difícil saber o que acontece por aqui – respondeu o rapaz, abraçando Antônia.

– Na última vez que nos encontramos você disse que ainda estava em franca recuperação – disse ela segurando a mão daquele que fora seu marido na última existência.

– Minha querida, eu já estou bem. Recuperei-me nos lugares apropriados para esse fim – respondeu o ex-marido, sorrindo.

Ambos ficaram em silêncio observando a beleza daquele lugar, quando de repente Eriberto ergueu-se e começou a andar. Em seguida ele parou defronte a moça e começou a falar pausadamente, fitando os seus olhos:

– Querida, eu sei que é muito difícil acreditar na vida após a morte – disse ele rompendo o silêncio e mantendo o sorriso.

– Mas...

– Jesus quando esteve encarnado na Terra já havia previsto isso, ou melhor, Ele já sabia que o ser humano habitante de mundos inferiores ainda está envolvido por fortes laços da matéria – disse o rapaz interrompendo a moça que se preparava para falar algo. – O Espírito imperfeito encarnado não pensa em nada que não seja a matéria, que manipula seus próprios pensamentos.

Ele respirou profundamente e olhando para o céu azul continuou sua explanação:

– Jesus, o Nosso Mestre Divino, sabia que seria difícil implantar a fé, esperança e caridade neste mundo, porque nós ainda somos seres imperfeitos, principalmente quando nos deparamos com nossos próprios anseios e conveniências materiais. É assim com todos, pois mesmo os religiosos, que defendem a existência de Deus, estão tentando a todo momento adaptar os ensinamentos dos grandes missionários às suas conveniências. Todos dizem trabalhar para Jesus, mas não é verdade, a maioria trabalha para manter suas ligações puramente materiais, exceção àqueles que já possuem uma consciência desperta para Deus e a espiritualidade maior.

O Espírito Eriberto sentou-se ao lado da ex-esposa, a envolveu com um dos braços e continuou a falar, enquanto Antônia parecia beber cada palavra do ex-marido, tão compenetrada que estava na explicação dele.

– Não podemos culpar ninguém, pois neste mundo de expiação e de provas o nosso ilustre amigo Allan Kardec já explicou nas Obras Básicas da Doutrina Espírita que o mal ainda prevalece, deixando nossos sentidos embotados pela matéria. Então é normal que ainda seja muito difícil acreditar no Espírito imortal. É mais fácil e cômodo acreditarmos naquilo que estamos vendo, sentindo e ouvindo, do que nas coisas de Deus.

O Espírito Eriberto ergueu-se, caminhou até o galho de uma bela árvore e, com a maior facilidade, apanhou em suas mãos um pássaro e com muito cuidado o depositou na mão de Antônia.

– Você está ainda encarnada, portanto tem vida. Esta árvore é verde e bela, porque tem vida. Este pássaro tem vida como qualquer outro, tanto neste mundo como no material, e eu estou aqui, conversando sobre as coisas de Deus, porque estou vivo – disse Eriberto com lágrimas nos olhos, pois se emocionou com as pequenas criações do mundo e sua própria explanação. – É difícil...

– Acreditar em tudo que você está dizendo? – completou Antônia erguendo-se.

– Sim. É verdade. Quando você voltar ao corpo, se lembrará desse momento como um sonho muito bonito, mas somente isso – confirmou o homem com um gesto de cabeça. – Logo estará pensando que tudo não passa da criação de uma mente doente.

A moça sentou-se e baixou a cabeça pensando no que Eriberto havia dito.

– Minha querida, nós somos imortais. Esse corpo fluídico que anima aquele que ficou dormindo na cadeira de seu quarto é apenas a casa que Deus emprestou para ele, enquanto viver no mundo material – disse Eriberto tocando o corpo de Antônia com o indicador.

A moça ergueu a cabeça, fitou o ex-marido, que naquele momento estava quase transparente, e sentiu que realmente aquele homem era um ser de outro mundo que estava tão vivo quanto ela.

– Desde a vinda do Mestre à Terra, o mundo está passando por uma fase de transição para um mundo de regeneração. Todavia o homem não acredita

nessa realidade, mesmo com o alerta de todos os códigos divinos que atualmente existem neste planeta – continuou a esclarecer o Espírito.

O Espírito Eriberto passou a mão no rosto e sorrindo continuou sua explanação:

– Atualmente existem milhares de religiões e seitas no planeta Terra, mas nossos irmãos estão voltados apenas para o seu bem-estar e para a procura pelo ouro, enquanto Deus, que é o Nosso Pai, a cada dia que passa fica mais relegado ou esquecido.

O Espírito Eriberto sorriu, como se estivesse vendo algo muito bonito que o instruíra, e prosseguiu:

– Não sei por que a maioria dos habitantes da Terra teima em ridicularizar o Divino Mestre, preferindo acreditar em simples seres imperfeitos que recebem instruções das regiões umbralinas, com a finalidade de denegrir a imagem Daquele Espírito que foi o mais perfeito que habitou este mundo, especialmente para nos ajudar a seguir o verdadeiro caminho rumo ao reino do pai.

A moça segurou as duas mãos do ex-marido e fitou os olhos dele em silêncio, parecendo querer dizer algo.

O Espírito Eriberto notou que a ex-esposa queria falar algo muito importante.

– Querido, o corpo que Jesus habitou durante o tempo que esteve encarnado na Terra era normal, como o nosso, ou havia alguma diferença? – perguntou a mulher.

O rapaz fitou o céu, depois a mulher e respondeu, com rosto sereno e resplandecente:

– Antônio, a minha consciência despertou quando dei a primeira martelada no prego que cravava os pés do Cristo no madeiro em que Ele foi crucificado, por ordem de Pôncio Pilatos.

– O quê? Então é verdade que você foi um dos soldados que crucificou Jesus? – indagou a mulher erguendo-se com ar de quem estava impaciente.

– Infelizmente, fui eu. Mas dou Graças a Deus pela oportunidade que tive de presenciar o martírio de um justo enviado pelo Pai a Terra – respondeu Eriberto, passando a mão no rosto molhado de lágrimas, não se sabe se de emoção ou dor.

Ele se recompôs e pensativo abraçou a ex-mulher, e num gesto instintivo beijou-lhe o rosto belo.

– Querida, nós sabemos que existe na Terra, e em outros mundos imperfeitos, especulações sobre a natureza do corpo de Cristo, simplesmente com a finalidade de se discutir o que todo mundo já sabe. Os Espíritos imperfeitos, infelizmente, ainda estão presos à maledicência, que parece dar-lhes vida, pois é através dessas especulações que encontramos motivos para viver em mundos ainda dominados pela matéria – explicou o rapaz com calma.

Ambos fizeram silêncio, enquanto parecia que em torno deles havia um clima sublime, protegendo-os contra os possíveis malfeitores do universo.

– Ninguém acreditaria no sofrimento e desencarne de Jesus, se Ele tivesse tido um corpo diferenciado. Como poderíamos acreditar num Ser Divino que houvesse deixado um mau exemplo como embusteiro, cujo sofrimento seria uma farsa se seu corpo não fosse igual ao nosso? – questionou o rapaz. – Sim, o corpo de Cristo era igual ao nosso, a fim de que o maior exemplo de sacrifício que um ser humano pudesse dar fosse verdade.

– Como você pode ter tanta certeza de tudo isso? – indagou a moça com o rosto modificado pela surpresa e felicidade que lhe tomava naquele momento ímpar de sua vida.

– Eu fui testemunha do sofrimento do Cristo, desde sua prisão, até a sua crucificação – respondeu-lhe o ex-marido. – Quando estou no estado errante, sinto os pingos de Seu sangue em minha mão, que respingaram por ocasião da primeira martelada que dei no cravo que pregou Seus pés na cruz.

Após essa pequena explanação, o rapaz beijou o rosto da ex-esposa e disse:

– Tenho que ir. Estão me esperando.

Eriberto foi se tornando invisível, enquanto Antônia gritava:

– Por favor, querido, não se vá, ainda. Tenho muitas dúvidas em meu coração.

– Todas as suas dúvidas estão esclarecidas no Evangelho de Jesus – disse ele no estado invisível.

Antônia sentiu que era sugada numa velocidade espantosa em direção a algum lugar, e quando abriu os olhos encontrava-se ainda sentada na cadeira.

Ela ergueu-se e correu até um recipiente que continha água e a bebeu. Depois começou a andar pelo quarto e após alguns momentos ajoelhou-se, prática de sua ex-religião, fechou os olhos e orou com fervor.

– Perdoe-me por duvidar do Senhor. Que seja feito a Sua vontade, e não, a minha. Que assim seja!

Após a oração, a coordenadora ergueu-se e dirigiu-se aos seus afazeres sorrindo. Ao deixar o quarto, ela pensava: “Agora tenho que trabalhar muito, para ser digna da confiança que Deus depositou em mim, para dirigir esta instituição”.

FIM